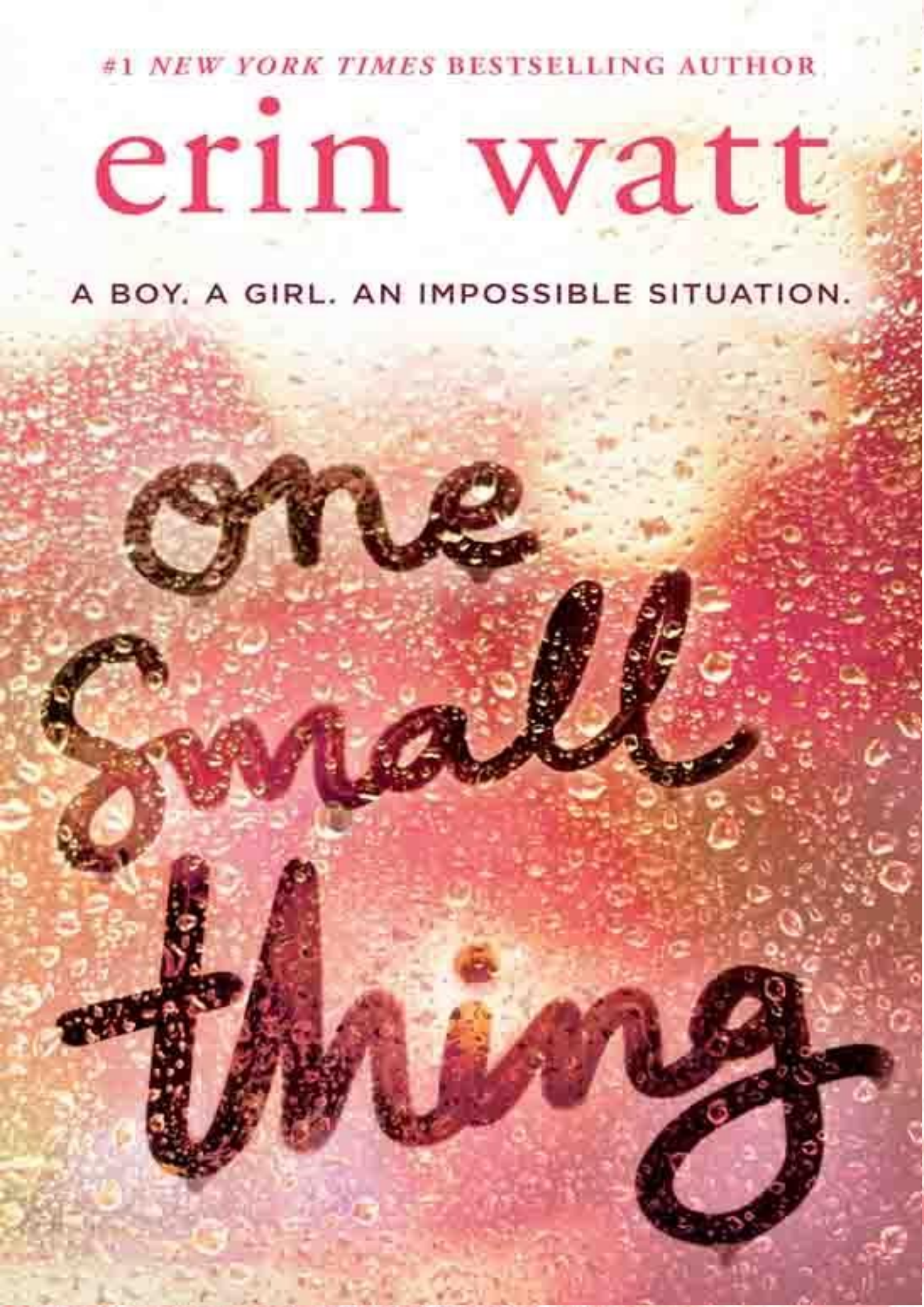
#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR

erin watt

A BOY. A GIRL. AN IMPOSSIBLE SITUATION.





Disponibilização: Eva

Tradução: Livinha, Bey R, Keira

Revisão: Miss Marple

Leitura Final: Livinha

Formatação: Eva

Dezembro/2019

A vida de Beth não tem sido sempre igual desde que sua irmã morreu. Os pais tentam manter a garota presa, acreditando que podem garantir sua segurança, monitorando cada movimento seu. Uma noite, quando Beth foge para uma festa e conhece Chase, o rapaz novo na cidade, ela fica feliz por fazer um amigo em segredo. Parece uma coisa pequena, somente dela.

Só que Beth não sabe como esse segredo é realmente grande...

Recém-saído do reformatório e determinado a recomeçar a vida, Chase tem demônios para enfrentar e muito para se redimir, incluindo o seu papel na noite em que a irmã de Beth morreu. Beth, que mais do que ninguém tem muitas razões para desprezá-lo, está disposta a dar-lhe uma segunda chance. Um romance proibido é a última coisa que qualquer um planejou para o último ano, mas quanto mais tempo passam juntos, mais profundos ficam seus sentimentos.

Agora Beth tem uma escolha a fazer— seguir as regras, ou se arriscar a destruir tudo... novamente.

SWEET CLUB BOOK'S

1

“Ei, lindinho.” Sorrio quando Morgan, o cachorro dos Rennicks, corre pelo gramado e pula em minha calça cáqui.

“Morgan, vem aqui.” Grita uma exasperada Sra. Rennick. “Desculpe Lizzie.” Ela diz, enquanto corre para tirar de cima de mim o grande cachorro preto, sem muito sucesso. Ela é pequena e ele é tão grande que é do mesmo tamanho que ela.

“Não é grande coisa, Sra. R. Amo o Morgan.” Eu me agacho e coço atrás das orelhas do menino grande. Ele alegremente se agita e lambe toda a minha bochecha. “Oh, e é Beth agora.” Lembro minha vizinha. Tenho dezessete anos e Lizzie é um nome que eu ficaria muito feliz se desaparecesse. Infelizmente, ninguém parece lembrar.

“Está certa. Beth, então. Não o encoraje.” Ela repreende, puxando a coleira.

Faço um pouco mais de carinho atrás das orelhas dele antes de liberar o cão.

“Sua mãe vai ter um ataque.” Sra. R fala aflita.

Olho para os pelos de cachorro que estão agora espalhados pela minha camisa de botões branca, que já estava com manchas de comida por causa do trabalho. “Eu já precisava lavar de qualquer maneira.”

“Mesmo assim. Diga a ela que sinto muito.” Ela afasta Morgan pela coleira. “Prometo tomar conta dele melhor.”

“Não.” Digo. “Amo o tempo que passo com Morgan. Vale à pena a punição. Além disso, não é como se houvesse algum motivo para não termos um bichinho de estimação agora.” Levanto a

cabeça. O motivo de nossa casa sempre estar livre de animais desapareceu há três anos, mesmo que meus pais não gostem de reconhecer isso.

A Sra. R fica em silêncio por um momento. Eu não sei se está contendo palavras rudes direcionadas a mim por ser insensível, ou a minha mãe por ser muito rigorosa. E como não faço a mínima ideia, sou covarde demais para perguntar.

"Tenho certeza que ela tem suas razões." A Sra. R finalmente diz e me dá um pequeno adeus. Ela não quer se envolver. Boa escolha. Eu também gostaria de não estar envolvida.

Morgan e a Sra. R desaparecem dentro de sua garagem. Eu me viro e olho para minha casa, desejando estar em qualquer lugar menos ali.

Checo o celular. Não há mensagens da minha melhor amiga, Scarlett. Nós conversamos esta manhã sobre sair hoje à noite depois do meu turno no Ice Cream Shoppe. As aulas na escola começam na terça-feira. Para Scarlett, o verão de diversão acabou. Para mim, significa que estou um dia mais perto da verdadeira liberdade.

Giro a cabeça em círculos sobre os ombros, tentando aliviar a tensão que sempre aparece no minuto em que vejo minha casa. Suspiro pesadamente e ordeno que meus pés avancem.

Lá dentro, toca Taylor Swift, 'Bad Blood'. A lista de reprodução da minha mãe está em um looping eterno do ano 2015, tocando Sam Smith, Pharrell e One Direction, quando o One Direction ainda era um grupo com cinco pessoas. Tiro os sapatos pretos feios do trabalho e jogo a bolsa na bancada.

"É você, Lizzie?"

Será que ela morreria se me chamasse de Beth? Só uma vez?

Cerro os dentes. "Sim, mãe."

"Por favor, arrume o seu espaço no armário. Está uma bagunça."

Olho para o meu espaço no armário. Não está *muito bagunçado*. Eu tenho umas jaquetas no gancho, uma pilha de livros de Sarah J. Mas que estou relendo pela oitava vez, uma caixa de balas, um frasco de spray corporal que Scarlett comprou para mim na última liquidação da Victoria's Secret e alguns materiais escolares aleatórios.

Sufocando um suspiro, empilho todos os livros e ando até a cozinha.

"Você arrumou?" Mamãe pergunta, sem se preocupar em levantar o olhar das cenouras que está cortando.

"Sim." A comida parece apetitosa, mas toda comida só é liberada depois que termino o trabalho.

"Você tem certeza?"

Eu me sirvo um copo de água. "Sim, mãe. Eu arrumei."

Acho que não fui convincente, porque ela abaixa a faca e vai para o armário. Dois segundos mais tarde, ouço "Lizzie, pensei que você tinha arrumado."

Ugh. Abaixo o copo de água e me junto a ela. "Arrumei." Exclamo, apontando para a pilha limpa de materiais e livros.

"E quanto a isso?"

Sigo a linha do seu dedo até a grande bolsa pendurada no gancho na seção ao lado da minha. "O que é que tem?"

"Sua bolsa está no espaço da Rachel." Ela diz. "Você sabe como ela não gostava disso."

"E?"

"E? Tire isso dali."

"Por quê?"

"Por quê?" Seu rosto se tensiona e os olhos se arregalam. "Por quê? Você sabe porquê. Tire agora!"

"Eu... quer saber, tudo bem." Passo por ela bufando e coloco a bolsa no meu espaço. "Aí. Está feliz?"

Os lábios da minha mãe estão pressionados. Ela está engolindo algum comentário severo, mas posso claramente ver a raiva em seus olhos.

"Você já deveria ter aprendido." É o que ela diz antes de se virar. "E limpe esse pelo de cachorro. Não permitimos animais de estimação nesta casa."

As respostas furiosas se acumulam em minha boca, entopem a garganta, enchem minha cabeça. Tenho que trincar os dentes com tanta força que posso sentir em toda a minha mandíbula. Se não, as palavras acabarão escapando. As péssimas. As que me fazem parecer insensível, egoísta e ciumenta.

E talvez eu seja todas essas coisas. Talvez eu seja. Mas sou a única que ainda vive e isso não deveria importar?

Deus, mal posso esperar para me formar. Não posso esperar para sair desta casa. Para estar livre desta terrível estúpida *merda* de prisão.

Tiro a camisa. Um botão se solta e cai no chão de ladrilho. Amaldiçoo silenciosamente. Terei que implorar à minha mãe para costurar isso hoje à noite porque tenho apenas uma camisa de trabalho. Mas que se dane. Quem se importa? Quem se importa se eu tiver uma camisa limpa? Os clientes do Ice Cream Shoppe terão que desviar os olhos se alguns pelos de cachorro e sorvete de chocolate forem assim tãooo ofensivos.

Enfio a camisa suja na pia do banheiro e tiro a calça por precaução. Entro na cozinha de calcinha.

Mamãe faz um som repugnante na parte de trás da garganta.

Quando estou prestes a subir as escadas, um monte de envelopes brancos no balcão chama minha atenção. A escrita é familiar.

“O que são?” Pergunto inquieta.

“Suas candidaturas para a faculdade.” Ela responde, com a voz desprovida de emoção.

Horror se espalha por mim. Meu estômago se transforma em nós enquanto olho para os envelopes, para a caligrafia, para os endereços dos remetentes. O que estão fazendo aqui? Eu corro e começo a revirá-los. *USC, Universidade de Miami, Estado de San Diego, Universidade Bethune—Cookman.*

A enxurrada de emoções que mal estou contendo, está por um fio antes das explosões.

Passo a mão sobre a pilha de envelopes. “Por que você está com isso?” Exijo. “Eu os coloquei na caixa de correio.”

“E eu os tirei de lá.” Minha mãe diz, os olhos ainda focados nas cenouras na sua frente.

“Por quê? Por que faria isso?” Sinto-me como se estivesse sendo rasgada, o que sempre acontece quando estou com raiva ou chateada.

“Por que você os mandaria? Não vai frequentar nenhuma delas.” Ela pega uma cebola.

Seguro em seu pulso. “Como assim, não vou frequentar nenhuma dessas faculdades?”

Ela tira minha mão do seu pulso e me olha com uma expressão arrogante e fria. “Vamos pagar para você ir à faculdade, o que significa que vai aonde nós quisermos, Darling College. E não precisa continuar se inscrevendo para outras vagas. Nós já preenchemos sua inscrição para a Darling. Você deve ser aceita em meados de outubro.”

Darling é uma daquelas faculdades de internet onde você paga pelo seu diploma. Não é uma faculdade de verdade. Ninguém leva um diploma da Darling a sério. No verão, quando me disseram que queriam que eu fosse para lá, achei que era uma piada.

Minha boca se abre. "Darling? Nem é uma faculdade de verdade. É..."

Ela acena a faca no ar. "Fim da discussão, Elizabeth."

"Mas..."

"Fim da discussão, Elizabeth." Ela repete. "Estamos fazendo isso para o seu próprio bem."

Fico boquiaberta com ela. "Me manter aqui longe da faculdade é para o meu próprio bem? Os diplomas da Darling não valem o papel em que são impressos!"

"Você não precisa de um diploma." Minha mãe diz. "Vai trabalhar na loja de ferragens do seu pai e quando ele se aposentar, você vai assumir."

Calafrios percorrem minha espinha. Meu Deus. Eles vão me trancafiar aqui para sempre. Eles nunca, jamais vão me deixar ir.

Meu sonho de liberdade é destruído como uma mão apagando a chama de uma vela.

As palavras saem. Eu não quero que saiam, mas o lacre se quebra.

"Ela está morta, mãe. Está morta há três anos. Minha bolsa pendurada no gancho não a impede de voltar para casa. Deixar-me ter um cachorro não vai impedi-la de se levantar do túmulo. Ela está morta. Ela está *morta!*" Eu grito.

Plaft!

Não vejo a mão dela chegando. Ela me atinge na bochecha. A aliança de seu anel de casamento acerta meu lábio. Fico tão surpresa que calo a boca, que é o que ela queria, claro.

Seus olhos se arregalam. Nós nos encaramos, com os peitos arfando.

Eu quebro primeiro, saindo da cozinha. Rachel pode estar morta, mas seu espírito está mais vivo do que eu nesta casa.

2

“Eu não quero ir.” O tom firme de Scarlett não vacila. Estamos em frente ao posto de gasolina há vinte minutos discutindo sobre nossos planos e minha melhor amiga não está se movendo.

Nem eu. Minha bochecha ainda está latejando do tapa da minha mãe.

As garotas que nos convidaram para a festa estão do outro lado da rua em um jipe preto com a capota abaixada, com os rostos maquiados e franzidos com irritação. O rapaz de cabelos escuros no banco do motorista parece impaciente. Estou surpresa que estejam esperando. Afinal, não é como se eles nos conhecessem. O convite delas foi o resultado de uma conversa de cinco segundos no corredor das batatas fritas depois que eu disse à loira que gostei da blusa dela.

“Bem. Então não vá.” Digo para Scarlett.

Seus olhos castanhos se enchem de alívio. “Oh, certo, bom. Então não iremos?”

“Não, você não vai.” Levanto a cabeça. “Eu vou.”

“Lizzie…”

“Beth.” Eu a interrompo bruscamente.

Percebo o brilho irritado em seus olhos. “Beth.” Ela se corrige, prolongando a sílaba como se fosse muito inconveniente para pronunciar.

Assim como meus pais, minha melhor amiga está tendo dificuldade em se adaptar ao meu novo nome. Scarlett não acha que o nome Lizzie seja infantil — *é mais infantil, de repente, ser chamada de outra coisa depois de passar a vida inteira como*

Lizzie! Esta foi a sua resposta quando no começo do verão anunciei que agora me chamo Beth. Mas claro que ela diria isso. Scarlett é um nome fodão. Quem poderia sonhar em trocar esse nome?

"Você nem conhece essas garotas." Scarlett ressalta.

Encolho os ombros. "Vou conhecê-las."

"Beth." Ela diz miseravelmente. "Qual é..."

"Por favor, Scar." Falo, igualmente infeliz. "Preciso disso. Depois do que aconteceu hoje, só preciso de uma noite divertida e louca onde não tenha que pensar em nada."

Seu rosto se suaviza. Ela sabe tudo sobre o tapa e a traição sobre a faculdade, é tudo o que tenho falado desde que cheguei a casa dela hoje à noite. Acho que essa é uma das razões pelas quais ela sugeriu sair e andar pela cidade. Estava cansada de ouvir sobre o assunto.

"Eu realmente não quero ir." Ela admite. "Mas não quero que você vá sozinha."

"Vou ficar bem." Prometo. "Só vou ficar por algumas horas, observar o lugar e depois volto para sua casa e podemos ficar acordadas a noite toda comendo sorvete."

Ela revira os olhos. "O sorvete é todo seu. Estou fazendo uma dieta radical até segunda-feira. Preciso parecer sexy no meu primeiro dia do último ano."

Uma buzinada alta vem da direção do jipe que está esperando. "Ei! Venha!" O motorista grita.

"Te vejo mais tarde, Scar." Falo rapidamente. "Deixe a porta dos fundos destrancada para mim, ok?" Então, antes que ela possa fazer objeções, corro para o jipe. "Estou indo." Digo às meninas, porque se eu não fizer algo escondido dos meus pais, que tem uma rotina perfeitamente rigorosa para mim, vou explodir. Não sobrará nada de mim além de pedaços. É assim que me sinto agora, na

verdade, como se eu não fosse nada além de pedaços colados pelos meus pais.

"Já era hora." Uma delas murmura, enquanto outra infla uma bola rosa brilhante com seu chiclete.

"Beth!" Scarlett grita.

Olho por cima do ombro. "Você mudou de ideia?"

Ela sacode a cabeça. "Só tenha cuidado."

"Eu terei." Subo no banco de trás ao lado da loira. Sua amiga pula no banco do passageiro e sussurra algo para o motorista. Eu me inclino para o lado para falar com Scarlett novamente. "Se meus pais ligarem, diga que estou dormindo. Volto em algumas horas. Prometo."

Sopro um beijo para ela e, depois de um tempo de hesitação, ela finge tê-lo pegado com a mão e bate na bochecha dela. Depois volta para o seu carro e o garoto ao volante do Jeep liga o motor e saímos do estacionamento do posto de gasolina.

Quando o vento serpenteia meu cabelo e o levanta, faço a contagem de todos os pecados que cometi.

Aceitar convite para uma festa de garotos que não conheço.

Ir para uma festa na cidade vizinha, uma área que não é exatamente cheia de cercas brancas e macieiras como minha bela e segura cidade natal.

Entrar em um carro com estranhos. Esse é provavelmente o maior pecado. Meus pais me enviarão para um convento se souberem disso.

Mas adivinha o quê?

Eu. Não. Me importo. Porra.

Já contaram que devo passar meus anos da faculdade com eles. Estamos em guerra agora.

Eu me sinto presa em minha própria vida, oprimida pelas regras deles, suas paranoias e os medos. Tenho dezessete anos de idade. Eu deveria estar animada com o meu último ano. Deveria estar cercada por amigos, namorando garotos bonitos e aproveitando o melhor momento da minha vida. As pessoas dizem que a partir daqui as coisas pioram e isso é deprimente porque se esses são os melhores anos da minha vida, exatamente o quanto a minha vida vai ficar pior?

“Qual é o seu nome, afinal?” A garota loira pergunta.

“Beth. Você?”

“Ashleigh, mas pode me chamar de Ash.” Ela aponta para o banco da frente. “Esses são Kylie e Max. Vamos para Lexington High. Seremos calouros este ano.”

“Eu serei uma veterana em Darling.” Digo a ela.

Um leve desprezo marca sua boca com batom vermelho. “Ah ok. Você é uma garota Darling.”

Eu me irrito com a implicação. “Nem todo mundo na Darling é rico, sabe.” Não estou mentindo; minha família definitivamente não é tão rica quanto algumas das outras famílias da cidade. Nosso subúrbio de classe média é seguro e tranquilo, no entanto.

A festa em que vamos é em Lexington Heights, ou Lex, como dizem seus moradores, uma vizinhança de classe trabalhadora onde as casas são menores, as pessoas são mais pobres e as crianças são mais desordeiras. Em Darling, cocaína e ecstasy são passadas com haxixe. Em Lex, é mais provável que te ofereçam metanfetamina.

Meus pais enlouqueceriam se soubessem que estou aqui. Scarlett quase teve um ataque de pânico quando tivemos que parar para abastecer em Lexington essa noite.

"Então o que você está fazendo em Lex em um sábado à noite?" Kylie se vira do assento da frente para me fazer a pergunta. "Está procurando algumas 'balinhas'?"

Ofereço um encolher de ombros. "Só quero me divertir antes das aulas começarem."

Max grita alto. "A garota é das minhas! Como é mesmo seu nome, garota da diversão?"

"Beth." Repito.

"Beth." Dirigindo com uma mão, ele estende a outra na minha direção. "Me dê uma beijoca doce, Bethie. Hora de começar nossa festa."

Eu desajeitadamente aperto a mão dele e dou um sorriso. De repente, me sinto muito mal em largar Scarlett, mas extermino a culpa até que esteja enterrada e esquecida. Além disso, ela concordou comigo no final, embora ache que não entenda totalmente por que eu tive que vir. Os pais de Scar são legais. São descontraídos e hilários e dão tanta liberdade que ela nem sabe o que fazer com isso.

Entendo. Realmente entendo tudo. Eu compreendo. Minha mãe e meu pai perderam uma filha. Eu perdi uma irmã. Amamos Rachel e sentimos sua falta, ninguém mais do que eu. Mas o acidente da minha irmã foi apenas isso, um acidente. E a pessoa responsável foi punida. Não é tudo o que podemos pedir? Rachel nunca vai voltar, não é assim que a vida funciona. Mas a justiça foi feita, tanto quanto poderia ter sido.

E ainda estou viva. Estou viva e *quero viver.*

É tão ruim desejar isso?

"Chegamos!" Ashleigh anuncia.

Max estaciona no outro lado da rua, em uma casa pequena com tábuas brancas por fora e um gramado enorme, cheio

de adolescentes. Garrafas de cerveja e bebidas estão circulando ali, como se ninguém desse a mínima se um carro da polícia passasse.

"Quem é o dono deste lugar?" Eu pergunto.

"Aquele cara, Jack." Ash responde em um tom despreocupado. Ela está muito ocupada acenando para algumas garotas no gramado.

"Os pais dele estão em casa?"

Kylie bufa. "Hum. Não."

Está bem, então.

Nós saímos do jipe e caminhamos através da multidão em direção à porta da frente. Kylie e Max desaparecem no momento em que entramos na casa. Ashleigh fica perto de mim. "Vamos pegar uma bebida!" Ela diz.

Eu mal posso ouvi-la sobre a música ensurdecedora de hip-hop que está sacudindo as paredes. A casa está abarrotada de corpos e o ar cheira a uma combinação de perfume, spray corporal, suor e cerveja velha. Não é exatamente o meu ambiente, mas as batidas do ritmo são legais e a garotada parece amigável o suficiente. Eu meio que esperava ver brigas e pessoas trocando amassos contra as paredes, mas na maior parte do tempo estão só dançando e bebendo, conversando muito alto.

Ash me puxa para uma pequena cozinha com balcões de linóleo e papel de parede ultrapassado. Meia dúzia de garotos em uma rodinha em volta da porta de tela aberta, fumando um baseado.

"Harley!" Ela grita feliz e depois joga os braços em volta de um dos rapazes, que se separa do grupo. "Meu Deus! Quando é que voltou?"

O garoto alto a ergue e dá um beijo bem desajeitado na sua boca. Eu acho que ele está chapado, porque seus olhos estão quase completamente vidrados. Eu, sem graça, me inclino contra o

balcão e finjo que pertenço ao ambiente. É isso que quero, digo a mim mesma. Uma festa complicada que deixaria meus pais loucos.

“Bem tarde na noite passada.” Ele fala. “Paramos para jantar em Chicago e depois dirigimos pelo resto da viagem. Marcus disse que preferia dirigir pela noite a pagar por um motel.”

“Deveria ter me ligado logo de manhã.” Ash resmunga.

Ele coloca um braço em volta dos ombros dela. É o namorado dela? Ela ainda não nos apresentou, portanto não faço ideia.

“Eu nem sequer tinha acordado até uma hora atrás.” Harley diz com uma risada. “Caso contrário, ligaria.” Seus olhos se estreitam. “Você já viu o Lamar?”

“Não. Nem planejo ver.”

“Tonya diz que ela o viu com Kelly no fliperama na noite passada.”

“Bom para Kelly. Mal posso esperar que Lamar dê um fora nela do mesmo jeito que Alex fez.”

Harley. Marcus. Tonya. Kelly. Lamar. Alex.

Quem diabos são todas essas pessoas? Estou parada no balcão, ficando cada vez mais desconfortável quando Ashleigh e seu possível namorado, falam nomes aleatórios um para o outro.

Olho em volta da cozinha. Ash e Harley ainda estão conversando, discutindo quase, sobre seus amigos. Não importa. Eu não vim aqui para ouvir fofocas. Estou cansada de ser passiva, de me permitir ser controlada. Nos últimos três anos, fiz o que me foi dito, cursei as eletivas recomendadas, peguei o trabalho que meus pais arranjaram para mim.

E qual foi a minha recompensa?

Outros quatro anos mais foram somados à minha sentença. A porta da cela foi fechada antes mesmo de eu ter uma chance de sair. Olho para a caixa de cerveja. Poderia ficar bêbada, mas isso é

muito fácil. Eu poderia ficar chapada, mas é muito perigoso. Preciso de algo entre bêbada e chapada e que me faça sentir bem e irrite meus pais ao mesmo tempo.

Um movimento chama minha atenção e me viro para encontrar um rapaz muito bonito parado e inclinado na porta da cozinha. Ele tem o mais escuro olhos azuis que já vi. São incríveis. Em sua sobrancelha esquerda tem uma falha. Parece uma cicatriz a essa distância. Ou um acidente ruim com a pinça, mas ele não parece o tipo de homem que depila sobrancelha.

Sua mandíbula está coberta por uma barba loira escura, fazendo-o parecer mais velho do que todos os outros rapazes daqui. Os garotos da cozinha, incluindo Harley, não têm pelos faciais. E eles não são tão altos quanto o Olhos Azuis ou tão malhados ou atraentes.

Ele. é o que eu preciso. Um menino muito malvado para me levar a um caminho muito mau.

Uma sensação de poder toma conta de mim. Isso deixaria meus pais mais irritados do que qualquer coisa. Todos os adolescentes bebem, mas se relacionar com algum estranho aleatório? Iria enlouquecer minha mãe.

Internamente, esfrego as mãos com alegria e começo a conspirar. Ele não está fazendo contato visual comigo, mas não está olhando para outra pessoa também, tanto garoto quanto garota. Não está exatamente afastado, mas há espaço entre ele e os outros. Como se tivessem medo de se aproximar dele. Ele passa uma impressão de alguém confiante, seguro.

As mesmas coisas que não sou.

Olho para baixo para o meu jeans skinny rasgado e top amarelo curto de frente única e confirmo que o zíper está fechado e meus seios estão suficientemente cobertos. Não sou a garota mais gostosa daqui, mas ele está sozinho e eu também.

Além disso, se dizer não, quem se importa? Não vou vê-lo novamente. E o propósito de sair esta noite é para fazer coisas que eu nunca faria. Ter um gostinho da vida real.

“Quem é sua amiga?”

Tremo ao som da voz de Harley. Ele finalmente me notou. “Ei.” Cumprimento, arrancando meu olhar do Olhos Azuis para sorrir para Harley. “Eu sou Beth.”

“Harley.” Ele libera Ashleigh e vem em minha direção para me abraçar. Harley é um abraçador, ao que parece. “Prazer em conhecê-la. Quer ficar chapada?”

“Hum, talvez mais tarde?” Digo friamente, esperando que ele não perceba o rubor nas minhas bochechas e note que nunca fumei maconha antes.

“Sim, vamos guardar isso para mais tarde.” Ash concorda, para meu alívio. “Vamos dançar.” Ela se move para o meu outro lado e envolve o seu braço com o meu.

Dançar? Dou uma espiada na porta, só para descobrir que o Olhos Azuis se foi. A decepção me invade. Eu me pergunto aonde ele foi. Talvez também esteja indo para a pista de dança — hum, não. Ele não parece o tipo de cara que iria ‘sacudir o rabo’ com uma música eletrônica. É muito intenso para isso. A maioria dos caras não dançam de qualquer maneira. Acham que são legais demais para isso.

“Vamos lá.” Ash diz, puxando meu braço.

Deixo o Olhos Azuis de lado. Eu vou dançar com Ashleigh e depois vou persegui-lo. Deixo minha nova amiga me arrastar para a sala de estar, onde a música está mais alta e o ar é mais quente. Começo a suar, mas tudo bem, porque todo mundo também está suando. Ash bate a bunda dela contra o meu quadril e nós duas rimos, balançamos nosso cabelo e dançamos até ficarmos sem fôlego.

Isso é o que eu desejava esta noite. Me divertir e sentir jovem e não pensar no fato de que minha vida é uma piada. Eu *não tenho* vida. Não posso ir a festas, só à casa dos meus amigos e só se os pais deles estiverem em casa. Dirigir pela cidade com Scarlett esta noite foi um enorme não. A família de Scar também sabe disso, meus pais têm sido constrangedores com as famílias de todos os meus amigos sobre as regras. Acho que a mãe de Scar sente pena de mim. Quando Scar e eu estávamos saindo, a Sra. Holmes fingiu não notar e eu a amo por isso.

E eu amo isso. A música, o barulho e essa sala cheia de estranhos que não sabem quem sou. Ninguém sabe sobre Rachel. Ninguém sente pena de mim. Ninguém se importa.

Jogo meu cabelo para trás e bato os quadris com Ash de novo. Depois tropeço no meio do caminho quando vejo outro vislumbre do Olhos Azuis.

É o destino. Era para nos encontrarmos hoje à noite.

Ele caminha até o sofá em forma de L e se inclina para dizer algo a um menino robusto de camiseta vermelha. Seu cabelo é mais comprido do que eu tinha visto, passando as orelhas e caindo em sua testa. A cor loiro-escuro é quase do mesmo tom que do meu cabelo.

Pego o braço de Ash. “Quem é aquele?”

“O quê?” Ela grita sobre a música.

Coloco os lábios perto do seu ouvido. “Quem é aquele?” Eu repito, mais alto. “O cara do sofá.”

Ela franze a testa. “Qual?”

Olho para trás e abafo um gemido. Ele foi embora de novo! Que diabos. Esse cara aparece e desaparece como um ninja. Desta vez, não vou o deixar fugir.

“Tenho que fazer xixi.” Digo para Ashleigh.

Ela balança a cabeça e se vira para dançar com outra pessoa. Saio da multidão. Olhos Azuis está de volta, encostado na porta da cozinha.

Respiro fundo e me forço a ir em frente. Eu nunca, jamais dei em cima de um garoto antes. Isso será desastroso.

Olho uma fileira de copos com várias doses. Pego um e engulo. O líquido escuro queima no seu trajeto para baixo. Coloco uma mão na boca para encobrir uma tosse. Sobre meus dedos, encontro o olhar de Olhos Azuis.

Com coragem que não sabia que tinha, pego mais dois copos e os carrego.

“Parece que você precisa de uma bebida.” Falo, oferecendo um copo a ele.

Ele pega. “Parece até que foi a primeira vez que você bebeu.”

Estou tão feliz por estar escuro aqui, então ninguém pode me ver corando. “Não, já bebi algumas vezes.” Minto.

“Humm-hmm.” Diz antes de levantar o copo para os lábios. Ele bebe tudo e depois enfia o copo vazio no bolso da frente da calça jeans. Meus olhos vagam para baixo e depois voltam para cima para encontrá-lo olhando para mim confuso.

“Você sabe quem eu sou?” Ele pergunta.

Passo minha língua pelo lábio inferior, me perguntando o que devo dizer. Ele é famoso? Não quero parecer chata. “Claro.” Eu dou de ombros tão descuidadamente quanto possível. “Todos aqui não sabem?”

Algo obscuro passa por seu rosto. “Sim, provavelmente. Mas você ainda está aqui falando comigo. Trazendo-me bebida.” Ele bate no meu copo.

“Como eu disse, você parecia que precisava de uma.”

Ele esfrega a mão pelo rosto. A sombra obscura se foi, apenas para ser substituída por uma expressão cansada. “Acho que é verdade. Então porque você está aqui? Está atrás de uma aventura?”

Sua última frase é dita com grande desdém. Intuitivamente, sei que a verdade não é minha amiga, pois se eu admitir que vim aqui para irritar meus pais, o Olhos Azuis vai desaparecer e desesperadamente não quero que isso aconteça.

Não porque acho que esta é a maneira perfeita de me vingar dos meus pais, mas porque há algo interessante sobre ele. Porque quero conhecê-lo. Quero que ele deseje me conhecer.

Não posso contar a ele o motivo real, mas posso ser honesta, por mais embaraçoso que seja. “Uma garota não pode trazer uma bebida para um garoto bonito? Tentei chamar sua atenção antes, mas desapareceu. Você estava aqui sozinho e aproveitei a chance. Se isso é um comportamento selvagem pra você, então não deve sair muito.”

Ele inclina a cabeça. “Isso é uma piada?”

“Sim. Mas não é uma piada muito boa porque você não está rindo.” Olho para o copo na minha mão. Foi mais terrível do que eu imaginava.

Ele exala pesadamente. “Porque minhas habilidades sociais são ruins. Piada ou não, nós dois sabemos que não saí muito nos últimos três anos.”

Não faço ideia do que isso significa, mas como já fingi saber tudo sobre ele, não posso pedir uma explicação. “Significa que eu devo dar o fora?”

“Não. Você deve ficar.” O canto de sua boca se curva. “Não vou mentir. Isso tudo é muito bom para o meu ego.”

“Não tem sido bom para o meu.” Admito, um pouco irritada.

O meio sorriso se transforma em um completo e minha respiração fica presa quando percebo como ele é lindo.

“Eu nunca tive uma menina tão bonita como você dizendo oi para mim.”

Meu coração se agita e estou muito atordoada que não consigo dar uma resposta brilhante.

Ele abaixa a cabeça com vergonha. “Muito brega?”

Encontro minha voz. “Muito incrível. Meu ego está tão grande agora que acho que esta casa não é capaz de me segurar.”

“Então vamos sair daqui.”

“Sério?” Meus olhos se arregalam. “Para onde?”

“Do lado de fora. Eu gosto do lado de fora.”

“Eu também.”

Ele estende a mão. A minha escorrega facilmente na dele. Seus longos dedos apertam a minha mão. Contra minha palma, há calos duros. Deixamos os copos no balcão da cozinha quando passamos. Não pego outra bebida agora. Estou de mãos dadas com o rapaz mais gostoso do planeta e sinto que estou flutuando no ar.

Nós desviamos da multidão. Algumas pessoas olham fixamente. Levanto a cabeça. Sim, estou saindo com esse gostoso.

Lá fora, o barulho diminui e as pessoas também. Ele me leva pelo deck e em direção a um pequeno galpão.

“Você esconde os corpos lá dentro?” Eu brinco.

Ele para de repente. “Você tem um humor negro, não é?”

A observação me faz pensar no riso histérico que borbulhava na minha garganta durante o funeral de Rachel. Quando cobri o rosto para evitar rir e todo mundo pensou que eu estava

chorando. Não é tanto 4m humor negro, mais um mecanismo de defesa.

"Prefiro rir a chorar." Admito. "Eu choro com muita facilidade. É uma coisa que odeio em mim mesma."

Ele se abaixa sobre a grama. "Não é uma filosofia ruim, a coisa de sorrir ao invés de chorar."

"Gostaria de ter mais controle sobre minhas lágrimas. É frustrante quando estou com raiva, mas todo mundo acha que estou triste." Sento no chão ao lado dele, me perguntando por qual motivo estou dizendo essas coisas para ele. Calo a boca e escuto os grilos enquanto a música fraca na casa toca em segundo plano.

"Você tem um nome?" Ele brinca.

"Beth."

Ele passa a mão pelo cabelo bagunçado. Não perco a maneira como seu bíceps se flexiona com essa ação. Ele tem braços incríveis. Bem musculosos.

"Eu sou Chase." Ele inclina a cabeça para mim. "E ainda sinto que você é boa demais para estar sentada aqui comigo."

"Você não está me forçando." Falo. "Está me pedindo para sair?"

"Não. Não quero isso." Ele exala novamente e seu corpo perfeito é momentaneamente moldurado pelo algodão fino de sua camiseta.

Puxa, ele é lindo.

"É lindo aqui fora, não é?"

Olho para o céu noturno e depois para o rosto de Chase. Está tão nublado que você mal consegue distinguir a lua, só as estrelas. "Talvez?" Ele é lindo. O céu? Não muito.

Ele ri para si mesmo. “Poderia estar chovendo horrores e eu ficaria feliz.”

“Eu também.” *Porque estou com você*, penso. Não sinto essa paz comigo mesma há semanas, talvez meses. A briga com a minha mãe parece só uma lembrança ruim.

Sua mão está pressionada contra o chão entre nós. Aproximo a minha da dele até que nossos mindinhos se tocam.

“Seus dedos são longos.”

Ele vira a cabeça para longe do céu para olhar nossos dedos. “Talvez os seus sejam realmente curtos.”

“Tenho mãos de tamanho normal.”

“Vamos ver.” Ele desliza a mão sobre a minha e meus dedos desaparecem sob os seus.

Meu coração começa a bater descontroladamente e a boca fica seca. Partes do corpo começam a formigar em lugares que não sabia que fossem capazes disso.

“Você vai me beijar?” Deixo escapar.

Seus lábios se curvam naquele lindo sorriso. “Sim. Acho que sim. Você está bem com isso?”

Aceno com a cabeça.

“Já faz um longo tempo para mim.” Ele admite.

Sua honestidade me pega desprevenida. “Eu também.”

“Bom.” Ele coloca meu cabelo atrás da orelha. E se aproxima. “Então podemos errar juntos. Diga-me se eu fizer algo errado.”

Ele coloca sua mão na minha bochecha, acariciando suavemente. Sempre muito devagar, seus lábios encontram os meus.

3

Chase se vira para o outro lado. Ele pega algo na mesa de cabeceira do quarto em que estamos. Ouço o barulho de um isqueiro. O cheiro de fumaça logo enche minhas narinas enquanto fico aqui, olhando para o teto. Dando uma tragada profunda, ele se deita de costas e dá outra tragada. O lençol de algodão cobre a parte inferior do seu corpo. Seu peito está nu.

Vesti minhas roupas no momento em que acabou. Já repensei isso tantas vezes que estou paralisada. O que faço agora?

O que fui fazer, afinal? Meu corpo inteiro está aquecido de vergonha e meu coração está batendo mais forte do que o som que ainda está sacudindo a casa.

Chase dá outra tragada no cigarro. Ele está agindo como se o que acabamos de fazer não fosse grande coisa. Mas talvez não seja para ele. Provavelmente não é. Ele com certeza faz sexo com centenas de pessoas em festas.

Eu não disse a ele que era virgem.

Eu...

“Tenho que ir.” Falo, me levantando.

Ele não diz uma palavra. Não encontra o meu olhar. Estou feliz, porque particularmente não quero que veja a vergonha nadando em meus olhos.

É só quando estou prestes a virar a maçaneta que ele fala.

“Onde está o seu telefone?”

Minha cabeça gira em sua direção e, finalmente, nossos olhares se encontram. Sua expressão não revela nada. Seu peito ainda tem um ligeiro brilho de suor... Desvio o olhar.

“Está na minha bolsa.” Murmuro. “Por quê?”

“Pegue-o.”

Sou incapaz de dizer não quando se trata desse cara. Com o rosto queimando, pego o celular da bolsa e espero.

Ele fala seu número.

Olho para ele, ainda me sentindo aturdida. E meu corpo, apesar de dolorido, está respondendo à visão de seu abdômen.

“Coloque esse número em seu telefone.” Sua voz é rude. “Me mande uma mensagem quando voltar para a casa de sua amiga, então saberei que chegou bem.”

Continuo olhando.

“Beth.” Ele pede e eu finalmente consigo encontrar a minha voz.

“Diga o número de novo.” Sussurro.

Ele repete os dígitos e eu obedientemente digito no telefone.

“E, sim, me ligue se precisar de mim.” Ele diz rispidamente.

Concordo com a cabeça, mas acho que nós dois sabemos que, além do único texto que vou enviar quando chegar à casa de Scarlett, nunca mais usarei seu número novamente.

4

Terça é o primeiro dia de aula. O primeiro dia do meu último ano e eu deveria estar feliz. Um ano é tudo que me resta sob este teto. Um ano, até que eu esteja na faculdade, a faculdade que *eu* quero fazer, livre do controle constante e vigilante dos meus pais.

Seus olhos estão focados em mim agora. Eles têm perguntas. Posso sentir um peso no ar. O desapontamento da minha mãe misturado com a frustração do meu pai e o ressentimento forma uma nuvem de tempestade que se impregna no teto e nas paredes como fumaça depois de uma fogueira.

Tento agir normalmente, como se eu não tivesse feito certas coisas ontem à noite, muito arrependida. Coisas sobre as quais menti para Scarlett, para meus pais e para mim mesma. Desde que abri os olhos essa manhã, tenho me forçado a não pensar em Chase. Mas é muito difícil. E quando os pensamentos dele emergem, sinto vontade de chorar.

Fiz sexo pela primeira vez ontem. Eu queria e gostei. Realmente gostei, naquela hora. Mas não demorou muito para o brilho desaparecer. Para a emoção de algo novo, excitante e rebelde ser substituído por uma vergonha profunda.

Minha primeira vez foi com um estranho. Algo de uma noite só.

O que diabos farei com isso? Não posso nem começar a pensar e gostaria que meus pais parassem de me encarar. Tenho medo de que, se olharem tempo suficiente, possam ler meus pensamentos.

“Você se divertiu na casa de Scarlett?” Mamãe pergunta, quebrando o silêncio.

O som de sua voz soa como uma dor fantasma na minha bochecha. Ela me *bateu* ontem. Está agindo como se não se lembrasse. Ou talvez esteja apenas tentando esquecer. Ou esperando que *eu* esqueça. Sem chance.

“Lizzie?” Ela pergunta. “Você se divertiu?”

“Uh-huh.” Empurro a abobrinha frita para a borda do prato. Scarlett estava dormindo quando me arrastei para a cama dela. Quando amanheceu, mal falei uma palavra. Ela continuou me bombardeando atrás de detalhes sobre a festa, mas só consegui dar respostas vagas. Não quero que Scarlett saiba que transei com algum estranho sexy, em uma festa aleatória. É muito embaraçoso.

“O que você fez?”

Meu garfo interrompe sua jornada para o lado, um pedaço de comida preso em seus dentes. Esse tipo de pergunta só é feita quando seus pais suspeitam e querem pegá-la em uma mentira. Quanto menos disser nesse momento, melhor. “Umas coisas.”

Forço a mão a se mexer, fingir que minha frequência cardíaca não aumentou e meu corpo não está tenso de medo.

“Como o quê?” O tom da minha mãe é leve, mas está sondando.

“As mesmas coisas que sempre fazemos.”

Há vários minutos de silêncio durante as quais percebo que eles sabem alguma coisa e estão esperando por uma confissão. Mantenho os olhos presos ao prato.

Em seguida separo os cogumelos. Odeio cogumelos. Sempre odiei e ainda assim minha mãe continua a cozinhá-los.

Cogumelos era a coisa favorita de Rachel.

Há um barulho de papéis. Algo branco aparece no canto do meu olho. Não quero olhar, mas não posso evitar.

"Você sabe o que é isso?" É a vez de papai me questionar agora.

Esta é uma boa rotina policial que eles fazem, um faz o papel de bonzinho e o outro de malvado. Mamãe finge preocupação e quando não demonstro nenhum remorso, papai entra com sua voz severa e comandos ainda mais severos.

"Não." Isso é honesto, pelo menos.

"É uma impressão de suas mensagens de texto."

"O quê?" Aro a boca, pego os papéis. Meus olhos percorrem a página em total descrença. Ou estou tendo alucinações, ou estou lendo uma transcrição das mensagens de texto que troquei com Scar quando estava saindo da festa na noite passada.

217-555-2956: Como está a festa? Tudo ok?

217-555-5298: Estou bem. A festa está ótima. Estou voltando agora. Vou pegar um táxi.

217-555-5298: Meus pais ligaram?

217-555-2956: Não

217-555-5298: kk me dê cobertura se eles ligarem

217-555-5298: Cheguei, sã e salva.

Meu estômago gela. Essa última foi a mensagem que enviei para Chase. Quase choro de gratidão por não ter dito nada demais.

Viro a folha e vejo mais mensagens.

217-555-2956: Festa essa noite?

217-555-5298: Simmm

217-555-2956: o que dirá aos seus pais?

217-555-5298: Direi que tenho dois trabalhos

Medo, raiva e frustração giram em minha cabeça. Nem sei o que dizer. E no fundo da minha mente, tudo o que posso pensar é que *Graças a Deus.* Graças a Deus que não mandei uma mensagem para Scarlett sobre Chase, confessando que fiz sexo pela primeira vez. Graças a Deus não mandei mensagem a Chase sobre o que aconteceu entre nós. O mero pensamento dos meus pais descobrindo, lendo em primeira mão em alguma mensagem de texto, me deixa enjoada.

"Não posso acreditar que vocês estão me espionando!" Eu grito, batendo os papéis sobre a mesa. Lágrimas indesejáveis ardem nos cantos dos meus olhos. "Vocês não têm nenhum direito de ler minhas mensagens de texto!"

"Eu pago por esse telefone." Papai grita.

"Então vou pagar por ele sozinha!" Levanto da cadeira e vou para longe da mesa.

Papai agarra meu pulso. "Sente. Nós não terminamos."

A expressão em seus olhos me diz que é melhor eu sentar ou ele vai me forçar a sentar. Ele nunca foi muito rude, muito rigoroso. Antes de Rachel morrer, era o pai divertido. Papai contava as piadas mais bregas porque gostava de nos ouvir gemer e reclamar delas. Agora, acho que ele não se lembra de como sorrir.

Respiro, tento encontrar minha coragem, mas não tem nada. Eu sento.

"Não são suas ações que nos desapontam." Mamãe diz. "Mas a mentira. Nós simplesmente não podemos confiar em você."

"É por isso que seu carro está sendo confiscado." Meu pai acrescenta.

"Meu carro?" Fico boquiaberta com eles. Meu carro é uma das poucas chances de liberdade que tenho. Eles me deram o velho compacto da minha mãe assim que tirei a carteira. Por mim, estaria tudo bem pegando o ônibus ou andando, mas meus pais acharam que eu estaria mais segura ao volante de um carro do que a pé em faixas de pedestres ou em pontos de ônibus.

Rachel estava a pé quando foi morta, afinal de contas. Aparentemente isso significa que não posso andar a cinco passos perto de um veículo nunca mais.

Deus, pareço uma pessoa amarga. Odeio me sentir assim, especialmente quando no fundo sei que meus pais não são pessoas ruins. Eles simplesmente não se recuperaram da morte de Rachel. Duvido que algum dia se recuperarão, não sem anos e anos de terapia, que se recusam a frequentar. A única vez que sugeri, mamãe me informou rigidamente que cada um sofre de maneira diferente e depois se levantou e saiu da sala.

Mas eles estão me machucando como resultado de sua interminável dor e *estou* amarga. E agora estão tirando meu carro?

No meu carro, posso explodir o volume da minha música, gritar palavrões e dar voz a todas as minhas frustrações internas. Perdê-lo será horrível.

Luto por razões que vai convencê-los de que isso está errado. "Como é que vou trabalhar? Ou chegar ao abrigo de animais?" No ano passado, eu me voluntariei em um abrigo de animais local, duas vezes por mês. A alergia de Rachel tornou impossível para termos animais de estimação em casa e mesmo agora que ela se foi, a regra de não-animais de estimação ainda é estritamente reforçada. Então, o voluntariado é a única maneira de estar perto de cachorros, que são muito melhores do que as pessoas, minha opinião.

Mamãe não encontra meus olhos. Papai limpa a garganta. "Você não vai mais trabalhar também. Nós informamos o seu chefe no Ice Cream Shoppe e Sandy da clínica que você estará

muito ocupada com a escola para poder trabalhar ou ser voluntária."

"Vocês..." Respiro. "Você *pediu demissão do* meu emprego por mim?"

"Sim."

Estou tão atordoada que não tenho uma resposta. Tudo o que posso ver são as portas fechadas em minha vida já limitada. Nenhum carro. Porta fechada. Sem trabalho em tempo parcial. Porta fechada. Nenhum trabalho voluntário. Fechado. Fechado. Fechado.

"Você está dizendo que irei apenas para a escola e voltarei para casa? É isso?" O nó no meu peito ameaça me sufocar. É meu último ano. Eu deveria estar ansiosa para o meu mundo ficar maior, não menor.

"Até que você possa nos provar que é digna de nossa confiança, sim."

Eu me viro para mamãe. "Você não pode concordar com isso. Sei que entende que isso está errado."

Ela se recusa a encontrar meus olhos. "Se tivéssemos sido mais rigorosos antes..." Ela se afasta, mas sei o que *antes* significa. Nossas vidas foram estritamente divididas em Antes de Rachel e Depois de Rachel.

"Marnie, não vamos falar sobre isso." Papai gosta de fingir que Depois de Rachel nunca aconteceu.

"Certo, claro, mas estamos fazendo isso porque amamos você. Nós não queremos uma repetição do passado. Seu pai e eu discutimos..."

"Isso é besteira!" Entro em erupção. Levanto e saio do alcance do meu pai.

"Não use esse tom com a gente." Papai sacode o dedo para mim.

Nesse momento não recuo. Estou com muita raiva para ter medo. "Isso é besteira." Repito de forma imprudente. As lágrimas estão caindo, o que odeio, mas não posso parar. Não posso parar minhas palavras, minha raiva ou as lágrimas. "Isso é punição porque sou a única viva e Rachel é a única que está morta. Mal posso esperar para sair daqui. Eu não vou voltar. Não vou!"

Mamãe explode em lágrimas. Papai grita. Eu viro e corro para o meu quarto. Atrás de mim, escuto meus pais gritando. Subo as escadas de dois em dois degraus e bato a porta do meu quarto. Não tenho uma fechadura, mas tenho uma mesa. Quebro três unhas e bato a madeira contra minha canela duas vezes no processo, mas finalmente a coloco na frente da porta.

Bem na hora também, porque papai está na porta, tentando abrir.

"Abra esta porta agora." Ele exige.

"Ou o quê?" Eu choro. Nunca me senti mais desamparada. "Ou o quê? Vai me pôr de castigo? Você tirou meu emprego, o carro, minha privacidade. Não consigo fazer uma ligação ou escrever uma mensagem de texto sem você saber. Nem respirar sem ter que te informar. Você não tem mais nada para me punir."

"Estamos fazendo isso por sua causa." Essa é a minha mãe, implorando para que eu seja razoável. "Nós não estamos punindo você por causa de sua irmã..." Ela não pode nem dizer o nome de Rachel "...Estamos tentando ajudá-la. Amamos muito você, Lizzie. Nós..." Sua voz muda de tom. "Nós não queremos te perder."

Deito na cama e ponho o travesseiro sobre a cabeça. Não me importo com o que eles têm a dizer. Não há justificativa para o que estão fazendo. Eu não estaria me esgueirando se me dessem alguma liberdade. Os pais de Scarlett não a prendem e ela nunca foge. Se ela vai a uma festa, Scar diz a eles. Se ficar bêbada, ela

pode ligar para eles e irão buscá-la. E a verdade é que ela raramente fica bêbada, porque eles a deixam tomar a cerveja de vez em quando ou um copo de vinho. É culpa dos meus pais eu ser assim. Eles me transformaram nessa garota, aquela que não escuta, aquela que foge, mente e quebra promessas, perde a virgindade com algum estranho.

Afundo o rosto no colchão enquanto a vergonha vagueia por mim. Eu os odeio. Odeio a Rachel. E eu me odeio mais do que tudo.

Por causa das minhas ações, os animais fofos do abrigo vão sofrer. Quem vai levar os cachorrinhos para passear? Quem vai dar o remédio da Opie? Eu sou a única que pega o Rottie no colo. Ele odeia todos os outros na clínica. E George, a cobra? Os técnicos lá têm medo da jiboia.

O som de metal batendo contra o metal e o zumbido de uma broca chama minha atenção. Sento e procuro a fonte dos sons.

Meus olhos se chocam com os do meu pai, visíveis acima da porta que está segurando. Ele olha severamente para mim antes de ir embora. Fico boquiaberta com o batente sem porta. Ele removeu minha porta. Fodidamente removeu a porra da minha porta.

Levanto rapidamente e corro para a mesa que ainda está na porta. “O que você está fazendo?” Digo indefesa.

Mamãe aparece no corredor. “Querida, por favor.”

“Você está falando sério?” Estendo a mão, ainda sem acreditar que meu pai tirou a porta, mas as dobradiças vazias pairam lá como deboche.

“É apenas temporário.” Ela fala.

“Vai ser permanente se ela não mudar de atitude.” *apai grita do andar de baixo.

“Mamãe. Tenho dezessete anos. Preciso de uma porta no meu quarto.” Acredito que minha voz é tão estável quanto meus sentimentos tumultuados. “Até os prisioneiros têm uma porta!”

Seu olhar se foca no chão. “É temporário.” Ela repete. “Até que possamos confiar em você novamente.”

Eu tropeço para trás. “Não posso acreditar nisso. Eu não posso acreditar nessa porra.”

“Não diga palavrões.” Ela pede. “Você sabe o quanto detesto isso.”

“Claro, porque Rachel nunca xingou.”

“Não é sobre Rachel.”

“Claro que é. Tudo na minha vida é sobre Rachel. Você sempre deixou Rachel fazer o que quisesse. Ela não tinha que seguir uma única regra e o tiro saiu pela culatra, então agora está fazendo exatamente o oposto comigo.” Desabafo. “Você me mantém na coleira desde que ela morreu e agora a coleira está tão apertada que vai me sufocar até a morte.”

“Não diga isso.” Os olhos da minha mãe brilham perigosamente. Ela avança e para na mesa. “Não fale isso. Não diga essas palavras.”

“Ou o quê?” Eu a desafio. “Vai me bater de novo?”

Seu rosto fica com uma expressão infeliz. “Desculpe, eu ter feito aquilo.” Ela sussurra. “Eu...”

“O que está acontecendo?” Papai volta. Ele olha para mim e depois para a mamãe.

“Nada.” Dizemos ao mesmo tempo.

E então ficamos em silêncio porque não há mais nada em nossas línguas além de palavras cáusticas, ofensivas e já fizemos o suficiente para infligir dor um ao outro. Volto para a cama, fecho os olhos e ignoro os grunhidos de meu pai enquanto remove a mesa

da porta, o barulho de minha mãe gemendo enquanto se preocupa com o fato de nossa casa ser uma zona de guerra.

Esta é minha vida agora. Estou presa em minha própria casa, sem privacidade e sem escapatória. Que a formatura chegue logo.

5

O ônibus cheira a nervosismo e suor frio. Os calouros estão amontoados na frente, mas o cheiro do medo deles chega até os fundos. Ao meu lado, Sarah Bunting conversa sobre sua nova manicure e sobre o tênis Converse 'que brilha pra caralho' que ela arranjou no Premium Outlet em Rosemont.

Aumento ainda mais o volume da minha música no fone e me inclino no banco. Dezessete anos, habilitada, tenho carro próprio, mas ainda ando de ônibus. Que decadência.

Mantenho a cabeça abaixada enquanto caminho até o meu armário na ala dos veteranos. Não cumprimento ninguém e não sei se é o olhar ranzinza no meu rosto ou qualquer outra coisa, mas todo mundo me deixa em paz.

Giro a combinação do armário, abro a porta e coloco a mochila dentro. Minha primeira aula é Cálculo Avançado. Uh-hu. Pelo menos não haverá uma longa palestra, só um monte de problemas práticos. Pego meus materiais para as próximas três aulas e fecho a porta. O rosto de Scarlett aparece e tento não pular de surpresa.

"Oi." Murmuro.

"Sinto muito." Ela parece genuinamente arrependida.

A primeira coisa que fiz esta manhã foi mandar uma mensagem para ela dizendo que fui presa. Com meus pais tendo provas de que Scar e eu fugimos para festas antes, tive que avisá-la no caso de meus pais a entregarem para os pais dela.

"Esqueça isso." Não é culpa dela, realmente.

"Tudo está uma porcaria, hein?" Ela suspira. "Você está tendo a pior sorte, primeiro seus pais e as mensagens vigiadas e agora isso."

Acho que ela quer dizer castigo e não sorte. "Eles levaram o meu telefone, também." Falo com tristeza.

"Oh, tudo bem, *é por isso* que você não respondeu as milhões de mensagens que enviei para você."

"Sim."

Ela estala a língua em simpatia. "Eu não sei, talvez seja uma coisa boa você não ter um telefone agora. Não posso imaginar o que as pessoas estão escrevendo e enviando mensagens sobre você. Eles podem ser tão idiotas."

Minhas bochechas esquentam. Por que alguém estaria mandando mensagens sobre mim? Alguém me viu na festa? Sabem o que aconteceu comigo e com o Chase? Eles sabem o que está acontecendo na minha casa? Meus pais realmente contaram aos outros pais que tiraram a porta do meu quarto? Deus, este ano será uma humilhação após outra, cortesia dos meus pais.

"Seja como for." Forço um ombro em um gesto descuidado. "Não importa o que pensam. Depois deste ano, provavelmente não veremos metade desses garotos novamente."

"Deus, espero que não." Scarlett puxa meus livros. "Deixe-me levar isso."

"Por quê? Posso levar meus livros."

"Sei que pode. Eu só... esqueça isso." Ela desliza o braço no meu. "Vamos para a aula."

"Por que decidimos que ter aula de cálculo avançado seria uma boa ideia?"

"Algo sobre ser bom para nosso currículo para nossa candidatura nas faculdades. Você já decidiu quais visitas fará neste outono?"

Meu humor cai ainda mais com o pensamento das candidaturas que a mamãe confiscou. Adivinha. Eu vou refazer e reenviar. O problema é que não posso fazer online porque preciso de um cartão de crédito para pagar as taxas. Poderia fazer o pagamento das taxas via correio. Não tenho certeza de como vou fazer as inscrições futuras, mas darei um jeito. De alguma forma.

"USC, Flórida, Miami, Estado de San Diego." Falo sobre meus destinos dos sonhos. Com a minha vaga garantida, não faço a mínima ideia do que quero estudar, mas terei o local certo.

Scarlett sorri. "Hmm. Estou percebendo um tema de praia."

"Você é muito inteligente, Scar".

"Eu sei, mas você não quer ir tão longe, não é? Sentirei muito sua falta."

Qualquer resposta que eu desse sumiria quando vejo uma figura alta e ampla no final do corredor. Eu não teria notado o garoto, se não fosse pelo fato de que todo aluno veterano ficou em silêncio.

Minha frequência cardíaca acelera quando meus olhos se encontram com os familiares azuis. Meu Deus. Oh Meu *Deus*. O que ele está fazendo aqui?

"O que *ele* está fazendo aqui?" Digo em voz alta antes que possa me impedir.

Merda. Agora Scar vai perguntar como eu o conheço e vou ter que admitir que encontrei com ele na festa e ela vai ler nas entrelinhas e saber exatamente o que fiz. Ou talvez alguém de Darling tenha visto Chase e eu juntos e contou a todos e Scarlett já sabe. De qualquer forma, o constrangimento está queimando buracos nas minhas bochechas.

Scarlett segue meu olhar e para no caminho. “Não é? O descaramento desse cara! De aparecer aqui.” Ela dá um passo à frente e se vira para tentar bloquear minha visão de Chase. “Eu não acredito que eles não o obrigaram a frequentar uma escola diferente, mas tenho certeza que tem a ver com sua mãe ser a esposa do prefeito agora.” Ela estala a língua. “Favoritismo é nojento.”

“Ele é o enteado do prefeito?” Digo confusa.

“Eu não sabia disso até hoje de manhã. Wendy Bluth disse que a mãe dele estava secretamente namorando o prefeito por anos e eles se casaram nesta primavera. Não acho que alguém votaria nele se soubesse a verdade.”

“A verdade?” Estou muito confusa.

A boca de Scarlett se transforma em uma careta simpática. “Entendi. Você não quer falar sobre isso.” Ela olha por cima do ombro para checar se Chase ainda está lá. “É estranho. Eu nem o reconheci a princípio porque ele parece totalmente diferente, mas a cicatriz não deixa dúvida.”

Fico ainda mais confusa. Não há razão para Scarlett o reconhecer. Ela nem estava na festa.

Eu me viro e olho para Chase. Ele não parece diferente de sábado à noite. Parece exatamente o mesmo. Incrivelmente atraente. Está sem barba hoje. Seus cabelos loiros escuros caem para frente, mas não completamente, cobrindo apenas a cicatriz que corta sua sobrancelha.

Beijei aquela cicatriz algumas vezes naquela noite.

O calor do constrangimento se arrasta pelo meu corpo. Não acredito que ele está a três metros de mim agora mesmo. Pensei que nunca mais o veria e estava bem com isso porque essa era a opção menos humilhante. Ficar cara a cara com ele de novo depois do que fizemos é um milhão de vezes mais humilhante.

Nossos olhos se encontram. Minha respiração acelera. Scarlett está dizendo alguma coisa, mas não consigo ouvi-la por causa da mortificação em meus ouvidos. Ou é outra coisa que estou sentindo? Engulo e parece que há lâminas na minha garganta.

"Vamos." Ela fala. "Só o ignore. Ele não vale o seu tempo."

Como ela sabe? "Será que ele tem uma reputação?" Pergunto com voz rouca, porque de repente me ocorre o que pode ter acontecido. Se Chase tem a reputação de pegador, talvez tenha se gabado sobre o sábado à noite para qualquer um que pudesse ouvir. Darling e Lexington Heights são cidades vizinhas, a fofoca corre solta se as pessoas certas estiverem falando sobre isso.

"Você quer dizer se todo mundo sabe sobre ele?" Ela pergunta.

Aceno sem olhar para ela.

"É claro que todo mundo sabe sobre ele." Ela bufa em desgosto. "Oh, aí está o Jeff."

Um lampejo de verde me chama a atenção. Diretamente sobre o ombro de Chase, a cabeça escura de Jeff Corsen aparece.

Não estou muito surpresa em vê-lo. Ouvi dizer que ele estava voltando para Darling. Depois que Rachel morreu, Jeff ficou totalmente arrasado. Mal conseguiu terminar o segundo ano e depois desapareceu por mais de dois anos. Luto, seus pais disseram. Eles o mandaram para a Inglaterra para morar com os avós, mas aparentemente não terminou o último ano porque está de volta a Darling High. É estranho que o namorado da minha irmã, que costumava estudar dois anos à minha frente, agora esteja na mesma série.

Com seu capuz verde-floresta e jeans desbotados, Jeff caminha para frente, o ombro deliberadamente colidindo com o de Chase. Isso quebra nosso contato visual. A boca de Chase se aperta e fico tensa, antecipando um confronto. Mas depois Chase simplesmente se desvia, ignorando o insulto.

Ele não fica nem um pouco incomodado. Não por ver sua ficante de sábado à noite parada na frente de todos no final do corredor no primeiro dia em uma nova escola. Não ao ser fisicamente provocado por outro garoto. Não pelos olhares e silêncio de seus novos colegas de classe.

Eu invejo isso. Deus, como invejo muito a compostura dele. Isso me lembra de por que me senti atraída por ele em primeiro lugar. Há uma segurança nele. Tipo, um furacão poderia alcançá-lo e Chase ainda estaria de pé no corredor, com os pés firmemente no chão, ombros para trás.

Aposto que seus pais não teriam coragem de tirar a porta do quarto dele.

O barulho penetra meu cérebro. A aparição de Jeff quebra o feitiço lançado por Chase. Alguns colegas de classe dão risada. Outros correm para cumprimentar Jeff. Ele era popular antes de ir embora. Ele e Rachel eram o casal de ouro. Se ela tivesse vivido até o último ano, os dois seriam o rei e a rainha do baile de formatura.

Se ela estivesse viva... Meu coração se acelera e um desconforto familiar se agita no meu estômago. Não vou pensar sobre isso.

Em vez disso, eu me pergunto o que Rachel fez para ser tão amada por um rapaz que se mudou para outro país para se recuperar de sua morte. Ele a amava mais do que eu? Sei que meus pais acham que eu não amava Rachel o suficiente, que não sofro por sua morte como deveria. Se sofresse, eu me comportaria melhor.

Eu a amei, no entanto. Estávamos separadas por dois anos na escola, mas ela nunca me tratou como se eu fosse uma irmã mais nova e mal-humorada, nem mesmo quando começou o ensino médio e eu ainda estava no fundamental. Ajudávamos uma à outra com o dever de casa. Nós jogávamos vôlei. Tivemos festas de

pijama no quarto dela. Ela era minha irmã mais velha. *Claro* que eu a amava.

Engulo a dor novamente. Expulso a dor para longe. Ao contrário dos meus pais, não vou ficar obcecada por Rachel. Não posso.

"Ei, Lizzie." Jeff cumprimenta quando se aproxima de mim. Sua mão, aquela com os dedos longos e elegantes que flutuavam pelas teclas do piano, se estendem e aperta minha orelha. "Há quanto tempo."

"É Beth." Quando ele faz uma expressão de questionamento, repito "Beth. Não sou mais Lizzie."

"Tudo bem. Beth então. Como você está?"

"Oi, Jeff!" Scarlett diz ao meu lado antes que eu possa responder.

"Scarlett." Ele diz. Sua voz é diferente, acentuada.

Scarlett percebe. "Meu Deus. Você voltou com um sotaque. Isso é muito legal."

"É?" Jeff inclina a cabeça. Atrás dele, vejo Chase outra vez. Seu rosto está meio escondido pela porta do armário, mas sei que é ele.

Meu corpo se arrepia. Acho que saberia que é ele até mesmo se eu estivesse vendada. Uma conexão foi feita na outra noite, uma que nenhum de nós pode realmente negar pelo jeito que nos encaramos antes de Jeff aparecer.

Por que tenho vergonha do que aconteceu? Foi minha escolha. Eu desejei aquilo. A coisa que eu deveria estar envergonhada é por fugir como uma garota assustada. Mas não consegui evitar.

Nunca fui uma daquelas garotas que imaginavam velas e pétalas de rosa na sua primeira vez, mas pelo menos pensei que

estaria namorando com o rapaz para quem daria minha virgindade. Ele seria meu namorado e iríamos devagar, namorar muito e brincar até que finalmente fizéssemos o ato em si. Mas isso não aconteceu e não sei como me sinto.

O que sei é que não posso deixar que ele ou qualquer outra pessoa veja como estou abalada. Endireito os ombros. Confiança é o que Chase tem. Eu quero aquilo.

"É bom ver você, Jeff." Falo e dou alguns passos à frente, na direção de Chase.

"Espere..." Scar pega meu braço. "Você realmente acha que isso é uma boa ideia?"

"Por que não?" Dou de ombros. "Ele obviamente vai ficar aqui na escola. Eu poderia muito bem encará-lo agora em vez de tentar me esconder dele pelos próximos nove meses."

"Não há razão para você falar com ele." Jeff diz. "Nós vamos mantê-lo longe." Ele lança um olhar sombrio por cima do ombro em direção a Chase, que recolhe seus livros e está indo embora.

Sim, Chase definitivamente tem uma reputação. Até Jeff, que está desaparecido há tanto tempo, aparentemente ouviu falar que algo aconteceu entre mim e Chase. Isso significa que a fofoca voou.

Uma faísca de raiva me atinge enquanto imagino Chase se gabando para todos aqueles garotos de Lex que pegou uma garota de Darling.

Eu acelero os passos, ando rápido pelo corredor com os olhos fixos nas costas de Chase.

Ele é uma ilha. Tipo, há literalmente uma bolha de espaço ao redor dele, o que é chocante, dado o tamanho da minha turma. Trezentos veteranos frequentam a Darling. Os corredores estão lotados esta manhã, mas ninguém parece ser capaz de penetrar em seu espaço pessoal. Porra. Eu meio que amo isso.

Ando mais rápido acenando para os colegas, mas não paro até chegar a Chase. Ele para na frente da sala de Cálculo Avançado. Que conveniente.

Abraço meus livros perto do peito e limpo a garganta. “Chase.”

Ele vira devagar até estarmos frente a frente. “Beth.”

Apesar da minha raiva do que ele pode ter dito às pessoas sobre nós, agradeço por me chamar de Beth. Ele me conhece apenas assim. Não tenho que lembrá-lo que esse é o meu nome agora.

“Para quem você contou?” Digo sem rodeios.

Ele franze a testa. “Contei?”

“Sim, a quem você contou?” Repito, parecendo muito mais confiante e corajosa do que me sinto neste momento. Estar em sua presença está embaçando meus pensamentos. “Sobre a noite de sábado.”

Em vez de corar ou parecer envergonhado, ele olha direto para mim. “Ninguém.”

“Ninguém.” Falo também, ainda suspeitando.

“Sim. Por que eu contaria a alguém?” Ele diz simplesmente.

Por alguma razão inexplicável, acredito nele. Acredito que manteve em segredo sobre o que fizemos na festa. Alguém mais deve ter nos visto. Talvez alguém tenha me visto saindo daquele quarto. Ashleigh, ou o rapaz que é o dono da casa. Quem quer que tenha sido, sei que não foi o Chase.

“Tudo bem, então.” Digo com um aceno de cabeça.

Os cantos dos olhos dele se enrugam de humor. “Tudo bem, então.” Ele retruca.

Raiva se dissipando, passo por ele, abro a porta da sala de aula e, em seguida, volto e pego a manga de sua camisa jeans larga

e desabotoada para puxá-lo para dentro. “Então não sei se você ouviu os rumores, mas a professora de Cálculo Avançado é um monstro. Há rumores de que ela fica acordada e passa os fins de semana pensando em novas maneiras de nos torturar. Espere os famosos questionários constantes e provas sem piedade.”

Ele parece divertido. “Ok.”

Alguns outros estudantes estão entrando. Macy Stedman acena para mim até que percebe Chase. Então a mão dela se abaixa e seu rosto mostra ansiedade.

“Lizzie, venha aqui.” Ela me chama.

“Lizzie?” Pergunta Chase, com um tom estranho em sua voz.

“É Beth.” Digo a ele. “Elizabeth Jones.”

Há longo e tenso momento de silêncio.

“Elizabeth Jones?” Ele fala.

“Sim. Mas todo mundo me chama de Beth.”

Ele puxa o braço para longe de mim. Minha mão cai para o meu lado. Coro levemente, envergonhada por sua súbita necessidade de ficar longe de mim.

“Você me disse seu sobrenome na outra noite?” Sua voz é baixa e grave. Tenho que me inclinar para escutá-lo.

“Talvez. Não. Provavelmente não.” Eu também não sei o sobrenome dele, percebo. “Por quê? Qual é o seu?”

“Lizzie! Preciso falar com você!” Macy me chama gritando.

“É Beth.” Digo a ela entre os dentes cerrados. “E estarei aí em um segundo.” Viro para Chase, cujo rosto está branco como giz. “Qual é o seu?” Eu repito.

Ele lambe os lábios e dá outro passo para trás. E depois outro. Até que duas mesas estejam entre nós. “Eu sou Charles Donnelly. E sinto muito.”

Com isso, ele se vira e sai da sala de aula.

Charles Donnelly.

Meu estômago se agita. “Pensei que seu nome fosse Chase!” Grito atrás dele.

Macy aparece atrás do meu ombro. “Você está bem? Ele te machucou?”

Viro os olhos perplexos para ela, esperando por alguma ajuda com o que acabei de descobrir. “Aquele era Charles Donnelly?”

“Uh-huh”. Ela balança a cabeça e esfrega a mão no meu braço.

“Eu não o reconheci.” Minha cabeça está cheia. Não consigo parar de piscar.

“Ele mudou muito. A prisão faz isso.” Ela zomba para a porta vazia. “Vamos. Aposto que você está em choque. Não posso acreditar que você tem aulas com ele. A organização do setor administrativo é uma merda. São tão incompetentes.” Ela me leva até a mesa ao lado da dela. “Eu deveria buscar uma água? Ou, hum, uma Coca-Cola, talvez? Vou pegar uma Coca. Volto logo.”

Eu mal a deixo sair porque minha mente ainda está girando sobre o fato de que dormi com Charles Donnelly.

O cara que matou minha irmã.

Mal consigo chegar à lata de lixo antes que meu café suba violentamente pela minha garganta.

6

“Tem certeza que está bem?” Macy pergunta pela milésima vez.

“Sim.” Respondo o mais alegremente possível. O zumbido familiar do refeitório não está me acalmando, como eu esperava. Em vez disso, fico imaginando quantas dessas conversas são sobre mim. Percebi as cabeças virando em minha direção quando entrei.

“Você não ficou no consultório da enfermeira por muito tempo.” Scarlett diz calmamente. “Eu ficaria lá o dia todo.”

“Ele nem deveria estar aqui.” Macy insiste. Por que não está frequentando a Lexington Public ou a Lincoln?”

“O prefeito mora em Grove Heights e fica no distrito escolar da Darling.” Yvonne diz, outra amiga minha.

A voz da razão. Eu dou a ela um pequeno sorriso. Ela franze a testa em troca, como se não fosse permitido sorrir em um momento como esse, por isso olho para baixo, para a minha salada desagradável.

“O prefeito devia matriculá-lo na Lex. Não é lá que todos os delinquentes ficam?” Macy pergunta.

“Houve uma enorme apreensão de drogas no estacionamento no ano passado.” Yvonne confirma. “O quarterback deles foi enviado para o reformatório.”

“Você acha que ele e Charlie ficaram na mesma cela?” Macy pergunta chocada, mas se inclina para frente, com os cotovelos na mesa, ansiosa por mais fofocas.

“Uau. Nunca pensei nisso.” Yvonne diz.

Todas ficam em silêncio contemplando essa possível reviravolta dos acontecimentos. Enfio um pouco de alface murcho na boca e rezo para que mudemos de assunto.

Sou Charles Donnelly. E sinto muito.

Suas palavras ásperas continuam em meus pensamentos e não estou tentando muito pará-las. É como quando você tem uma música presa na cabeça e fica ouvindo-a centenas de vezes até ficar tão cansada que deseja nunca mais escutá-la. Estou me forçando a pensar nas palavras de Chase — não, Charlie — lembrando sua expressão de dor quando percebeu quem eu era. Talvez se eu pensar bastante sobre isso, possa entender o que aconteceu sem sentir vontade de vomitar.

"Ele é... sexy, no entanto, não acha?" Macy fala em voz baixa.

Scarlett engasga. "Oh meu Deus, Macy."

"Só estou dizendo. Ele é gostoso e você estaria mentindo se negasse." Macy faz beicinho, recostando-se na cadeira do refeitório.

Eu me curvo para mais perto da salada e espero que minhas amigas não vejam minhas bochechas avermelhadas. Também o acho gostoso. Sábado à noite, achei que era o rapaz mais bonito que eu já vi. Ainda acho, e isso me deixa ainda mais enjoada. Largo o garfo e tento respirar através da bile que reveste minha garganta.

"Ele não é gostoso. É horrível. Ele matou alguém." Yvonne diz com nojo.

"Não alguém." Scarlett eleva a voz. "A irmã da Lizzie. Ele matou a irmã da Lizzie."

A voz é alta o suficiente para que a conversa na mesa ao lado da nossa pare. Quero me enfiar debaixo da mesa. Pensei que meu pior dia na escola foi aquele em que Michelle Harvey derramou seu suco de maçã no meu colo na terceira série e depois Colin Riley disse a todos que eu fiz xixi na calça. Não, o pior dia na escola foi quando realizaram o velório de Rachel aqui. Esse definitivamente

foi o pior. Eu não chorei e todo mundo me olhava desconfiado. Como se eu tivesse que estar enrolada em uma bola no chão, em coma pela tristeza e incapaz de raciocinar.

Ansiosamente, mudo de assunto. “Então, a lição de casa de cálculos está difícil?” Pergunto a Scarlett.

Felizmente, ela nota minha angústia imediatamente. “Não. Ela só passou cinco problemas e todos foram revisados.”

“Ótimo.”

“Você quer fazer o trabalho hoje à noite?” Questiona. “Podemos fazer por mensagens.”

“Não, acho que vou fazer quando chegar em casa e depois vou para cama. Estou com dor de cabeça.”

“Claro que sim.” Macy fala. Ela deita minha cabeça em seu ombro. “Você deve ficar em casa amanhã também.”

E ficarei, se for o caso.

* * *

Durmo durante as últimas aulas do dia. A notícia se espalha como fogo em pólvora por toda a escola. Eu me lembro do primeiro dia no ensino médio, quando todos sussurravam, ‘Lá vai a irmã da menina morta’.

Coloco os fones de ouvido no minuto em que o sinal toca e escuto a música tão alto que dói. Eu os deixo lá, só tiro quando o ônibus para no ponto onde desço. Cansada, ando até a porta de casa.

Mamãe está esperando lá dentro. Uma expressão de preocupação no rosto e sua postura tensa. Passo a mão trêmula pelo cabelo. Não estou pronta para isso. Nem um pouco.

“Como foi seu o dia?” Ela tenta pegar minha mochila.

Afasto-me dela e guardo a mochila no meu armário no hall. O espaço de Rachel está completamente vazio, é claro. Mamãe o deixa assim, como se Rachel fosse aparecer um dia e precisasse de um lugar para guardar seus casacos e sapatos.

"Como você acha que foi?" Pela preocupação em seus olhos, sei que ela ouviu falar sobre Charlie Donnelly na escola. "Sabia que ele ia estudar na Darling High?"

Ela hesita por um instante e uma onda de raiva surge em mim.

"Oh meu Deus, você já sabia." Acuso. Meus pais sabiam que ele estava de volta à cidade e não conversaram comigo sobre o assunto?

"Desculpe. Quando a enfermeira ligou e disse que você estava doente... Entendo que deveríamos ter falado algo ontem à noite... Foi só... Estávamos muito..." Ela para, incapaz de dizer mais.

Silenciosamente, preencho a lacuna em seu lugar. *Sei que deveríamos ter te avisado que o rapaz que atropelou sua irmã há três anos, agora iria estudar na sua escola, mas estávamos ocupados demais ficando com raiva e derrubando a porta do seu quarto.*

Não digo isso em voz alta porque estou cansada. Cansada do drama, da atenção, da piedade, da preocupação. De tudo. Mantenho a boca fechada e a cabeça baixa. Tiro o tênis e passo por ela. Mamãe se afasta, mas sua angústia me segue como uma nuvem de tempestade.

Paro na escada. "Não é nada. Esqueça."

"É alguma coisa. Oh, Lizzie, sinto muito. Estou preocupada o tempo todo. A cada minuto que você sai de casa, fico pensando no que pode acontecer. E se você também se machucar? Isso não pode acontecer."

Subo as escadas correndo. Preciso chegar ao meu quarto e ficar longe da minha mãe. Quando chego ao quarto, olho surpresa. Esqueci que eles removeram a porta. Eu me viro para ver mamãe atrás de mim. Ela cora de culpa, incapaz de me encarar.

Fechos as mãos, cavando as unhas profundamente, para que minha dor auto infligida me impeça de explodir, dizer coisas que terminarão em uma confusão de gritos.

Em vez disso, desço as escadas e sigo em direção à porta dos fundos.

“Aonde você vai?” Mamãe grita assustada.

Inclino a cabeça contra a moldura da porta de madeira. Existem manchas pretas ao redor da maçaneta. Provavelmente são do meu pai. Seus dedos estão sempre manchados de óleo, graxa ou sujeira. Esfrego o dedo contra uma mancha. Não sai. “Vou lá para fora.” Murmuro. “Para o balanço.”

Não espero mamãe responder, abro a porta e saio. O clima de outono está cortante e fresco. Folhas secas que já caíram são esmagadas sob meu pé enquanto ando e depois começo a correr em direção ao balanço de corda pendurado no canto do nosso terreno.

Papai pendurou esse balanço quando Rachel fez oito anos. Ela se balançou e quebrou o pulso uma semana depois. Mamãe chorou e implorou para que papai o tirasse, mas estranhamente, ele não lhe deu ouvidos. Em troca, não tive permissão para usá-lo sozinha por um ano inteiro depois disso. Mamãe não achava seguro. Apesar dos seus medos, nunca me machuquei no balanço, e agora anos depois, ainda está forte como sempre. Eu sento ali. O sol da tarde beijando o meu rosto. Respiro fundo e impulsiono o balanço com o pé. Quero superar a morte de Rachel, mas aqui nessa casa, nessa cidade, é impossível.

Rachel está em todo lugar. O seu quarto está do mesmo jeito desde a noite em que morreu, exceto que mamãe arrumou a cama. Rachel nunca arrumava a cama. Ela acordava tarde, jogava as

cobertas no chão e corria para o banheiro que compartilhávamos. No primeiro andar, no hall, a mamãe ainda deixa o nome dela escrito em giz branco em seu armário. O piano que só a Rachel tocava ainda está na sala de estar, sendo meticulosamente limpo todos os dias por minha mãe. O balanço de madeira que papai construiu para Rachel ainda está nesse quintal, mesmo que ninguém o use desde que ela morreu. Seu eu entrar no quarto de Rachel, verei seu uniforme de vôlei pendurado atrás da porta. Até a sua escova de dente está na pia do banheiro que usava.

Uma vez perguntei a mamãe o motivo. Ela chorou e se trancou no quarto por uma hora. Papai ficou me encarando o tempo todo. Nunca mais perguntei, mas mamãe depois me disse que assim jamais a esqueceríamos.

Esquecer Rachel? Como? Mesmo se destruísse essa casa e todos os seus pertences, não a esqueceria. Eu não falo nada disso para mamãe. O terapeuta para o qual meus pais me enviaram após a morte de Rachel diz que todo mundo sofre de um jeito e que nenhum está errado. Mas não posso deixar de medir minha tristeza, ou a falta dela, contra minha mãe ou meu pai ou, droga, o pessoal na escola.

Todos esperam que eu reaja de algum jeito, mas só quero ser eu. Saber quem sou. Estou tentando descobrir. É por isso que continuo procurando coisas diferentes. Não me encaixo aqui. Nenhum grupo de Darling parece o certo para mim. Por essa razão fui com Ashleigh na outra noite. E que também dormi com Chase — desculpe, Charlie. Pensei, erroneamente, que descobriria algo sobre mim.

Acho que desvendei. Descobri que faço péssimas escolhas quando se trata de homens.

A vergonha faz cócegas na minha garganta. Engulo, porque na verdade, preciso me dar uma folga nisso. Fazer sexo não é crime. Tenho dezessete anos, a maioria das minhas amigas, inclusive a Scarlett, já perdeu a virgindade. Macy fez sexo pela

primeira vez no primeiro ano, Yvonne quando estava no segundo. Tecnicamente, esperei muito mais tempo do que as minhas amigas.

Mas seu eu tivesse que fazer de novo, daria meia volta e iria embora.

Não é?

Esfrego as mãos no rosto, um gemido suave me faz levantar a cabeça. Pela primeira vez em anos, tenho um sorriso genuíno nos lábios.

Pulo do balanço e ando até a cerca de madeira que separa nosso quintal dos Rennicks. A visão mais bela me cumprimenta, grandes olhos castanhos, um nariz preto e úmido e a língua babada do grande vira-lata preto cuja cabeça está entre duas ripas. Os espaços na cerca são grandes o bastante para Morgan enfiar sua cabeça, mas não para passar todo o corpo.

Gostaria que ele pudesse, no entanto. Adoraria correr no quintal com ele e receber seus beijos caninos. Na verdade, quero que *todos* os cachorros da vizinhança se juntem a nós — Morgan, o yappy terrier do Sr. Edwards e o labradoodle dos Palmers. Seria mil vezes melhor do que ficar aqui pensando no meu fracasso.

“Ei, companheiro.” Cumprimento o cachorro, ajoelhando-me para acariciar seu focinho.

Ele, rapidamente, lambe a minha mão. Parece muito feliz em me ver, isso me dá vontade de chorar. Animais me deixam tristes às vezes. Eles te amam incondicionalmente e profundamente. Mesmo quando são maltratados, já encontrei muitos animais maltratados no abrigo, eles só querem agradar. É doloroso.

“Como foi o seu dia, gracinha?” Pergunto ao Morgan. “Perseguiu muitos esquilos? Encontrou algum graveto? Conte-me tudo.”

Uma risada masculina soa atrás de mim e me levanto surpresa. Quando me viro, espero *vê-lo.*

Só que não é ele.

É Jeff.

7

“Oi, Lizzie.” Jeff sorri para mim e depois para a cabeça peluda que está se enfiando pela cerca. “Cachorro bonito.”

“É sim. E é Beth.” Corrijo automaticamente.

Um sorriso torto aparece. “Certo. Beth. Esqueci. Você já é uma adulta agora.” Ele estende a mão e puxa uma mecha do meu cabelo, algo que ele fazia quando eu tinha catorze anos e sentia uma paixonite pelo namorado da minha irmã.

Tento não corar e falho. “Você esteve fora por um tempo.” Digo para esconder meu constrangimento. Volto para o balanço e me sento.

Seu sorriso torto se transforma em um completo. Ele não parece diferente de quando deixou Darling há dois anos. Ainda tem o maxilar quadrado e olhos escuros que enrugam nas laterais quando sorri. Minha irmã achava Jeff o garoto mais lindo do mundo. Eu não discordo.

“Dois anos.” Ele confirma. “Mas Darling não mudou nada, não é? As mesmas lojas, ruas e pessoas.”

“Sim.”

“Eu gosto.” Ele limpa uma sujeira inexistente em sua calça jeans. “Tudo no exterior é estranho e diferente, mas Darling é a mesma. É por isso que sempre queremos voltar para casa.”

“É mesmo? Você está com sotaque.” Provoco.

Jeff pega a corda e gentilmente me puxa para frente. “Difícil não ficar, já que passei dois anos lá, mas perderei com o tempo.”

“Você sente falta da Inglaterra? Eu gostaria de visitá-la um dia.”

“Você gostaria?” Ele sorri. “Acho que não iria gostar. Você foi criada para viver em uma cidade pequena da América, Lizzie. Isso serve para você. Não faz sentido ir embora daqui. Tem tudo o que precisa. Pessoas que você ama e que te amam também. Lá fora, ninguém conhece ou entende você.”

“Jantar!” Mamãe grita pela porta dos fundos.

“Ótimo. Estou faminto.” Jeff acena com a mão em direção a minha mãe para que saiba que a ouvimos. “Vamos.”

“Vai ficar?” Arrasto meus pés no chão para parar o balanço.

“Sim. Sinto saudades da carne assada que sua mãe faz. Não se come isso no Reino Unido. A carne não é a mesma, sabia?”

“Eles não são famosos por causa das vacas? Eu li isso em algum site na internet.”

Ele coloca um braço em volta dos meus ombros. “Não te ensinaram na quinta série que 75% do que está na internet é lixo? Vai confiar em mim, seu velho amigo Jeffrey, ou em alguma besteira online?”

“Em você.”

“Está certa.” Ele me aperta.

Seu braço parece estranho em volta dos meus ombros. Não pertence a esse lugar. É o namorado da Rachel. Ele deveria estar com os braços em volta dos ombros dela.

O jantar é menos confuso do que pensei. Meus pais amam Jeffrey e estão felizes por ele estar de volta à mesa.

“É como nos velhos tempos.” Mamãe suspira.

"Só é melhor porque estamos mais velhos, Lizzie está mais bonita e eu tenho malhado." Jeff flexiona os braços e mamãe sorri de suas brincadeiras.

Papai resmunga algo em concordância.

"Como estão as vendas na loja?" Jeff pergunta ao meu pai. "Ouvi dizer que talvez abra uma loja de materiais em Lincoln, portanto alguma concorrência pode surgir, não é?"

Lincoln é uma cidade a vinte minutos a leste de Darling.

"Eles dizem isso há anos e nunca aconteceu. E mesmo que aconteça, não estou preocupado. Aquele povo dos hipermercados não sabe a diferença entre uma chave Allen e uma chave Phillips, filho. Enquanto continuarem empregando rapazes ignorantes, o pessoal daqui sempre comprará comigo."

Jeff e meu pai conversam mais um pouco sobre a loja e, em seguida, Jeff nos conta sobre o apartamento dos avós na Inglaterra, só que ele chama de flat e seu sotaque me incomoda um pouco, mas não sei explicar o motivo. Claro que você aprende certas palavras e costumes quando mora em outro país por dois anos.

Não é o Jeff, acho. Estou no limite pelo que aconteceu hoje. Ver Chase na escola. Descobrir que Chase não é Chase. Seu nome é Charles. Charlie. O rapaz que, em minha casa, é visto como um vilão. Um assassino.

Sou Charles Donnelly. E sinto muito.

Enquanto mexo na comida, espalhando o purê de batatas no prato, meus pensamentos ficam à deriva. Tento me lembrar do que sei sobre Charlie. Ele só aparecia nas férias. Tanto quanto me recordo. Seus pais eram divorciados, ele visitava a mãe em Darling durante o verão e morava com seu pai nos outros meses. Seu pai mora em Springfield, ou Bloomington ou algo assim. Definitivamente uma cidade, mas não me lembro qual. Só sei disso porque meus pais me contaram. Nunca conheci Charlie antes de sábado à noite.

Enfio um pouco de purê na boca e mastigo rapidamente. Acho que Rachel também nunca o conheceu. Charlie era um estranho. Um adolescente que veio ficar com a mãe nas férias, roubou um carro, saiu para um passeio divertido e atropelou minha irmã.

Mais uma vez, só conheço esses detalhes por causa dos meus pais. Eu não tinha permissão para ler os jornais depois do acidente. Não houve julgamento. Nenhuma confusão na mídia. Meus pais me protegeram de tudo. Charlie aceitou um acordo e foi para a detenção juvenil. Foi tudo muito limpo e organizado.

Exceto que deixou minha família uma bagunça. Em pedaços. E, ironicamente, Chase não foi o único que acabou na prisão. Eu bufo com esse pensamento e todo mundo olha para mim.

“Desculpe.” Murmuro, olhando para o prato. “Só estava pensando em... algo engraçado.”

O tom da voz do meu pai é de desaprovação. “Não há nada de engraçado sobre o que estamos conversando, Elizabeth.”

O que eles *estão* conversando? Eu estava completamente desligada. Quando levanto a cabeça, vejo três expressões zangadas me encarando.

“De qualquer forma.” Jeff diz, continuando de onde tinha parado. “Também discordo da decisão do governo de deixá-lo frequentar a Darling High.”

Minha pulsação dispara um pouco. Estão falando sobre Chase.

Papai concorda. “Estamos planejando expressar esse sentimento quando encontrarmos com o conselho escolar.”

Olho para meu pai. “O quê? Por que vai se encontrar com o conselho?”

“Porque é necessário. Precisam saber que não aceitamos que o *rapaz* seja autorizado a voltar para a comunidade. Eu não dou a

mínima – uma porcaria", meu pai diz apressadamente, "com quem a mãe dele é casada hoje em dia. Ele não deveria frequentar a mesma escola que a minha filha, que minha..." A voz do papai fica mais alta. "... minha filha sobrevivente!"

Eu me encolho. É assim que pensam de mim? Como sua 'filha sobrevivente'?

Levanto, raspando a cadeira no chão. "Posso me retirar?" Eu murmuro baixinho.

"Não." Papai responde. "Temos um convidado, Lizzie."

"Agora é Beth." Desta vez, é Jeff quem corrige.

Agradeço a ele apenas com o olhar.

"E eu provavelmente deveria ir embora de qualquer maneira." Jeff continua, mesmo que sua comida esteja pela metade. "Ainda tenho uma tonelada de coisa para arrumar em casa."

"Diga à sua mãe que ligarei amanhã." Minha mãe fala. "Adoraria conversar com ela e seu pai."

"Eles adorariam também. Talvez possamos fazer um churrasco neste fim de semana, enquanto o tempo ainda está bom. Como nos velhos tempos." Jeff fala, piscando para minha mãe.

"Acho essa ideia adorável. Lizzie, por que não leva Jeff até a porta? E depois pode ir para seu quarto."

Não agradeço a ela por isso, mas sim ao Jeff quando estamos no corredor. "Obrigada por me apoiar com a coisa do nome. Eles se recusam a me chamar de qualquer outra coisa que não seja Lizzie." Respiro fundo. "E me desculpe se achou que eu estava tentando fugir de você. Eu só... não estou com clima para reunião familiar."

Ele concorda. "Entendi. Meu humor se foi muito rápido quando vi aquele assassino na escola hoje."

A culpa me atinge e, de repente, rezo para que ninguém na festa tenha me visto entrar no quarto com Chase. Que ninguém tenha nos visto sair horas depois com as roupas desarrumadas.

Isso jamais aconteceu. Talvez se continuar dizendo isso, várias vezes, realmente consiga esquecer.

"Mas não se preocupe." A voz de Jeff soa ameaçadora. "Ele não vai se safar pelo que fez conosco."

Eu o olho cautelosamente. "O que você que dizer?"

"Quero dizer que ele não vai se safar." Com os olhos castanhos brilhando de coragem, Jeff me puxa em um abraço apertado. "Ele levou a pessoa mais importante da minha vida, das nossas vidas. Confie em mim, ele pagará por isso."

"Ele pagou pelo o que aconteceu." Falo, mas minha voz sai fraca e trêmula, dificilmente uma objeção firme.

"Três anos no reformatório?" Jeff questiona. Ele ainda está me abraçando, sua respiração quente contra minha bochecha a cada palavra furiosa. "Você acha que três anos compensa a perda de uma vida? Ele matou uma pessoa."

"Foi um acidente." Sussurro. "Ele não a atropelou de propósito."

"Isso não a torna menos morta agora, não é?"

O veneno em seu tom de voz me faz estremecer. Engolindo em seco, saio de seu abraço. "Vejo você na escola amanhã. Estou feliz que voltou, Jeff."

A raiva em seus olhos diminui, substituída por um pouco de alegria. "Estou feliz por ter voltado também."

Fecho e tranco a porta quando ele vai embora e depois corro para o meu quarto. Outra vez, a falta de uma porta me deixa chateada. A frustração me faz andar com mais força do que o necessário. Meu quarto fica logo acima da sala de jantar e sorrio

com uma satisfação sombria ao pensar que meus pais estão escutando meus passos de raiva batendo no teto.

Eles podem ter tirado meu telefone, mas ainda tenho o computador e uma conexão com a internet. Pelo que sei, eles invadiram meu computador e colocaram vários programas espiões e restrições de acesso, mas não me importo. Tenho certeza que meus pais não tirariam o computador. Preciso dele para fazer os trabalhos escolares e a escola é muito importante para meus pais.

Sento na cama e abro uma página de busca na internet. Não demora muito para descobrir tudo o que posso sobre Chase e não é muito mais do que eu já sabia. Ele se declarou culpado de homicídio culposo. Como era menor de idade, foi condenado a três anos em um centro penitenciário juvenil em Kewanee. Ouvi dizer que foi uma sentença severa porque a maioria desses casos recebe apenas liberdade condicional. Chase, quero dizer Charlie, começou a cumprir sua condenação quando tinha dezesseis anos. Então, ele deve ter dezenove anos atualmente.

A única informação valiosa que descubro é sua foto. Todos os jornais publicaram uma foto de Charles Donnelly e o garoto nessas páginas não se parece com o rapaz que conheci na festa.

Por isso eu não o reconheci. Naquela época, seu cabelo era curto, completamente bagunçado. Suas feições eram mais suaves, quase um rosto de bebê. Ele não tinha barba. Seus lábios eram mais cheios, considerando que agora estão mais finos, conformados.

Passo o dedo pela tela do computador, traçando os lábios de Charlie. Ele se arrepende do que fez? Gostaria de nunca ter roubado aquele carro? De ter dirigido acima do limite de velocidade? De ter atropelado minha irmã mais velha e mandá-la voando para a calçada?

O pensamento horrível traz bile à minha garganta, mas nem por isso quero pegar a carroça, erguer as foices e marchar para a casa de Chase com uma multidão violenta.

Na verdade, quero falar com ele. Se meu telefone estivesse comigo, tentaria o número que ele me deu e... E o quê? Enviaria uma mensagem para ele? Ligaria? O que diabos eu diria ao rapaz que atropelou minha irmã?

Ding.

A tela de mensagens instantâneas surge com o barulho de um toque. É a Scarlett. Olho para a porta inexistente. Felizmente meus pais não estão à espreita. Silencio o volume da janela de bate-papo e leio a mensagem de Scar.

Você está aí?

Sim. Rapidamente digito em resposta. *Meus pais não tiraram meu computador.*

Oh! Perfeito! Isso é tão bom quanto mandar mensagens pelo telefone.

Sim.

Não acredito que seus pais não lhe contaram sobre a volta do CD.

Estavam muito ocupados retirando minha porta.

O QUÊ? Brincadeira, certo?

Nem um pouco. Espera um pouco.

Pego o computador e o viro para que a webcam esteja na direção da porta. Tiro uma foto, carrego na tela de mensagens e a envio. A resposta de Scarlett é rápida e em choque.

Ah Meu Deus! Eles não fizeram isso!

Oh fizeram sim.

Escuto passos suaves ecoando na escada e xingamentos baixinhos.

Maravilha.

Tenho que ir. Digito para Scarlett. *Tchau*.

Minimizo a tela de bate-papo ao mesmo tempo em que mamãe aparece no quarto.

“Podemos conversar?” Ela pergunta calmamente.

“Estou fazendo a lição de casa.” Respondo brevemente.

“Lizzie.”

“Beth.”

Ela suspira. “Beth.”

Finjo estar focada no computador. Mamãe não está vendo, portanto não faz ideia de que estou apenas olhando para uma foto minha, Macy e Scarlett no lago no verão passado. Mas ela também não sai. Vejo seu corpo esbelto pelo canto do olho.

Ela fica lá parada, em silêncio, pacientemente, até que finalmente solto um gemido alto e digo: “Tudo bem. Fale.”

Mamãe entra no quarto e senta na cadeira. Fecho o computador e espero ela falar algo.

Ela começa com: “Seu pai e eu estamos preocupados.”

Não consigo para de resmungar. “Qual a novidade?”

“Beth.” Ela me repreende.

“Desculpa.”

“Estamos preocupados que o rapaz possa assediar ou perturbar você na escola.”

Olho para ela. “Por que ele iria me assediar?”

“Porque você é um lembrete do que ele fez com nossa família e para essa cidade. As pessoas não gostam de serem lembradas de seus erros. E como resultado disso, podem atacar.” Ela estreita os lábios. “Não quero aquele rapaz perto de você, Lizz — Beth.”

Apesar da raiva, me acalmo um pouco porque aprecio o esforço que mamãe está fazendo para me chamar de Beth. Ela está tentando. Mais do que papai está disposto.

"Eu e seu pai tentaremos tirá-lo da escola, mas não prometo que teremos sucesso."

Arqueio uma sobrancelha. Mamãe está falando como se eu tivesse pedido para eles fazerem isso. O que não aconteceu. "Não estou pedindo nada para vocês. Eu não me importo se ele estuda na mesma escola que eu."

"O fato de você ter visto o garoto hoje, te deixou enjoada!" Mamãe está visivelmente magoada. "Ele é uma ameaça à sua saúde mental e seu bem-estar e juro que faremos o que pudermos. Mas, se fracassarmos, prometa que ficará longe dele."

Uma risada histérica me sufoca. *Tarde demais, mãe.*

"Não vamos deixá-lo machucar você ou a nossa família de novo." Ela fala, a ferocidade em seu tom me assusta. "*Não* vou permitir. Ele já me tirou uma filha e..." Sua voz trava e mamãe respira profundamente.

A dor em seus olhos desaparece quanto mais convicção tenho. Nós costumávamos ser próximas. Quando eu era criança, mamãe me levava para passear uma vez por mês, só eu e ela. Acho que era a sua maneira de me mostrar que me amava tanto quanto a Rachel, mesmo que no fundo eu soubesse que Rachel era sua favorita. Rachel também era a favorita do papai. Acho que o filho primogênito sempre é. Porém, não me incomodava em não ser a favorita deles. Pelo menos quando Rachel estava viva, eu tinha pais que me amavam.

Sinto falta disso.

"Ele não vai me machucar, mãe."

Ela não me escuta. "O que você disse ontem. Sobre... sobre aqui ser uma prisão." Mamãe olha para mim. Há muita angústia

em seus olhos. “Esta casa não é uma prisão, Beth. É um porto seguro. O único lugar onde você está realmente segura. Onde nada pode machucá-la.”

Eu a encaro. De verdade? *Estou* sofrendo nessa casa. Eles estão me sufocando com seus medos. Arrancaram minha porta, minha privacidade.

Mamãe está delirando se acha que me sinto segura aqui.

Tão iludida quanto eu, achando que posso fingir que não dormi com o garoto que matou minha irmã.

8

Na manhã seguinte, encontro Scarlett e Jeff me esperando no meu armário da escola. Scar rapidamente me abraça e resmunga: “É uma merda você estar sem telefone.”

“Eu sei.” Digo com tristeza.

“Seu pai disse que o confiscou porque você foi escondida a uma festa?” Jeff pergunta.

Estreito os olhos para ele. Não me lembro dessa conversa durante o jantar de ontem. “Quando ele te contou isso?”

“Hoje de manhã. Parei na loja de ferragens para dizer olá antes da escola.”

Suas palavras me incomodam um pouco, mas não sei explicar o porquê. Jeff ficava em nossa casa o tempo todo quando namorava a Rachel. Praticamente morava lá. Mas faz muito tempo que ninguém o vê, e Rachel morreu, portanto essa aproximação com minha família é estranha para mim.

“Onde foi essa festa?” Jeff pressiona por mais detalhes. “Só você e Scar foram?”

“Eu não fui.” Scarlett diz, a traidora. “Beth foi sozinha, com um monte de adolescentes da Lexington Heigths.”

Faço uma careta para Scar e ela encolhe os ombros como se dissesse *eu não sabia que era um segredo.*

“Adolescentes da Lexington?” Jeff diz com uma visível desaprovação. “Todos esses adolescentes da Lex são lixo total, Lizzie. Todo mundo sabe disso.”

“Nem todos.” Respondo em defesa de Ashleigh, Harley e os outros que não foram nada além de bacanas comigo no sábado.

“Eu me diverti.”

“Sim? Fazendo o quê?” Jeff pergunta desconfiado. “Ouvi sobre os tipos de drogas que aparecem nas festas da Lex.”

“Eu não uso drogas.” Digo asperamente.

“Espero que não.”

O julgamento nos olhos de Jeff me irrita. Quem é ele para me julgar? Ele nem me conhece mais. A última vez que me viu, eu tinha a boca cheia de aparelho dentário e um rosto coberto de espinhas. Nunca nem tinha beijado um garoto naquela época.

“De qualquer forma, foi divertido.” Respondo a Jeff e a Scarlett. Fecho meu armário com força e coloco a mochila no braço. “Tenho que ir. Quero falar com meu professor de cálculo antes que o sinal toque. Já estou um dia atrasada porque faltei à aula de ontem.”

Saio antes que eles possam responder, dando um tchau apressado por cima do ombro. A verdade é que eu quero chegar à aula de cálculo mais cedo. Mas não para falar com a professora.

Meu coração bate acelerado enquanto vigio do lado de fora da porta da sala de aula. Adolescentes passam por mim de um lado para o outro no corredor. Alguns entram pela porta que estou observando, outros pelas portas restantes abertas no corredor.

Onde ele está?

A impaciência me faz bater o pé no chão e brincar com a alça da mochila. Procuro por ele no corredor, examinando todos os garotos que se aproximam. Dispenso os de cabelos escuros, os ruivos e de cabelos bagunçados, os com dreadlocks e os de cabeça raspada. Espero no corredor, mesmo depois que o sinal toca, mesmo depois que a porta da sala se fecha.

E, finalmente, minha paciência vale à pena.

Charlie Donnelly aparece no final do corredor. Está usando uma calça cargo e uma camiseta preta, e um olhar atormentado no rosto. Passa a mão pelo cabelo loiro escuro enquanto corre pelo chão de azulejos. Está claramente chateado consigo mesmo por estar atrasado.

Quando ele me vê, tropeça até parar.

“Porra.” Ele murmura.

“Chase.” Digo sem jeito.

Dou um passo para frente e ele dá um passo muito rápido para o lado. Sua mão agarra a maçaneta da porta.

“Estamos atrasados para a aula.” Chase diz, seu tom é tão frio e indiferente que franzo a testa profundamente. Ele nem olha para mim.

“Eu não me importo se estamos atrasados. Preciso falar com você.”

“Não tenho nada para falar.” Ele resmunga.

“Por favor.” Imploro.

Agarro sua mão antes que ele possa girar a maçaneta. Chase se encolhe como se eu o tivesse queimado com ferro quente. Sinto-me enjoada. Alguns dias atrás, ele estava me implorando para tocá-lo. Agora é como se não pudesse me ver, me sentir...

E por que *diabos* eu me importo? Um sentimento de raiva e autorreprovação toma conta de mim. Esse rapaz atropelou minha irmã e foi preso por isso. Dou a mínima se *ele* não está interessado em *mim*.

“Bem, eu tenho algo a dizer.” Resmungo. “E não importa se estamos um minuto ou cinco minutos atrasados, já é tarde. Portanto você pode me dar alguns segundos do seu precioso tempo.”

Chase abaixa as mãos. Ainda está fazendo um esforço muito grande para não olhar para mim. Aqueles olhos azuis focam em um ponto a alguns centímetros acima da minha cabeça. Sinto-me uma idiota por falar olhando para seu queixo, mas falo de qualquer jeito.

“Você está estudando aqui agora.” Digo.

“Você está me perguntando ou só dizendo?” Ele me olha rapidamente antes de afastar o olhar.

“Estou afirmando um fato. Você vai estudar nessa escola agora. Teremos aulas juntos.” Eu, desajeitadamente, apoio a mão na porta atrás de mim. “Então... sim. Já que essa é a situação em que nos encontramos, acho que devemos... esclarecer as coisas.”

Ele me olha espantado. “Esclarecer as coisas.” Chase sufoca um gemido. “Eu...” Ele afasta o olhar de novo. “Você é irmã de Rachel Jones.”

Meu coração aperta. “Sim.”

“Portanto não há coisas para esclarecer, Elizabeth.”

“É Beth.”

Ele me ignora. “Afaste-se da porta.”

“Não.” Teimosamente planto os pés no chão e cruzo os braços. “Você não pode fingir que eu não existo. Não pode fingir que nós não...”

“Cale a boca.” Ele fala.

Eu arregalo os olhos.

Quase instantaneamente, suas feições se transformam em angústia. “Desculpe por perder a calma.” Ele diz bruscamente. “E me desculpe pela outra noite...” Ele para, e percebo que a emoção sombria surgindo em seus olhos não é remorso.

É vergonha. Chase também tem vergonha do que fizemos.

"Você se arrepende." Murmuro.

Desta vez, ele olha diretamente para mim e não vacila.

"Sim."

Não consigo explicar o sentimento de mágoa que me atinge. "Porque sou irmã dela?" Preciso perguntar. Minha voz treme descontroladamente com cada palavra.

"Sim." Chase diz outra vez.

Isso me faz pensar. "Mas se eu não fosse irmã dela..." Respiro com dificuldade. "Você estaria arrependido?"

Ele me olha por um longo minuto, aqueles olhos azuis vagando pelo meu rosto, depois se afastam. "Não." Finalmente admite.

É a minha vez de sentir vergonha. Essa pequena sílaba, *não,* traz um instante de alívio, uma centelha de felicidade. Náusea queima minha garganta e quero vomitar a minha resposta a esse garoto.

Enquanto fico imóvel, Chase gentilmente me empurra e abre a porta da sala de aula. Ele entra sem dizer mais nada. Eu me viro e vejo suas costas largas conforme anda até sua mesa. Ele senta em sua cadeira e olha para frente.

Na frente da sala, a Sra. Russell está falando sobre Práticas de Matemática para o cálculo avançado, ou MPACS, que ditará nossos estudos neste semestre. Ela me nota na porta e uma leve careta enruga os lábios. Olha para Chase, depois para mim e diz: "Beth, porque não se senta? Tem uma cadeira vazia ali atrás." Vulgo, o mais longe possível de Chase.

Entro na sala de aula, fazendo um esforço tremendo para não olhar para ele. Nossa conversa foi muito curta. Tenho mais a dizer a ele. Não sei bem o quê, mas sei uma coisa. Chase e eu temos negócios inacabados.

Verifico o relógio. Nossa próxima aula juntos é História Musical. Isso me dá algumas horas para pensar. Mesmo uma pedra pode ser desgastada por um gotejamento de água constante. Muito bem, cuidado. Aí vem uma inundação.

9

Não passo um bilhete desde a quarta série e foi para Scarlett perguntando se ela queria saber como andar de skate. Eu assisti a um vídeo de algumas meninas no Afeganistão no YouTube e queria ser tão descolada quanto elas. Scarlett respondeu que não.

Nós precisamos conversar. Encontre-me na minha casa. Meia-noite, rabisco enquanto Dvořák fala sobre os brancos mortos que vamos estudar em História Musical. *Vou escapar para te encontrar.*

Eh. Apago a última parte. Ele não precisa saber dessa parte. Além disso, é meio óbvio. Eu dobro o papel de caderno e olho por cima do ombro. Ele está duas fileiras ao lado e uma fila atrás, olhando fixamente para o livro. Como posso conseguir sua atenção sem criar um espetáculo?

Tusso levemente.

"Você está bem?" Scarlett me entrega uma garrafa de água, mas Chase não se mexe.

Respondo que sim. Bato meu lápis na mesa. Dvořák faz uma pausa no meio da frase. Coloco o lápis na mesa. Ainda nada do menino de preto. Não é meio clichê ele usar preto? Está tentando anunciar que é um cara mau? Ele tem um *registro criminal* e todo mundo sabe disso. Poderia usar branco todos os dias e metade da escola ainda iria escolhê-lo como um protagonista vilão em qualquer peça da escola.

Eu me mexo na cadeira, tentando fazê-la guinchar.

"Senhorita Jones, precisa usar o banheiro?" Pergunta Dvořák. "Então, por favor, chega de fazer ruídos de fundo, tudo bem?"

Eu poderia morrer de constrangimento. "Sim, senhora."

Meu olhar se dirige para Chase novamente, só que desta vez eu não sou muito dissimulada sobre isso porque a Sra. Dvořák percebe.

“Ah!” Ela diz. Sra. Dvořák estala sua língua com simpatia. Batendo os nós dos dedos na mesa, ela grita: “Sr. Donnelly.”

Sua cabeça levanta. “Sim, senhora?”

“Por favor, vá se sentar no corredor. Você está perturbando a classe.” Seu rosto gordo e amigável fica sem expressão.

O quê? Eu me endireito e levanto a mão para indicar com um movimento que estou bem. Alguns garotos nos fundos bufam e gargalham.

“Sr. Donnelly. Ouviu?”

Todo mundo está olhando para ele agora. Alguém joga um pedaço de papel amassado nele. Ele não recua, mas há um rubor vermelho subindo pelo seu pescoço. Silenciosamente, Chase recolhe seus livros e fica de pé.

Os sussurros crescem, como uma onda, empurrando suas costas. Um dos jogadores de futebol proclama em voz alta que esse dia está sendo *de matar*. Toda a sala de aula explode em gargalhadas. Até mesmo os lábios de Dvořák se contraem.

Eu acompanho o andar de Chase com horror. Os músculos de um braço definido se flexionam quando ele gira a maçaneta da porta.

A porta se fecha suavemente atrás dele e os sons de risada muito altos.

“Deus, eu não posso acreditar que ele pode frequentar essa escola.” Scarlett diz.

“Não sei por que ele gostaria de vir para cá.” Respondo. Eu queria rastejar para debaixo da minha mesa mais cedo, mas o que quer que esteja passando, não posso nem começar a comparar com a humilhação de Chase.

Mas por que estou simpatizando com ele, caramba? Eu deveria odiá-lo, assim como todo mundo o odeia. Eu deveria me sentir *mal* por ter permitido que ele me tocasse.

Talvez eu não deva odiá-lo, então. Talvez eu deva *me* odiar.

Solto um gemido, angustiada, fazendo com que Scar me olhe. “Você está bem?” Ela pergunta.

Não estou bem. De jeito nenhum. Mas consigo afirmar com a cabeça.

“Você viu como ele saiu daqui? Toda a arrogância e merda. Como se estivesse orgulhoso do que fez. É nojento.” O rosto da minha amiga franze como se tivesse cheirado um dos infames peidos de Allyn Todd.

“Sim.” Falo vagamente. Ele não parecia intimidado de jeito nenhum, nem pelos outros alunos, nem pela professora, nem mesmo por mim. Há algo de intrigante nisso. É o que me disse antes, quando eu só o conhecia como Chase, um cara gostoso qualquer em uma festa que me deu atenção quando eu precisei.

A Sra. Dvořák chama atenção da classe e continua sua aula, mas minha atenção está dispersa. Eu não deveria ter os mesmos sentimentos que Scarlett? Não deveria estar brava com esse garoto? Estar horrorizada que tenho que respirar o mesmo ar, sentar na mesma classe? O que há de errado comigo que não estou me sentindo assim?

Por que me sinto como se fossem meus colegas de classe e a Sra. Dvořák o problema aqui e não o Chase? Eu esperava que a turma se levantasse e gritasse “Vergonha” como na cena de *Game of Thrones*. E isso não me cai muito bem.

Já se passaram três anos desde que Rachel morreu, mas ninguém quer que eu deixe para trás.

Depois que o sinal toca, fico na minha mesa até a Sra. Dvořák me notar.

“Tem algo que eu possa fazer por você, Elizabeth?”

Recolho minhas coisas e ando até a frente. “Sobre Charlie...”

“Eu não posso expulsá-lo da aula todos os dias.” Ela interrompe. ”Você terá que falar com o diretor sobre isso.”

“Eu sei. Eu... na verdade não estou incomodada com ele.”

“Você não precisa dizer isso. Não estou muito feliz em ter que ensiná-lo também.”

Luto por um argumento que ela vá acreditar. ”Minha família acredita em perdão.” Eu minto. “Que olho por olho deixa todo mundo cego. Esse tipo de coisas.”

O rosto de Dvořák se suaviza. “Isso é muito generoso da sua parte.” Ela se inclina para frente e me dá um tapinha no ombro. “Eu farei o que puder para minimizar sua perturbação. Suponho que possa pedir ao diretor Geary para ele ser transferido para outra classe. Se ele precisa de um crédito de artes, pode fazer alguma outra coisa.”

Minha boca se abre ligeiramente. Ela totalmente confundiu minhas tentativas de suavizar as coisas como uma queixa disfarçada.

“Ele não é uma perturbação.” Repito.

“Você nem sempre tem que ser corajosa, Elizabeth. Eu vou ver o que posso fazer, tudo bem? Agora, é melhor você ir, assim não vai se atrasar para a sua próxima aula.” Ela me dá outro tapinha distraído e condescendente.

Frustrada, saio da sala de aula de Dvořák pisando duro e vou caçar Chase, o bilhete que lhe escrevi com firmeza na mão. Claro, ele não é facilmente encontrado. Ando até os armários, mas há tantas pessoas ao redor que não posso deslizar o bilhete em seu armário sem ser vista.

Ou posso? Quem disse que eu não devo falar com ele?

“Lizzie! Você está bem?” Macy está com os braços em volta de mim. “Ouvi dizer que o *criminoso* estava incomodando você na aula de Dvořák. Que horrível. Esta escola é a pior.”

"É Beth." Murmuro, mas ninguém está me ouvindo.

"Você me avisa se ele estiver te incomodando e nós vamos lhe ensinar uma lição." Isto vem de Troy Kendall, um jogador de futebol com quem nunca troquei mais de duas palavras.

"Devemos dar-lhe uma lição de qualquer maneira." Diz outro atleta de pescoço grosso.

"Fale com seus pais." Murmura Yvonnecao meu lado. "Eles vão consertar isso. Poderia colocar algo no jornal, reunir apoio público para você."

Com frio na barriga, amasso o bilhete na minha mão. Quem disse que eu não deveria falar com ele?

Apenas todo mundo.

* * *

Chego em casa depois de quarenta e cinco minutos de ônibus. Eu odeio o ônibus. Detesto com o calor de mil sóis de fogo. Cheira como uma mistura rançosa de suor, gás e lixo. Os assentos parecem que tiveram mil alunos do ensino médio cuspindo neles e depois esfregaram suas bundas sujas por todo o estofado. E é acidentado como o inferno. Eu me sinto mal do estômago no momento em que a viagem acaba.

Ninguém está em casa quando entro. Mamãe está no trabalho e papai está na loja. Normalmente eu estaria no Ice Cream Shoppe, mas fui afastada do trabalho. Perder o dinheiro do meu trabalho de tempo parcial é uma merda. Além disso, preciso economizar para as taxas de inscrição da faculdade.

Não ser capaz de trabalhar como voluntária na clínica de animais? Não tem como suportar. Eu deveria estar lá neste fim de semana e já estou planejando abordar o assunto novamente na sexta-feira. Talvez mamãe e papai estejam dispostos a deixar que eu mantenha pelo menos um turno.

Deixo cair minhas coisas na entrada, não me importando que um dos meus cadernos caia no espaço de Rachel. Ela não está aqui afinal de contas. Se estivesse, gritaria comigo.

*Pare de ser tão desleixada! E*la diria. *Esta é a minha parte e essa é sua.* E depois ela empurraria minhas coisas no chão.

Certa vez, quando estávamos indo para a casa da vovó, ela não queria dividir o assento comigo e me obrigou a sentar no chão. Deus, Rachel sabia ser malvada às vezes. Será que ninguém se lembra disso? Se você perguntar a meus pais, Rachel falava a língua dos unicórnios e vomitava um arco-íris. Ela era um anjo maravilhoso e perfeito.

Isso não é verdade, no entanto. Rachel era incrível às vezes e malcriada em outros momentos. Ela tinha suas falhas, apenas como todos os outros.

Eu ando pela casa, parando no piano. A fita washi que Rachel pregou no piano caro está descascando nos cantos. Eu puxo uma tira e, em seguida, ficando olhando a lasca. Certa vez, os faxineiros moveram uma pequena bandeja da mesinha de cabeceira no quarto de Rachel e a deixaram sobre a escrivaninha. Mamãe gritou com eles ao telefone por mais de uma hora. Eles não limpam mais o quarto de Rachel. Só a mãe faz isso.

Eu substituo a fita.

E me pergunto como meus pais sabem que estou em casa. Mãe normalmente não sai do trabalho até as cinco, ela é uma contadora de uma imobiliária. Papai pode voltar para casa a qualquer momento se Kirk, seu empregado de meio período, estiver trabalhando. Mas é quarta-feira. Kirk não trabalha às quartas-feiras, o que significa que papai estará na loja até o fechamento.

São quatro horas. Mamãe não estará de volta até as seis. Papai, só mais tarde. Isso me dá cerca de duas horas para tentar rastrear Chase. A mãe dele é casada com o prefeito, então será fácil descobrir onde eles moram. Se eu tivesse meu telefone, ligaria para ele, mas...

Uma ideia surge na minha cabeça. Vou direto para o escritório do papai e olho a mesa dele.

Meu telefone está nessa mesa. É a única da casa que tem gavetas que trancam. Se eu fosse confiscar um telefone, seria ali que o esconderia.

Sento na cadeira do papai e testo o puxador da gaveta. Trancada, claro. Eu suspiro e ligo seu computador.

O quarto vídeo do YouTube me fornece instruções bastante explícitas sobre como abrir a gaveta.

Incrível o que você pode fazer com suprimentos de escritório. Eu fico olhando com satisfação para a gaveta aberta. Tirando meu telefone, coloco-o em minhas mãos como um bebê precioso.

O número de Chase está lá no meu aplicativo de anotações. Meu coração bate enquanto abro uma nova caixa de mensagem e digito um texto rápido.

Encontre-me à meia noite. Minha casa. Há um balanço no quintal, vou esperar por você.

Envio o endereço e, em seguida, tamborilo os dedos contra a mesa enquanto espero. E espero. E espero. Trinta minutos se passam. Ele nem leu a maldita mensagem.

Aproveito o tempo e limpo o histórico do navegador no computador do papai e fecho a gaveta com força. O telefone, levo comigo. Vou colocá-lo de volta antes que mamãe e papai cheguem em casa, mas não há pressa agora.

Vou para o banheiro do corredor, o único cômodo no andar de cima em que posso me sentar e que tem uma porta. Coloco o assento do vaso sanitário para baixo e espero Chase responder. Depois de mais alguns minutos intermináveis, envio outra mensagem.

Vou ligar para você em cinco minutos se não responder.

A bolha de resposta imediatamente aparece.

No trabalho. Desculpe, sem encontros.

Ah não. Ele está me dando o fora.

Eu olho para a tela com frustração. Tenho que falar com ele. Não me importo que ele não queira, eu preciso disso. O que fizemos na festa ... Ele é a única outra pessoa que sabe, a única pessoa com quem posso conversar sobre isso. Eu não me importo com o que tenho que fazer para que ele fale comigo. E farei qualquer coisa.

Então mesmo que me deixa doente do estômago, eu me forço a digitar duas palavras.

Estou atrasada.

???

Minha menstruação. Deveria ter descido ontem.

Há um momento prolongado de silêncio.

Te vejo à meia noite

Sinto-me um pouco culpada por mentir para ele, mas não tão culpada quanto me sinto por perder minha virgindade com Charles Donnelly.

Apago nossa troca de mensagens, corro até o escritório do papai e coloco o telefone de volta em seu esconderijo. Não consigo descobrir como travar a gaveta, então deixo assim, esperando que meu pai pense que a esqueceu destrancada.

Mamãe chega em casa às cinco e meia, trazendo burritos para o jantar. Papai chega logo depois, como planejado. Nós nos sentamos para comer. Mamãe faz perguntas. Eu me recuso a responder. Papai faz grunhidos infelizes. Assim que o jantar acaba, fujo para o lado de fora, para balançar até a noite cair e mamãe me chama para entrar.

Tiro minhas roupas no banheiro porque o meu quarto não tem privacidade. Quando estou na cama, coloco leggings debaixo das cobertas, junto com um moletom da Darling. Depois me deito de

lado com uma cópia do *The Great Gatsby* , que estamos lendo para as aulas de Literatura.

As horas se arrastam. O tempo se move mais devagar do que um caracol atravessando uma rocha. Gatsby continua olhando para o final da doca na luz verde, esperando por *sua* luz verde. Eu gostaria do meu próprio sinal. E continuo lendo até que, finalmente, são cinco para meia-noite.

Saio da cama e ando pelo corredor em direção às escadas. As luzes estão todas apagadas. O ronco do meu pai pode ser ouvido na cozinha. A trava da porta dos fundos faz um som excessivamente alto quando a giro para a posição aberta. Congelo por um momento. Não ouvindo nada, abro a porta e corro para fora.

Quando chego ao balanço, meu coração está batendo a mil e seiscentos quilômetros por minuto, mas não há ninguém lá. O balanço está vazio. A noite está quieta. Eu nem sequer ouço grilos ou cigarras. Giro em um círculo e não vejo nada.

O desapontamento me esmaga. Ele não veio. Eu tinha muito a dizer e ele não veio!

“Argghhhhhh!” Grito baixinho, mãos em punhos ao meu lado. Com raiva, chuto a grama. Foda-se. Foda-se ele. Fodam-se meus pais. Foda-se a escola. Foda-se tudo.

“Você é meio mimada às vezes, sabe?” Diz uma voz perto da árvore.

Eu giro em direção ao som e vejo uma forma escura se afastar das sombras.

“Chase?”

“Sim. Sou eu.”

Ele caminha para frente em um feixe de luz do luar. Minha respiração trava. Ele parece um anjo caído, brilhando na luz da noite.

“Você está atrasado.” Consigo dizer.

“Essa é a minha fala.” Ele responde sombriamente. “Você foi ao médico? Tem algum que você possa ir?”

A vergonha aperta minha garganta. “Oh. Eu...” Engulo em seco. “Eu menti sobre isso. Eu sinto muito. Realmente sinto, mas era o único jeito de te trazer aqui.”

“Certo.” Ele olha para longe, mostrando seu maxilar perfeito. O pouquinho de barba por fazer cintila onde o luar o toca. Então ele fala: “Eu tenho certeza agora. Você é muito mimada.”

Ele começa a ir embora.

Entro em pânico e agarro o braço dele. ”Por favor, espere. Nós precisamos conversar.”

“Sobre o quê?” Ele dá de ombros. “O que aconteceu na festa? Nós dois sabemos que foi um erro. Se eu soubesse...” Ele se interrompe. Limpa a garganta e continua. “Se eu te conhecesse como Elizabeth Jones, nunca teria tocado em você.”

Meu coração aperta com força. “Por quê? Por que isso importa?”

Ele inclina a cabeça. “Você odiava sua irmã ou algo assim?”

Suas palavras me atingem no estômago. Eu tropeço para trás, piscando de volta as lágrimas quentes. “Eu não a odiava. Por que você diria isso?”

“Porque se o cara que matou a minha irmã estivesse em pé na minha frente, eu não estaria procurando por ele como se quisesse arrancar suas roupas.”

Eu suspiro em choque. “Eu... não quero fazer isso.”

“Sim, você quer.” Ele me avalia da cabeça aos pés com um olhar frio e desdenhoso. “Você acha que é a primeira garota que se jogou em mim desde que saí? Passei três semanas em Springfield depois da minha soltura, fiquei com o meu tio porque o meu pai não quer nada comigo e confie em mim, todas as meninas com

quem cresci, de repente estavam se jogando em cima de mim. Agora sou o bad boy que todo mundo quer domar."

O pai não quer nada com ele? É por isso que ele teve que se mudar para Darling e morar com a mãe? Quero fazer tantas perguntas, mas ele não terminou ainda.

"Cresça, *Beth*. No mundo real, os bad boys são realmente malvados. Eles não são heróis. Não é o máximo ficar com eles. Os problemas da sua vida em casa não serão resolvidos com meu pau. Garotos maus fazem coisas ruins e literalmente arrastam todos ao redor deles para o mesmo buraco. Vá para sua cama e esqueça de mim. Farei o mesmo com você."

Com isso, ele se vira e desaparece na noite, o contorno do seu capuz preto sendo engolido pelo escuro.

10

Na manhã de quinta-feira, apenas cinco minutos depois do início da aula de cálculo, Chase recebe um novo apelido. Troy Kendall, o jogador de futebol da aula de História Musical, chama a atenção ao passar uma planilha produzida por Russell.

“Não se corte, Williams.” Troy diz enquanto passa os papéis para trás. “Manson aqui pode ficar excitado com o cheiro de sangue.” Troy sorri com sua própria piada e troca um high-five com outro atleta.

Metade da sala suspira. A outra metade sorri. Manson, como o serial killer, Charles Manson. Que piada horrível. Não posso deixar de olhar para o Chase para ver como está aceitando isso. Então percebo que todos estão olhando para ele, esperando que reaja. Eu estremeço em solidariedade. Sei o quão desconfortável é ser o centro da atenção de todos, exceto que eu era foco de pena, enquanto ele é motivo de desprezo.

É muito pior para ele.

Nossos olhos se encontram e juro que vejo dor de traição neles. Um monte de coisas, *Até tu Brutus,* está nadando naqueles olhos azuis. Mas o que ele quer que eu faça? Que fique de pé e defenda-o na frente de toda a turma? Ontem à noite ele me mandou crescer. Disse-me para cuidar da minha própria vida, então é isso que vou fazer.

Interrompo o contato visual e viro para frente e me fixo na Sra. Russel. Ela está de costas para a sala de aula. Ou está nos ignorando intencionalmente ou não ouviu o comentário de Troy.

“Manson é o nome perfeito para ele.” Scarlett fala ao meu lado.

“Manson foi um serial killer.” Murmuro.

“Sim, e aposto que Charlie teve mais de um incidente de raiva na estrada.”

“Aquilo não foi raiva na estrada.” Eu digo, sentindo-me subitamente cansada. Por que estou me incomodando em explicar as ações do Chase? Ele deixou perfeitamente claro que não quer nada comigo.

“Eu mal posso esperar para contar isso ao Jeff.” Scar continua como se eu não tivesse sequer falado. Talvez não tenha. Talvez tudo esteja só na minha cabeça.

Com a Sra. Russell não prestando atenção em nós, todo mundo também está falando.

“Você tem um porão em Grove Heights.” Troy diz em voz alta. “Talvez esteja escondendo alguns corpos lá embaixo?”

“Ele morava em Lincoln antes de sua mãe se casar com o prefeito Stanton.” Uma garota lá atrás fala. “Eu li no jornal.”

“Alguém deveria remexer a terra em seu antigo quintal.”

“Meu Deus. Ele deveria ir para a cadeia enquanto isso em vez de ficar aqui conosco.”

“E se tiver mesmo corpos lá? Ele pode ser julgado novamente? E aquela coisa de dupla condenação?”

Eu não aguento mais.

“Cale a boca!” Rujo para os meus colegas de classe.

O silêncio cai sobre a sala. Na frente, a Sra. Russell se vira alarmada.

“Elizabeth.” Ela diz com um tom suave reservado para crianças histéricas. “Por favor, sente-se.”

Sentar? Nem percebi que estava de pé. Acho que pulei da minha cadeira. Todo mundo está olhando para mim. Exceto

Chase. Ele está olhando diretamente para a Sra. Russell. Juro que vejo um tique em sua mandíbula, como se estivesse tentando muito manter a compostura.

A mão de Scar alcança a minha. “Calem a boca, pessoal. Vocês estão tornando isso mais difícil para Lizzie, do que já é.” Ela me puxa. “Sente-se, Lizzie.”

Ela acha que eu gritei para toda a classe porque a fofoca sussurrada e as acusações estavam me perturbando.

Eu gritei, porque os sussurros estavam perturbando *a ele*.

Desamparo se aloja na minha garganta. Deixo Scar me puxar para a cadeira e depois aperto as mãos trêmulas na mesa. “Desculpe.” Digo a senhora Russell. “Estou bem agora.”

Ela me olha por um momento antes de concordar. “Vamos nos concentrar em nossa tarefa, todos. Como está com muita energia, Sr. Kendall, pode se levantar e resolver o primeiro problema.”

Parecendo envergonhado, Troy se levanta e caminha até a lousa. A classe se acalma. Pelo resto da aula, não presto muita atenção. Eu apenas sento lá e tento não chorar.

* * *

No momento em que a aula termina, vou ao meu armário, embora não precise de nada. Mas a próxima aula é física e Scarlett está nessa aula também, e não quero andar com ela. Ela me deu tantos olhares simpáticos e apertos de braço na última hora que preciso de uma pausa.

Descanso a testa contra o armário e me pergunto como e quando minha vida ficou fora de controle. Bem, quando a Rachel morreu, obviamente. Três anos lidando com meus pais superprotetores me esgotaram completamente. Mas sinto que nestes últimos dias estou mais impotente e chateada do que naqueles três anos juntos.

Isso é o que ganho por tentar me rebelar. Eu queria *uma* noite. Uma que fosse incrível e divertida antes do verão terminar e a escola começar. Uma noite em que não precisasse pensar em minha irmã morta ou em meus pais superprotetores. Uma noite, em que poderia ser quem eu quisesse e ficar sem a nuvem escura do acidente da minha irmã pairando sobre a minha cabeça.

Bem, consegui o que eu desejava. Fui a uma festa onde ninguém me conhecia, ninguém conhecia Rachel. Eu me afastei dos meus pais e finalmente consegui respirar, mesmo que por só algumas horas. Eu me diverti. Conheci um menino. Eu *gostei* desse garoto. Eu realmente, de verdade gostei.

E agora tudo é uma grande bagunça e tudo que eu quero fazer é chorar.

Respiro fundo. Não vou chorar. Sou mais forte que isso. Eu só preciso ir para a aula e...

Uma mão grande agarra meu braço e me gira.

"Ei!" Eu reclamo. "O que..." As palavras morrem quando percebo que é Chase. "O que você quer?" Pergunto fracamente. Tanto para ser forte. Um segundo em sua presença e minhas mãos estão tremendo e meu pulso está batendo nos meus ouvidos.

Ele dá uma risada incrédula. "O que *eu* quero? Vim aqui para perguntar o que diabos *você* quer."

Pisco em confusão. "O que você quer dizer?"

"Quero dizer, você me convida para a sua casa. Você me defende na aula..."

"Não defendi você." Interrompo, mas acho que ele sabe que estou mentindo. Eu queria que todos parassem de dizer coisas ruins sobre ele. É por isso que falei para calarem a boca.

"Pare de enfiar o nariz na minha vida, Beth. Posso lidar com o que eles jogam em mim."

Ele pode? "Você pode?"

"Sim, eu posso. Confie em mim, lidei com coisa muito pior. Acha que um bando de valentões do ensino médio me assusta?" Ele sorri sem graça. "Passei três anos no reformatório com criminosos de verdade. Você acha que Troy é o primeiro a pensar em Manson como um apelido? Isso aqui é brincadeira de criança."

Eu não deveria sentir pena dele, mas sinto. "Podemos... por favor, falar sobre tudo isso?"

Suas sobrancelhas loiras escuras se franzem. "Falar sobre o quê?" Frustração soa em seu tom. "Porra, Beth, qual é o seu problema? Não há motivos para conversarmos, ok? Não somos amigos e nunca vamos ser. Nós não podemos. Sua irmã está morta por minha causa."

Minhas pálpebras começam a doer.

Ele abaixa a voz. "Nós fizemos sexo, tudo bem. Grande coisa. Não é como se nenhum de nós fosse virgem ou algo assim..."

Um som estrangulado escapa da minha boca.

Eu espero, não, eu *rezo,* que ele não perceba, mas uma coisa já aprendi sobre Chase, ele não perde nada. Talvez tenha aprendido a ser vigilante no reformatório, porque constantemente precisava ficar de guarda, ou talvez seja uma habilidade que sempre teve. De qualquer maneira, seus olhos azuis se estreitam no meu rosto.

"Beth..." Sua voz é um pouco rouca. Ele limpa a garganta. Engole fundo e seu pomo de adão balança um pouco. "Não me diga que você era virgem."

"Tudo bem." Eu sussurro.

“Tudo bem, o quê?”

“Ok, não vou te dizer.”

É sua vez de fazer um barulho abafado. Depois bate uma mão no armário atrás de mim. Eu me assusto com o som inesperado, mas não tenho medo que ele fique violento comigo.

Deus, por que não tenho medo dele? Chase matou alguém com seu carro! Eu deveria estar com medo, caramba.

“Beth.” Ele diz novamente. “Olhe para mim.”

Miseravelmente, levanto a cabeça. “Isso é embaraçoso o suficiente, Chas... Charlie.” Eu me corrijo.

“Chase.” Ele fala, e isso me lembra de quão inflexível sou sobre as pessoas me chamando de Beth. Somos mais parecidos do que ele pensa, eu acho. “Gosto de Chase agora.”

“Por quê?”

“É um apelido que me deram quando...” Ele para abruptamente, balançando a cabeça. “Não, estamos nos desviando do assunto. Eu preciso saber se...” Ele levanta a mão e a deixa pairar perto da minha bochecha, como se quisesse me acariciar. Em seguida a mão dele cai para o lado.

Rapidamente olho em volta para me certificar de que ninguém o viu quase me tocar, mas o corredor ainda está vazio. A aula começou um tempo atrás.

“Você era virgem?” Ele finalmente pergunta, infelicidade cintilando em seus olhos azuis.

Dou uma respiração lenta e depois exalo sem pressa. “De verdade importa?” Respondo com tristeza.

Não olho para trás quando me afasto, mas posso sentir seu olhar em mim o tempo todo.

11

No almoço, sento com Scarlett e as meninas. Jeff se junta a nós logo depois, o que acho estranho, mas todo mundo, especialmente Scar, parece feliz em vê-lo. Quero perguntar a ele porque não está sentado com seus amigos, mas então percebo... Ele não tem amigos. Todos da sua turma já se formaram. Como Chase, ele é um veterano de dezenove anos.

Não contribuo muito para a conversa. Como de costume, meus pensamentos estão confusos. Não posso apagar a expressão de Chase da minha mente, a que ele mostrou quando lhe ocorreu que eu era virgem. Não foi de espanto, mas preocupação, talvez? Choque, definitivamente. E sim, acho que o espanto acabou sendo exibido também.

Confie em mim, Chase, ninguém está tão horrorizado quanto eu.

Quase desejei não ter me afastado dele mais cedo. Nós poderíamos ter conversado mais sobre aquilo. O sexo, quero dizer. Eu *preciso* falar com alguém. O segredo está me devorando por dentro, mas em quem posso confiar?

Scarlett? Ela ficaria horrorizada também. E mesmo que acreditasse que eu não sabia de antemão quem Chase era, provavelmente ainda ficaria um pouco enojada comigo por dormir com um estranho. Scar perdeu sua virgindade com Matty Wesser, um menino que namorou seriamente por dois anos. A única razão pela qual eles não estão mais juntos é porque seu pai foi transferido para Denver e a família de Matty teve que se mudar no meio do primeiro ano.

Macy e Yvonne? Elas absolutamente me julgariam pelo que fiz.

Meus pais? Iriam me trancar em uma torre pelos próximos trinta anos se soubessem o que aconteceu entre mim e Chase.

Todos os outros na escola não são pessoas próximas e não é como se eu pudesse confiar em Sandy, do abrigo de animais. Ela está na casa dos 20 e com certeza ofereceria alguns conselhos realmente bons, mas também é meio que minha chefe, mesmo que eu não seja paga pelo trabalho que faço.

Sobra Chase. Mas ele não quer falar comigo e eu me afastei dele quando surgiu a oportunidade. Agora me arrependo disso.

"... Na casa de Kav. Seus pais estão fora da cidade."

Eu juro, Troy Kendall tem a voz mais alta do mundo. Não importa onde eu esteja, sempre pareço escutar algumas das besteiras que ele está falando.

"E acabaram de instalar uma nova banheira de hidromassagem." Landon Rhodes, outro jogador de futebol, diz alegremente. "Uma para dez pessoas."

"Beleza."

"Eu sei."

"Ei, Yvonne!" Troy chama. "Você vem para a festa de Kav?"

Yvonne revira seus grandes olhos cinzentos para o nosso atacante. "Quem diabos é Kav?" Ela grita de volta.

"Greg Kavill? Kav? Kavi? Kav-ster?"

"Dizer isso de cem maneiras diferentes não vai me fazer saber quem é." Yvonne fala arrogantemente e todos sorriem, até eu.

"Quarterback na Lincoln Public." Landon diz prestativamente. "Ele vai dar uma festa em sua casa esta noite. Convite aberto."

Troy olha em minha direção, depois para Scar e Macy. “Você e as meninas são bem-vindas também, obviamente.”

Yvonne encolhe os ombros. “Mande uma mensagem com os detalhes. Decidiremos mais tarde.”

“Combinado.” Troy diz antes de ele e Landon se voltarem para seus amigos.

No momento em que os jogadores de futebol estão novamente ocupados, Jeff fala com voz baixa e conspiratória. “Vocês não deveriam ir.” Ele nos adverte.

E chama minha atenção. Eu realmente estava pensando em ir para essa festa. Se não posso gastar a noite com os cães na clínica, uma festa em Lincoln poderia ser divertida...

Eu quase caio na gargalhada. Diversão? *Elizabeth*, eu me repreendo, *não lembra do que aconteceu da última vez que foi a uma festa em uma cidade diferente?*

“Por que não?” Macy pergunta a Jeff.

“Primeiro de tudo, teremos aula amanhã.”

As garotas começam a rir. “Nós somos mais velhas.” Yvonne diz a ele, ainda sorrindo. “Estamos autorizadas a sair durante a semana de aulas.”

“Bem. Mas eles não são boa companhia. Ouvi rumores ruins sobre Kav e seus amigos.”

“Eles não podem ser tão ruins se Troy e Lan são amigos deles.” Ressalta Yvonne. “Além disso, as festas do pessoal de futebol costumam ser animadas.”

“Eu estou dentro, então.” Macy fala.

“Não vai haver ninguém lá além do povo da Lincoln e *talvez* algumas crianças boazinhas.” Scarlett diz com desdém. “E o pessoal da Lincoln é muito inútil.”

“Então eu não quero ir.” Macy diz.

Ao lado dela, Yvonne revira os olhos. Macy mais indecisa que nunca. Ela pula dentro e fora o tempo todo. Se o fã-clube de Charlie Manson se tornar uma coisa, ela seria a primeira a se inscrever.

Quanto a esta festa em Lincoln, está soando cada vez mais atraente, se eu puder convencer uma das minhas amigas a vir. Desta vez, não posso correr o risco de ir sozinha, mas o fato de ser uma galera diferente é exatamente o motivo pelo qual eu quero ir. Nenhum dos alunos de Darling me olhando com pena? Soa como o céu.

“Eu quero ir.” Falo devagar.

“Eu também.” Macy fala.

Yvonne sorri baixinho.

Olho para Scarlett. “Você irá se eu for? Mesmo que o pessoal seja vulgar?”

Ela pensa sobre isso. “Sim, que diabos. Eu te devo uma festa depois de dar o fora no último fim de semana.”

Eu sorrio. “Legal.”

“E de qualquer forma, o povo da Lincoln não é tão ruim quanto a galera em Lex.” Depois me lembra um fato irritante. “Você está de castigo, no entanto.”

“Merda. É mesmo.” Mordo o lábio inferior, pondero e dou de ombros. “Eu vou ter que fugir, acho.” E por que não? Neste ponto, meus pais não podem me punir mais do que já estão fazendo. O que eles vão fazer, quebrar as paredes do meu quarto?

“Você não vai fugir.” Jeff diz seriamente.

Franzo a testa para ele. “Sem ofensa, Jeff, mas não pode me dizer o que fazer. Se eu quiser ir a uma festa, você não pode me

impedir. E não se atreva a ameaçar me entregar para os meus pais, porque isso seria uma traição do caralho."

Quando ele cora, sei que o pensamento cruzou sua mente. "Bem. Então, vou te levar."

Minhas sobrancelhas se levantam. "O quê?"

"Se você quiser ir, eu vou levar você." Ele pega sua garrafa de água e toma um longo gole antes de colocá-la de volta. "Pelo menos terá alguém lá para vigiar suas costas."

Há uma agitação de excitação na minha barriga. "Você vai me ajudar a escapar?"

Jeff sorri. "Não é necessário escapar."

"Mas estou de castigo."

"Não se preocupe com isso. Eu falo com seus pais. Sou como um encantador de pais."

"Eu também quero ir." Macy fala, puxando o braço de Jeff.

Ele exibe um sorriso arrependido. "Desculpe, meu carro é de dois lugares." Jeff dirige o velho Audi TT do pai , ou pelo menos dirigia antes de partir para a Inglaterra. "Se Scarlett quiser ir, terá que dirigir seu próprio carro."

"Esqueça." Scar diz em um tom monótono. "Estou fora."

"Por quê?" Pergunto com decepção. É sempre mais divertido quando a Scarlett está por perto.

"Eu só ia fazer companhia a você. Portanto, se Jeff está indo, não há razão para eu estar lá também."

Sua explicação não faz sentido para mim. Por que três de nós não podem fazer companhia um para o outro? Mas Scarlett pega seu telefone e começa a digitar, tornando óbvio que não quer ser questionada. Então deixo isso de lado.

“Encontre-me depois da escola.” Jeff me diz. “Vou te levar para casa. Tenho que me encontrar com meu orientador agora.”

Jeff vai embora e o resto de nós termina de comer. Scarlett fica quieta pelo resto do almoço. Eu posso dizer que, por qualquer razão, ela não gosta do plano para esta noite, então, enquanto colocamos nossas bandejas na esteira, asseguro a ela: “Jeff está indo. Nada de ruim vai acontecer comigo.”

“É com Jeff que estou preocupada.”

“Ouch.”

Ela encolhe os ombros. “Desculpe.” Só que posso dizer que ela não sente muito. “Mas ultimamente é sempre tudo sobre você.”

Isso também é doloroso. E não acho que eu mereça também. Eu posso ter pedido a Scarlett que me desse cobertura no fim de semana passado, mas sempre dei cobertura a ela também. Costumava acobertá-la o tempo todo quando estava saindo com Matty.

“Jeff é um menino grande.” Retruco. “Mas se você está tão preocupada com ele, venha para a festa conosco. Pode ficar de olho nele.”

“Eu já disse, não quero.”

Encolhendo os ombros novamente, Scarlett anda para a porta do refeitório. Ela não verifica se estou seguindo, o que me diz que terminou essa conversa. Infelizmente para ela, eu ainda não disse tudo.

“Scar, espere.” Agarro seu braço assim que ela chega na entrada.

Sua expressão está turva e ela balança o cabelo ruivo sobre um ombro como uma diva. “O quê?” Pergunta com firmeza.

Um franzido infeliz brota na minha testa. “Por que está tão brava?”

"Eu não estou brava."

"Parece."

"Bem, não estou." Ela vira o cabelo para o outro lado. "Eu simplesmente não gosto disso. Você está arrastando Jeff para essa festa em Lincoln quando é óbvio que ele não quer ir. Sei que está tendo dificuldades com aquele idiota assassino que resolveu aparecer, mas não se aproveite de seus amigos."

"Eu não pedi a Jeff para me levar." Protesto. "Eu queria ir com *você.*"

Scar pressiona os lábios juntos. "Seja o que for, Lizzie. Só acho que você poderia ter lidado com isso de forma diferente."

"Beth." Digo irritada.

"O quê?"

"É Beth. Já disse isso um milhão de vezes, mas você continua me chamando de Lizzie."

"Desculpe, *Beth.*"

Desta vez, quando ela se afasta, deixo que vá embora.

Evitamos conversar uma com a outra em nossas aulas da tarde. Chase aparece para a aula de História Musical. Eu também o evito. Nesse ritmo, alienarei toda a escola até o final do dia.

Depois da aula, faço uma rápida visita ao meu armário e depois vou para o estacionamento para encontrar Jeff. Ele já está lá e seus olhos castanhos me percorrem quando me aproximo dele.

"Você parece um pouco pálida." Ele observa. "Vou ter que levá-la para comer alguma coisa."

"Não estou com fome."

"É o que você pensa agora. Espere até eu desfilar um prato de nachos do Freddie na sua frente."

“Eu realmente não estou com fome.” Insisto, mas Jeff não está me ouvindo.

“Nós vamos comprar um pouco de comida depois que formos à loja de ferragens para que eu possa conversar com seu pai. Depois vou deixá-la em casa, irei para a minha casa tomar banho e trocar de roupa e voltarei para buscá-la por volta das sete. A festa não vai ficar agitada até as nove ou dez, mas seus pais vão desconfiar se eu te pegar muito tarde. Podemos tomar um sorvete ou algo assim até estarmos prontos para ir.”

Ele tem toda a nossa noite planejada. Eu me vejo irritada e impressionada.

“Claro.” Finalmente digo, porque claramente discutir com esse garoto é inútil. Ele vai fazer o que quiser de qualquer maneira.

“Sinceramente não sei como você vai convencer meu pai.” Digo enquanto sento no banco do passageiro de seu Audi. “Eles ainda estão chateados comigo por escapar no fim de semana passado.”

Jeff sorri. “Garota de pouca fé.” Ele liga o motor. “Deixa comigo.”

Depois de dez minutos na loja, eu tenho que admitir, Jeff é de verdade um encantar de pais.

“Muito obrigado pelo conselho, senhor.” Jeff transfere a caixa de pregos para a mão esquerda para que possa apertar a mão do meu pai com a direita. Sob o braço de Jeff há um pé de cabra. Estou segurando duas parafusadeiras.

“Sem problema, filho. É bom saber que está trabalhando com as mãos. Nem todos os garotos da sua idade têm paciência para esse tipo de trabalho.”

“Eu vou fazer besteira, mas já sei aonde vir se tiver alguma dúvida.”

Papai sorri, seu peito estufado. “Minha porta está sempre aberta.”

Jeff envolve o braço em meu ombro. “E obrigado por me dar uma ajudante.”

“O trabalho duro vai ser bom para ela.” Papai declara com uma risada sincera.

Estou quase engasgando com a visão desses dois se dando tão bem. Em casa, papai mal dá um sorriso. Aqui com Jeff, ele está rindo como uma colegial tonta. Eu não entendo, por que ele não pode ser assim comigo e com mamãe? Mamãe está preocupada e histérica a metade do tempo, mas pelo menos ainda consegue sorrir. Ela ainda sorri quando está assistindo a um show engraçado ou se eu contar uma piada. Mas papai apenas anda por aí com uma expressão vazia e monótona. É como se a mera visão de nós o lembrasse da morte de Rachel e estivesse sempre completamente desligado.

Enquanto guardamos as compras no porta-malas, olho para Jeff com suspeita. “Você está construindo um caramanchão de jardim no quintal?”

“O quê? Não acredita em mim?” Ele sorri. “Claro que não! Por que faria isso?” Ele estende as mãos. “Essas bebês não foram feitas para o trabalho manual.” À medida que voltamos para seu carro, ele me olha com um sorriso largo. “Eu sou ou não sou bom?”

“Você é bom, mas ainda tenho que estar em casa as onze.” Resmungo.

“Vou dar um jeito de esticar esse horário. Quero dizer, nós trabalhamos *tão* duro no caramanchão que decidimos fazer uma pausa antes de eu levá-la para casa e logo adormecemos e acordamos no meio da noite, entrei em pânico, mas imaginei que seu pai não gostaria que a gente dirigisse tão tarde.”

Eu reviro os olhos. Acho que Scarlett não tem nada para se preocupar quando se trata de Jeff. Ele parece perfeitamente capaz de lidar com qualquer situação. “É uma bela história. Seus pais não vão te denunciar sobre o caramanchão não construído?”

“Ah, tem um caramanchão sendo erguido. Apenas não sou eu que o está construindo. E meus pais não vão falar com os seus.” Ele olha por cima. “Sem ofensa.”

Ele quer dizer que meus pais não são ricos o suficiente.

“Tranquilo.” Embora eu me sinta um pouco ofendida, porque não é como se a família de Jeff fosse melhor que a minha. Sim, eles têm muito mais dinheiro, mas dinheiro não é o que faz uma pessoa valiosa.

Pelo menos não em meus pensamentos.

Cinco minutos depois, Jeff estaciona em frente ao restaurante mexicano. Ainda não estou com fome, mas duvido que ele me ouça se disser qualquer coisa. Eu me pergunto se Rachel sabia o quão dominador Jeff poderia ser. Honestamente, acho que me incomodaria se meu namorado fosse como Jeff, fazendo todos os nossos planos e não escutando quando dissesse algo que ia contra o que ele queria.

Eu rapidamente afasto os pensamentos negativos. Estou fazendo com que seja um monstro agora e ele não é. Jeff é um rapaz legal. É só muito decidido. Isso pode ser uma coisa boa.

Além disso, se não fosse por ele, estaria presa em casa hoje à noite, sentada em um quarto sem porta e olhando para a parede porque meus pais levaram o meu telefone para longe.

Então, quando Jeff se vira para mim e pergunta: “Nós vamos dividir alguns nachos ou o quê?”

Dou um grande sorriso e digo: “Mas é claro!”

12

Como planejado, Jeff me pega por volta das sete e tomamos um sorvete. Ele fala sobre a Inglaterra o tempo todo, mas estou bem com isso porque particularmente não quero falar sobre mim. Enquanto ele fala, envio a Scarlett uma mensagem perguntando se mudou de ideia sobre a festa e ela responde com um curto não. OK então.

Antes da festa, paramos na casa de Jeff.

"Tenho que trocar de carro. Este é muito caro para ir à Lincoln." Explica enquanto passa pelos portões e desce a longa entrada para a sua, bem, não há outra maneira de explicar isso, mansão. Não sei o que o pai de Jeff faz, mas eles têm muito dinheiro.

Ele contorna a rotatória na frente da casa e estaciona junto a uma entrada lateral. "Espere aqui." Diz.

Um lado da casa de Jeff poderia caber toda a nossa. Nunca estive lá dentro, mas Rachel diz que lembrava uma casa de revista e quando você falava lá dentro, havia eco. Quero dizer, ela *disse* isso. No passado, quando estava viva.

Na parte de trás, há uma piscina coberta com toboágua e banheira de hidromassagem. Apesar de todo o conforto, Jeff nunca faz festas aqui. Rachel diz — *dizia* — que ele é muito reservado com quem permite entrar no seu espaço. Acho que é por isso que estou esperando do lado de fora, em vez dele ter me oferecido um copo de água ou algo assim.

De repente, sinto um pequeno pânico. Pois, o que estou fazendo saindo com o namorado de Rachel? Parece estranho e meio que uma traição e...

E ele não é mais o namorado dela, tenho que me lembrar. Rachel não tem namorado, porque não está viva.E não estou realmente “saindo” com Jeff. Ele está me fazendo um favor esta noite e estou grata, mas não tenho nenhum interesse em começar algo com ele.

Se ela está morta ou não, Jeff sempre será o namorado da minha irmã para mim.

Jeff retorna, balançando umas chaves. Ele vestiu uma camisa azul folgada que está um pouco dentro da calça jeans. Ele aponta para a parte dos fundos da casa. “Volto já.”

“Posso ir até o carro com você.”

“Não.” Ele fala. As extremidades de sua camisa balançam enquanto corre.

Olho para o meu próprio jeans e camiseta apertada. Gostaria de estar usando uma saia, mas papai não acreditaria que eu estava indo ajudar na construção se estivesse vestida para ir a uma festa.

Um minuto depois, Jeff estaciona um belo sedan de quatro portas. “Entre.”

Entro e olho em volta do interior arrumado.

“Desculpe por esse pedaço de lixo.” Ele diz. “Mas não posso arriscar meu bebê.”

Pedaço de lixo? Este carro é tão bom quanto o meu. “De quem é?”

“Do filho de Debbie.”

“Debbie?”

“Nossa governanta.” Jeff estende o cabo auxiliar. “Conecte no seu celular e coloque algumas músicas.”

Hesito, minha mão na maçaneta da porta. Talvez devêssemos fazer outra coisa? Tem o meu carro perfeitamente bom estacionado

na garagem da minha casa. Jeff é tão bom em convencer meu pai sobre qualquer coisa, talvez a magia de Jeff funcione também com meu carro.

Abro a boca para sugerir isso, mas Jeff pisa no acelerador e dirige o carro pela rua.

“O que acontece se ele for roubado?” Pergunto enquanto aperto o cinto.

“Não é minha preocupação. Eles devem ter seguro ou algo assim.” Ele diz soberbamente.

Passo a mão contra o tecido do interior. O carro cheira vagamente a limões e o interior está impecável. Os tapetes parecem ter sido recentemente aspirados. Quem quer que seja o filho da empregada, ama esse carro.

“Espero que nada aconteça.”

“Não se preocupe com isso.” Jeff fala. “Se acontecer alguma coisa, provavelmente ele conseguirá um novo da companhia de seguro.”

Não tenho certeza se é assim que o seguro funciona, mas Jeff é tão confiante. Além disso, ele deve conhecer o filho da governanta melhor que eu. Forço a relaxar no assento. “OK.”

Jeff estende a mão e aperta meu ombro. “Olhe para você, toda preocupada. É fofo.”

Ignoro a pontada de desconforto que sinto ao ser chamada de “fofa” pelo namorado de Rachel. Jeff está me fazendo um favor. Se quer me chamar de fofa, então aceito.

Dirigimos em silêncio por um tempo. Meus pensamentos voltam para a escola e Chase. Pergunto-me se seria melhor se ele fosse embora. Esta é a escola de Rachel. Seu nome está atualmente em uma pequena placa “in memoriam” perto da sala de música. Os

lembretes devem incomodá-lo, certo? Gostaria de ficar longe de todas as memórias, portanto deve ser igualmente ruim para ele.

"Você acha que Chase deveria sair da Darling?" Pergunto a Jeff. Jeff deve ser assombrado por Rachel também, embora não pareça. Os dois anos longe devem ter ajudado muito. Se fosse eu, teria ficado em Londres.

"Chase?"

"Charlie Donnelly."

"Você o chama de Chase?"

Contorço-me no meu assento com o tom incrédulo de Jeff. "Ele me disse que esse era seu nome."

Jeff solta um suspiro enorme. "Lizzie... quero dizer, Beth, você é um pouco inocente demais para o seu próprio bem. Se chamá-lo por um apelido, ele pensará que foi perdoado pelo que fez."

"E você não acha que ele deveria... ser perdoado." Falo no final.

"Não. Ele matou sua irmã." Jeff diz, o tom da voz vazio. Não verbalizando a mensagem que ele nem deveria ter que me lembrar disso.

Afundo no banco, a culpa pressionando meus ombros. Sim, Charlie bateu seu carro na Rachel. Sim, é responsável pela morte dela. Se soubesse que Chase era Charlie, correria na direção oposta. Em vez disso, me joguei em cima dele e agora nós dois estamos arrependidos.

Pior, acho que não me arrependo mais que ele, o que significa que sou menos digna de perdão que Chase. Deveria odiar Chase. A mesma quantidade de aversão que cobre as palavras de Jeff quando fala sobre Chase deveria estar nas minhas. Deveria ter pensado no apelido de Manson e ser a única jogando bolas de cuspe nas suas costas. Deveria estar no escritório do diretor todos os dias, exigindo que Charlie Donnelly seja expulso da Darling

High.

Mas não faço nada disso. Não consigo parar de pensar sobre a festa e nossa conexão e depois o *sexo*. Nas aulas de saúde, falamos sobre doenças venéreas e outros perigos físicos. Não há discussão sobre o perigo emocional. E não tive nenhuma conversa sobre isso em casa. Mamãe me deu um livro das bonecas American Girl sobre educação sexual e Rachel disse que eu era muito nova para pensar naquilo.

"Ei, estamos aqui." Jeff anuncia, quebrando minha linha de pensamento enlouquecida sobre sexo. "Uau, este lugar parece mais chato do que pensava que seria."

Ele passa por mim e abre seu porta-luvas. Uma coisa preta cintilante brilha ameaçadoramente com a luz do interior.

"Isto é... Oh meu Deus, você tem uma *arma*?" Fico boquiaberta com ele.

Ele fecha o compartimento. "É Darling, Beth. Todo mundo tem uma arma. Seu pai vende isso na loja de ferragens."

"Sim, mas ele não tem uma no porta-luvas." Murmuro enquanto saio do carro.

"Olhe para esta espelunca." Ele se junta a mim na calçada. "Eu deveria levar minha peça lá para dentro."

A imagem do filhinho de papai Jeffrey Corsen andando por aí com uma arma enfiada na cintura de seu jeans Citizens of Humanity de trezentos dólares é tão absurdamente hilariante que mordo o interior da minha bochecha para não explodir em gargalhadas. Não posso acreditar que ele chamou a arma de *peça*.

"Fico feliz que não a leve." Consigo dizer civilizadamente.

Ele franze a testa e me empurra para frente. "Este lugar parece que deveria ser condenado. Tem certeza de que quer entrar?"

“Dirigimos até aqui, é idiotice sair sem nem mesmo dar uma olhada. E não acho que seja muito ruim.” A casa é pequena, mas arrumada. O gramado está perfeitamente cuidado e há jardineiras na frente.

“Você é muito legal.” Ele sobe as escadas e toca a campainha.

A porta abre e uma linda garota aparece com cabelos incríveis e olhos grandes e escuros. “Sim?” Uma sobrancelha arrogante se levanta.

Jeff fica deslumbrado. Ele gagueja. “Eu... Estamos... Nós...” Ele aponta um polegar por cima do ombro.

Espreito ao redor do braço dele e ofereço uma ajuda. “Estamos aqui para a festa.”

“Oh, entrem. Não beba dentro da casa. Sem drogas e tem que soprar nisso antes que possa dirigir para sua casa.” Ela acena em direção a uma pequena máquina preta em uma mesa lateral.

“Tem certeza que isso é uma festa? Há mais regras aqui do que no Darling Country Club.” Jeff brinca. “Se você quiser se divertir mais, eu poderia arranjar algo pra gente. Qual o seu nome?”

“*Pra gente,* como sua amiga e você? Você não precisa do meu nome para isso.” Com seu cabelo brilhante, ela se afasta.

“Uau, que vaca.” Jeff diz em voz alta.

“Jeff.” Puxo seu braço, envergonhada. Felizmente, não acho que a garota linda o ouviu.

“Sério. Eu estava sendo legal. Eles não a deixariam entrar no Darling Country Club nem se implorasse.”

Ele pode estar certo, mas não porque a garota não pertence aquele lugar. Porque Darling Country Club é basicamente um bando de velhos brancos que cresceram pensando que a

segregação era a chave para uma sociedade bem sucedida, pelo menos de acordo com a mãe de Scarlett, que é extremamente feminista.

"Você quer ir embora?" Pergunto, porque estou ficando cada vez mais desconfortável ao lado de Jeff. Parece que ele quer declarar guerra às pessoas que estão dando a festa.

"Veremos. Talvez seja melhor se afastar dela." Ele pega meu braço e me puxa para o corredor de onde o barulho parece estar vindo. Passamos por uma sala de estar e cozinha impecáveis e acabamos na parte de trás de um quintal.

Há cerca de trinta pessoas aqui e parece que cada uma delas virou para nos olhar quando saímos da casa. Vários estão no quintal ou em volta da banheira de hidromassagem no canto. Cerca de oito rapazes, metade deles sem camisa, estão jogando futebol americano. O resto está esparramado no deck de madeira ou no gramado.

"Oh, porra, é Manson." A voz de Jeff sobe para um tom desagradável. "O que diabos está fazendo aqui?"

Manson?

Viro na direção que Jeff está apontando para ver Chase sentado numa espreguiçadeira no canto, fumando um cigarro. Outra garota bonita, com o cabelo em tranças, está sentada a seus pés. É escuro onde eles estão, então é provavelmente por isso que não os vi na primeira vez.

Não posso acreditar que ele está aqui. Uma das razões pelas quais queria vir a essa festa era para encontrar uma distração, para parar de ficar obcecada com o cara. Mas ele está *aqui.* Como conhece algum desses garotos de Lincoln?

Ele morava nesse bairro, de repente lembro. É o que alguém na escola disse... que a mãe de Chase morava em Lincoln antes de se casar com o prefeito de Darling. Ele deve ter passado todos os verões aqui.

“Manson? Não há ninguém aqui com esse nome.” Um garoto alto e musculoso sobe as escadas do convés. “Quem são vocês?”

Jeff ignora a pergunta e continua falando. “Charles Donnelly está bem ali. Ele matou a irmã de Beth há três anos e acabou de sair da prisão. Não é verdade, Manson?”

Fico toda corada. Se uma casa pudesse cair em cima de mim neste exato minuto, ficaria feliz. Em vez disso, observo enquanto todo mundo gira em direção a Chase. Mais uma vez, por minha causa, ele é objeto de atenção indesejada.

Acho que é por isso que não posso odiá-lo. O resto do mundo faz isso por mim.

Abro a boca para explicar, mas o rapaz nas escadas fala primeiro.

“Cara, já sabemos disso. Por que acha que estamos fazendo essa festa em primeiro lugar? É a festa de boas-vindas de Chase.” Ele termina de subir os degraus até estar praticamente em pé de igualdade com Jeff. “E você está arruinando nossa vibe, então por que você e sua garota apareceram aqui?”

“Como se quisesse sair com perdedores como você.” Jeff agarra meu braço. “Estamos indo embora. Não presta de qualquer maneira. Uso banheiros mais bonitos que este lugar.”

O garoto dá um passo mais perto da gente.

“Sentimos muito.” Digo apressadamente. “Estamos saindo agora.”

Desta vez sou eu quem agarra o braço de Jeff e puxa. Jeff não recusa, mas se queixa: “Por que você disse que sente muito? Não sinto muito. Esses garotos são idiotas. Quem faz uma festa de boas-vindas para um assassino? Ninguém além de um bando de delinquentes.”

“Jeff, há trinta deles e dois de nós.” Sussurro. “Pode calar a boca antes sermos aniquilados?”

Ele sai do meu aperto. “Você está do lado de quem?”

“Do que está falando?”

Chegamos à calçada e ele me alfineta com um olhar que me arrepia. “Estou perguntando por que está sempre defendendo Manson.” Sua voz é baixa.

A culpa me deixa na defensiva. “Nem sempre estou defendendo o cara. Fiz isso uma vez e é porque você estava me dando dor de cabeça. Estou cansada de ouvir sobre ele.”

“Então você deve ir ao escritório do diretor e fazer com que ele seja expulso.”

“Não. Não quero fazer isso.” Mas não pensei nisso no caminho? Quanto mais fácil seria minha vida se eu não tivesse que lidar com o Chase todos os dias?

Jeff balança a cabeça e vai para o lado do motorista. “Não entendo você.” Ele fala por sobre o teto do carro. “Manson é encrenca. É fodidamente nojento ter você e ele na mesma escola e nas mesmas aulas. Além disso.” Aponta para a porta da frente da casa. “Olhe para o lixo com o qual ele anda. Isso não pertence à Darling. Você é a única que pode expulsá-lo.”

“Isso não é verdade.”

“Você é irmã dela.” Suas feições endurecem. “Rach não iria querer que sua irmãzinha fosse para a mesma escola que seu assassino.”

Ouvi-lo usar seu apelido dói meu coração. “Rachel se foi.” Digo trêmula.

A raiva brilha em seus olhos. “Se você não quer fazer isso para o seu próprio bem, e quanto a mim?”

“Eu...”

“Acha que é fácil para *mim* vê-lo todos os dias? Ele tirou a pessoa mais importante da minha vida. Rachel era *isso* para mim.”

Sua declaração apaixonada não me cai muito bem. Jeff e Rachel tinham dezesseis anos quando estavam namorando, parece um pouco jovem demais para Jeff saber que eles eram *assim*. E mesmo que fossem almas gêmeas um do outro, não sei como explicar a Jeff que conseguir que Chase seja expulso de Darling seria errado. Se isso acontecer, não reclamarei, acho, mas não vou ativamente fazer campanha.

"Bem?" Jeff pergunta.

"Não parece certo." Digo.

Ele bufa. "Bem. Talvez você precise pensar um pouco mais sobre o assunto." Ele abre a porta do carro e entra e, antes que eu possa responder, acelera, deixando-me chocada com a sua partida.

"Jeff! Jeff!"

Corro atrás dele. Há um sinal vermelho à frente. Vou alcançá-lo lá. Corro mais rápido, mas Jeff nem para. Ele acelera o carro na esquina e quando chego ao cruzamento, às lanternas traseiras estão quase um quilômetro de distância.

"Seu idiota!" Grito atrás dele.

Não posso acreditar que ele me deixou aqui. Nem tenho telefone!

Passo a mão no cabelo, tentando não entrar em pânico. O que devo fazer agora? Ele voltará para me buscar? Dou um suspiro trêmulo e me agacho.

Há algo de errado comigo. Claramente. Jeff está mais destruído por estar em volta de Chase que eu. Rachel é minha irmã. Jeff a namorou por menos de um ano. Mas ele não aguenta ficar perto de Chase. Estou defendendo ele, assim como Jeff acusou.

E a coisa é que me sinto culpada por não defendê-lo *mais*.

Não sei mais o que está acontecendo comigo. Estou muito

confusa. Sobre tudo. Não tenho direção. Não há objetivos de carreira. Nenhuma paixão. Nenhuma carona para casa.

Estou sentada na calçada de outra cidade, onde não conheço ninguém além do rapaz que matou minha irmã. E pior, ele não quer ter nada a ver comigo.

Ninguém quer. Scarlett está com raiva de mim. Jeff está com raiva de mim. Meus pais me odeiam.

Fico de pé. Talvez se eu fosse mais... O quê? Mais obediente? Mais igual a um robô?

Foda-se. Quero ter uma vida. Quero me divertir. Todas essas pessoas estão puxando a vida para fora de mim, dizendo-me o que devo e não fazer. Isso inclui Chase. Estou farta dele também. Disse que não quer ou precisa do meu apoio. Então não vou lhe dar nada. Ele não merece.

“Ele te deixou aqui?” Uma voz profunda pergunta atrás de mim.

Viro para encontrar um estranho. Fixo o olhar. Será alguém da casa de Kavill?

“Como você sabia?”

O garoto sorri. “Vi a coisa toda da minha varanda. Ficaram putos com a festa de Kav? Ele é meio certinho, mas você pode vir para a minha casa. Não tenho uma banheira de hidromassagem como Kav, mas tenho algumas outras coisinhas para alegrar nossa festa.”

“Você soa como um vilão de um livro de Stephen King.” Digo-lhe sem rodeios.

Surpreendentemente, o menino joga a cabeça para trás e sorri. “Tem uma língua afiada, não é?” Ele fala antes de esticar a mão. “Sou Jay Tanner. Vou para a escola com Kav.” Ele puxa o telefone. “Olha, tenho o número dele aqui. Ligue para ele e confira.”

Jay não sabe que estou totalmente perdida. Ele acha que conheço os garotos dentro da casa de Greg Kavill e que saímos porque a festa estava muito tranquila. Estou com vergonha de admitir que não conheço Kav, portanto digo: “Não, tudo bem.”

“Então venha. Vai se divertir.” Diz. “Prometo.”

Encontro-me seguindo-o para o outro lado da rua e descendo o quarteirão. Ele não mentiu. Sua casa é apenas alguns metros longe de Kav. Posso ouvir a música enquanto subimos pela calçada da entrada. Há muitas luzes acesas dentro da casa e, pelo que vejo, há muitos jovens também. Fico mais aliviada.

“Sou Beth.” Digo a ele.

“Prazer em conhecê-la, Beth. Estuda em que escola?”

“Lex.” Minto. Se falar Darling, ele presumirá coisas.

“Conheço Harvey Bassett. Você faz alguma aula com ele?”

Subimos os três degraus da varanda da frente. Ele segura a porta para mim.

“Lex é uma escola grande.” Respondo, porque não tenho ideia de quem seja Bassett.

“Sim, é verdade. Como você conheceu Kav?”

“Amigo de um amigo.”

No interior, o lugar é menor do que parece do lado de fora. Pode ser a música. Está tão alta que parece uma agressão física, mas pelo menos não preciso responder a mais perguntas desconfortáveis.

Jay faz um movimento de beber com a mão. Concordo. Ele levanta um dedo e desaparece pela casa. Ninguém me olha. Ninguém sequer percebe que estou aqui. Todos estão dançando ou se beijando no sofá ou jogando videogame. Relaxo e espero Jay voltar.

Ele reaparece com dois copos vermelhos. Aceito o meu e tomo um gole cauteloso. Um sabor doce e não amargo bate na minha língua.

“Você gosta?” Ele grita no meu ouvido.

Mostro um polegar para cima. Se tem álcool aqui, não posso sentir o sabor. Tomo um grande gole. E depois outro. E outro, até que se foi completamente.

“Trarei outro copo.” Ele grita.

Aceno com gratidão, mas tenho que parar assim que ele está de costas. O aceno de cabeça me deixou tonta. Minhas pernas estão fracas. Estendo um braço para tentar me equilibrar. O que realmente preciso é me sentar, decido.

Encontro um conjunto de escadas e me jogo no primeiro degrau, ignorando o casal que está praticamente transando ali.

Jay volta com mais dois copos e um grande sorriso. *Farei este durar*, acho. Mas é muito gostoso.

Tão gostoso.

Acho que vou tomar mais um.

Ou talvez dois. Sim. Vou parar com dois.

13

Acordo ao som de uma britadeira. É o barulho mais alto e mais irritante que já ouvi. É tão alto que realmente me deixa doente, meu estômago revira algumas vezes, náuseas rastejando como trepadeira na minha garganta.

Demoro alguns segundos para perceber que a batida ensurdecedora está dentro da minha cabeça e não vem de fora. E me sinto enjoada porque estou bêbada.

Gemendo baixinho, tento me orientar. Quando consigo, meu estômago revira ainda mais.

Jay está deitado ao meu lado.

Luto através do meu mal-estar e tento me concentrar. O quarto está escuro, mas não há cortinas na janela e o luar está entrando. Estamos em uma cama de casal, com cerca de um metro de espaço entre nós. Ele está roncando baixinho. Nós dois estamos completamente vestidos.

Quase caio de alívio. Ainda estou vestida. Oh, graças a Deus. Rapidamente olho ao redor do pequeno quarto e não encontro sinais que em algum momento posso ter ficado nua. A colcha ainda está na cama, só um pouco amarrotada por estarmos deitados nela. Não há embalagens vazias de preservativos ou peças de roupa íntimas espalhadas pelo chão.

Ainda assim, não significa que algo não aconteceu. Talvez tenhamos nos vestido depois. Talvez, quase vomito de novo, não usamos proteção.

Lágrimas enchem meus olhos. Oh, meu Deus. Pelo menos com Chase na semana passada, eu estava completamente sóbria. Sabia o que estava fazendo. Só porque me arrependi depois, não significa que fui coagida ou forçada a isso. Eu *quis* fazer sexo naquela noite.

Desta vez...

Quando o pânico percorre minhas veias, dou uma sacudida violenta no ombro de Jay. “Acorde.” Imploro.

Ele está roncando quando suas pálpebras se abrem e faz um barulho assustado que é um cruzamento entre um bufo e um gemido. “O que é? O que está acontecendo?”

Seria quase cômico se eu não estivesse a dois segundos de vomitar e ter um colapso nervoso. “O que... o que fizemos?” Pergunto, implorando com os olhos. “Não me lembro de nada. Nós...” Engulo em seco. “Nós demos uns amassos?”

Para minha surpresa, ele apenas sorri. “Oh não.”

“Não?” Estou cética, pois então por qual motivo estaria na cama desse cara?

“Não.” Ele me garante antes de virar para o lado, de frente para mim. Seus olhos se fecham quando acrescenta: “Sou gay, Beth. Falei isso para você cinco vezes. Você sabe, quando continuou tentando dar uns amassos comigo.”

Embaraço aquece minhas bochechas. Memórias obscuras começam a surgir e... Sim, lembro-me dele gentilmente arrancando meus lábios de seu pescoço e explicando que apesar de eu ser uma garota muito bonita, não sou do tipo dele. E, em seguida, me levou para o andar de cima depois que admiti que não tinha como ir para casa e nenhum lugar passar a noite.

“Agora, volte para a cama.” Ele fala com sono. “Estava apenas começando a dormir antes de você me atacar.”

Apenas começando a dormir? Quando chegamos aqui? Parece que foi horas atrás. Apertando os olhos, espio o despertador na mesa de cabeceira: 00:34. Não é muito tarde. E embora não tenha telefone, tenho dinheiro. Posso ligar para um táxi e ir para casa em vez de passar a noite na casa de um rapaz que nem conheço.

Se meus pais estão esperando, o que tenho certeza que estão, fingirei que Jeff deixou-me em casa. Contarei a eles a mesma estúpida história que Jeff planejou contar, sobre estarmos muito cansados após a construção daquele estúpido caramanchão. De qualquer maneira, meus pais surtarão, mas surtarão mais se eu não voltar para casa em uma noite de escola. Atrasar ao toque de recolher é melhor que ficar fora a noite toda.

Ao pensar em Jeff, a raiva se mistura com um enjoo na minha barriga. Não posso *acreditar que* ele me largou aqui.

"Posso usar seu telefone?" Pergunto a Jay.

Seus olhos permanecem fechados. "Mmm-hmm. Está na mesa."

Saio do colchão o mais silenciosamente possível, mas no momento em que meu corpo está na vertical, uma onda de enjôo me atinge como um trem em alta velocidade. O vômito corre pela minha garganta e, em vez de ir para a mesa, corro para o corredor em busca de um banheiro. Chego ao banheiro bem a tempo de vomitar cada gota que bebi hoje à noite, assim como os restos dos nachos que comi com Jeff mais cedo. Meus ruídos de vômito provavelmente acordarão Jay e quem quer que esteja na casa, mas me sinto um milhão de vezes melhor depois de esvaziar o estômago.

Bem, tipo isso. Fisicamente, sim, me sinto melhor. Emocionalmente, sou uma bagunça.

Tremendo, fico de pé e me lavo na pia. Quando olho para o meu reflexo, vejo olhos vermelhos, cabelos emaranhados e um rosto branco como uma folha de papel. Algumas lágrimas vazam e escorrem pelo rosto. Limpo fracamente com as costas das mãos.

O que diabos há de errado comigo? É como se eu não estivesse mais no controle de mim mesma e detesto isso. Odeio a pessoa olhando para mim nesse espelho. Estava chateada e em pânico com Jeff me abandonando nesse bairro desconhecido e em vez de reagir como uma pessoa equilibrada, fui à outra festa estranha e tentei beijar um cara gay.

O medo cintila através de mim quando um cenário diferente aparece em minha mente. E se Jay não fosse gay? E se ele não tivesse sido um cavalheiro? Bebi demais e desmaiei por horas. Algo poderia ter acontecido. Algo muito ruim.

Mais lágrimas caem. Limpo-as. Respiro fundo e me forço a encontrar meus próprios olhos no espelho. A pura vergonha pisca de volta para mim.

"Você não é essa pessoa." Sussurro para mim mesma.

Ainda não tenho certeza de quem sou.

Só sei que não sou *essa* garota.

Levanto o queixo, saio do banheiro e entro no quarto de Jay. Pego o telefone dele, volto para o corredor e telefono para a única empresa de táxi cujo número conheço. Infelizmente, é um minúsculo serviço de táxi que tem sua base em Darling, com alguns motoristas, então me dizem que vai levar pelo menos 20 minutos antes que alguém possa me pegar.

"Tudo bem." Digo ao atendente. Acho que neste ponto, não importa se eu chegar em casa às 00:45 ou 1:00 ou 1:15 da manhã, certo?

Saio da casa de Jay tentando fazer o menor barulho possível. Há alguns jovens desmaiados nos sofás na sala de estar, mas ninguém se mexe com os meus passos. Minha cabeça ainda lateja quando saio para a noite fria, mas pelo menos meu estômago se acalmou. E minha respiração tem sabor de menta fresca graças ao enxaguante bucal do banheiro de Jay.

“Tem certeza de que não quer uma carona?”

A rua inteira está tão morta que ouço a voz da garota vindo de várias casas abaixo. Pulo de susto e instintivamente me escondo atrás da fileira de sebes que separam a casa de Jay daquela ao lado.

“Não, tudo bem.” Diz uma voz masculina abafada. “Prefiro andar.”

Não tenho certeza do que tenho medo. É óbvio que algumas pessoas deixam a outra festa na casa de Kav, não algum serial killer rondando o bairro atrás de presas.

Olho para fora, mas não consigo distinguir as figuras sombrias. Eles estão muito longe. Em seguida, um motor de carro zumbe à noite e duas faixas vermelhas iluminam a escuridão quando um pequeno carro sai da garagem de Greg Kavill. Alguns segundos depois, o carro passa pela cerca viva.

Expirando suavemente, saio do meu esconderijo idiota. O táxi vai me pegar na frente da casa de Jay. Decido sentar no meio-fio e esperar, em vez de ficar na varanda da frente. Joguei-me no pobre rapaz mais de uma vez hoje à noite, o mínimo que posso fazer é graciosamente sair de sua propriedade.

Um gemido mortificado escapa e coloco o rosto em minhas mãos. Como isso foi acontecer? Como essa noite se transformou em tal merda?

Jeff me deixou. Fiquei bêbada. Dei em cima de alguém.

Gemo, mas aquele pequeno som não é suficiente para liberar todas as coisas terríveis que estou sentindo. Portanto grito em minhas mãos. “Argghhhhh!”

“Sério?”

Minha cabeça se agita ao som de sua voz. “Não.” Sussurro, mais para mim que para ele. “Apenas vá embora, Chase. Por favor.”

“O que está fazendo aqui? É quase uma da manhã e tem escola amanhã.”

“Você vai para a escola também.” Alfineto. “Por que está autorizado a ficar fora até tão tarde e eu não estou?”

“Não consigo dormir. Você, por outro lado, parece que está prestes a desmaiar. Você está bem?”

Ignoro-o enterrando o rosto nas mãos novamente. Não posso lidar com ele neste momento. Bem, certo? Perdi minha virgindade com esse cara e nem consigo olhá-lo nos olhos. E o fato de que ele realmente se interessa por mim só piora as coisas.

“Beth.” Ele diz asperamente. “Olhe para mim.”

“Não.” Murmuro contra as mãos. “Somente siga em frente, Chase. Não há nada para ver aqui.”

“Tudo bem. Tanto faz.”

Ouço passos.

Meu coração acelera, porque uma vez que ele se foi, volto a ficar sozinha aqui tão tarde da noite. Não que eu queira que ele fique ou algo assim. Eu só...

Não sei o que quero.

Os passos ficam mais fracos e finalmente levanto a cabeça. Ele está indo embora. Apenas indo embora. Olho para suas costas vestidas de preto. Chase está usando um moletom de novo. Seu jeans não é preto, no entanto. É azul e tão desbotado que parece ter sido lavado mil vezes antes. Sua estrutura alta fica menor quanto mais longe está. Continuo observando, porque o que mais faria? Tenho muito tempo para matar antes que o táxi chegue.

Quando ele chega ao fim da rua, para no mesmo sinal para o qual corri mais cedo, quando Jeff disparou como um idiota total.

Estreito os olhos. Chase permanece parado por vários momentos. Então, muito lentamente, ele vira e começa a voltar em minha direção. Meu pulso acelera.

No momento em que está na minha frente novamente, meu coração parece que explodirá no peito.

Seus olhos azuis escaneiam meu rosto e sua voz é um pouco rouca quando pergunta: “Alguém te machucou?”

Balanço a cabeça dizendo que não.

“Tem certeza? Porque é óbvio que você está chorando.” Ele arrasta as mãos pelo cabelo bagunçado, tentando afastá-lo do rosto. “Por que diabos está aqui, Beth? Você não é amiga de Kav, Maria ou sua galera. E com certeza não é amiga da galera de Tanner.”

“O que há de errado com Jay?” Exijo, estranhamente na defensiva por um garoto que mal conheço. Mas ele foi legal comigo essa noite e não gosto do desprezo na voz do Chase. Ele não tem o direito de condenar ninguém.

“Não há nada errado com Jay. É sobre a galera do seu irmão que estou falando. Dave é um traficante de drogas.” Chase fala categoricamente. “Mas suponho que já sabia disso, já que estava curtindo na casa dele hoje à noite.”

Não conheci Dave, tanto quanto lembro e de repente estou feliz que Jay não nos apresentou. Sinto-me um pouco desanimada, porque a revelação que alguém naquela casa lida com drogas só confirma o que já sabia, poderia ter ficado muito pior esta noite se Jay não tivesse tomado conta de mim.

“Bem, ninguém me machucou e estou bem. Então pode ir embora.” Digo ao Chase. “Estou esperando por um táxi.”

Ele concorda. Mas não vai.

“Apenas... *saia.”* Falo rispidamente. “Não temos nada a dizer um ao outro. Você deixou claro, ok?”

Seu tom é cauteloso. “Deixei claro?”

“Sim! Só porque fizemos sexo não significa que haja algum tipo de vínculo entre nós. Você não quer nada comigo. Eu não quero nada com você.” Meus olhos parecem quentes de repente, ardendo tanto que minha garganta aperta.

“Você *quer que* haja um vínculo?” Agora ele parece incrédulo. “Porque isso é asneira, Beth.”

Como a água batendo em uma represa quebrada, minhas lágrimas escorrem.

Ele tem razão. Estou *ferrada.* O fato de eu poder olhar para esse garoto sem querer arrancar sua garganta é errado. Querer formar algum tipo de conexão com ele? Isso está *além de* errado.

Mas se não há conexão, não há vínculo, então significa que Chase e eu não temos nada. Que não significou nada.

“Entendi, ok?”

Suas palavras doloridas me atraem de volta ao presente. “Entendeu o quê?”

Chase se abaixa ao meu lado e estica suas pernas. Ao luar, a barba no seu queixo parece mais loira. “Você era virgem.” Ele murmura.

Não vejo o ponto em negar isso, portanto confirmo.

Sua expressão fica mais chateada. “Eu deveria ter percebido, peguei os sinais, mas eu... também estava...” Ele se afasta.

“Também o quê?”

“Obcecado com aquilo, ok?” Vergonha tinge sua voz e seus ombros caem. “Eu não fiquei com uma garota em três anos, Beth. Não era virgem no último final de semana, mas poderia muito bem ser, considerando o quanto desejava e como estava ansioso.”

Inclino a cabeça para enxugar as lágrimas com a manga da camiseta. A ação significa que não posso olhar para ele e isso é uma coisa boa. Não quero ver seu rosto agora.

“Entendo.” Murmuro. Ainda não olharei para ele, no entanto.

“Mas a única maneira de seguir em frente é deixar isso para trás. Não significou nada, certo?”

Um gemido escapa. Mordo forte meu lábio inferior e corajosamente tento não chorar de novo.

“Beth.” Ele diz em frustração.

Olho para frente.

“Porra do inferno, Beth. O que *você* quer fazer?” Chase se levanta e começa a andar pela calçada. Os fragmentos de luz do alto enfatizam o vinco em sua testa. “Você quer começar a sair? Começar de novo? Fui para a porra da cadeia por matar sua *irmã.”*

Meu rosto desmorona. Meus ombros caem incapazes de suportar o peso da culpa. “Sou uma pessoa horrível.” Sussurro.

Sua cabeça loira se vira para mim. “O quê? Você não é.”

“Sim. Sou.” Não me incomodo de enxugar as lágrimas mais. Deixo que escorram pelo rosto e pelo meu queixo. “Sou a puta que dormiu com o assassino da minha irmã.”

“Você não sabia.” Ele fala asperamente. “E você não é uma puta. Nenhuma garota é por fazer sexo ou gostar disso.”

Sei disso, mas... encontro seu olhar fracamente. “Então por que me sinto como uma?”

Ele não tem resposta para isso. Não tenta me consolar. Não se move em minha direção, me toca. Ele simplesmente fica lá, olhando para mim com pesar em seus olhos. Olho de volta, imaginando o que vê quando olha para mim. Imaginando por que consigo olhá-*lo* sem querer vingança pelo que fez com Rachel.

A dor corta meu coração. Rachel. Deus, por que ela teve que morrer? Sinto falta dela. De verdade... Acabo banindo esses pensamentos para a masmorra de paredes de aço no fundo do meu coração. Pensar em Rachel é inútil. Dói apenas fazer isso. E sentir falta dela não a trará de volta. Não mudará o fato de que esse garoto na minha frente é a razão pela qual minha irmã não está aqui.

"Você está, pelo menos, arrependido?"

Ele parece surpreso. "O quê? Pelo que aconteceu no sábado? Eu..."

"Não." Interrompo. "Pelo que aconteceu há três anos."

O silêncio espantoso cai sobre a rua escura. Chase passa a mão pelo cabelo de novo, o movimento rápido e forçado. Seu olhar desce para seus tênis gastos e posso ver seu peito subir e descer em um ritmo rápido, como se estivesse respirando com dificuldade.

Ainda assim ele não diz uma palavra. Não responde à pergunta. É uma questão estúpida, na verdade. Porque mesmo se não lamentar o que aconteceu, não é como se fosse admitir isso.

O silêncio se arrasta, finalmente quebrado pelo som de um motor. Dois enormes holofotes apontam para as costas de Chase, me cegando. Levanto. Chase se move rapidamente para o lado para permitir que o táxi encoste-se ao meio-fio.

"Beth?" O motorista pergunta depois de abrir a janela.

Concordo. "Sim, sou eu." Sem olhar para Chase, abro a porta do carro e deslizo para o banco de trás.

Antes que possa fechar a porta, Chase avança.

"Beth." Ele chama rispidamente.

Mordo o interior da bochecha. "O quê?"

"Sim."

"Sim, o quê?"

Ele visivelmente engole. "Sim, sinto muito pelo que aconteceu três anos atrás. Mais do que você jamais saberá."

Meus olhos começam a arder outra vez. Afasto meu olhar de Chase e me dirijo ao motorista. "Podemos, por favor, ir embora?"

Ele pisa no acelerador e deixamos Chase no espelho retrovisor.

14

Para o meu completo e total choque, Jeff está me esperando na calçada quando chego à minha casa.

“Onde você esteve?” Ele sussurra, agarrando meu braço e me arrastando para longe da calçada da frente.

Empurro suas mãos para me livrar do seu aperto, ainda atordoada por vê-lo aqui. “O que quer dizer? Onde deveria estar? Você me largou na rua!”

“Voltei e você não estava mais lá.” Acusa.

Minha cabeça lateja. “Tenho que entrar. Não quero mais falar sobre isso.” Não tenho certeza de como vou vender isso aos meus pais, mas terei que tentar.

Ele me agarra novamente antes que possa sair. “Você não pode entrar. Já te dei cobertura.”

“O que você quer dizer?”

“Liguei para eles depois que não consegui te encontrar e disse que você adormeceu na sala de estar e que achava que era melhor não te acordar.” Ele aponta furiosamente para seu Audi estacionado a meio quarteirão de distância. “Vamos. Você vai ficar na minha casa e vou te levar para a escola de manhã. Foi o que eu disse a seus pais.”

Esfrego os dedos nos olhos, tentando resolver meus sentimentos. Confusão é meu estado padrão atualmente. Penso nas minhas escolhas, mas Jeff está certo, o plano dele é melhor, porque é o que meus pais supostamente estão de acordo.

“Bem. Vamos.”

Ele arqueia uma sobrancelha. “Não vai me agradecer?”

Meu queixo cai aberto. “Agradecer? Você me *largou* em Lincoln!”

“Mantenha a voz baixa.” Ele ordena com firmeza, mas seus olhos se suavizam. “Sei que sim e desculpe. Realmente. Simplesmente não consigo controlar meu temperamento quando se trata desse assassino.”

Não o perdoo inteiramente, eu poderia ter sido seriamente ferida esta noite, graças ao Jeff me abandonando, mas é tarde demais e estou com ressaca para ter essa discussão. Então aceno e murmuro: “Que seja, tudo bem. Vamos sair daqui.”

* * *

Acordo às oito da manhã em uma cama desconhecida. Leva vários segundos e um monte de piscadas para lembrar onde estou, o quarto da irmã de Jeff. Ele me trouxe até aqui ontem à noite quando chegamos em sua casa. E acho que mencionou que seus pais estavam fora da cidade, o que é um grande alívio. Quão estranho seria conversar com os pais do namorado da minha irmã no café da manhã?

Mas não tem café da manhã no plano. Acabei de terminar de me lavar no banheiro privado quando Jeff bate na porta, anunciando que é hora de sair.

Olho para minhas roupas velhas e amassadas. “Mas estou vestindo a mesma roupa que vesti ontem.” Digo para a porta fechada.

“Olhe no closet da minha irmã.” É a sua resposta. “Deve haver algo que sirva em você.”

No closet, vasculho algumas saias e vários tops em vários tons de florais e pastéis. A irmã de Jeff deve ter amado rosa nos seus tempos de colégio.

Cinco minutos depois, estou usando uma saia rosa, uma

blusa polo branca e um colete de suéter de gola em V rosa profundo sem mangas. Amarro o cabelo em um rabo de cavalo quando saio do quarto. Jeff está esperando no corredor e avalia minha roupa com um sorriso.

"Sem ofensa à sua irmã, mas pareço um modelo de campo de golfe." Resmungo.

Ele franze a testa. "Você está bonita. Gosto desse visual muito mais do que o que costuma usar."

"O que costumo usar são camisetas e jeans."

"Exatamente. Você tem um corpo legal, Beth. Não deve ter medo de se vestir bem. Não que ache que você deva se vestir como uma puta como a Macy, mas seria legal usar algo mais feminino."

Sua crítica é irritante, mas ele me acobertou com meus pais na noite passada, então tento manter o aborrecimento longe da minha voz. "Menininha não é meu estilo e Macy não se veste como uma puta."

"Posso ver o sutiã dela todo dia." Jeff retruca.

"E daí? Se você não gosta do sutiã dela, não olhe para ele." Porra, Jeff é irritante. Ele era assim com Rachel?

"Tudo bem, mas ela *é* uma puta. Todo mundo sabe que Macy transa com qualquer um que mostre o mínimo de interesse. Chamar Macy de fácil é um insulto para garotas fáceis de todos os lugares."

Cerro os dentes. "Isso é rude, Jeff. E nem mesmo é verdade. Sem mencionar que é um completo duplo padrão de besteira. Não ouço você falando mal de Troy e todo mundo fala sobre como ele tenta pegar a líder de torcida de todas as escolas que Darling joga contra. A vida sexual de Macy não é da sua conta." Por que ele está mesmo insistindo em Macy?

"Não gosto que você saia com ela.

é uma má influência.” Jeff continua falando como se eu não existisse.

“Não vou ficar discutindo sobre Macy.” E seus modos *não são* promíscuos. Não me importo que ela tenha dormido com muitos rapazes. Gostaria de ter a confiança dela. Ela está completamente despreocupada com sua atividade sexual. Talvez o que eu precise fazer seja dormir com mais garotos. Tipo, talvez a razão pela qual esteja obcecada com Chase seja por ele ter sido o único com quem já transei.

“Só dizendo.”

Recuso-me a falar com ele pelo resto do caminho. Depois que Jeff para no estacionamento da escola, saio do seu Audi o mais rápido que posso. “Obrigada pela carona.” Murmuro e depois vou para a entrada.

Ele me para antes que chegue mais longe do carro.

“Sei que você não é como Macy, Beth. Pelo que ouvi, não namorou ninguém.” Ele me puxa para ele. Seu rosto está desconfortavelmente perto do meu. “Gosto disso.” Ele diz de um jeito sério. “Gosto muito disso.”

Não sei exatamente o que ele quer dizer com isso, mas me deixa bastante desconfortável. Como quando o pai de Gary Keller cuidou de nosso baile da oitava série e saiu dizendo às garotas que seus vestidos eram muito sexys. Ele estava tomando conta e nos julgando ao mesmo tempo.

“Tenho que ir para a aula.” Digo, tirando sua mão do meu pulso. Esfrego e me pergunto se terei uma contusão de todo aperto que fez.

“Nós estamos bem sobre o que aconteceu ontem à noite, não estamos?”

Ainda estou chateada que ele me abandonou, mas não estou com vontade de discutir, então digo: “Sim”.

“Ok, bom. Vejo você no almoço, então.”

“Claro.” Mas quando corro para a escola, começo a planejar diferentes opções de almoço.

Na aula de Cálculo Avançado, corro para a minha mesa.

“O que você está vestindo?” Scarlett exige quando escolho o assento ao lado dela.

“Não pergunte.” Murmuro.

“Como foi a festa?” Sua voz é tensa. Tenho certeza de que a expressão dela também é, mas não tenho energia para olhar.

“Não pergunte sobre isso também.” Falo e depois sento na minha cadeira, abaixo a cabeça e excluo o mundo.

É muito humilhante olhar para o Chase hoje. Preciso arrancar uma página do livro e fingir que ninguém mais existe. E pelos próximos cinquenta minutos, sou capaz de fazer isso. Copio as anotações. Mantenho os olhos presos no quadro branco quando a Sra. Russell está falando. Caso contrário, estou olhando para o meu caderno, anotando todas as equações. Até faço os créditos extras na parte de trás porque termino cedo.

Quando o sinal toca, corro para fora da sala e para a próxima aula. Repito isso a manhã toda, ignorando todos ao meu redor. Algumas vezes Scarlett, Yvonne ou Macy tentam me envolver na conversa, mas murmuro algo sobre estar doente e elas eventualmente me deixam em paz.

Pulo o almoço e vou para a biblioteca, onde pretendo me esconder até que as aulas recomecem.

“Não vai almoçar hoje?” Pergunta Sra. Tannenhauf, nossa orientadora escolar e bibliotecária.

“Estou tentando começar um projeto de pesquisa.” Minto e espero que ela não me pergunte qual projeto, porque não existe.

Ela olha em volta e gesticula para eu me

aproximar. Relutantemente, ando até o balcão de circulação.

“Sim, senhora?”

“Por que você não vem ao meu escritório um minuto?” Ela aponta para a porta fechada atrás dela.

“Não sei. Tenho todas essas coisas para fazer.” Balanço o polegar vagamente na direção das prateleiras.

“Você nem tem um lápis, Beth.” Ela repreende gentilmente. “Entre.”

É uma ordem, não um pedido.

Ando infeliz em direção ao escritório da Sra. Tannenhauf. Atrás de mim, minutos. Pelo menos essa conversa será por um período finito.

Sento na cadeira na frente da mesa e solto um suspiro enorme. A Sra. Tannenhauf fica na minha frente e a ideia de repetir a ação infantil parece muito estúpida. Conformo-me em dobrar os braços e encarar friamente a orientadora.

Em vez de sentar atrás da mesa, ela arrasta a cadeira ao lado da minha e se senta. Seu tênis Converse está a centímetros de distância dos meus. Coloco os pés embaixo da cadeira. O que é isso com pessoas invadindo meu espaço hoje?

“Você parece infeliz, Beth.” Ela diz. “Existe algo que queira tirar do seu peito?”

“Não.” É a verdade. A última coisa que quero fazer é falar sobre meus sentimentos. Especialmente com a Sra. Tannenhauf.

“Estou preocupada com você.”

Não tenho nada a dizer, então fico quieta.

A Sra. Tannenhauf também espera, provavelmente aguardando que seu silêncio seja tão desconfortável que começarei a falar, sobre como meus pais são péssimos, como perdi minha

virgindade com o garoto que matou minha irmã, como bebi tanto na noite passada e acordei na cama com um completo estranho, como o ex-namorado da minha irmã está me enlouquecendo e como tenho sentimentos estranhos, bizarros e errados por Chase.

OK. Tenho muitas coisas que quero tirar do meu peito, mas não tenho ninguém para falar sobre isso. A última conversa significativa que tive com alguém foi com o Chase e olhe aonde isso me levou.

A Sra. Tannenhauf suspira, uma grande exalação por que estou dando trabalho. Ela estende a mão pela mesa e coloca algo nos meus joelhos.

Olho para baixo para ver que é uma brochura do abrigo de animais onde costumava trabalhar. *Costumava* são as palavras operativas.

"Recebi uma ligação do abrigo outro dia perguntando se tínhamos alguém que estivesse interessado em se voluntariar porque seu aluno atual desistiu deles. Pensei que amava esse trabalho, Beth."

Amava esse trabalho, digo interiormente. Começou como uma exigência, todos os alunos da Darling têm que realizar vinte horas de serviço comunitário a partir do primeiro ano. Escolhi o abrigo porque amo animais e nunca podíamos ter animais de estimação em casa. E assim que minhas vinte horas terminaram, continuei como voluntária.

Não foi minha escolha desistir. Não tenho mais opções na minha vida. Estou sempre dançando ao som dos outros. Tenho que fazer o que meus pais dizem. Se tento me libertar tenho que obedecer a outra pessoa, como Jeff. Entro na linha ou então... Sou impotente e o desamparo que sinto é como um laço no meu pescoço que fica mais apertado a cada respiração que dou.

"Como se eu quisesse sair! Amo esse trabalho. Era a melhor coisa da minha vida!"

“O que aconteceu, então?” A Sra. Tannenhauf não se incomoda com a minha explosão, como se tivesse ouvido essas histórias incontáveis vezes antes.

Desligo. Não há nada que ela possa fazer para me ajudar. Meus pais não iriam ouvi-la. Não ouvem ninguém porque o medo deles é muito grande.

“Nada.” Levanto-me em pernas instáveis. “Se isso é tudo, vou estudar.”

A Sra. Tannenhauf acena e não diz nada até que minha mão toca a porta e eu esteja meio fora da sala. “Pela manhã, Sandy Bacon, no abrigo, disse que se você quisesse voltar, a porta estaria aberta”.

“Obrigada.” Consigo responder. Mais palavras e as lágrimas que estou segurando cairão. Ando rapidamente até o canto da biblioteca, escolho um livro da prateleira aleatoriamente e afundo no chão.

Tenho dezessete anos e parece que meu mundo está terminando antes mesmo de começar. É uma resposta melodramática, eu sei, mas a graduação parece uma eternidade distante. E mesmo depois, o que eu farei? Meus pais destruíram minhas candidaturas para as faculdades. Se o plano deles der certo, vou para a Darling College.

A verdadeira liberdade parece muito longe como Paris e inatingível. E toda essa restrição me faz querer quebrar janelas, ficar bêbada e transar com o maior número de pessoas possíveis. Não sei se é uma maneira de mostrar aos meus pais que não podem me controlar, ou uma maneira de experimentar algum tipo de independência. Só sei que sinto vontade de gritar.

Onde quer que olhe, vejo uma porta fechada. Uma passagem escura. Janelas fechadas.

Se há uma saída, não consigo visualizá-la.

Envolvo os braços em meus joelhos e pisco através da picada em meus olhos. Então paro de lutar, porque quem se importa se choro na escola? Não é como se minha vida pudesse ficar mais patética.

Ao som de passos, levanto a cabeça. Não tenho tempo para limpar meus olhos antes de Chase virar no canto e entrar no corredor.

Ele para abruptamente, me vê e suspira profundamente. “Foda-se.” Ele fala. “Você não estava brincando sobre o choro.”

15

É claro. Quem mais me pegaria chorando na biblioteca da escola? Quem mais, porra?

Mas, por mais envergonhada que esteja também estou cansada disso. Cansada de me sentir humilhada toda vez que encontro Chase Donnelly. Portanto não me incomodo de enxugar as lágrimas. Só o encaro e digo: “Já disse. Não posso controlar.”

“Com quem ou do que você está com raiva?”

Enrugo a testa. “O quê?”

“Você disse que chora quando está com raiva e todo mundo pensa que está triste. Então, o que te irritou?”

“Não estou chateada. Estou triste.” Admito. “Choro quando estou com raiva e choro quando estou triste e sorrio quando devo chorar. Sou péssima.”

Ele suspira novamente. “Por que não está no almoço?”

“Por que você não está?”

“Queria dar uma adiantada no ensaio para a aula de História Musical.” Ele dá um passo desajeitado para frente. Depois dá um passo para trás, como se tivesse acabado de se lembrar de com quem está falando e sabe que não deve se aproximar de mim.

“Sim, é o que estou fazendo também.” Minto.

Seu olhar cai para o livro no chão. Mesmo a um metro e meio de distância, sei que ele claramente pode ler o título. *Mudança Climática: Uma Epidemia Global.*

"Você deveria usar um livro diferente como referência." Ele diz, prestativo.

Faço uma careta para ele.

Por meio segundo, parece que ele vai sorrir. Mas então seus olhos se fecham e ele anda para trás um pouco mais.

"O quê? Com medo de ser visto comigo?" Insulto.

Chase encolhe os ombros. "Não. Estou pensando em você agora mesmo."

"O que isso significa?"

"Significa que você provavelmente não deveria ser vista falando comigo."

"Por que não?" Desafio, mesmo que a resposta a essa pergunta seja estupidamente óbvia.

Chase confirma isso. "Por razões óbvias, Beth." E depois adiciona uma coisa inesperada. "Mas também por causa da missão de Corsen."

"Jeff?" Digo inexpressivamente. "Que missão?"

"A petição que ele está encabeçando." A expressão de Chase é turva, mas posso dizer que está mais desconfortável que bravo.

Ele apoia um ombro largo contra a estante e evita meu olhar. Os dedos longos de uma mão espalham na parte de cima de seu jeans, o polegar preso em seu cinto. Lembro-me da sensação desses dedos na minha pele nua e quero começar a chorar de novo.

Estou indo cada vez para *não* pensar sobre aquela noite? Entendo, a maioria das pessoas nunca esquece a primeira vez. Mas o meu primeiro é alguém que eu não deveria lembrar. Alguém com quem nem posso ser vista conversando.

"Que petição?" Pergunto.

Outro indiferente encolher de ombros. Exceto que sei que ele não é indiferente a nada disso. Sua infelicidade está escrita em toda linha tensa de seu corpo. “Seu amigo Jeff...”

“Ele não é meu amigo.” Interrompo. “Era o namorado da minha irmã.”

Nós dois empalidecemos com a lembrança de Rachel. Ela sempre estará entre nós. *Sempre*.

“Seja como for.” Chase diz. “Ele tem passado sua pequena petição a manhã toda, tentando conseguir assinaturas de todos na escola. Acho que está esperando que, com um número suficiente de pessoas se juntando a ele, o diretor Geary não tenha escolha a não ser me expulsar da escola.”

Engulo. “Estão tentando te expulsar?”

“Como se você já não soubesse disso.” Ele diz baixinho. “Sei que os pais de Corsen falaram com o conselho escolar.” Ele me dá um olhar aguçado. “O seus também.”

A culpa pesa na minha barriga. Engulo de novo. “Obviamente a diretoria da escola os ignorou, já que você ainda está aqui.”

“Sim. Meu padrasto bateu o pé. Não porque dá uma merda sobre onde frequento a escola. Brian simplesmente não gosta de ser manipulado por ninguém. Contanto que diga que estou indo para esta escola, então não se engane, irei para a escola. Ele disse que é uma questão de princípio.”

“Brian... como o prefeito? Sua mãe se casou com ele, certo?” Faço as perguntas antes que possa me parar. Por quê? Por que estou tentando conhecê-lo?

“Sim, nesta primavera.” Sarcasmo goteja de suas próximas palavras. “Eu certamente teria comparecido, mas estava *indisposto* no momento.” Chase sorri sombriamente. “Essa é a desculpa que a mamãe deu a todos, como se todos aqueles

filhos da puta não soubessem exatamente onde eu estava e porque não pude comparecer."

Desconforto faz cócegas na garganta. Oh Deus. Não sabia sobre essa lata de minhocas que acabei de abrir. Queria um vislumbre da vida em casa do Chase e agora tenho isso e é tão... triste.

"Parece que você não gosta muito do seu padrasto." Digo com cuidado.

"Não, sou indiferente a ele. Ele é um homem correto, acho. Nós simplesmente não temos muito a dizer um ao outro." Chase passa a mão pelo cabelo e exala rispidamente. "Porra, preciso de um cigarro."

"Você não deveria fumar." Falo imediatamente, porque é o que sempre digo para quem fuma. "É um hábito horrível."

Em vez de responder, ele vagueia o seu olhar sobre mim, uma expressão pensativa marcando seu rosto.

Sob seu longo e estudioso exame, minhas bochechas ficam quentes. "O quê?" Murmuro.

"Não consigo entender você, Beth." Sua voz é baixa, cautelosa.

"Não consigo me entender também." Falo, mas meu tom é fraco e assim como o sorriso que tento reunir.

Chase se move lentamente em minha direção e meu coração acelera. Não de luxúria, mas porque a própria presença dele é intimidadora. Ele é alto e largo. Sua mandíbula está coberta de barba. Seu jeans está rasgado e sua camiseta preta estende-se pelo grande peito.

"Nunca fui chorona antes. Nem chorei no..." Aceno a mão. Ele sabe do que estou falando.

"Talvez seja por isso que você continua chorando agora."

Estreito os olhos para ele. “Me poupe da psicologia moderna.”

“Tudo bem.” Ele começa a se afastar.

Não quero ficar sozinha. Posso ter pensado que seria uma ótima ideia no começo, mas agora, percebo que não gosto disso. Seguro a barra da calça jeans dele.

“O quê?”

“Não...” Engulo fundo e forço meu pedido. “Vai se sentar? Está machucando meu pescoço continuar olhando para você.”

“Voltarei a estudar.” Ele suavemente balança a perna, tentando soltar minha mão.

“Não.” Deus, ele vai me fazer implorar? Fecho os olhos e imploro: “Por favor”.

Ele faz um pequeno som, a meio caminho entre a rendição e a frustração. O primeiro vence. O ar muda quando ele cai no chão ao meu lado.

Deixo a cabeça cair nos meus joelhos, mas não solto o jeans dele. Ele não me obriga. O silêncio que era tão desconfortável a princípio se torna um conforto. Ou talvez seja Chase quem é o conforto.

“De quem você está se escondendo?” Ele pergunta baixinho.

“De quem eu não estou?” Viro a cabeça, descansando a bochecha no joelho. Ele parece lindo mesmo deste ângulo.

“Mas por quê? Você é irm...” Ele para. “Você é Elizabeth Jones. Por que teria que se esconder?”

“Porque sou irmã de Rachel Jones.” Digo sem rodeios. Nós dois temos andado ao redor dela, mas não faz sentido. “Porque o nome dela está em uma placa na parede. Porque o quarto dela está

igual ao dia em que morreu. Porque cada parte da minha vida é ditada pela morte dela."

Seu rosto fica tenso. "Sinto muito. É por isso que eu não deveria estar aqui." Ele acena para a minha mão ainda presa na bainha de seu jeans. "Sou um lembrete dela."

"Não. Não de verdade. Quando olho para você, não a vejo." Fecho um olho e depois o outro. Ele continua o mesmo, não importa a visão que eu tenha. O mesmo nariz reto. O mesmo queixo pontudo. Os mesmos olhos azuis profundos de formato oval. "Acho que isso me faz mal."

Sento, estou contra as lombadas dos livros. O jeans entre meus dedos é macio, desgastado de todas as vezes que foi jogado na secadora. Pergunto-me se ele estaria ok se eu cortasse um pedaço. Parece me trazer conforto. Claro, meus pais iriam encontrá-lo e exigir saber por que trouxe contrabando para a cela da minha prisão.

Bufo.

"Do que estamos rindo?" Ele pergunta ironicamente.

Conto a ele, porque não. Ele já acha que sou doente por procurar sua companhia. "Estava pensando em pedir um pedaço do seu jeans, mas meus pais confiscariam. Eles são meus carcereiros, sabe." Olho para ver se ele tem um sorriso em seu rosto perfeito. Não tem.

Em vez disso, ele franze a testa. "Seus carcereiros? Você acha que mora em uma prisão?"

"Sim." Digo sem pensar. "Eles ditam aonde vou e quando. Quem eu vejo. Para qual faculdade vou. Não tenho acesso ao meu carro. Eles me fizeram parar meu trabalho voluntário no abrigo de animais e meu trabalho real no Ice Cream Shoppe. Removeram a porta do meu quarto." Sussurro a última parte porque é muito humilhante.

“Eles tiraram a porta do seu quarto?” A boca de Chase se abre e suas sobrancelhas se erguem.

“Sim!” Dou um pequeno grito. Preocupada, verifico se alguém me ouviu. “Sim.” Repito em tom muito mais silencioso. “Como guardas.”

“Não minimizando sua miséria, mas não é assim que uma prisão é.”

“Parecido o suficiente.” Murmuro.

“Não. Nem mesmo perto. Concordo que a coisa da porta é fodida, mas na prisão você está literalmente sendo trancada dentro de uma pequena cela com um buraco no canto, onde tem que mijar. Recebe três refeições por dia e as come em um refeitório cheio de punks que provavelmente estão pensando em esfaquear você com seus garfos. Não há liberdade para se mover entre as celas. Você não pega o sol em seu rosto sempre que quiser. Sempre que eles quiserem, podem tirar você do macacão e te obrigar a se curvar para ter certeza de que não está escondendo contrabando da vida real em sua bunda.”

Minhas bochechas ficam vermelhas de vergonha. Continuo esquecendo que Chase esteve na prisão de verdade.

“Eles nem te chamam pelo seu nome. Você é um número. Número trezentos e dez, traga seu traseiro branco aqui e esfregue a merda no chão.” Ele imita um tom agudo e nasal que deve ter pertencido a um de seus guardas. “Entendo que acha que a vida é terrível, mas sua vida não é uma prisão. Não como uma verdadeira, pelo menos.”

“Desculpe.” Peço, com os olhos presos no tapete. Estou com vergonha de olhar para ele.

“Não se desculpe.” Ele suspira. “Não queria falar assim. A coisa fodida é que pensei o mesmo que você antes... antes da prisão. Meu pai sempre me obrigou a praticar basquete. Queria transar, ir ao parque de skate ou sair com meus amigos ou deitar

no sofá e jogar videogames. Não queria ir ao ginásio e praticar meu salto de quinze metros por duas horas. E isso foi durante o ano escolar. Acha que tive uma folga nos verões? OK, bem. Papai certificou-se que eu fosse ao acampamento de basquete em Lincoln quando viesse visitar minha mãe."

"Você não gostava de basquete?"

"Gostava. Mas não *amava*. Joguei principalmente porque meu pai costumava jogar e tinha amigos no time. Mas com certeza não queria gastar meu verão inteiro preso dentro de algum ginásio. Aquele último verão..." Ele engole visivelmente. "Não aguentava mais. Então, em vez de treinar, roubei o carro do meu treinador e fui dar uma volta. Você conhece o resto. A melhor coisa que aconteceu foi que meu pai terminou comigo. Ele lavou as mãos no dia que me confessei culpado. Disse que desde já que eu não queria lhe dar ouvidos, ele não tinha mais nada a me dizer. Essa foi a última vez que nos falamos."

É tão fácil como ele descreve o abandono do pai.

"Você já falou com ele desde então?"

"Não." Chase sacode a cabeça. "Como disse, foi melhor. Ele é um idiota. Eu tinha dez anos quando eles se divorciaram e fiquei sinceramente feliz com isso. Ele estava constantemente brigando com minha mãe, dizendo que ela não era bonita ou inteligente. Quando ela fisgou o prefeito, ele não podia acreditar. Ele disse ao Brian..." Chase para. "Coisas podres e de merda. Foi o que ele disse a Brian. Então é melhor para todos nós que esteja fora de nossas vidas."

Franzo a testa. "Por que você morou com ele, então?"

"Não tinha escolha. Ele entrou na justiça pedindo a custódia total e venceu". Chase diz sombriamente. "Fez um discurso inteiro sobre como os meninos precisam de seus pais, e blá-blá-blá. Mamãe gritou no tribunal, mas o juiz decidiu em favor do meu pai. Então ele ficava comigo durante o ano e mamãe no verão."

A vida em casa de Chase antes do acidente parece terrível, mas a prisão tinha que ser pior. Tento imaginar como foi. Coloco-me no meu quarto e em vez do espaço aberto onde à porta deve estar, há barras. Cruzo os tornozelos e abraço os joelhos contra o peito. Não seria capaz de sobreviver. Pergunto-me como Chase conseguiu.

“Como você lidou com o reformatório?” Pergunto.

“Pensando no amanhã. Cada dia que passava era um dia mais perto da minha libertação. Nenhuma gaiola é para sempre, Beth. Tentei encontrar uma pequena coisa pela qual eu poderia ser grato a cada dia, como os dez minutos extras de tempo livre do lado de fora ou uma folga do trabalho de recolher o lixo ou sorvete para a sobremesa. Foi assim que consegui me manter são, concentrei-me em uma coisa boa em vez de todas as coisas fodidas.”

Uma coisa pequena.

Chase fica de pé. “O almoço está quase no fim. Nós devemos ir.”

Levanto, mas ainda não estou pronta para ir. Tentativamente, estendo a mão e coloco a palma em seu antebraço. Sua respiração trava. Depois de um longo, longo momento, ele muda a própria mão para que o polegar esteja pressionado contra o meu pulso.

“Chase.” Começo com voz rouca.

“Ele está incomodando você?”

A voz estridente de Scarlett me faz pular de surpresa. Giro a cabeça para encontrar minha melhor amiga, com as mãos nos quadris, na outra extremidade do corredor. Percebo que de onde ela está, parece que Chase está prendendo meu pulso.

Apreensão corre pelo meu corpo. Poderia confessar e dizer que fui eu que toquei *nele*. Era eu quem estava falando com *ele.*

Mas o horror nos olhos de Scar desencadeia a vergonha que tenho sofrido desde que descobri que Chase é Charles Donnelly. Todo mundo o odeia. *Eu* deveria odiá-lo. Jeff está colhendo assinaturas para sua expulsão. Meus pais estão tentando expulsá-lo.

Quanto mais contato ele tem comigo, maior é o alvo nas suas costas, o que significa que a pequena coisa boa que o faz superar cada dia e todo o resto dos dias antes de se formar será mais difícil de encontrar.

O melhor que posso fazer por nós é manter distância do Chase.

Seus olhos azuis vívidos se fixam nos meus. Limpo, brilhante e cheio de permissão, ele compreende o que estou prestes a fazer. Isso não me faz sentir melhor, no entanto.

Sussurro *me desculpe.*

Puxo a mão para longe. “Te disse, *não* quero falar com você.” Grito.

Scarlett corre e coloca um braço protetor em volta dos meus ombros. Ela olha furiosa para Chase. Ela estava tão brava e irritada ontem, então a solidariedade que mostra para mim agora é tocante. Como se realmente fosse lutar contra ele para me proteger.

“Deixe Beth sozinha.” Ela ordena e estou tocada novamente porque me chamou de Beth. “É ruim o suficiente que ela tenha que ver você todos os dias. Não ouse tentar falar com ela.”

Um canto da boca de Chase ergue-se ironicamente.

Scarlett engasga. “Você está rindo de mim? Oh meu Deus! Deixe Beth sozinha, me ouviu?”

Ele solta um suspiro e esse quase sorriso desaparece. Depois se afasta sem uma palavra.

No momento em que ele vai embora, Scarlett procura freneticamente meu rosto. “O que ele queria de você?”

“Não sei.” Minto.

“Você está bem?”

Não estou bem. Estou bem mal. Chase me fez sentir muito melhor sobre tudo. Ele me confortou. Ele me escutou. E retribuí agindo como se fosse um leproso no momento em que alguém nos viu juntos.

“Não.” Digo, e não é mentira.

16

Mesmo que Chase tenha me dado uma permissão silenciosa, ainda me sinto péssima sobre o que aconteceu na biblioteca. Não posso parar de ficar obcecada com isso e minha culpa é pior durante a aula de História Musical quando Troy Kendall entra com Chase. Em toda a classe, os comentários do Manson vêm com força e rapidez, mas Chase apenas mantém a cabeça baixa e permanece lá estoicamente.

Quando a Srta. Dvořák está de costas para a turma, Troy se vira para mim. “Você assinou a petição de Jeff?”

O ignoro.

“Ei, Lizzie, você me ouviu?”

“Cala a boca, Troy.” Scar fala. “Deixe-a em paz. Não pode ver que ela quer que você cale a boca?”

Obrigado, Scarlett. Lanço um olhar agradecido. Ela sorri e se aproxima para apertar minha mão. O aborrecimento de ontem se foi, nosso mal-entendido obviamente posto de lado.

“Obrigada por me ajudar.” Digo a ela depois da aula.

“Claro. Sou sua melhor amiga”. Ela alisa meu cabelo. “Não tenho sido muito boa, no entanto.”

“Não. Sou eu quem não tenho sido uma boa amiga.” Protesto.

“Fui uma vadia total com você ontem.” Ela responde, parecendo genuinamente arrependida. “Me desculpe, discuti com você sobre a festa.”

“O que foi aquilo afinal?” Tenho que perguntar. “Um segundo você queria ir e no seguinte estava toda louca com Jeff.”

Scarlett suspira. “Culpo a TPM. Devo ficar menstruada esta semana e estou me sentindo bastante irritada.” Ela muda de assunto olhando fixamente para minha roupa. “Você ainda não explicou o visual do clube de campo que está usando hoje. De quem são essas roupas?”

“Da irmã de Jeff.” Falo. “A festa acabou sendo um desastre total e tive que dormir na casa de Jeff”. Quando suas sobrancelhas sobem, digo: “Longa história. Contarei depois. Mas vamos dizer que não planejo ir à outra festa com Jeff novamente.”

Por alguma razão, valeu a pena. Mas seu tom é simpático quando ela diz: “Ah, me desculpe, é uma merda”. Ela me olha com esperança. “Estamos bem, certo?”

Puxo-a para um abraço. “Claro que estamos.” Sussurro em seu cabelo brilhante.

“Vocês duas vão se beijar? Se não, tirem suas bundas quentes da porta.” Troy diz.

“Foda-se.” Digo a Troy me afastando de Scar.

“Estou aberto. Que horas e quando?” Ele arqueia as sobrancelhas. “Posso lidar com vocês duas. Meu pau é longo o suficiente para satisfazer as duas.”

Deus, Troy é nojento. “Isso seria nunca.” Respondo.

Scarlett sorri por trás de sua mão.

“Vejo você às cinco. Vou providenciar os preservativos...” Ele se interrompe quando alguém passa e bate no seu ombro com força, desequilibrando-o. “Ei, filho da puta, não me toque.”

É Chase quem bateu nele. E Chase, ao estilo de Chase, simplesmente ignora o jogador de futebol. Passo apressadamente na frente de Troy quando parece que ele vai acabar com o Chase.

“Cinco horas não é um bom momento. Você tem aula de futebol.” Lembro a ele.

Ele olha para mim, tentando ter um vislumbre do meu decote. Mais uma vez, ele é nojento. “Sim, tudo bem, mas podemos nos encontrar depois. Conheço garotas que gostam quando estou suado.” Ele levanta os braços e flexiona.

Como é que Troy pode ser tão esquisito, enquanto Chase, que nem sequer tenta, me faz tremer?

“Vamos.” Pego a mão de Scar.

“O que vai fazer hoje à noite?” Ela pergunta enquanto deixamos um Troy protestando em nosso rastro.

“Casa.” Respondo com tristeza. “Meus pais me esperam em casa todos os dias depois da escola.”

“Quer uma carona?”

“Fica fora do seu caminho.”

“E?”

“Então, sim.”

Trocamos sorrisos, mas o meu desaparece mais rápido que o dela. A conversa que tive com Chase na biblioteca ainda está me assombrando. Sei que a prisão deve ser um castigo, mas ouvi-lo falar sobre em termos tão duros faz meu coração doer.

Não acredito que Rachel iria querer que todos ficassem tristes e sofrendo por causa de sua morte. Ela odiava quando as pessoas estavam bravas ou chateadas. Era uma pessoa tão positiva e estimulante, e fazia de tudo para tentar fazer as pessoas felizes.

Preciso me desculpar com Chase, porque mesmo que evitá-lo seja o que ele quer, não parece certo.

Enquanto Scarlett me leva para casa, faço um esforço verdadeiro para descobrir como ela está. Ela visitará Northwestern, mesmo achando que não vai entrar.

"É a faculdade dos sonhos do papai para mim." Ela confessa. "Não tenho notas para isso, mas sei que só a visita vai fazê-lo feliz. E quanto a você? Ainda quer ir para uma daquelas na praia? Você se ressente dessas inscrições? Ainda tem algumas semanas antes de acabar o prazo."

"Estou enviando tudo na segunda-feira."

"Certifique-se de entregar os envelopes fisicamente para o carteiro desta vez." Ela aconselha.

"Confie em mim, esse é o plano. Meus pais não vão estragar minhas perspectivas universitárias duas vezes em um mês." Se eu for aceita em alguma dessas faculdades, não sei como convencerei mamãe e papai a me deixarem ir.

"Sou egoísta por não querer que você vá embora para a costa?" Ela reclama. "Se fizer isso, nunca verei você."

"Claro que sim. Nós podemos nos visitar. E podemos planejar reuniões de férias épicas."

"Oooh, ou podemos viajar nas férias. Viagem de meninas para Bahamas ou Aruba ou qualquer outro lugar, na verdade. Enquanto estiver quente."

"Combinado."

Quando ela me deixa em casa, está sorrindo e estou feliz por isso. Sua TPM não é inteiramente crível para mim, mas enquanto não estivermos mais brigando, não me importo com o que aconteceu ontem. Estou feliz que não esteja lá hoje. Talvez a pequena coisa do meu dia seja minhas pazes com Scarlett.

Na verdade, não. Hoje, minha única coisa vai ser pedir desculpa a Chase. É que me fará sentir melhor.

Na porta da frente, respiro fundo e começo a pensar em desculpas. Estou saindo para uma longa caminhada. Como uma longa caminhada de duas horas. Tenho um grupo de estudo com... Não com Scarlett. Não quero usá-la. Não quero usar ninguém.

Entro na casa. Parece vazia. “Mamãe?”

Ninguém responde.

Ando por cada quarto. “Mamãe? Papai?” Meu coração acelera. Está estranhamente silencioso aqui. Acelero o meu ritmo. Na cozinha, encontro um bilhete no balcão.

Papai tem que fazer uma entrega especial de madeira para Prairie Hill hoje à noite. Ele não estará em casa até às oito da noite. Estou voltando para o escritório para lidar com uma emergência no trabalho. Volto por volta das sete e meia. Estamos confiando em você. Fique em casa.

Amasso o papel.

Boa. Não preciso de uma desculpa. Verifico o relógio. São quase quatro. Tenho quatro horas para atravessar a cidade até a casa do prefeito, que fica a oito quilômetros de distância. Eu devo ser capaz de fazer isso em uma hora. Corro para o andar de cima e troco de roupa para uma camiseta, shorts e tênis.

Fui dar uma corrida, escrevo em um novo pedaço de papel, para o caso de um dos meus pais chegarem em casa mais cedo do que o previsto. *Volto em breve.*

Isso provavelmente fica fora da minha lista de atividades aprovadas, mas não estou na prisão, estou?

17

O prefeito mora em uma propriedade em Grove Heights, o bairro mais rico de Darling. As ruas aqui são largas e margeadas por carvalhos majestosos. Todas as calçadas ficam super longe da estrada e cada casa é considerada uma mansão. A família de Jeff mora apenas alguns quarteirões de distância, então me certifico de evitar sua rua enquanto corro.

Estou sem fôlego e com o rosto vermelho enquanto percorro a longa estrada arborizada. Achei que estava mais em forma do que isso, mas começo a sentir falta de ar trinta minutos depois do início da minha corrida. Faço uma anotação mental para usar nossa esteira com mais frequência.

A casa tem uma entrada com pilares e uma enorme varanda em volta. Estou nervosa quando toco a campainha, porque e se a mãe de Chase ou o pai atender a porta? Não acho que nenhum deles me reconheceria como a irmãzinha de Rachel Jones, mas se eu me apresentar com meu nome verdadeiro, há uma grande chance de contatarem meus pais.

Meu pior medo se torna realidade quando a porta se abre para revelar uma mulher que só pode ser a mãe de Chase. O cabelo dela é do mesmo tom loiro que o dele e eles têm exatamente os mesmos olhos, de um azul escuro e vívido.

“Olá.” Suas palavras são simpáticas o suficiente, mas há cautela em sua voz. Ela observa minha roupa de corrida e o meu cabelo despenteado que se soltou do rabo de cavalo.

“Oi. Hum. Sra. Donnelly?”

Seu olhar instantaneamente esfria. “É senhora Stanton.” Ela corrige.

Certo. Claro que ela agora usa o nome do prefeito Stanton depois que se casaram. Já comecei mal.

“Eu sou... Katie.” Minto. “Uma amiga do seu filho. Estamos na mesma classe de História Musical na escola.”

Suas sobrancelhas sobem para a testa.

Eu me apresso. “Eu emprestei a ele algumas anotações e ele se esqueceu de devolvê-las mais cedo. Então vim buscar. Ele está em casa?”

“Charlie?” Ela diz.

Ela tem outro filho que não conheço? E por que está me encarando como se meu nariz tivesse crescido? Meu rosto esquenta porque, obviamente, ela sabe que estou mentindo sobre quem sou e por que estou aqui.

“Si-sim.” Eu gaguejo.

“Você é amiga do meu filho.” Ela diz lentamente. “Da escola.”

Demoro um segundo para perceber que está impressionada, não desconfiada. Aqueles olhos azuis fazem uma varredura cuidadosa em mim, da cabeça aos pés. Ela pisca algumas vezes. É como se não acreditasse que há realmente alguém na sua varanda, que quer ver o Chase.

Sem outra palavra, ela vira e grita “Charlie! Você tem visita!”

Passos soam do interior da casa e Chase aparece. Quando ele me vê, fica surpreso.

Vejo sua boca abrindo em surpresa formando meu nome. “B...”

Mas sua mãe, felizmente, o interrompe. “Sua amiga Katie está aqui para pegar algumas anotações?”

Um brilho irônico ilumina seus olhos. “Katie.” Ele diz, parecendo resignado. “Oi.”

“Ei.” Respondo. Alterno de um pé para o outro. “Hum, sim... Eu vim por causa das anotações de História Musical que te dei.”

Outro aceno de cabeça. “Sim. Estou com elas no meu quarto.”

“Entre.” A Sra. Stanton convida e seu tom é muito mais agradável do que quando abriu a porta pela primeira vez. “Gostaria de algo para beber?”

“Não, obrigada. Não vou demorar. Só tenho que pegar... as anotações.” digo, sem jeito.

“Por aqui.” Chase murmura, gesticulando para eu segui-lo.

“Tem certeza que não posso trazer nenhum lanche?” Sua mãe diz atrás de nós.

“Estamos bem, mãe.”

Estremeço com seu tom agudo. Eu meio que me sinto mal por sua mãe. Do jeito que ele a descreveu na biblioteca mais cedo, as desculpas que ela deu para seus convidados do casamento sobre o paradeiro de seu filho, ele a fez parecer um pouco malvada. Mas ela parece decente. Sim, foi fria no começo, mas quando percebeu que eu era amiga de Chase, imediatamente ficou mais calorosa. Ficou tão... *feliz* por ele ter um amigo.

Dou a Sra. Stanton um sorriso grato e aceno, mas continuo seguindo Chase. Fico assustada quando ele ignora a escada em espiral na entrada principal e passa direto por ela. Pensei que íamos para o quarto dele.

Em vez disso, andamos pelo corredor, passando pela cozinha e uma varanda linda que tem vista para uma propriedade enorme nos fundos. Nós viramos, passamos por uma lavanderia e chegamos a uma porta que Chase rapidamente abre.

“Aqui embaixo.” Ele diz.

Eu o sigo pelas escadas até o que deduzo ser o porão. Seus grandes ombros estão em uma linha tensa e firme e seus passos são rápidos. Ele está chateado? Estou começando a pensar que sim e minha pulsação acelera. Ter vindo aqui foi uma má ideia.

O ar fica com cheiro de mofado quando chegamos ao final das escadas. Esperava ver um porão mobiliado, aqueles incríveis que têm salas de jogos e tapetes macios e talvez até mesmo uma lareira.

Em vez disso, encontro paredes de blocos de concreto e piso laminado de madeira. E está congelando aqui embaixo. Tremo de shorts e camiseta enquanto sigo Chase mais para dentro no enorme espaço.

Seu quarto é para a esquerda, por outro corredor. Quando entramos, fico chocada. Ele tem uma cama, uma mesa e só. Assim, só *isso*.

"Este é o seu quarto?" Exclamo antes que eu possa me impedir. "Quase não há móveis."

Ele olha de relance. "Tem uma cama. O que mais preciso?"

"Seu padrasto faz você dormir aqui embaixo?" É como se eu tivesse tropeçado em um conto de fadas ruim.

"Que imaginação fértil." Ele revira os olhos. "Escolhi isso aqui. Gosto deste lugar."

Mentiroso. Ele gosta de ar livre e muito espaço. Ele me disse na primeira noite que preferia se sentar na chuva a ficar lá dentro. Olho para as paredes brancas e estéreis, a pilha de livros sobre a mesa. Ele só fica aqui neste quarto vazio e solitário todas as noites e lê? Não há televisão e nem jogos. Ele tem um telefone, no entanto. Talvez jogue nele? Tudo o que sei é que eu esperava que Chase estivesse vivendo na terra do luxo na casa do prefeito Stanton e ao invés disso ele é como a Cinderela, banido para o porão onde provavelmente tem que esfregar o chão.

Quando desvio meu olhar da mesa para Chase, eu o vejo fazendo uma careta para mim.

“O que está fazendo aqui?” Ele pergunta.

Engulo. “Eu...”

“Sério.” Ele diz categoricamente. “Por que está aqui, *Katie*?”

Eu coro. “Desculpe-me por isso. Apenas achei que seria melhor se ela não soubesse quem eu sou.”

Ele dá um aceno rápido. “Concordo. Mas isso não responde à pergunta.”

Inspiro profundamente, me ordenando a ser corajosa. “Eu vim me desculpar pelo que fiz antes. Quando Scarlett nos encontrou na biblioteca, quero dizer.”

Chase encolhe os ombros. “Não precisa se desculpar. Não me importei na hora e não me importo agora.”

Ele está mentindo. *Tem* que estar. Porque sei que se eu passasse todo o meu período de almoço confortando alguém e depois essa pessoa se virasse e me evitasse, eu ficaria arrasada.

“Desculpe.” Repito, mais firme desta vez.

“Não há nada para se desculpar.”

“Oh meu Deus, Chase. Por favor, aceite minhas desculpas?” Eu resmungo. “Corri todo o caminho pela porra da cidade para pedir essa porra de desculpas.”

Ele começa a rir.

Então sua boca se fecha e um silêncio assustador cai sobre a sala. Ele parece que não acredita que sorriu na minha presença. Na verdade, *eu* não acredito que ele sorriu na minha frente.

Sento na beira da cama e brinco com a manga da minha camiseta. “Por que é sempre tão estranho entre nós?”

Isso faz ele dar outra risada, desta vez mais como uma gargalhada incrédula. “Por que você acha?”

Suspiro. “Eu sei porque, Chase. Só quero dizer... a noite em que nos conhecemos, não foi nada estranho.”

“Nós fizemos sexo.” Ele diz sem rodeios. “Foi muito estranho.”

“Não aconteceu só conosco.” Argumento. “Mas minha amiga Macy disse que sua primeira vez foi a coisa mais embaraçosa do planeta. E minha outra amiga tinha momentos estranhos e desconfortáveis na cama com o namorado o tempo todo.”

Comigo e Chase, não é nada disso, nem mesmo quando ele me deixou nua. Nunca estive nua na frente de um menino antes. Eu deveria ficar mortificada. Mas não estava. Sim, eu estava nervosa. Sim, meu coração estava batendo tão rápido que pensei que explodiria no meu peito. Mas quando as mãos fortes de Chase agarraram meus quadris e seus lábios quentes cobriram os meus, desconforto foi a última coisa que senti.

“Não sei por que não foi estranho naquela noite.” Ele diz, encostado em sua mesa. “Mas posso te dizer porque é agora. Você não deveria estar aqui, Beth.”

“Sua mãe não pareceu se importar.”

“Minha mãe provavelmente está lá em cima chorando de alegria que seu filho ex-presidiário tem uma namorada.”

Meu olhar vai de encontro ao dele. “Não sou sua namorada.”

“Não brinca. Mas ela provavelmente pensa que é. E o timing é perfeito também.” Sarcasmo entra em seu tom. “No jantar da noite passada, o prefeito Brian me avisou que seria difícil arranjar mulheres porque sou fichado.”

“Ele realmente disse isso?”

“Sim. Mamãe disse que uma vez que fui sentenciado como menor, meu registro será selado. Mas Brian disse que todo mundo

sabe quem sou de qualquer maneira, então não importa se há uma ficha criminal de verdade ou não." Os olhos de Chase se suavizam. "Minha mãe ficou muito chateada com isso. Então, sim, talvez foi uma coisa boa você ter aparecido, na verdade."

Ofereço um sorriso seco. "Fico feliz em ajudar." Eu paro por um instante. "Seu padrasto parece um idiota."

"Ele pode ser. Na maioria das vezes não acho que perceba que está sendo um idiota, no entanto. Ele realmente acha que está sendo útil."

"Por que sua mãe se casou com ele?"

"Porque ele não é um babaca com ela." Chase diz e parece relutante em admitir isso. "Ele a trata como uma rainha." Ainda mais relutante, ele continua. "Algumas das pessoas mais desagradáveis em Darling acham que ele só queria uma esposa troféu, mas não a trata como uma. Ele é bom para ela."

"Mas ele não é bom para o filho dela." Eu acuso, acenando com a mão ao redor do quarto vazio.

"Eu já disse, escolhi este lugar. O prefeito não ia esconder seu enteado no porão. Ruim para a imagem." Chase encolhe os ombros. "Não sou um personagem torturado em uma novela ruim. Ele me trata bem. Alimenta, me veste, coloca um teto sobre minha cabeça. Isso é mais do que o meu pai estava disposto a fazer. Em troca, fico fora do caminho de Brian."

Se isso é de verdade uma escolha de Chase, sua culpa é mais profunda do que eu imaginava. Para ele se aprisionar aqui no porão dessa enorme mansão não é normal, mas não acho que me daria ouvidos se dissesse isso a ele. "Pelo menos você tem alguma privacidade." Uma onda de aborrecimento me invade. "Cheguei em casa da escola para encontrar um bilhete estúpido da minha mãe." Imito sua voz aguda. *"Estamos confiando que você vai ficar dentro de casa."*

Ao invés da risada que eu estava esperando, os olhos azuis de Chase escurecem.

“O quê?” Digo defensivamente.

Ele dá outro encolher de ombros.

“Diz. O quê?” Eu me levanto e cruzo os braços. “Acha que estou exagerando por meus pais não me deixam sair de casa?”

Chase sacode a cabeça, mas não acho que esteja balançando a cabeça negativamente. É mais um gesto de desaprovação.

“Ugh, você poderia, por favor, dizer alguma coisa?” Exijo.

“Não.”

“Por que diabos não?” Levanto em direção a ele e o cutuco no peito.

Ele nem sequer recua. “Porque não vai gostar do que tenho a dizer.”

“Tente.” Eu desafio.

“Tudo bem.” Ele segura meu dedo indicador, gentilmente vira a minha mão e pressiona meu próprio dedo contra o *meu* peito. “Pronto, Beth. Esse é o seu problema.”

“O que você quer dizer?”

“Você.” Ele diz simplesmente. “Você é o problema.”

Meu queixo cai aberto. “Como é? Eu *não* sou o problema!”

Chase solta meu dedo. “Eu disse que não ia gostar.”

Dobro os braços novamente. “Eu simplesmente não entendo como você pode dizer que sou o problema em minha casa. Há proteção, há superproteção e depois há meus pais.” Digo com raiva. “Eles arrancaram a porta do meu quarto!”

“Por quê?”

“Por que o quê?”

“Por que eles tiraram a porta? O que aconteceu antes de fazerem isso?”

Mordo as bochechas em frustração. “Eu fugi para aquela festa em Lex Heights.”

O pequeno e orgulhoso encolher de ombros de Chase me faz encará-lo.

“Está dizendo que eu mereci perder a minha porta?”

“Não.” Ele está quieto por um momento antes de sentar em cima da mesa e descansar os antebraços em suas coxas. “Esse garoto no reformatório, Darren, costumava dizer, você ensina as pessoas a como devem te tratar.”

Apesar de ainda estar irritada com as acusações dele, volto a ouvi-lo.

“Havia outro cara, Russ, um traficante que sempre incomodava os guardas, respondia de volta a eles, causava problemas. Ele era espancado diariamente e era punido por fazer a mesma merda que outros caras nunca levavam um tapa por fazer. E Russ sempre reclamava sobre isso na quadra de basquete. Então, um dia, Darren se cansou de ouvi-lo e mandou ele calar a boca. ‘Você ensina as pessoas como devem te tratar’, Darren falou. Se você continuar dando problemas e criando confusão, então eles vão te tratar como um encrenqueiro e perturbador de merda.”

Minha raiva lentamente diminui, substituída por uma onda de remorso quando entendo o que está dizendo.

“Se você agir como uma garota estúpida, imprudente, então seus pais vão te tratar como tal.” Chase fala sem rodeios. “Fim da história, Beth.”

Ele tem razão. Mas... “Não agi como uma garota estúpida e imprudente depois que Rachel morreu. Ou no ano seguinte ou no

ano depois. É apenas nestes últimos meses que tenho feito besteira." Admito. "Eles só... foram longe demais. O que estão fazendo ultimamente é inaceitável. É insano."

"Sim? E agir assim deu certo? Mudou o comportamento deles?"

"Não." respondo com relutância.

"Exatamente, porque você não pode controlar ou mudar a maneira como seus pais agem. Só pode controlar e mudar como você responde."

"Não suporto mais a superproteção, Chase. Eu simplesmente *não aguento mais*."

Seu rosto transmite zero de empatia. "Adivinha só, Beth, haverá toneladas de porcaria que você não será capaz de controlar em sua vida. Você vai se esgueirar para festas e ficar bêbada ou fazer alguma coisa rebelde toda vez que se encontrar em uma situação difícil?"

Eu engulo fundo.

"Quer o meu conselho?"

Quero dizer não, mas vários segundos passam e não consigo pronunciar aquela sílaba.

Então ele aceita meu silêncio como um sim e continua falando. "Pare de se concentrar em todas as coisas que você não pode mudar e comece a se concentrar no que *pode* fazer. Comece a pensar em algo que não seja festejar e se divertir ou o que quer que seja o que você está pensando." Seu tom é rouco. "Porque não é isso que é ser um adulto."

"E se eu não quiser ser um adulto?" Sussurro.

"Ninguém quer, boneca."

Boneca. Ele realmente acabou de ser carinhoso? Minhas bochechas ficam quentes de repente. Odeio tanto isso. Odeio sentir essas coisas idiotas pela pessoa que eu não deveria estar sentindo.

"Eu tenho que ir." Digo abruptamente, me levantando.

"Você está chateada."

Eu me forço a olhar para ele. "Não estou." Falo honestamente. "Eu... você... acabou de me dar muito o que pensar, ok? Além disso, eu de verdade preciso ir. Saí de casa para te ver, lembra?"

Ele me leva de volta para cima. A Sra. Stanton não está escondida atrás de uma cadeira ou vaso de plantas, graças a Deus. É uma coisa boa também, porque quando chegamos à porta da frente, Chase me toca.

Tudo bem, ele toca meu *cabelo*, que faz parte de mim. Portanto, ele me toca. Sua mão estica para frente e seus dedos enfiam alguns fios soltos atrás da minha orelha.

Eu congelo.

"Seu rabo de cavalo está uma bagunça." Ele diz grosseiramente. "Deveria arrumar ou vai ficar uma porcaria com você correndo para casa."

De alguma forma eu consigo encontrar minha voz. "Sim. Resolvo isso. Obrigada."

Ele dá um passo atrás. "Te vejo na escola."

"Hum, claro. Até logo."

Saio pela porta como se minha bunda estivesse pegando fogo. Minhas bochechas parecem que estão. Mas meu estômago parece que há uma corrente oceânica de mal-estar.

Você não pode gostar desse cara, imploro a mim mesma. *Você não pode. Rachel se foi por causa dele...*

Mas como sempre, empurro todos os pensamentos da minha irmã para fora. Não posso pensar em Rachel. É muito difícil. Tem sido assim desde o seu funeral. Todo mundo tentou me fazer falar sobre ela. Todo mundo queria compartilhar todas essas histórias sobre ela e falar sobre o quão incrível era. Eu me fechei.

Apenas... não posso. Falar sobre ela, pensar nela, olhar fotos dela. Provavelmente é por isso que sinto vontade de vomitar toda vez que vejo a condição imaculada do quarto dela, porque isso me força a lembrar.

O mesmo acontece com Chase, mas é mais fácil estar perto dele do que no santuário que costuma ser o quarto de Rachel. É mais fácil pensar sobre a virgindade que dei a ele do que pensar sobre o que tirou de mim.

Estou respirando com dificuldade por todo o caminho de volta para casa e, desta vez, não acho que seja porque estou fora de forma. Minha garganta parece apertada. Meu estômago, meus ombros, o coração, todos parecem estar apertados. Além disso, há um tremor de medo dentro de mim. Estou com medo de voltar para casa e um dos meus pais estar lá e vão me dizer que chegaram em casa há duas horas e onde eu estava por duas horas e como pude ser tão irresponsável. E depois encontrarão uma nova maneira de me punir.

Estou aliviada por encontrar a entrada vazia. Corro para dentro da casa e para o andar de cima para tomar banho e me trocar. Depois, ando até a cozinha para comer alguma coisa e é quando tenho uma ideia.

Ensine as pessoas como devem te tratar.

As palavras de Chase zumbem em minha cabeça. Não sei se *tudo* o que ele disse estava certo, mas não posso negar que não dei a meus pais muitas razões para terem fé em mim ultimamente. Primeiro, fiz uma birra depois que encontrei as candidaturas para a faculdade que mamãe confiscou. Quero dizer, acho que tinha todo o direito de ficar com raiva, mas posso admitir

que talvez gritar sobre a minha irmã morta não foi a coisa mais inteligente.

Depois menti sobre meus planos com Scarlett e fui a uma festa em um bairro perigoso. Mesmo assim, não acho que eles tinham direito de ler minhas mensagens de texto, mas estava mentindo muito para meus pais ultimamente.

O que eu disse a Chase era verdade, no entanto. Tenho sido uma boa filha há anos. Segui as regras deles, trabalhei duro na escola, na clínica. Mas nos últimos três anos, as paredes estavam me cercando cada vez mais, a corda em volta do meu pescoço ficava cada vez mais apertada, até que finalmente enlouqueci. Sei que toda pessoa é responsável por suas próprias ações, mas o comportamento de meus pais me levou a fazer algumas das coisas que fiz.

Mas... Chase está certo. Perder a paciência e agir assim não está me ajudando. Não está me ajudando a recuperar meu carro ou telefone, a voltar para a clínica e a reconquistar sua confiança.

Vou cozinhar o jantar para eles.

Essa ideia brilhante surge quando estou na frente da geladeira. Tudo bem, então não é o gesto mais grandioso do mundo, mas é alguma coisa. É um começo. Isso mostra que estou disposta a sentar e comer com eles e fazer parte da família que tenho evitado durante todo o verão. E talvez, se der certo, se apreciarem meus esforços, eu posso ser capaz de convencê-los a me deixarem voltar para a clínica de animais. Mesmo que seja uma vez por mês, seria incrível.

Feliz comigo mesma, começo a puxar os ingredientes para fora da geladeira e colocá-los na ilha da cozinha. Acho que vou fazer macarrão, frango grelhado e salada. Isso é fácil e não demorará muito para ficar pronto. São sete horas e os dois estarão em casa por volta das oito. O jantar estará pronto e na mesa quando passarem pela porta. Eles gostarão disso, certo?

Estou colocando uma panela com água no fogão quando ouço a porta da frente abrir. Meu coração afunda. Droga. Eles chegaram cedo!

“Lizzie?” Mamãe chama.

“Na cozinha!”

Passos ecoam no corredor. Parece que são mais de dois pés.

“Papai está com você?” Digo de volta. “Eu estou só fazendo-nos um jantar.”

“Você está?” Mamãe entra na cozinha e olha para o balcão com um olhar surpreendentemente feliz. “Que adorável surpresa!”

Volto para o fogão para que ela não possa ver meu sorriso de satisfação.

“Seu pai está estacionando o carro. Ele terminou a entrega mais cedo do que o previsto. Mas o jantar vai ter que esperar, eu receio. Temos algo para discutir primeiro.”

Disfarço meu desconforto e viro para encará-la novamente. É quando vejo um flash de movimento na porta. Um segundo depois, alguém aparece.

É um policial.

18

Meu pai está bem atrás dele. Os três adultos estão na cozinha, todos olhando para mim.

Um raio de terror prende meus pés no chão. Estou sendo presa por ir ver o Chase? Desobedecer aos pais é um crime? Balanço a cabeça para minha mãe, imaginando se posso conseguir alguma piedade.

Papai gesticula para mim. "Lizzie, venha conhecer Nick Malloy. Oficial Malloy, essa é minha filha Elizabeth."

Ainda não me movo, mas digo um fraco "Oi."

Minha mãe passa por mim. "Posso pegar algo para você beber, Oficial Malloy?"

"Não, obrigado e é Nick, lembra?"

Juro que ele pisca para ela. Certo, ele não estaria piscando para ela se fosse me prender. Certo?

É assim que Chase se sentiu quando a polícia chegou a sua casa na noite em que atropelou Rachel? Ou foi preso no local? De repente, percebo que não tenho ideia de como tudo aconteceu. Só me lembro da polícia aparecer na *nossa* porta para nos dar a notícia devastadora. Minha mãe caindo de joelhos e chorando de angústia. Meu pai apertando o peito como se alguém tivesse acabado de arrancar o coração dele.

Chase causou isso a nós. Ele fez minha mãe chorar e machucou meu pai. E sentei em seu quarto hoje e conversamos como se fôssemos melhores amigos. Fiz *sexo* com ele.

Oh Deus, sinto que vou desmaiar. Vomitar. Ou ambos.

"Elizabeth, o oficial Malloy está aqui para nos ajudar com o problema da sua escola." Minha mãe diz. Ela faz uma careta para mim, uma que diz para eu colocar minha bunda na sala de estar.

Eu ando e inclino o queixo na direção de Malloy.

Minha mãe fica impaciente e me arrasta para o sofá, depois me força a sentar ao seu lado. Meu pânico irracional começa a diminuir. Não há como uma prisão acontecer de forma tão lenta e fácil. E como não tenho um problema na escola, deve ser sobre outra pessoa.

O policial Malloy se senta ao meu lado e coloca uma pasta na mesa de centro. Ele abre e puxa um formulário. Leio de relance. *Ordem de restrição temporária.*

"O que está acontecendo agora?" Pergunto devagar.

Minha mãe pega minha mão. "Isto é para você."

"Mas não tenho nenhum problema na escola."

O policial Malloy franze o cenho e bate a ponta da sua caneta barata na pasta. "Não tem problema?"

"Oh, Lizzie nunca reclamaria." Minha mãe diz. "É por isso que precisamos fazer isso."

"Isso? O que é isso?" Estou confusa.

"Então você não está sendo assediada na escola?" Malloy pergunta.

"Não, de jeito nenhum." O pânico retorna em uma inundação quando finalmente percebo o que está acontecendo.

Meus pais querem que eu preencha uma papelada policial contra o Chase.

Levanto. "Não há nada de errado na escola. A escola está indo bem."

“Errado.” Papai diz rudemente. “Enquanto Charles Donnelly estiver lá, minha filha não estará segura.”

“Sente-se, Lizzie.” Mamãe me repreende.

Sento, mas só porque minhas pernas estão instáveis no momento.

“Você já tentou falar com o diretor?” Pergunta o oficial.

“Claro que sim. Nós até falamos com o conselho. Seu chefe, prefeito Stanton, está ameaçando com processos de discriminação e ações judiciais se tentarmos expulsá-lo novamente.” Meu pai está sério. “Até que ele cause danos físicos, danos à propriedade escolar ou qualquer coisa que justifique uma expulsão, ele fica.”

Bom. Dou um olhar atrevido para o oficial Malloy. “E já que ele não está me incomodando, não há necessidade disso.” Aponto um dedo para o formulário.

“Seus pais disseram que ele intimidou você na biblioteca.” O policial diz. “Você está com medo dele? É por isso que não quer relatar o que aconteceu? Essas ordens de restrição estão aqui para protegê-la.”

Estou entorpecida com o choque. Como eles sabem sobre a coisa da biblioteca? Aconteceu hoje. Eles estão me espionando na escola?

“A mãe de Scarlett me ligou no trabalho.” Mamãe explica, lendo minha confusão. “Scarlett disse a ela que ele estava assediando você na biblioteca.”

Droga. Minha mentira está voltando para me assombrar. Afundo nas almofadas e cubro o rosto com as mãos. “Ele não estava me incomodando.” Falo, mas ninguém acredita em mim.

“Obviamente liguei para o Diretor Geary imediatamente, mas ele disse que mesmo que você fizesse uma queixa, seria só uma suspensão, porque é a primeira infração de Donnelly.”

Quero gritar. Chase não fez nada de errado.

Exceto matar sua irmã.

A bile sobe pela minha garganta. Sobre meus dedos, posso ver meus pais me encarando. Afundo ainda mais nas almofadas tentando encontrar uma saída para isso.

Mas mamãe confunde meu silêncio com angústia. “Você está bem?” Ela se preocupa. “Sabia que ele estava assediando você!” Em uma voz estridente, ela fala ao policial. “Não podemos esperar até que algo perigoso aconteça. Já perdi uma filha.” Ela coloca a mão na sua garganta.

Papai vem e coloca a mão em seu ombro. “Não estamos esperando, Marnie. Estamos dando entrada na restrição de ordem.”

“Eu certamente posso ajudá-los com isso.” Malloy diz gentilmente. Ele se vira para mim. “Por que você não descreve o que aconteceu para que possamos colocar essa papelada na frente do juiz certo?”

Eu me sinto ainda mais doente. “Não. Eu não quero fazer isso.”

“Lizzie.” Minha mãe chama.

“É Beth.”

“Beth. É para sua própria proteção.”

“Ele é uma ameaça para esta cidade.” Meu pai fala. “Ele é imprudente e...”

“Foi um acidente.” O interrompo e, em seguida, olho para Malloy implorando com os olhos. “Você sabe sobre o caso?”

Ele concorda, porque, claro que ele sabe. Todo mundo em Darling sabe. É por causa do que aconteceu que a minha fodida família é conhecida.

"Foi considerado um acidente." Lembro a ele.

Ele concorda novamente.

"Ele não é um maníaco enlouquecido vagando por aí. E confie em mim, também o odeio." A mentira queima minha garganta de dentro pra fora. "Mas não me estou bem dizendo que me sinto fisicamente ameaçada, porque não me sinto."

Papai olha com desaprovação.

Eu me viro para minha mãe e pego sua mão. "Por favor. Não estou em perigo. Estava sentada no canto da biblioteca me sentindo enjoada porque não almocei. Chase estava lá e fiquei constrangida por ele me ver chorando. Bati nele. Ele..." Peço desculpas mentalmente pela minha próxima mentira. "Ele retrucou e depois Scarlett apareceu. Não foi nada."

"Não foi nada." Papai grita.

Mamãe, no entanto, observa meu rosto. Aperto a mão dela e imploro: "Por favor."

"Você realmente não se sente em perigo com ele?"

"Não." Meu tom é claro e uniforme. "Se isso mudar, prometo que você saberá."

Ela me examina por mais alguns momentos antes de chegar a alguma conclusão interna. Balança a cabeça e olha para o policial Malloy. "Sinto muito por ter desperdiçado seu tempo, mas nós apreciamos as informações que nos forneceu. Presumo que possamos contatá-lo outra vez se decidirmos seguir em frente com a restrição?"

"Claro." Há um toque de alívio em sua voz.

Nós todos nos levantamos. Por um tempo, não me sinto como uma criança estúpida. Eu disse a verdade ou a maior parte dela. Mamãe escutou e uma grande injustiça em relação a Chase foi evitada. Tudo sem chorar, sem birra ou surtos. *Aja como um*

adulto e talvez eles te tratem como se fosse um, foi conselho de Chase.

Para minha surpresa, isso realmente funcionou.

Papai leva o policial Malloy até a porta enquanto mamãe fica comigo na sala de estar.

"Foi muito maduro de sua parte." Ela balança a cabeça lentamente. "Mas ele não é um bom menino." Sua voz fica rouca. "Estou com medo."

"Não fique." Nunca me senti nem um pouco ameaçada por ele, mas não posso explicar para a mamãe todas as vezes que Chase teve a oportunidade de me ferir e não fez, porque seria motivo para ela me trancar no porão.

Papai volta e nem olha para nós. Ele está chateado.

"Eu vou sair." Ele murmura. "Não me esperem."

Antes que qualquer uma de nós possa se opor, ele sai de casa.

Sempre achei que mamãe era quem não conseguia seguir em frente. Afinal, mantém o armário de Rachel vazio na entrada de casa. Ela deixa o quarto de Rachel completamente intocado. Não me deixa ter um cachorro porque Rachel era alérgica.

Mas o meu pai é quem ainda está apegado à sua raiva e mágoa. Ele foi o primeiro a querer o sangue de Chase após o acidente. Queria uma acusação de assassinato e se enfureceu por semanas, quando foi declarado homicídio negligente. Não importava que Rachel tivesse corrido para a rua sem olhar se vinha carros. Chase havia matado seu bebê.

Papai nunca irá perdoá-lo.

* * *

Mamãe e eu jantamos sozinhas. Ela faz sanduíches de queijo grelhado. Aqueço a sopa de tomate.

“Como está Scarlett? Eu não a vejo há um tempo. Vocês duas ainda são amigas, certo?”

“Sim. Estamos bem.” Mas ainda estou preocupada com a maneira como ela me atacou depois que Jeff se ofereceu para me levar para a festa. Não quero que nossa amizade esteja instável, é uma das melhores coisas da minha vida agora. Scar e eu somos melhores amigas desde o jardim de infância. Não sei o que faria se a perdesse.

“Ei, podemos ir às compras neste fim de semana?” Pergunto à minha mãe. “Quero ver se consigo encontrar algo para Scar.”

“É aniversário dela? Pensei que fosse em janeiro.”

“Não. É só um presente... de ‘Eu agradeço a você’.” Ao longo dos anos, Scar e eu compramos uma para outra uma tonelada de pequenos presentes de amizade, mas já faz um tempo desde que fiz isso. Estou definitivamente muito atrasada.

“Oh, isso é muito legal. Claro, podemos ir neste fim de semana. Amanhã de manhã?” Ela sugere.

“Claro.” Não é como se eu tivesse algo planejado. Como não tenho nada além de escola, minha agenda é surpreendentemente livre. Todos os meus outros colegas estão ocupados com coisas extracurriculares, mas desisti disso anos atrás. Não me lembro do porquê.

Depois do jantar, mamãe vai lavar a roupa e vou para o meu quarto. E me sento na mesa, mas não tenho nenhum dever de casa. Abro o laptop e verifico os feeds de mídia social de meus amigos. Um balão de mensagem aparece. O remetente é Jeff.

Coço o pescoço. A ideia de conversar com Jeff está muito abaixo da minha escala de coisas divertidas para fazer. Ainda estou brava com ele por me abandonar na festa.

Fecho o laptop e pego um livro da prateleira. Já li esse aqui antes e gostei, então talvez eu possa me perder nas palavras

novamente. Depois de dez minutos lendo repetidamente o mesmo parágrafo, fecho o livro e jogo na minha mesa.

Mamãe passa pelo meu quarto com um cesto de roupas.

“Precisa de mim para dobrar isso?” Pergunto, correndo para a porta.

Ela olha para mim surpresa. “Não. Está tudo pronto.”

Olho para baixo e vejo uma pilha de toalhas dobradas. “Eu vou guardar, então.”

“Tudo bem.” Ela se afasta lentamente, como se a minha oferta de ajuda fosse tão bizarra que posso não estar em meu juízo perfeito. “Obrigada.”

Com isso, ela desaparece pelas escadas. Leva apenas um minuto para guardar as toalhas no armário.

“Você precisa de alguma outra ajuda?” Grito das escadas.

“Não. Estou bem. Vou assistir televisão e tricotar.”

Volto para o meu quarto. Não há nada para fazer aqui. Passo a mão pela moldura da porta. Se eu tivesse uma porta, me sentiria diferente?

Eu me viro para olhar a porta em frente à minha. Lentamente, atravesso o corredor. A maçaneta gira sem esforço e a porta se abre em dobradiças silenciosas e bem lubrificadas. Deixo um pouco entreaberta.

O quarto cheira a fresco, como se alguém mantivesse a janela aberta. Ando e olho para o quintal. O canto da casa, onde está o balanço, está escuro. Uma pequena piscina amarela iluminada pela luz do pátio. Os Palmers têm três casas para seus labradores que estão no quintal para fazerem suas necessidades.

É uma noite normal. Eu recuo e examino o quarto. Os troféus e medalhas de Rachel de cinco anos de vôlei decoram uma prateleira ao lado de sua cama. No espelho acima da escrivaninha,

as fotos dela e de suas amigas ficam penduradas nas bordas. Puxo sua cadeira branca com a almofada macia e me sento.

No lado esquerdo estão várias fotos de sua equipe de vôlei. Braços estão pendurados uns nos outros. A amiga mais próxima de Rachel, Aimee, está fazendo orelhas de coelho atrás da cabeça de Rachel em todas elas. Deve ser uma piada interna. Há muitas coisas sobre a vida de Rachel que não sei. Nós éramos próximas, mas ela ainda era dois anos mais velha. Tenho certeza que tinha seus segredos.

No lado direito da mesa estão duas fotografias de família. Uma está todos nós, tirada no casamento de minha prima Randy no ano anterior à morte de Rachel. Mamãe me comprou saltos para usar e fiquei tão feliz. A outra foto é de Rachel e eu. Foi tirada depois de uma das aulas de voleibol da escola. Rachel está suada e sorridente. Estou segurando a bola de vôlei e olhando para ela como se fosse o centro do meu mundo.

Um soluço sufocado escapa da minha garganta e, de repente, estou de pé e corro para fora do quarto de Rachel e desço as escadas. Dói demais ver fotos de nós duas juntas. Dói me ver olhando para ela como se fosse o máximo. Eu a idolatrava e agora ela se foi.

Entro no pátio dos fundos e suspiro um pouco de ar fresco. Isso ajuda a aliviar o aperto da minha garganta, mas não a dor no meu coração. Corro em direção ao balanço, mas isso me lembra de Rachel, então me desvio dele e vou para a cerca, onde afundo na grama e me inclino contra as ripas de madeira.

O sol já se pôs, mas o céu ainda não está escuro como breu. Olho para as nuvens e escolho uma que se parece com um dragão. Depois olho para baixo porque é outra coisa que me lembra de Rachel. Quando éramos crianças, jogávamos uma manta de piquenique na grama, nos deitávamos de costas e tentávamos encontrar formas de animais nas nuvens.

A parte de trás da minha garganta fica áspera e o calor atinge minhas pálpebras, mas em vez de lágrimas saírem dos meus olhos, o riso escorre da minha boca. Tento engolir de volta. Então desisto e deixo sair. É como no funeral de Rachel tudo de novo. Não conseguia chorar, portanto dei risadas. Não quero chorar agora, então estou rindo.

"Arf."

Um latido interrompe meus risos histéricos. "Oi, amiguinho." Eu sorrio com Morgan, cuja cabeça aparece através das ripas. "Como está indo?"

Ele não responde, mas mostra a língua e lambe meu ombro.

É só o que preciso. "Também senti sua falta."

Ele lambe o lado do meu pescoço agora, depois a minha bochecha. Dou as boas-vindas a baba canina, porque é muito melhor do que lágrimas salgadas.

"Não tanto quanto sinto falta de Rachel, no entanto." Sussurro.

Lambe. Lambe.

"Ela provavelmente ficaria desapontada comigo se estivesse aqui agora." Digo a Morgan. "Rachel era tão focada. Especialmente com o vôlei."

Também joguei vôlei um dia. Eu me juntei ao mesmo time que Rachel jogava. Eu era levantadora, assim como ela. Nossos finais de semana estavam sempre cheios quando passávamos de um torneio para outro.

Tudo terminou quando Rachel morreu. Foi como se todas as minhas ambições e sonhos fossem realmente de Rachel e quando ela se foi, minha paixão por qualquer coisa secou como cinza e se dissipou.

"Ela estava no coral também. Ah, e recebeu honras do clube." Além disso, ela tinha Jeff, o garoto de ouro. Rachel ia longe. Não tenho dúvidas de que teria entrado em qualquer faculdade de Ivy League a que se candidatasse e iria arrasar por lá.

Eu não me encaixo. Trabalhar no abrigo foi a única coisa de que eu realmente gostava, mas, além disso, tentei preencher meu tempo com festas e garotos. Não dormi com Chase para irritar meus pais. Se esse fosse o caso, teria contado a eles. Dormi com ele porque algo estava faltando na minha vida e achei que poderia preencher com ele.

Mas me sinto mais vazia agora.

Fiquei sem rumo. Ou eu estive sem direção por um tempo e só cheguei à essa conclusão hoje. Tenho estado tão ocupada culpando todo mundo pela minha infelicidade que não dei uma olhada em mim mesma.

Não gosto do que vejo.

Franzindo a testa, eu me forço a ficar de pé, mesmo que signifique sem mais beijos caninos de Morgan. "Desculpe, amiguinho, mas tenho que ir. Hora de fazer algumas mudanças."

Lá em cima, sento na minha cama e abro o laptop. Com senso de determinação, pesquiso a página da web de Darling High. Uau. Há muitas opções e clubes diferentes, é difícil percorrer todos eles.

Começo a ler e a tomar notas. Uma sombra faz uma pausa na entrada, mas vai embora sem interromper. Continuo procurando. Faço algumas pesquisas adicionais.

"Bingo." Digo, olhando para as letras redondas no meu bloco de notas.

Começo a digitar. Levo várias horas, mas quando termino, estou muito satisfeita.

A partir deste momento, não sou mais a garota sem direção. Sou a garota com um plano.

19

“O que é isso?” Minha mãe pergunta na manhã seguinte enquanto entrego a ela uma folha impressa.

“É um contrato.” Falo com orgulho. Ando para o outro lado da mesa da cozinha para dar ao meu pai uma cópia.

Ele aperta os olhos, incapaz de ler sem os óculos. “Um contrato para o quê?”

“É um...” Minha mãe se afasta enquanto continua lendo.

“É um contrato familiar.” Declaro. Havia outros títulos, como Contrato por Bom Comportamento e Contrato de Responsabilidade, mas todos pareciam tão humilhantes e unilaterais. “Prometo obedecer às regras que vocês acreditam que me manterão em segurança e, em troca, permitem que eu visite a faculdade da minha escolha.”

“Você não vai para a USC.” Papai diz, batendo no papel.

Tenho que me conter para não dar uma resposta irritada. “Não é a USC, nem a UCLA ou Miami. É a estadual de Iowa.”

Os dois estão atordoados, em silêncio. Mamãe pega sua xícara de café e toma um gole rápido. Papai estreita os olhos para mim.

“Estadual de Iowa.” Ele repete desconfiado.

Eu me inclino para trás na cadeira e cruzo os braços. “Sim.”

Mamãe finalmente encontra sua voz. “Por que a Estadual de Iowa? Essa é a primeira vez que você menciona essa faculdade.”

"É a primeira vez que penso nisso." Admito. "Mas é a única faculdade que surgiu algumas vezes na minha pesquisa ontem à noite."

Mamãe parece curiosa. "Que pesquisa?"

Sua receptividade me faz avançar. "Quero ser veterinária. Terei que trocar algumas aulas no próximo semestre, embora não acredite que meus créditos do ensino médio importem muito. Mas é sempre bom ter matéria extra de ciências, se estiver indo para a área de medicina, até mesmo medicina veterinária. A Estadual de Iowa é uma das melhores escolas veterinárias do país e é fácil de frequentar." Mas longe o suficiente para ter alguma sensação de independência. Não explico este ponto para os meus pais, no entanto. Não há sentido em assustá-los.

Mamãe franze os lábios em pensamento.

Papai ainda parece cético.

"São só seis horas daqui." Sigo a eles. "E nem estou pedindo para me matricular. Estou pedindo uma visita à faculdade."

Papai olha para o contrato novamente. "Também diz que nós lhe devolveremos o seu telefone se você estiver em conformidade com todas as nossas regras."

"Sim. É difícil entrar em contato com você se tiver algum problema na escola ou a caminho de casa."

"E você quer voltar para o abrigo de animais."

"Sim."

"Desde quando quer ser veterinária?" Papai pergunta.

"Desde a última noite." Confesso. "Foi uma epifania."

Os lábios da minha mãe se contorcem como se estivesse tentando não sorrir, mas não consegue mais segurar e um enorme sorriso se espalha em seu rosto.

Meu coração aperta, porque faz tanto tempo desde que consegui um sorriso tão grande dela. E seus olhos estão brilhando de orgulho.

“Você sabe o quanto amo animais. Se dependesse de mim, adotaríamos todos os perdidos que aparecessem na nossa porta.” No momento em que vi meu primeiro cachorro aos três anos de idade, implorei aos meus pais por um animal de estimação. Um cachorro, gato, peixe, hamster, qualquer coisa. Mas nossa casa sempre foi firmemente livre de animais.

“Então, ontem à noite sentei e de verdade pensei sobre o que quero fazer depois do ensino médio e o que mais amo no mundo e continuei pensando nos animais. Desejo trabalhar com animais.” Dou de ombros. “E sou boa em ciências, então acho que seria muito boa na faculdade de veterinária.”

“Também acho que você seria.” Minha mãe diz e meu coração quase explode de felicidade.

Papai está lentamente se convencendo também. Ele coça o nariz e me estuda com cuidado. “Se concordarmos com isso...” Ele gesticula para o contrato “...Temos sua palavra de que seguirá as regras? Isso significa não mentir sobre o seu paradeiro, sem festas, a menos que tenha permissão, sem todas essas besteiras.”

“Nenhuma delas.” Prometo. Depois hesito. “Além disso, não coloquei no contrato, mas eu realmente gostaria de ter minha porta de volta.”

Há outro breve silêncio.

Mamãe, ainda sorrindo, pega a caneta que papai estava usando para preencher as palavras cruzadas de sábado. Ela rabisca algo no contrato e entrega para mim.

“Rubrique aqui.” Ela fala solenemente.

Meu rosto parece que vai rachar ao meio, estou sorrindo tanto. Sob a lista de privilégios que estou pedindo para ter de volta, ela escreveu *PORTA*.

Ao lado, assino EJ. Mamãe também rubrica. E então nós três assinamos o contrato.

“Farei uma cópia.” Papai anuncia, levantando da cadeira e raspando-a no chão.

Não posso conter meu riso. “Para que, no caso de eu destruir a única cópia e você precisar me processar por causa dela?”

“Sim”. Ele diz amargamente, mas seus olhos estão cheios de humor. Por um momento incrível, ele é o pai que eu tinha antes de Rachel morrer. O pai que fazia piadas malucas e não podia passar cinco segundos sem dar um enorme sorriso.

Quando ele sai, mamãe pega minha mão e aperta. “Você nos surpreendeu nesta manhã.”

“Eu me surpreendi.”

“Estou orgulhosa de você por refletir e ter tomado essas decisões.”

Minha garganta fica apertada. “Obrigada.” Pego meu copo de suco de laranja e tomo um grande gole, esperando que ela não tenha percebido o quão emocionada estou.

Mas acho que ela percebe, porque seu olhar suaviza ainda mais. “Você ainda quer sair para comprar um presente para Scarlett hoje?”

Aceno avidamente enquanto bebo o suco de laranja.

“Ok então, direi o que faremos. Suba as escadas, se vista e sairemos quando estiver pronta.”

* * *

O shopping está superlotado para um sábado de manhã. Por outro lado, não me lembro da última vez que acordei antes do meio-dia no sábado, portanto talvez seja assim que o shopping sempre é às 10h da manhã.

Minha mãe e eu vagamos sem rumo por algumas horas. Ela me compra um moletom com capuz da American Eagle e compro para Scarlett um lindo cachecol da Forever 21. Scar anda obcecada por lenços. Ela tem uma centena deles e sei que vai amar esse que é rosa e dourado estampado com minúsculos crânios com flores na boca.

É por volta de uma hora quando minha barriga começa a roncar. “Oh meu Deus, se eu não comer alguma coisa, vou desmaiar.” Declaro.

Mamãe revira os olhos para mim. “Somos tão dramáticas?”

“Não, estamos com fome, mãe. *Faminta.”* Sorrio e aponto na direção da praça de alimentação. “Podemos comer alguma coisa antes de irmos para casa?”

Ela pensa e depois balança a cabeça. “Tenho uma ideia melhor.”

Intrigada, eu a sigo na direção oposta à praça de alimentação. Passamos por várias lojas de joalherias, uma loja de sapatos, uma loja de bolsas da Guess e eventualmente paramos no outro extremo do enorme complexo em frente a um dos meus restaurantes favoritos. Meus amigos e eu sempre almoçamos aqui quando estamos no shopping. Eles têm a melhor omelete de presunto e queijo do planeta.

“Restaurante Eggcellent?” Digo alegremente. “Você é demais, mamãe.” Levanto a minha mão para um high five.

Ela bate com a palma da mão e meu humor melhora ainda mais. Não posso negar que este é um dos melhores dias que já tive em muito tempo e estou chocada que seja com a minha mãe. Não

nos olhamos olho no olho há tanto tempo que agora parece quase estranho realmente desfrutar da companhia uma da outra.

"Vamos pegar uma mesa." Digo, mas mamãe não me segue até as portas da frente. "Se apresse, molenga."

"Na verdade, acho que vou deixar você sozinha."

Olho para ela em confusão. "O quê?"

Ela pisca para mim, depois olha para o relógio e diz. "Seus amigos devem estar aqui a qualquer momento. Por que não arruma uma mesa enquanto espera?"

Meu queixo cai no chão de azulejos brilhantes. "Você está falando sério?"

"Liguei para Lisa quando você estava na Forever 21 e sugeri que talvez Scarlett gostasse de te encontrar aqui no shopping para almoçar. Ela foi buscar Macy e Yvonne no caminho."

Eu praticamente pulo com emoção. Lisa é mãe de Scar, e Scar está a caminho daqui com nossas outras amigas. E não posso acreditar que foi ideia da minha mãe. Mal posso esperar para contar...

Tento calar meu cérebro antes que possa terminar esse pensamento.

Mal posso esperar para contar ao Chase.

Quão doente sou, por esse ser o primeiro pensamento que tive? Que eu quero dizer ao Chase que o seu conselho funcionou. Que agir como uma adulta resultou em meus pais afrouxando as rédeas um pouco. Que meu pai sorriu para mim hoje. Que minha mãe está de verdade me *incentivando* a ver minhas amigas quando há poucos dias estava me proibindo de sair de casa.

"Isso é incrível. Você é incrível." Ando para frente e jogo meus braços nela.

Ela me abraça de volta com força e depois me solta. “Divirta-se, Beth. Lisa disse que Scarlett te levará para casa.”

No momento em que a minha mãe se vai, dou um grito de alegria. Vários transeuntes viram suas cabeças em minha direção, mas não me importo se acharem que sou uma pessoa louca. Tenho uma vida de novo! Vou receber meu telefone de volta em breve. Tenho permissão para me voluntariar novamente. Terei minha porta de volta. Estou prestes a ver minhas amigas.

Grande maldito sucesso.

Dentro do restaurante, peço um milk-shake de chocolate enquanto espero minhas garotas. O primeiro gole do chocolate tem um sabor fenomenal. Ou talvez seja o sabor da liberdade que está fazendo minhas papilas gustativas dançarem.

“Ahhhhh!”

Essa é a entrada da Macy quando minhas três amigas correm para a minha mesa.

“Você está livreeeee!” Yvonne entra na conversa, enquanto Scarlett senta na cadeira ao meu lado e beija minha bochecha.

Eu sorrio e tento tirar a garota de cima de mim. “Relaxa, máquina do amor. Vai estragar minha maquiagem.”

“Você não usa maquiagem.” Ela retruca, revirando os olhos.

“Pelo qual deveríamos te odiar totalmente.” Yvonne diz enquanto ela e Macy se sentam à nossa frente. “Ninguém tem permissão para ter uma pele suave e perfeita sem o uso de BB cream.”

A garçonete se aproxima e anota os pedidos de bebida. Todas nós fazemos uma pausa nas conversas para estudar nossos cardápios e resolver o que vamos comer. Decido pedir um hambúrguer e batatas fritas para combinar com o meu milk-shake. Enquanto Macy e Yvonne ainda estão decidindo, eu

discretamente deslizo o presente de Scarlett em seu joelho sob a mesa.

“O que é isso?” Ela sussurra.

“Apenas um presente de amiga.” Sussurro de volta. “Abra quando chegar em casa.”

Ela sorri. “Você é a melhor, Beth.”

Eu zombo ofegante. “Você me chamou de Beth!”

“Eu chamei? Não, você está imaginando isso.”

Eu a cutuco nas costelas. “Você totalmente chamou.”

Nós quatro fazemos piadas e fofocamos até o nosso almoço chegar, e depois continuamos brincando e fofocando enquanto estamos comendo, sem nos importar que nossas bocas estejam cheias e todo mundo provavelmente esteja nos encarando em desaprovação. Já faz um longo tempo desde que me senti relaxada em volta de minhas amigas. Na escola, a tensão que a presença de Chase cria está sempre pairando como uma nuvem escura sobre nossas cabeças. Em casa, não tenho telefone, porta ou privacidade para conversar com minhas amigas.

Este é o melhor dia de todos.

Ou pelo menos é até que Yvonne toca no nome do Chase.

“Ok, então eu sei que não estamos autorizadas a falar sobre Charlie Donnelly.” Ela começa.

“Quem disse que não estamos autorizados a falar sobre ele?”

Seu olhar dispara na direção de Scarlett antes de voltar para mim.

Suspirando, olho para minha melhor amiga. “Você está dizendo às pessoas para não falarem comigo sobre ele?”

"Claro que estou." Ela diz calorosamente. "Toda vez que alguém diz seu nome, seu rosto fica branco como um fantasma e parece que vai vomitar."

"Na verdade, você *já* vomitou." Macy me lembra.

"Sim, de choque." Dou de ombros. "Mas agora que sei que ele está em Darling e não há muito que eu possa fazer sobre isso, não posso deixar que me afete mais." Exceto que ele me afeta, mais do que minhas amigas jamais saberão. Penso nele constantemente.

Eu me viro para Yvonne. "O que você ia dizer sobre ele?"

Ela toma um longo gole de refrigerante antes de falar. "Minha irmã está em casa, retornou da faculdade neste fim de semana e ela estava com suas amigas na noite passada e todas essas coisas sobre Charlie surgiram."

Eu franzo a testa. "Que tipo de coisas?"

"Bem, ok, você conhece as amigas de Taylor, algumas são garotas de Lincoln, certo?"

Taylor é a irmã mais velha de Yvonne e não tenho ideia de quem são as amigas dela, mas aceno apesar disso.

"Elas são dois anos mais velhas que nós, como Taylor, e uma delas conheceu Charlie no passado." Yvonne continua. "O nome dela é Maria, não sei se você conhece."

"Por que conheceríamos?" Scarlett diz. "Você acabou de dizer que elas são dois anos mais velhas que nós."

"Verdade. Tanto faz. Enfim, Maria mora em Lincoln e era amiga de Charlie. Eles saíam juntos nos verões e acho que ficaram juntos na outra noite. Quinta à noite." Yvonne fala, me dando um olhar significativo. "Ela estava na festa de Karl."

"Kav." Eu corrijo.

"Seja como for." Ela toma outro gole. "Charlie estava nessa festa também. Você sabia?"

Macy suspira. “Oh meu Deus, você o viu quando esteve lá?”

“Não.” Minto. “Mas não fiquei muito tempo.”

“Bem, isso é um alívio.” Scarlett diz, estendendo a mão para apertar meu ombro. “Imagine ele na mesma festa que você?”

“Ou se ele desse em cima de você?” Macy acrescenta com um suspiro.

Engulo um pouco de culpa. Estive lá, passei por isso. Exceto que era eu quem queria ficar com *ele* na primeira festa e fui eu quem deu em cima *dele*. A verdade está na ponta da minha língua e estou tão tentada, *tão tentada,* a contar todos os detalhes sujos, horríveis e maravilhosos.

Quero dizer às minhas amigas que fiz sexo pela primeira vez. Eu quero contar a elas como estou confusa sobre Chase, como acho que posso ter sentimentos por ele, mas não sei se é porque o sexo nos uniu ou se eu realmente gosto dele.

Mas não posso dizer uma palavra. Estou com medo que elas me julguem. Ou pior, que me julguem, me odeiem por isso e contem à escola inteira o que fiz. Ou pior ainda, que contem para meus pais.

Então fico quieta e ouço o resto da história de Yvonne.

“Então, Charlie estava lá... com Maria...”

Maria é a garota linda com que o Jeff foi rude? Eu me pergunto. De repente espero que não, porque a ideia de Chase passar tempo com uma garota tão linda traz uma faísca de ciúmes indesejada dentro de mim.

Argh. Tenho que *parar* isso.

“... E ele disse a ela que esteve em outra festa no fim de semana passado, não disse onde e que conheceu uma garota muito legal lá e...”

"O quê?" Eu exclamo. Minhas bochechas começam a queimar. Chase contou sobre mim para seus amigos? Disse que eu era *legal*?

Ele pode não estar falando de você, uma voz na minha cabeça avisa.

Isso desencadeia outro choque de ciúmes.

"Sério?" Scarlett diz com raiva. "Ele está fora da cadeia por um *segundo*, e já está fazendo amizades e agindo como se não tivesse feito nada de errado? Ele é um assassino!"

Sua explosão resulta em várias pessoas balançando a cabeça na nossa direção.

"Desculpe." Ela sussurra timidamente.

"Não, concordo com você." Yvonne diz. "Pensei a mesma coisa quando ouvi isso. Além disso, de acordo com Maria, Charlie costumava ser um pegador antes de ser preso. Ele sempre foi o mais animado nas festas e ficava com várias meninas e aparentemente era um galanteador. Super carinhoso."

Tenho que sufocar uma risada, porque tudo que Chase costumava ser naquela época, ele com certeza não é agora. *Um galanteador?* Dificilmente. Ele não tem problema em ser dolorosamente contundente ao me dizer coisas que não quero ouvir. *O mais animado das festas?* Ah sim, por isso que está sempre escondido em algum canto em todas as festas que está.

Ser preso obviamente o mudou. Isso o transformou de um garoto que queria se divertir que agora se diverte como um homem que aprecia tudo o que tem. Um cara que pode encontrar uma coisa pequena todos os dias e ser eternamente grato por ela.

O Chase que Maria conheceu há três anos se foi. Eu não conheço aquele Chase. Conheço o silencioso Chase. O sério. Aquele que sorri raramente que, quando acontece,

é como testemunhar um eclipse solar. E é lindo. Amo quando ele sorri. Eu...

Angústia invade minha garganta. Argghhhhhhh. Isso. Precisa. Parar.

"Você está bem?" Scarlett exige.

Mordo o lábio, imaginando o que a minha expressão está transmitindo que coloca tanta urgência na voz de Scar. "Estou bem." Eu asseguro a ela. Respiro fundo. "Mas... você está certa... talvez eu não goste de falar sobre ele."

"Viu." Scarlett fala, se virando para Yvonne. "Eu disse que é um assunto delicado. *Não* falaremos mais sobre o canalha."

Pego meu milk-shake e bebo o resto, mas o líquido frio e doce não pode lavar a angústia ainda alojada na minha garganta. Não falar em Chase é fácil.

Não pensar nele? É outra história.

20

Acordo na manhã seguinte com o maior sorriso no rosto. Ontem à noite, papai bateu na minha porta — minha *porta*! — e me informou que ele e minha mãe decidiram que eu poderia ir dirigindo para a clínica hoje. No meu próprio carro.

Juro, minha vida está ficando muito mais colorida, estou com medo de que tudo possa ser um sonho. Mas estou bem acordada quando me visto, enquanto tomo um rápido café da manhã e entro no meu carro — meu *carro*! — e ligo o celular — meu *celular*! — no cabo conector para ouvir algumas músicas.

Hoje será um bom dia. Eu me desviei nos últimos meses, mas finalmente sinto que estou de volta aos trilhos.

Quando chego à clínica, no entanto, me deparo com uma dose de decepção. Depois de me abraçar com força e dizer como está feliz por me receber de volta, Sandy me informa que não posso interagir com os animais hoje.

“Sem abraços nos cãezinhos?” Questiono com tristeza. “Por que não?”

“Temos esses novos formulários de seguro e responsabilidade que todos os voluntários são obrigados a preencher. No seu caso, precisamos das assinaturas dos seus pais , pois você é menor de idade. Eu teria mandado um e-mail para você quando os pegamos na semana passada, mas...” Ela encolhe os ombros. “...Não achei que fosse voltar. Seu pai foi bem firme ao telefone, dizendo que você não voltaria mais.”

“Felizmente, ele mudou de ideia.” Digo com um sorriso feliz. “E está tudo bem, darei a todos beijos e abraços extras no

próximo fim de semana." Enfio os papéis dentro da minha bolsa. "Levarei para casa e pedirei minha mãe para assinar."

"Ótimo. Então hoje você começa limpando os cocôs dos cachorros." Sandy sorri. "Provavelmente não é como alguém gostaria de passar os fins de semana, né? Especialmente no último ano."

"Na verdade, parece incrível." Digo a Sandy. "Eu decidi que quero ser veterinária, portanto quanto mais perto de animais, melhor. Mesmo que esteja apenas recolhendo cocô."

Um grande sorriso se espalha em seu rosto. "Sim, recolhendo cocô de cachorro de graça foi exatamente como passei meus fins de semana como veterana também. No fim, toda festa acaba sendo sempre igual, certo? Os mesmos casais ficando juntos. As mesmas brigas acontecendo. Todos agindo como se o ensino médio fosse o último acontecimento de suas vidas."

Ela poderia estar falando sobre minha vida vazia.

"De qualquer forma, estamos construindo um novo canil lá atrás, mas precisamos limpar e nos livrar de todo o lixo e do cocô lá fora. Já que você está usando calça e camiseta, deve estar bem protegida."

Olho para minha velha calça que está começando a rasgar depois de repetidas lavagens e o enorme moletom da escola de Darling que já desbotou tanto que é difícil distinguir metade das letras. "Soa como um bom plano."

Sandy me conduz pelo corredor até a sala de armazenamento, onde ficam longas prateleiras de metal cheias de pás, caixas e sacolas enfileiradas nas paredes. Ela enfia a mão atrás, pega algo e puxa. "Aqui, você vai precisar disso." Ela me entrega um par de luvas azuis e pretas.

Coloco sobre os dedos. São um pouco grandes, mas não quero reclamar. Tenho sorte de terem me devolvido o emprego depois que meu pai pediu demissão em meu nome sem avisar.

Nós saímos pela porta dos fundos e seguimos por um caminho de rocha em direção à borda de uma área florestal. Já existe um trabalhador movendo a sujeira e detritos de uma pilha para outra. Seu andar de pernas longas e calmas me lembra de Chase. Mas tudo me lembra ele ultimamente.

"Então você está seriamente considerando a faculdade de veterinária?" Sandy pergunta.

"Sim. Você sabe o quanto amo animais. Eu realmente gostaria de ter um animal de estimação em casa, mas, sabe, alergias." Não digo *alergias da minha irmã morta,* porque isso soaria totalmente insano e não quero que Sandy pense que meus pais são malucos.

"Isso é ruim. Há gatos sem pelos e outras coisas, mas são lindamente caros. Além disso, você já sabe que incentivamos a adoção em vez de comprar de criadores. No ano passado, houve um milhão de animais indesejados abatidos."

Eu suspiro. "Um milhão?"

"Sim, trágico, não é?" Chegamos ao terreno e Sandy acena com a mão. "Acabamos de comprar essa propriedade na semana passada e, como você pode ver, é meio que um despejo. Precisamos limpar a terra. Metal, compostagem e lixo estão sendo separados. Se você tiver alguma dúvida, dê um grito ao Chase. Ele começou há alguns dias atrás. Ei, Chase!" Sandy acena enquanto o trabalhador masculino para com o carrinho de mão para se aproximar de nós.

O choque dá lugar ao prazer.

Sério? Eu posso ver Chase *e* ficar livre dos meus pais por algumas horas todo final de semana?

Não me importo com a quantidade de cocô que tenho para recolher. Vale a pena.

"Ei, Sandy. O que você precisa..." O sorriso no rosto de Chase desaparece imediatamente quando me reconhece.

"Esta é Beth Jones. Ela é nossa nova voluntária. Bem, tecnicamente, é uma velha voluntária que vai se juntar a nós novamente." Sandy bate nos ombros dele.

Endureço. Eles estão namorando ou algo assim? Ele parecia tão feliz em vê-la antes de me ver e ela está agindo como se fossem velhos amigos. Ele traiu Sandy quando ficou comigo na festa? Ou isso é algo novo? Sandy é bonita, mas é mais velha. Tipo, acho que tem vinte e poucos anos.

Olho para Chase, que me olha de volta duramente.

"Prazer em conhecê-la." Ele responde em um tom que diz que é tudo menos um prazer para ele.

Sandy dá a ele um olhar curioso, mas Chase é salvo de explicar sua repentina mudança de humor quando alguém da clínica chama Sandy.

"Vocês dois vão ficar bem?" Ela pergunta, claramente hesitante em nos deixar sozinhos.

"Sandy." O homem na porta dos fundos chama novamente.

"Nós vamos ficar bem, obrigada." Digo, porque eu *quero que* ela nos deixe em paz.

"Sim, vá em frente, Sandy. Eu cuido disso." Chase dá um aceno de cabeça para a colega de trabalho.

O Chase em pé na minha frente parece muito mais confiante do que o da escola. Nos corredores, a cabeça dele está sempre abaixada. Na sala de aula, olha para frente. Aqui, ele encontra meus olhos. Seus ombros são eretos. Ele parece ainda mais alto e mais sexy.

No minuto que Sandy está fora do alcance da voz, Chase se inclina para mim.

Meu coração começa a bater com tanta força, juro que posso sentir batendo contra a minha caixa torácica. Eu engulo em seco. O ar entre nós se afina. Quando a boca dele se aproxima do meu rosto, minha respiração fica presa na garganta. Ele está... Ele vai...?

"Você está me seguindo?" Ele sussurra no meu ouvido.

Eu o empurro de volta. "O quê?"

"Por que está aqui? Você me seguiu?"

Qualquer sentimento caloroso que tive é substituído pela indignação. "Claro que não. Eu fui voluntária aqui por dois anos!"

Seus olhos se estreitam, como se não acreditasse em mim.

"É verdade." Insisto. "Você não ouviu o que Sandy disse sobre eu ser uma antiga voluntária? Este era o *meu* plano muito antes de você aparecer aqui."

Para pontuar isso, passo por ele e pego um galho de árvore. Claro, é maior do que eu esperava e fica preso sob algum outro objeto, então não consigo puxar totalmente como eu queria. Meus planos estão sempre sendo frustrados.

Uma mão grande se enrola em volta da minha e o galho se solta. "Sinto muito." Ele diz bruscamente. "Vamos começar de novo?"

Isso não seria ótimo? "De onde?"

"Do começo?" Ele lentamente abaixa a ponta do galho e depois estende a mão. "Eu sou Chase Donnelly."

Pego a mão dele e balanço. Seus longos dedos se enrolam em volta dos meus, disparando choques de eletricidade por todo o meu corpo. Ignorando-os, eu digo "Eu sou Beth Jones. Estou me voluntariando aqui novamente depois de uma curta pausa."

"Isso faz parte da minha liberdade condicional."

Solto a mão dele. “Sério, Chase. Você não pode começar assim.” Tanto para recomeços. Pego o galho e começo a arrastá-lo.

“Por que não?” Ele pergunta, agarrando a ponta pesada e a levantando no ar. “É a verdade.”

“Desse jeito? Há várias outras verdades que você poderia começar. O prefeito é seu padrasto. Comece com isso.”

“Isso me faz soar como um idiota pretensioso.” Ele resmunga.

“E dizer que você está em liberdade condicional faz soar como um... um...” Procuro a palavra certa.

“Criminoso?” Ele oferece.

“...Delinquente. E você não é.” Acrescento.

“Mas eu sou.”

“Pensei que estivéssemos começando de novo.”

“Não vou enganar ninguém.”

Impaciente, atiro a ponta do galho na pilha de lenha. Conversar com Chase é como fazer um discurso para a pilha de galhos. É inútil e as palavras são engolidas pela densidade.

“Olha, não estou tentando ser idiota aqui.” Ele diz, cheganddo por trás. “Simplesmente não parece certo não deixar as pessoas saberem que estou em liberdade condicional. Como se eu estivesse vivendo sob falsos pretextos.”

“Não é falso pretexto deixar as pessoas conhecerem você antes de dizer algo assim a elas. Isso se chama colocar o seu melhor em evidência. Em uma entrevista, você não diz que tem dificuldade em se levantar de manhã. Diz que está ansioso para começar a trabalhar a qualquer hora.” Cruzo os braços. “Vamos tentar de novo, por que você conseguiu um emprego aqui e não em outro lugar?”

"A clínica tem um acordo com o programa de reabilitação do Estado."

Abaixo minhas mãos em desgosto. "Esqueça. Você deveria tatuar *Chase Donnelly, Criminoso* na testa."

"Minha testa? Não, estava pensando no pescoço."

"O quê?" Viro para ver Chase sorrindo para mim. Ele está brincando, graças a Deus.

"Ok, que tal isso?" Ele avança, pega minha mão direita e diz "Sou Chase Donnelly. Estudo na Darling High. Acho que temos algumas aulas juntos."

O choque elétrico acontece de novo, mas finjo que sua mera proximidade não está deixando meus nervos enlouquecidos. "Eu sou Beth Jones. Vi você nas aulas de Cálculo Avançado e nas de História Musical. Você toca algum instrumento?"

"Não, não sei tocar um instrumento nem se fosse para salvar minha vida. Não posso cantar e não posso nem desenhar bonecos, mas tinha que preencher esse requisito de Belas Artes, portanto escolhi a História Musical."

"Igualmente". Sorrio com simpatia. "Além disso, ouvi dizer que a Dvorák nos permite ouvir música pop durante as aulas e gosto exclusivamente de música pop."

Para minha surpresa, ele não tira sarro de mim por isso. Em vez disso, diz: "Os caras do One Direction estão em alta agora."

"Harry Styles até o fim."

"Sou mais uma mente de hip-hop. Gucci Mane, Post Malone."

"Gosto deles também."

Nós olhamos um para o outro, mãos entrelaçadas, sorrisos em nossos rostos. Parece que estou sendo assada ao sol. Finalmente, percebemos que estamos nos dando as mãos por muito tempo para ser considerado um aperto de mão normal. Solto

primeiro. Parece que ele está relutante em me libertar. Ou pode ser minha imaginação.

"Você gosta de animais, hein?" Ele pergunta enquanto voltamos para a pilha de lixo.

"Sempre quis um animal de estimação, mas não podemos ter um porque a Ra — porque minha mãe é super alérgica a eles." Eu minto. "Você gosta de animais?"

"Sim. Eles têm bom julgamento. É uma grande vantagem."

"Eu não sei sobre isso. Há um novo pitbull lá dentro que enfrenta todos."

"Rocco? De jeito nenhum. Ele é um amorzinho. O pior que faz é babar em você. Alguém o levou há alguns dias e ligo para ele sempre que posso."

"O que há de novidade?" Pergunto curiosa. "Fui embora, então estou atrasada nos acontecimentos. E Opie está tomando seus remédios?"

"Não sem luta." Chase responde com um sorriso irônico. "É preciso três pessoas para fazê-lo engolir as pílulas."

"Não quando estou aqui." Falo presunçosamente, lembrando-me da facilidade com que o rabugento responde a mim.

"Bem, que bom que está de volta, então."

Chase acrescenta mais algumas dicas sobre alguns acontecimentos que tenho que verificar. Mittens, um nome para uma gata, se é que já ouvi um, parece arisca, mas se lhe der um pouco de leite, será sua amiga para sempre. Sylvester é um papagaio que fala em francês. Ninguém sabe o porquê, mas a suposição é que teve um dono francês, apesar de Darling nunca ter tido uma família francesa pelo tempo que alguém possa se lembrar.

“Meu favorito é Boots, no entanto.” Chase diz. “Ele é um cachorro velho. Seu dono morreu na semana passada e a família não quis ficar com ele. Acho que ninguém vai adotá-lo, então espero conseguir permissão para levá-lo para casa.”

“Isso é bom.” Penso no quarto vazio de Chase no porão, e meu coração aperta. Ele poderia fazer proveito de um amigo.

“Sim, mas ele tem algum problema de estômago e está sempre vomitando. Minha mãe mataria...” Ele para e limpa a garganta. “Minha mãe não ficaria feliz se eu trouxesse para casa um cachorro que arruinaria os tapetes de mil dólares do prefeito.”

“Está bem. Você pode dizer coisas como *matar* ou *assassinar* e não vou usar isso contra você.” Odeio que ele tenha que controlar o que diz ao meu redor.

Seus olhos azuis encontram os meus. “Não, não posso dizer essas coisas.” Ele admite. “Porque mesmo que você não use contra mim ainda me sentiria culpado. Perdi muito sono me sentindo culpado por você.” Não é uma acusação, é uma admissão triste e sórdida.

Sem outra palavra, Chase se abaixa e pega um enorme pedaço de metal pintado de branco e o leva para a pilha de metais.

Trabalhamos em silêncio até a hora de fechar.

“Posso te dar uma carona para casa?” Ofereço quando nos lavamos.

Chase sacode a cabeça negativamente, secando as mãos dele. “O prefeito está vindo me buscar.”

“Você o chama assim na cara dele? Ei, prefeito, o que tem para o jantar? Bela gravata, prefeito. Até mais, prefeito.” Aceno com minha mão.

Chase sorri. “Não, eu o chamo de Brian.”

"Alguém disse meu nome?" Uma figura esbelta entra na sala dos fundos.

Reconheço o rosto bonito e barbeado do prefeito Stanton dos seus cartazes de campanha, mas ele é muito mais baixo pessoalmente.

Ele estende a mão para mim. "Escutei meu nome e, como qualquer bom político, corri para ver o que estava sendo dito."

"Senhor." Chase diz formalmente.

Ele o chama de Brian, minha bunda. Aperto a mão do prefeito Stanton com firmeza. "Apenas coisas boas."

"Você é meu tipo favorito de eleitor." O padrasto de Chase sorri e parece genuíno, não é um show que está exibindo na frente do público. "Então você deve ser a amiga de Chase, Katie?"

Oh Deus. Olho para Chase com um olhar selvagem. Tinha esquecido que menti para a mãe dele sobre o meu nome.

"Ela se chama Beth agora." Chase se intromete na conversa "Ela costumava ser Katie quando era mais jovem, mas percebeu que era muito bonitinho, então prefere ser chamada de Beth."

Isso soou tão idiota. É isso que meus amigos pensam quando continuo insistindo para parem de usar Lizzie?

"Bem, Beth então. Embora eu ache que Katie é um nome adorável. Você está visitando alguma faculdade nos dias de hoje? A mãe de Chase e eu imploramos para ele se inscrever em algumas escolas no Arizona, assim teremos um pouco de tempo quente quando formos visitar."

"Eu quero, mas não, meus pais querem que eu vá para a Darling College."

O prefeito Stanton é um bom político, mas nem ele consegue esconder completamente sua surpresa. "Bem, Darling tem

algumas boas aulas, que tenho certeza que irá ajudá-la a começar a pensar sobre o que deseja estudar. Está pronto, Chase?"

"Sim. Até mais, Beth."

"Tchau." Eu o vejo ir, observo a maneira como seu cabelo loiro escuro dourado brilha sob os tons rosados do pôr-do-sol. Que ironia que os pais de Chase queiram que estude longe, mas ele está determinado a ficar aqui e se entristecer todos os dias, enquanto eu não posso esperar para escapar do estrangulamento dos meus pais.

Mas Chase sente que não pode começar de novo ou, pelo menos, não merece. E para mim, não importa quantas vezes eu diga às pessoas que sou Beth, ainda serei Lizzie para elas. Não importa aonde Chase vá, ele sempre estará fichado. É um registro de menor de idade e foi arquivado, mas está lá.

Essas verdades flutuam dentro de mim e afundam como pedras jogadas em um lago. O brilho e a leveza de Chase desapareceram, substituídas por uma aura mais pesada, como se um peso invisível estivesse fazendo pressão sobre ele. Só não é invisível. Pois sou eu. Eu sou o peso. Sou a manifestação em carne e osso de sua culpa.

Mesmo que eu esteja bem com o passado, não acho que Chase algum dia estará.

21

“Você está de bom humor hoje.” Scarlett diz quando fechamos nossos armários antes da aula de Cálculo.

“Estou?” Olho para mim mesma no espelho. Não pareço diferente de ontem. Mordo a bochecha. “Passei um pouco de gloss nesta manhã.”

Ela revira os olhos. “Tenho certeza que não é por causa do brilho labial. Venha, me conte tudo. Por que está toda sorridente?”

Eu me viro para ela. “Assinei um contrato com meus pais que diz que prometo ser uma boa menina e em troca receberei alguns dos meus privilégios de volta.” Confesso.

Os olhos de Scar se arregalam. “Puta merda. É por isso que sua mãe nos convidou para almoçar neste fim de semana?”

“Acho que sim. E me devolveram meu telefone, carro e a porta.”

Ela sorri. “É a primeira vez que ouço alguém dizer que está devolvendo a *porta*.”

“Estranho, não é?”

Ela verifica seu reflexo no espelho, enxugando o canto da boca para fixar o batom. “E como é isso, um contrato legal?”

Eu bufo. “Hum, duvidoso. Se eles voltarem atrás, não acho que a juíza Judy vai ordenar que cumpram os termos ou paguem alguma multa.”

“Imagine você os levar para o tribunal.” Scar fala, começando a rir. “Isso seria foda e insano.” Antes que eu possa piscar, ela joga os braços em volta do meu pescoço. “Mas seja o que for, estou feliz

por você! Ainda bem que eles não estão mais sendo completamente durões."

"Deus, eu também."

Uma comoção no final do corredor quebra o nosso abraço. Nós duas nos viramos para ver Troy e seus amigos provocando Chase.

Meus ombros ficam tensos. Por que esses idiotas não podem deixar o Chase sozinho? Ele é alto e musculoso como qualquer um dos garotos do futebol, mas todo mundo sabe que Chase não vai lutar se o derrubarem. Ele não pode se dar ao luxo de ter problemas na escola e se esforça para não chamar atenção para si mesmo.

"Quer ir ao jogo na sexta-feira?" Scarlett diz, afastando o olhar do grupo de rapazes.

Olho para os jogadores de futebol. "Não." Prefiro espetar meus olhos a torcer por esses valentões.

Do outro lado do corredor, Chase continua andando normal, sem olhar para a direita ou para a esquerda. Como mantém essa bolha, nunca vou saber.

"Por favor. Não quero ir sozinha." Scar está dizendo.

Tiro os olhos do Chase e me concentro na minha amiga.

"Yvonne vai em uma visita à faculdade e Macy tem um torneio de vôlei do clube."

Estreito os olhos. "Você odeia futebol." Eu a lembro.

"Não é sobre o futebol."

Isso me faz sorrir. "Ah ok. Então, quem é o garoto?"

Seus olhos imediatamente se afastam. Desde quando Scarlett esconde de mim o garoto em que está interessada? Não tenho certeza se gosto disso.

"Mesmo? Ele é tão sombrio que você não pode me contar sobre ele?"

Depois calo a boca porque quem sou eu para falar.

"Apenas venha, ok?" Ela pergunta baixinho.

"Ok." Respondo, porque se eu for para o jogo ela não terá escolha a não ser confessar em quem está interessada.

"Sim." Ela diz alegremente. "Você é a melhor!"

Ela me abraça novamente, assim que Troy e seus amigos se aproximam de nós.

"Se vocês duas vão se pegar, posso tirar algumas fotos?" Troy diz enquanto passa.

"Você é tão nojento." Eu me afasto para o lado. "Você tem certeza de que quer ir ao jogo?" Pergunto a Scar em voz alta.

Ela franze o nariz. "Não iremos para ficar torcendo por eles. Nós não gostamos de perdedores."

Troy franze a testa e dá um passo em nossa direção. A alta estatura de Chase aparece, cortando a linha de visão de Troy. Pego a mão de Scarlett e a levo para a aula.

"É Jeff." Ela fala quando chegamos à porta.

Eu olho em volta. "Onde?"

"Não. Jeff. Jeff é o rapaz que quero ver no jogo."

Fico muda por um momento. "Jeff? O Jeff da Rachel?" E depois imediatamente me arrependo das minhas palavras impensadas quando Scar visivelmente se encolhe. "Não, espere. Ele não é mais o Jeff de Rachel. Eu estava só..." Caramba, sou como meus pais, ainda mantendo Rachel viva na minha cabeça. "Jeff não pertence a ninguém. Definitivamente, não para qualquer pessoa com o sobrenome Jones." Eu termino.

Ela me olha sob os longos cílios. "Você não está brava?"

"Não. Deus, não."

"Pensei que você poderia estar interessada nele, mas ele disse que você não está. Tipo, foi realmente convincente nisso." Ela ainda parece preocupada, no entanto.

"Ele tem razão. Não estou interessada." Especialmente depois que me abandonou na festa.

O pensamento me faz hesitar. Eu deveria contar a Scarlett sobre isso, mas como? Se falar alguma coisa agora, ela pode entender como ciúme. Ou pode ficar se sentindo culpada. De qualquer forma, vou ter que guardar para mim mesma até que surja uma oportunidade melhor.

"Se é o Jeff que você deseja, é Jeff que terá." Eu declaro, espero que com tanta firmeza quanto Jeff me denunciou.

Scarlett grita. "Oba! Vai ser divertido. Vamos jantar no Mixed e depois vamos para o jogo. Todos nós podemos nos encontrar na minha casa depois. Pedirei aos meus pais para falarem com os seus."

"Soa legal." Tento parecer alegre por amor à Scar, mas não sei como me sinto por ela gostar de Jeff.

Quando ele estava namorando Rachel, achava que ele era o melhor cara do mundo. Mas a verdade é que não o conhecia muito bem. Desde que voltou para Darling, comecei a conhecê-lo melhor, particularmente na noite da festa de Lincoln, e tenho que ser honesta de novo, quanto mais eu o conheço, menos sei.

Mas não posso dizer isso para Scarlett, porque ela parece tão animada com os planos para a noite de sexta-feira. E também, porque Jeff está se aproximando de onde estamos.

"Ei, gatas." Ele cumprimenta com uma piscadela.

Jeff se junta a nós e coloca um braço ao redor de nossos ombros. "Vamos à Starbucks para um lanche no meio da manhã."

"Nós não devemos sair do campus a menos que seja para o almoço." Eu lembro a ele.

"Hoje ninguém vai se importar." Jeff promete.

"Que ótima ideia, Jeff." Scarlett diz com entusiasmo. Um pouco alegre demais para alguém que concordou em gastar muito dinheiro para um almoço com três fatias de maçã, oito uvas e um pão do tamanho da palma da sua mão. Mas Scar está radiante. O verdadeiro amor não tem fome. "Venha com a gente." Ela puxa meu braço.

Eu cedo novamente. "Claro. Por que não?"

"Ok. Encontrem-me depois da aula de Cálculo. Estou matando essa aula." Ele se inclina com a mão na barriga. "Dor de estômago."

Ele sai em direção ao posto de enfermagem, cumprimentando Troy no caminho.

"Ele não é engraçado?" Scar fala.

O verdadeiro amor não precisa de um bom senso de humor.

"Hilário." Digo e depois corro para a sala de aula antes que a paixão de Scar exija mais mentiras de mim.

Estamos há dez minutos na aula de Cálculo Avançado quando o telefone da sala toca. A Sra. Russell larga o marcador do quadro e anda para atender. Ela não está feliz com a interrupção. Troy usa o tempo para jogar papel de caderno amassado nas costas de Chase.

"Sr. Donnelly. Você precisa ir ao escritório do diretor. Seu agente de liberdade condicional está ao telefone."

Troy e seus amigos dão várias gargalhadas.

Meu estômago se agita. Como Chase aguenta isso? Meus dedos se curvam em um punho, mas mantenho os olhos presos à

minha mesa, porque se eu vir o menor indício de dor em seu rosto, perderei a cabeça.

Chase sai, seu andar mais rígido que o normal, mas a cabeça ainda está ereta.

“Ele é resistente.” Scarlett admite em um sussurro. “Eu não suportaria esse abuso.”

Estou assustada. Scarlett tem sido bastante clara com seus sentimentos anti-Chase, Jeff está a influenciando, eu acho. Mas ela parece genuinamente empática agora.

“Eu não seria capaz de suportar isso.” Sussurro de volta.

Minutos passam. A Sra. Russell escreve uma fórmula no quadro. Anoto com cuidado apenas no caso de Chase precisar mais tarde.

Troy e seus companheiros estão sussurrando sobre algo. Tento desligá-los da mente, mas *Manson* chama minha atenção. Eu me inclino para trás o mais indiferente possível.

“... Pegar ele... chutar... finalmente.”

Preocupada, olho para o relógio. Já faz quase dez minutos. Levanto a mão.

“Sim, senhorita Jones?”

“Preciso de um passe para o banheiro.”

“Venha e pegue.” A professora acena para a chave na mesa.

Scarlett me lança um olhar interrogativo.

Eu vou te dizer mais tarde, eu balbucio. Embora *o que* vou contar a ela, ainda não decidi.

Pego a chave e me apresso para o fim do corredor. Na metade do caminho para o escritório do diretor, vejo Chase voltando para a sala de aula.

"Ei." Dou a ele um pequeno aceno. "O que foi isso tudo?"

Ele encolhe os ombros e continua andando.

Vou para o lado dele, esperando que diga alguma coisa. O que o oficial de justiça dele queria? Ele vai ser levado embora?

Meu desconforto deve estar escrito no meu rosto, porque ele solta um suspiro e fala: "Você pode relaxar, Beth. Não havia oficial de condicional, ok? A pessoa desligou no segundo que eu disse alô."

Penso nos garotos risonhos no fundo da sala de aula. "Provavelmente Troy e sua gangue estúpida."

"Provavelmente. Não é grande coisa." Acho é que ele quer que eu pare de falar sobre isso.

Paro no meio do corredor, me mexendo desajeitadamente. "Você vai ao jogo sexta-feira à noite?"

Sua expressão incrédula me diz que essa pergunta foi estúpida. Como se ele fosse torcer por qualquer coisa, exceto se for por Troy cair em um lago.

Espero que ele não me note corar. "Vou aceitar isso como um não."

"Boa ideia." Ele começa a andar novamente.

Corro para frente para acompanhar ele. "Eu dei aos meus pais um contrato onde prometo ser boazinha em troca deles me permitirem alguma liberdade." Deixo escapar.

Desta vez, é ele quem para. "E?" Ele fala, parecendo interessado.

"E funcionou. Eles concordaram. Consegui meu celular e a porta do meu quarto de volta. E meu carro, mas só para ir à escola e trabalhar."

“Isso é ótimo.” Ele parece genuinamente entusiasmado por mim.

“Estou muito feliz. Além disso, estou usando um novo brilho labial, então hoje é um bom dia.” Faço beicinho com meus lábios.

Um pequeno sorriso repuxa seus lábios. “Brilho labial é tudo o que é preciso para fazer você feliz, hein?”

“Você disse para eu me concentrar em uma pequena coisa de cada vez. Hoje é o novo brilho labial. Tem gosto de morangos.” Eu cutuco o braço dele com meu ombro. “Qual é a sua coisa hoje?”

Ele olha para mim. Juro que seus olhos permanecem nos meus lábios. “Estava pensando em como gosto da cor rosa.”

Esfrego os lábios juntos. Seu olhar segue o movimento. Lembro como minha boca formigou quando seus lábios estavam pressionados contra os meus.

“E o quanto gosto de morangos.” Ele acrescenta e juro que posso ver a pulsação martelando em sua garganta.

Ele vai me beijar?

Ele chega um pouco mais perto.

Minha pulsação está descontrolada. Se ele me beijar, não sei o que faria. Provavelmente, o empurraria para longe.

Chase coloca suas mãos em minha bochecha e não o afasto.

“Uma ideia muito ruim.” Ele sussurra enquanto sua boca se aproxima.

“Ideia terrível” Sussurro de volta.

A minha respiração fica presa em meus pulmões. Seus lábios são macios e quentes enquanto pressiona os meus em um beijo que dura apenas um segundo, porque o som alto de um alarme de incêndio nos faz pular longe um do outro.

Bem na hora também, porque sem aviso, os alunos começam a correr para o corredor.

Scarlett vem correndo e agarra meu braço. Ela nem percebe Chase, está muito animada. “É um alarme de incêndio!” Ela grita. “Vamos pegar o Jeff. Starbucks, aqui vamos nós.”

Tento não olhar para ele. *Não olhe, não olhe.* Se eu fizer, minha expressão vai denunciar alguma coisa. Scarlett saberá que algo acabou de acontecer entre nós. Inferno, estou surpresa que ela não possa ouvir meu batimento cardíaco ensurdecedor sobre o alarme de incêndio.

Não olhe, ordeno enquanto Scarlett começa a me arrastar para longe.

Não posso evitar, dou uma olhada rápida por cima do ombro. Os olhos azuis de Chase transmitem compreensão enquanto se fixam aos meus. Na verdade, seus lábios até se curvam em um sorriso, como se dissesse o *que podemos fazer?*

Não beijar o assassino da minha irmã no meio do corredor da escola, *é* o que posso fazer.

Estou respirando com dificuldade quando chegamos lá fora e não é só da corrida que levou para sair daqui. O beijo de Chase roubou o oxigênio do meu corpo, junto com o meu juízo. Ainda posso saboreá-lo nos meus lábios.

Jeff está esperando no meio-fio quando chegamos à porta da frente. Scarlett corre pelas escadas, rindo. Parece que ela quer pular nos braços de Jeff.

“Depressa ou vamos ter que esperar na fila.” Ela insiste.

Quando noto outros alunos atravessando a rua, vejo que não somos os únicos que tiveram a brilhante ideia de se esgueirar para uma dose de cafeína.

“Não se preocupe.” Jeff diz enquanto guarda seu celular. “Eu já encomendei pelo aplicativo.”

“Oh, você está tão preparado!” Scarlett fala.

Quase preparado demais...

Suspeita se constrói dentro de mim, mas tento ignorar isso enquanto vamos para o Starbucks, ignoro quando estamos no balcão para pegar nossas bebidas e ignoro quando deixamos a lanchonete.

Estou sendo paranoica. E se Jeff já estivesse lá fora e tudo preparado com uma encomenda de café para nós, como se soubesse que estaríamos saindo da escola naquele exato momento? Então e se...

“Você puxou o alarme de incêndio?” Deixo escapar, incapaz de me conter.

Scarlett ofega tomando seu Frappuccino.

Sem se incomodar, Jeff lambe a espuma no topo de sua bebida. “Talvez eu tenha, talvez não.”

Fico boquiaberta com ele. “Por que você...” As palavras morrem na minha garganta quando nos aproximamos da escola.

Há dois carros de polícia e um caminhão de bombeiros estacionados na frente.

“Oh não.” Scarlett diz, segurando a manga da camiseta azul-marinho listrada de Jeff. “Você vai ter problemas.”

“Não, não vou.” Seu rosto bonito ostenta um sorriso maroto. “Não sou o criminoso da escola.”

E com certeza, no meio da multidão passam dois homens em uniformes azuis levando uma figura familiar até o final no último carro da polícia.

Empurro meu copo de café na direção de Scarlett e começo a correr.

22

“Beth! Você está louca? Volte aqui!”

Corro mais uns nove ou mais metros antes de Scarlett me alcançar e me puxar para trás. Ela está no clube de corrida da escola, então é rápida quando quer ser. E agora está determinada a me impedir de correr ao resgate de Chase.

“O que está fazendo?” Ela exige. “Os policiais estão lidando com ele. Você só vai atrapalhar.”

Espere, ela não acha que quero ajudá-lo. Acha que quero ajudar a polícia.

Ao nosso redor, as pessoas estão esperando por causa do alarme de incêndio e sussurram, fofocam entre si. Apontando para Chase, rindo atrás de suas mãos, espalhando uma onda de veneno através da multidão.

“Claro que foi ele.”

“Ele foi o primeiro em quem pensei quando soube que era um alarme falso.”

“Espero que seja expulso depois disso. Ele está arruinando esta escola.”

“Eu sabia que tinha sido ele quem puxou o alarme no momento em que ouvi. Tenho um sexto sentido sobre essas coisas.” Isso vem de Macy, que corre até mim e Scarlett com Yvonne atrás dela.

Seu comentário estúpido me faz virar para ela. “Sério, Macy? Você acredita que uma pessoa cega pode dirigir enquanto um cão guia está no carro.”

Ela suspira. “Yvonne jura que é verdade. Por que eu não acreditaria na minha melhor amiga?” Ela cruza os braços sobre o peito em sinal de indignação.

“Macy é ingênua, mas isso não significa que é uma péssima juíza de caráter.” Yvonne fala.

“Sim, é o que ela diz.”

As duas se juntam contra mim. Na verdade, os quatro, porque Jeff se junta ao grupo. Ele enfia o Frappuccino de Scarlett na mão dela enquanto bebe sua própria bebida.

“Por que você estava correndo?” Jeff pergunta em voz baixa.

“Porque ele não fez isso e alguém precisa contar aos policiais.” Anuncio friamente.

Um silêncio surpreso se instala.

Depois todos eles atacam.

“Você está defendendo o garoto?” Scarlett pergunta, incrédula.

“Você é fodidamente estúpida?” Jeff, retalha

“Por que você está o defendendo?” Macy diz, horrorizada.

“Ele matou sua irmã.” Yvonne fala, desapontada.

Nenhum deles está sendo discreto, o que significa que todos ao nosso redor podem ouvir o que está sendo dito. E meus outros colegas não têm problemas para expressar suas opiniões indesejadas, até que tudo que escuto são sussurros e acusações novamente.

“Você está doente.” Diz outro aluno.

“Ouvi dizer que ela nunca chorou no funeral de sua irmã.”

“Chorou? Juro que ela estava rindo.”

Os insultos começam a aparecer. Meus amigos não me defendem.

“Então vai ser assim.” Digo para eles, balançando a cabeça.

Não espero por uma resposta. Chase precisa da minha ajuda e macacos me mordam se vou deixá-lo ser punido por algo que não fez.

Passo empurrando a multidão, ignorando as vaias.

“Pare. Pare.” Aceno as mãos na direção dos policiais. “Eu sou uma testemunha.” Falo. “Ele não fez isso.”

“Beth, não.” Chase murmura. Suas mãos estão algemadas atrás das costas. Há um rubor sombrio destacando o topo de suas maçãs do rosto.

Um dos policiais tem uma mão em volta do braço de Chase. O outro está abrindo a porta traseira da viatura policial. Eu vislumbro o interior e a gaiola que fica separada dos bancos dianteiros da parte de trás.

Ignorando Chase, encaro o policial mais próximo de mim, um homem robusto com uma grande barriga e um rosto redondo.

“Senhor. Por favor. Chase, Charlie não fez isso. Ele estava comigo quando o alarme disparou.” *Ele ia me beijar.* Oh Deus, e se eu tiver que dizer isso em voz alta, na frente de todos? Ignoro o nó no meu estômago e insisto “Ele não poderia ter acionado o alarme.”

“Você viu ele não puxar o alarme?”

Eu paro, não completamente entendendo a questão.

“Vá para a aula.” Chase diz em um tom que é mais cansaço do que de confronto.

“Você ouviu seu namorado. Vá para dentro.” O oficial balança a cabeça em direção ao prédio. “As crianças dos dias de hoje. Não faz sentido.” Ele murmura para seu colega de trabalho. “Vamos. E você também.” Ele empurra Chase para frente.

Tento intervir e me deparo com um braço duro.

“Vá para dentro.” O policial ordena.

“Ele não é meu namorado. E estou te dizendo a verdade. Ele não fez isso.”

“Você pode fazer uma declaração na delegacia.”

“Mas...”

“Não.” É o sussurro desesperado de Chase.

O olhar de dor no rosto dele me fere. Sem outra palavra, dou meia volta e corro na direção oposta em direção à escola. Que se dane isso. Os policiais obviamente não querem ouvir o que tenho a dizer. Chase nem quer que eu fale o que tenho a dizer.

Mas não tem como eu deixar isso acontecer.

Há mais sussurros enquanto corro entre os grupos de estudantes. Suas palavras me atingindo como pedra afiada.

“Essa não é a Beth Jones?”

“O que ela estava fazendo com ele?”

“Achei que ela tivesse mais bom gosto.”

Entro no escritório do diretor para ver que está cheio de adultos. Procuro o diretor Geary, levantando-me na ponta dos pés para ver por cima das cabeças das pessoas amontoadas no corredor da administração. Desisto e vou para a recepção.

“Onde está o diretor Geary?” Pergunto à nossa recepcionista.

“Ele está ocupado, querida.” Ela mal olha para cima de seu computador.

“Eu sei, mas...” Eu o vejo com o canto do olho, encolhendo-se com alguns outros professores. “Sr. Geary!”

“Beth.” A recepcionista intervém.

Eu a ignoro. “Sr. Geary.” Aceno minha mão no ar.

Ele se aproxima. “O que é, Elizabeth?”

“É sobre o Chase, quero dizer, Charlie Donnelly. É sobre ele. Eu sei, eu vi não foi ele.” Não consigo me expressar direito.

“Está tudo bem.” Ele me dá um tapinha no ombro. “Isso deve ser suficiente para expulsá-lo.”

“Mas ele não fez isso.” Grito, jogando as mãos para o alto em frustração.

“Você não precisa defender o garoto. É admirável que você queira que ele tenha uma chance justa aqui e nós lhe demos uma. Agora é hora de Charlie conseguir sua educação em um lugar que não atrapalhe o que você tem de melhor.” Geary sorri com encorajamento e se vira.

Eu poderia gritar. Ninguém está me ouvindo. Absolutamente ninguém. Sinto as lágrimas chegando e pisco através da sensação de ardor. Não me importo o quão estou brava agora. Eu *não posso* chorar. Todos estão prontos para não me levar a sério. Lágrimas só me farão parecer histérica.

Examino a sala freneticamente, procurando por alguém, qualquer um que me leve a sério.

Quando vejo minha conselheira de orientação, me apresso e puxo sua manga. “Senhora. Tannenhauf, por favor, me escute.”

“O que é?” Ela pergunta, virando na minha direção.

Argumento em minha defesa. “Charlie não fez isso. Eu estava com ele, hum, andando ao lado dele quando o alarme soou. Ele foi chamado para o escritório do diretor porque seu agente de condicional estava no telefone, mas o agente de condicional não estava na linha. Você pode ligar para o agente. Devem haver registros, certo?”

Sra. T aperta meu ombro. “Tenho certeza que eles vão verificar todos esses detalhes na delegacia.”

Eles irão? Por quê? Eles têm um alvo e tenho medo que Chase não se defenda. Ele não quer causar problemas.

“Leve-me até lá.” Eu imploro.

“Onde?” Ela sorri, não compreendendo o meu pedido.

“Para a delegacia. Preciso ir lá. Ninguém está me ouvindo aqui.”

Ela compreende e com isso, faz uma careta de desaprovação. “Você deveria voltar para a aula, Beth.”

É quando fico brava. Com um olhar sombrio, coloco as mãos nos quadris e enfrento a orientadora. “Toda a minha vida vocês, professores, disseram que precisamos nos levantar e fazer a coisa certa. Que se vemos alguém sendo intimidado, precisamos dizer alguma coisa. Se há algo ruim acontecendo, não devemos nos afastar. Que é preciso uma voz para fazer a diferença. Bem, *eu sou* essa voz.” Aponto o polegar no meu peito.

Ao meu redor a sala fica em silêncio. Os professores e administradores estão olhando para mim. Eu poderia estar gritando, mas me forço a levantar meu queixo e não desviar os olhos. Estou fazendo a coisa certa aqui. Não vou ficar envergonhada.

“Por favor.” Dirijo um último pedido na direção da minha orientadora.

Ela suspira, mas concorda. “Ok. Levarei você.”

“Emma, acha que é sensato?” Sr. Geary interrompe.

“Sim. É a delegacia de polícia, Jim. O que poderia acontecer lá?”

Desejo concedido.

* * *

A viagem até a delegacia é tranquila. A Sra. Tannenhauf não coloca nenhuma música, portanto o carro está cheio de ruídos da estrada e do motor de seu Toyota Camry branco. Torço os dedos no meu colo, desejando que o percurso não demore tanto.

Sra. T continua olhando para mim, perguntas em seus olhos. Não quero falar sobre Chase, no entanto.

Antes que ela possa perguntar, deixo escapar: “Assinei um contrato com meus pais.”

Espero que este pequeno pedaço a distraia de Chase. Não sei como responder suas perguntas de qualquer maneira. Ele não é meu namorado. É um rapaz com quem dormi. É um garoto que ocupa meus pensamentos em um ritmo alarmante. Ele é quem faz meu coração bater mais rápido. É o rapaz que matou minha irmã.

Alguém teria respostas para isso?

“Um contrato? Um contrato comportamental?” Sra. T parece animada.

“Encontrei na internet.” Digo a ela. “Na verdade, eu copiei palavra por palavra. Provavelmente vou ser expulsa por plagio.”

Ela sorri. “Acho que podemos deixar passar neste caso.”

“Espero que sim. Está funcionando muito bem. Estou de volta à clínica e meus pais concordaram em me levar para visitar a universidade estadual de Iowa.”

“Bem, isso é encorajador.”

“Sim.” Fico em silêncio. Gastei meus tópicos de conversa.

A Sra. Tannenhauf começa. “Beth, se há alguma coisa que precise conversar, minha porta está aberta. Estou aqui apenas para ouvir.”

A delegacia está à frente e acho que comicamente que nunca fiquei tão feliz em ver uma.

“Obrigada, Sra. T.” Falo e saio do carro quase antes que ela possa parar completamente.

No interior, a delegacia de Darling é surpreendentemente tranquila. Acho que não temos muito crime aqui. No canto, vejo a mãe de Chase. Ela se levanta quando me vê, me reconhecendo daquela vez em que fui à sua casa.

“Katie!” Ela diz em alarme. “O que está fazendo aqui?”

Sinto-me enjoada. Sei que preciso contar a verdade sobre quem sou, mas não consigo pronunciar as palavras. Fico enraizada por alguns segundos, a culpa revirando o meu estômago enquanto me pergunto como responder.

No final, só pergunto. “Onde está o Chase?”

“Ele está sendo mantido até que o advogado do meu marido chegue.” Seus dedos parecem vermelhos como os meus, como se ela estivesse os esfregando de nervosismo também.

A resposta não é boa o suficiente para mim. Não há razão para que o Chase seja ‘mantido’. Não há razão para ele estar aqui.

Sem outra palavra, corro para a recepção. “Eu sou Elizabeth Jones.”

Um suspiro alto soa atrás de mim.

Encolhendo, faço o meu melhor para ignorar a Sra. Stanton e continuar falando. “Eu preciso fazer uma declaração sobre o incidente na Darling High hoje.”

O oficial masculino pisca para mim. Ele é jovem, eu me pergunto se é um estudante do ensino médio. “Ah, tudo bem.” Ele se abaixa e remexe em uma gaveta. Puxa um pedaço de papel e coloca-o no balcão. “Preencha isso.”

“Preciso de uma caneta.” Vim aqui sem minha bolsa ou mochila ou qualquer coisa.

“Aqui está uma.” Uma mão rapidamente coloca uma caneta no balcão.

Tenho coragem de olhar para cima. A mãe de Chase está ao meu lado, mas a dor e traição que eu esperava ver em seus olhos não está lá. Ela parece mais confusa do que irritada com a minha mentira.

Pego a caneta preta e começo a preencher o formulário, rabiscando meu nome e endereço, junto com a minha idade. A seção de instruções é uma caixa com cerca de duas linhas. Eu mordo o lábio inferior. O que posso dizer para convencê-los de que Chase é inocente? O policial não pareceu acreditar em mim. Acho que precisará de detalhes. Devo contar a eles sobre o beijo? Deus, eu não quero, especialmente com a mãe do Chase aqui. Eles vão checar o telefone do Jeff? Aposto minha poupança da faculdade que foi ele quem fingiu ser o agente de condicional. E definitivamente foi quem acionou o alarme de incêndio.

Sei que estas coisas são verdade, mas como eu posso provar? Felizmente, não preciso.

Um sinal soa e olho para cima para ver Chase vindo pela porta de metal pesada.

“Não dei minha declaração ainda.” Deixo escapar.

Ele encolhe os ombros. “Você não precisa. Meu agente de condicional confirmou que nunca me ligou. O policial disse que alguém fez uma brincadeira.”

Sou atingida por uma inundação de alívio. “Então você está livre?”

Ele balança a cabeça, um movimento breve e firme. Nunca o vi tão tenso. Mesmo quando Troy está o provocando, intimidando

e o xingando, Chase é capaz de manter uma aura de calma controlada.

Quero jogar meus braços ao redor dele e abraçá-lo. Mas claro que não. Em vez disso, é a mãe dele que passa por mim para abraçar Chase. Ela não o abraça exatamente, mas aperta seus ombros com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos.

“Charlie.” Ela diz em uma voz embargada.

“Sinto muito.” Ele murmura, a cabeça tão baixa que quase posso ver sua nuca. “Eu sinto muito.”

Meu coração se parte. Eu me aproximo, mas a Sra. Tannenhauf me puxa de volta. Nem percebi que ela estava na delegacia conosco. De tão focada que estava no Chase.

“Tudo bem.” Sra. T sussurra.

Relutantemente, deixo minha professora me levar embora, mas a cena da mãe de Chase ali parada com as mãos no ombro do filho, enquanto ele está se humilhando em desculpas é tudo que posso pensar pelo resto do dia.

23

Há um bipe estranho quando entro em casa. Olho meu telefone, mas a tela está desligada, por isso ignoro. Minha cabeça está muito cheia com os acontecimentos do dia para me preocupar com sons estranhos vindos do telefone. Provavelmente devo ter imaginado.

Estou começando a ficar paranoica. Cada sussurro e olhar em minha direção, penso que é uma acusação de minhas ações. Quando voltei para a escola, meus colegas de turma alternavam entre sussurrar sobre como Chase saiu porque seu pai era o prefeito e como não podiam acreditar que eu o defendi. Até Scarlett continuou me dando olhares estranhos.

Jeff tentou falar comigo, provavelmente para ter certeza de que eu não falaria nada, o que deixou Scar mais furiosa por algum motivo. E a única pessoa que eu queria que aparecesse não foi. Chase deve ter ido para casa com sua mãe. Boa decisão. Eu deveria ter ido para casa também. Sra. T ofereceu uma carona, mas eu queria estar na escola, no caso de Chase aparecer.

Não que ele queira meu apoio.

Tiro o casaco e percebo que minha bolsa está ligeiramente no espaço de Rachel. “Desculpe, mana.” Sussurro e empurro a bolsa.

Atrás de mim, ouço o bipe novamente. Olho para cima para ver minha mãe andando pela porta dos fundos.

“O que é esse som? O micro-ondas está quebrado?”

Seus olhos não encontram os meus. “Oh aquilo? Só um novo sistema de segurança que seu pai instalou hoje.” Sua voz é aguda e com um tom ansioso.

"Hum. Então ouviremos esse som toda vez que uma porta se abrir? Isso não é nada chato."

"Vou deixar o seu pai explicar." Ela está na porta dos fundos, bloqueando a visão da cozinha. "O que está fazendo em casa tão cedo?"

"As aulas acabaram." Ela está agindo mais estranho que o normal ou estou imaginando coisas? "Por que *você* está em casa tão cedo?" Ela geralmente chega às sete da noite. São três da tarde agora.

Em vez de me responder, ela diz: "Você pode ir ao supermercado para mim?"

"Agora? Acabei de chegar em casa." Há dois dias, eu comemoraria a chance de escapar de casa e fazer um favor. Hoje, minha cabeça está latejando e só quero ir para o meu quarto, fechar a porta e esvaziar minha mente.

"Preciso de algumas coisas para o jantar."

"Posso trocar de roupa primeiro?"

"Realmente preciso de uma cebola ou não vou poder fazer o jantar." Ela é inflexível.

Solto um suspiro, mas paro de discutir. Quando abro a porta, ouço o bipe de novo. Há outro eco fraco que emite de algum lugar da cozinha. Localizo a luz vermelha acima da porta e reviro os olhos. Isso parece muito exagerado, francamente.

Nós moramos em um bairro seguro. Não há razão para medidas extras de segurança. Além disso, não é como se tivéssemos algo de valor para roubar. Por curiosidade, abro e fecho a porta novamente. Cada vez há um som. E ao contrário da primeira vez que entrei, tem um eco.

Suspeito, viro e ando para a cozinha. Mamãe está em seu telefone, com uma expressão angustiada no rosto.

"Você recebe um alerta no seu telefone toda vez que uma janela ou porta é aberta ou fechada?"

Sentindo-se culpada, ela deixa o celular no balcão. "O que você disse?"

Fico boquiaberta, corro e pego o telefone. Com certeza, há uma notificação na tela do celular dela.

Porta dos fundos aberta, mostra. E tem uma marcação de hora.

"Beth, deixe-me explicar..." Ela começa, mas um forte baque no andar de cima, chama a nossa atenção.

Olho para o teto, depois lentamente olho de volta para ela. "O que está acontecendo lá em cima? Papai já chegou do trabalho?" Assim como ela, não tinha razão para ele voltar cedo.

"Sim, tirou folga a metade do dia." Ela diz apressadamente. "Ele provavelmente deixou cair algo lá em cima."

Isso não soou como um objeto caindo. "Mãe." Respiro devagar. "Por que você quer que eu vá ao supermercado?"

"Porque precisamos de cebolas para..."

Não termino de ouvir. Corro para o andar de cima. Com o canto do olho, vejo uma pequena luz ligando em cada janela pela qual passo. Minha preocupação com as luzes é esquecida quando chego ao meu quarto.

Papai está saindo dele e, por uma fração de segundo, nossos olhares se encontram. Depois passo por ele e suspiro.

Meu quarto está uma bagunça. Há coisas em todos os lugares. A cama está amarrotada. Travesseiros estão no chão. Gavetas vazias. Na minha penteadeira está um velho livro de romance que esqueci que peguei emprestado da Scar o que parece ser uma década atrás e uma caixa de preservativos.

O medo é substituído pela raiva. Tanto para me aproximar dos meus pais. Eles voltaram aos seus velhos hábitos superprotetores.

Viro e vejo a minha mãe na porta e observo pela primeira vez que minha porta se foi. Novamente!

"O que é isso?" Grito. "Você revistou meu quarto? Por quê?"

"Beth..."

"Responda-me!"

"Não grite comigo." Ela grita de volta.

"Não grite com sua mãe!" Papai ruge.

"Por que você revistou meu quarto?" Estou tão furiosa que mal posso respirar. Meus olhos estão ardendo, a garganta está tão apertada que é difícil falar. "O que há de errado com vocês?"

Mamãe se protege. "Fizemos isso porque estamos preocupados com você estar se drogando..."

"Drogas!" Eu grito. Oh meu Deus, eles são malucos. Estão fodidamente *doidos*.

"Você foi à delegacia para proteger aquele garoto!" Papai grita para mim. Seu rosto está vermelho na mesma proporção que tenho certeza que o meu está. Nós dois estamos respirando com dificuldade, absolutamente furiosos um com o outro. "O diretor Geary me ligou no trabalho para me informar que Donnelly acionou o alarme de incêndio hoje..."

"Ele não fez aquilo!" Aperto os punhos ao meu lado. Lágrimas de impotência ameaçam cair.

"Você está o defendendo de novo!" Mamãe balança o dedo para mim. "Está defendendo o garoto que matou sua irmã! O que há de errado com a *gente*? O que há de errado com *você*, Elizabeth? O que há de errado com você?" Ela repete em um tom angustiado.

"Você! Você é o que há de errado comigo!"

Passo por ela, deixando o conteúdo da minha vida expostos e espalhados. Ouço gritos de papai e soluços da minha mãe no meu caminho, mas não dou a mínima. Corro para fora, entro no meu carro e começo a dirigir.

Quando paro, me vejo estacionada em frente à casa de Chase.

Não sei como cheguei aqui ou por quê. Não sei o que estou planejando fazer. As portas estão fechadas e as janelas também. Não vejo movimento.

Há portas batendo e gritaria lá dentro? Não, Chase não parece o tipo de garoto que perde a paciência. É provavelmente um silêncio total.

Enquanto isso, meus pais estão exagerando, imaginando se estou tomando drogas porque não estou fazendo protestos em frente à escola e exigindo que Chase seja expulso.

"Oh, Rachel, o que devo fazer?" Gemo miseravelmente.

Abro o porta-luvas e puxo a foto que escondi lá dentro. Deitando minha cabeça no volante, olho para nossa imagem, Rachel e eu. Estamos encostadas lado a lado, usando nossas camisas de vôlei do clube Lady Hawks. Alguns fios dos cabelos de Rachel escaparam de seu rabo de cavalo apertado e, por causa do suor e da umidade do ginásio, ela tem pequenos cachos se formando em sua testa.

Ela não está sorrindo, mas posso dizer que está feliz. Não me lembro desse dia. Não me lembro de como me sentia. Não me lembro do que ela possa ter dito. A última lembrança realmente clara que tenho dela é do dia anterior à sua morte.

Ela não estava sorrindo também. Algo a incomodava. Podia ouvi-la suspirar pelas paredes. Sentei do lado de fora da porta dela,

debatendo se eu deveria bater, mas estava com medo que ficasse zangada comigo, então não entrei.

E no dia seguinte ela estava morta.

Eu me arrependo de não ter batido. Eu me arrependo de não ter tido a chance de falar com ela uma última vez.

Um toque na minha janela me assusta. A foto cai dos meus dedos. Vejo Chase de pé ao lado do carro. Ele está usando as mesmas roupas da escola, calça cargo escura e uma camiseta igualmente escura. Ele colocou uma jaqueta verde e azul de mangas compridas por cima. Um gorro preto cobre seu cabelo loiro escuro.

Ansiosamente, abro a janela.

Ele abre a boca para dizer alguma coisa, mas depois sua expressão escurece. “O que está errado?”

“Nada. Por quê?”

Ele passa um dedo sob o meu olho e me mostra. Vejo um ponto de umidade lá.

“Choro o tempo todo.” Falo, passando as costas das mãos sobre o meu rosto. “É um defeito. Eu nem quero chorar e as lágrimas caem. Acho que tenho dutos lacrimais ou algo assim. Rachel era exatamente o oposto. Ela nunca chorava.”

O silêncio cai entre nós quando digo o nome dela.

“Desculpe.” Murmuro.

“Por dizer o nome de Rachel? Não se desculpe. Sinto muito que você não se sinta confortável em falar comigo sobre sua irmã. Mas entendo seus motivos e não te culpo.” Ele enfia as mãos nos bolsos. “Vi seu carro da janela da sala. Está me vigiando?”

De alguma forma, apesar da raiva que ainda sinto por meus pais, eu realmente sorrio. “Bem que gostaria.” O humor morre

rápido, no entanto. “Você veio aqui para me pedir para ir embora? Sua mãe me viu? Ela está brava?”

“Não. Desapontada, o que é ainda pior.” Ele tenta sorrir, mas não consegue. Ele está muito chateado consigo mesmo. “Seria melhor se ela fosse como meu pai, que finge que seu filho não existe. Mas em vez disso, mamãe continua me amando e eu continuo...” Ele suspira pesadamente. “Fazendo besteira.” Ele termina. “De qualquer forma, saí para agradecer por você me defender hoje.”

“Mesmo? Pensei que ficaria chateado por eu estar piorando as coisas.”

“Não. Estava errado em falar aquilo antes. Aqueles caras querem ferrar com alguém e sou um alvo fácil. Eu provavelmente estaria fazendo a mesma coisa se estivesse no lugar deles.”

“Não, você não estaria.” Sei disso.

O lado da boca dele se ergue. “Sim, você provavelmente está certa. Eu não faria.” Ele abaixa a cabeça por um momento. Quando olha para cima novamente, seu sorriso se foi, mas há algo quente em seus olhos que me faz vibrar inteira. “É bom não ficar sozinho.”

Esses formigamentos se tornam elétricos. Enrolo os dedos ao redor do volante para não fazer algo estúpido com eles. “Ninguém deveria ficar sozinho.”

Nós suportamos outro silêncio desconfortável. Ele enfia as mãos nos bolsos e bate a ponta da bota contra o asfalto. Eu aperto o volante com tanta força que vou ter um corte permanente nas palmas das mãos.

“Como estão as coisas em casa?” Ele finalmente pergunta.

“Tudo bem.” Minto, porque não posso contar a ele que meus pais estão loucos sobre a situação do alarme de incêndio. Não posso contar que eles tiraram minha porta de novo e que fugi como

uma maluca depois de uma das piores discussões que já tivemos. Ele se sentirá culpado e nunca mais falará comigo. E essa é uma perda que não estou pronta para aceitar. “Você?”

“Houve dias melhores.” Ele admite. “O prefeito não está feliz. Esse incidente será registrado no meu histórico escolar e, se eu tiver três desses, estarei fora.”

“O quê? Isso é ridículo!” Estou indignada outra vez. “Você é inocente!”

“Eles não sabem disso com certeza. Os policiais não têm provas suficientes para me prender, mas a escola funciona diferente.” Ele encolhe os ombros, as mãos ainda enfiadas nos bolsos.

“Isso é uma merda.”

“Deixe pra lá.” Ele aconselha. “Ficarei longe de confusão e isso não terá mais importância.”

“E quanto a Troy e Jeff?”

Ele encolhe os ombros novamente. “Ficarei longe do caminho deles.”

“Você está fora do caminho desde que as aulas começaram. São eles que estão te provocando.”

“Talvez sim, mas ignorar os valentões é a melhor maneira de se livrar deles. Sei disso por experiência *própria*.” Ele enfatiza a palavra *própria,* então entendo que está se referindo ao seu tempo na prisão.

Rachel sempre foi uma pessoa que acreditava na justiça. Contanto que um árbitro apitasse um jogo de forma justa, ela estava bem com o resultado, mesmo que o árbitro fosse uma porcaria. ‘Ele apitou mal para os dois times’, ela me disse uma vez depois de um jogo. ‘Não posso pedir mais do que isso’.

Acho que ela diria que Chase foi punido pela sua morte e que todos nós devemos seguir em frente. Eu me pergunto se isso pode acontecer, no entanto. Para qualquer um de nós.

Pergunto a ele: “Você acha que nós, você e eu, ou meus pais ou seus pais ou os garotos na escola... Você acha que alguém de nós conseguirá deixar para trás o que aconteceu com Rachel?”

Chase respira fundo e pensa nisso. Gosto que ele não responda imediatamente.

“Parte de mim gostaria disso, mas parte de mim acredita que seria errado. Não acho que deveria esquecer minhas ações. Se isso significa que os valentões me perseguirão na escola ou não conseguirei arranjar certos empregos ou o meu futuro é de alguma forma limitado, estou bem com isso. Acabei com a vida de alguém. Rachel não conseguirá um emprego, nem vai ao baile de formatura e nem irá para a escola de novo.” Ele faz uma pausa e olha para o outro lado.

Lágrimas inundam meus olhos e pisco como uma louca para impedi-las de cair. Quando o olhar de Chase volta para o meu, seus olhos também estão molhados.

“Se isso significa que não podemos ser amigos, é um problema mais difícil de resolver.” Ele dá aquele meio sorriso matador e bate a mão no teto do meu carro. “Você provavelmente deveria ir para casa. Falamos-nos mais tarde.”

E com isso, ele sai. Ele diz essas palavras, pensadas e pesadas, e depois foge para a casa!

Não posso acreditar.

“Covarde.” Murmuro baixinho.

Ligo o motor e volto para casa. Não que eu me lembre da viagem. Tudo o que posso pensar são suas palavras e como ele misturou o amargo com o doce.

Na entrada lateral, paro e descanso a testa contra a porta. Não sei o que vou encontrar lá dentro. Estou com um pouco de medo, na verdade. Não parece que meus pais estão gritando um com o outro, mas talvez estejam guardando o grito para o meu retorno. Talvez estejam atrás da porta, braços cruzados, pés plantados firmemente no chão, prontos para a batalha.

Mas não quero lutar. De verdade não quero. Dez minutos com Chase e sua compostura impenetrável conseguiram me relaxar, fazendo-me ver a razão. Meus pais cruzaram a linha hoje, não há dúvidas sobre isso. Mas gritar como se fosse louca e sair correndo como uma maníaca ainda maior não vai me ajudar em nada.

Nós temos que fazer as pazes. Sei disso. Eu só... estou cansada demais para lidar com as palavras fortes e raivosas que sei que virão antes da chegada da paz.

Quando entro, no entanto, não sou recebida com nada remotamente alto. Sou recebida por um silêncio cruel e uma encarada do meu pai.

Ele aparece na porta da cozinha, seus olhos escuros e inexpressivos fazendo meus joelhos parecerem fracos. Ele segura o telefone e até mesmo a um metro e meio de distância, posso entender o que está me mostrando. A tela mostra um mapa e um ponto verde.

“Papai.” Começo de forma trêmula.

Ele levanta a mão para me silenciar.

Calo a boca.

A fúria mal contida ecoa na voz do meu pai quando por fim fala.

“Fique longe de Charles Donnelly ou vou jogá-lo de volta na prisão.”

24

Na manhã seguinte, Scarlett me encurrala no meu armário antes que eu possa colocar a senha.

“Não tenho energia para brigar agora.” É a primeira coisa que digo e podemos ouvir o cansaço na minha voz.

Não dormi na noite passada. Só deitei na cama, pensando na ameaça que meu pai fez a Chase, de mandá-lo de volta para a cadeia. Não sei como ele conseguiria isso, mas meu pai é engenhoso quando precisa ser.

“Não quero brigar.” Scarlett responde categoricamente.

“Bom.”

“Bom.” Ela fala de volta.

Gentilmente a empurro para fora do caminho para que eu possa abrir meu armário. De costas para ela, pego meu livro de cálculo na prateleira de cima. “Continue. Fale.”

“Falar o quê?”

“Que pessoa horrível eu sou por defendê-lo ontem.” Continuo de costas.

Ouço um suspiro suave, depois sinto uma pequena mão fria no meu ombro. Endureço, mas o toque de Scarlett é calmo, não agressivo.

“Entendo porque você fez isso, ok?”

Eu rapidamente me viro. “Você entende?”

Ela alisa o cabelo castanho-avermelhado, movendo tudo de um lado para que fique pendurado em um dos ombros. Ela o alisou

hoje. Não tenho certeza de como me sinto sobre isso. Eu amo seus grandes cachos saltitantes. Por falar nisso, ela também. Scar sempre disse o quanto preferia o cabelo cacheado ao invés dele liso.

"Sim." Ela diz, assentindo. "Ele é um caso de caridade para você. Como aqueles cachorros que você ama tanto na clínica de animais. Você tenta agir como se fosse durona, mas sei que no fundo é apenas uma grande sofredora. Quero dizer, você chora num piscar de olhos. Mas..."

Sabia que havia um mas.

"Ele *não* é um animal. Não é um cão abandonado que só precisa de um pouco de amor para ser legal com os humanos de novo, ou algum gato idiota que mia quando você chama, mas ronrona quando começa a fazer carinhos nele. Ele é um *delinquente*. Roubou um carro e atropelou alguém. Você não pode esquecer isso, Li... Beth."

"Você acha que esqueci?" Pergunto em descrença. "Deus, penso nisso pelo menos vinte vezes por dia, que estou indo para a escola com o rapaz que atropelou Rachel."

Que perdi a virgindade com o garoto que atropelou Rachel.

Que tenho sentimentos por esse rapaz.

Que penso *nele com* mais frequência do que penso sobre o que fez.

"Bom." Scarlett diz com firmeza. "Você tem que pensar sobre isso. Da próxima vez que achar que ele precisa de ajuda, lembre-se de quem ele é."

Aceno fracamente. Sei o que ela está dizendo. Sei porque está falando isso. Mas também sei que se Chase precisar de ajuda novamente, serei a primeira pessoa a sair em sua defesa.

O que há de errado comigo?

"De qualquer forma, a Macy ainda está chateada com você"

"Sério?" Franzo a testa, porque Macy não é do tipo que guarda rancor.

Scar suspira. "Macy pensa que você acha que ela é estúpida."

A culpa me domina quando me lembro de acusar Macy de ser ingênua e irresponsável. Quer dizer, ela é, mas eu não tinha que ser desagradável sobre isso. "Eu falarei com ela depois da aula." Murmuro. "E Yvonne?"

Minha melhor amiga acena com a mão. "Você a conhece. Ela supera a merda rapidamente. E Jeff está de boa com você também. Ele veio ontem à noite e eu o acalmei."

Jeff está de boa *comigo*? Ela o acalmou? Foda-se. Não estou de boa com *ele* e alguém deveria estar *me* acalmando. Ele e Troy tentaram prejudicar Chase com o golpe do alarme de incêndio. Bons rapazes não fazem coisas assim.

Abro a boca para dizer tudo isso para Scarlett, mas, falando no diabo, Jeff se aproxima com um grande sorriso. É como um déjà vu. Exatamente a mesma coisa aconteceu ontem, eu e Scar no meu armário, Jeff perambulando como o Sr. Chefão da escola e após todo o inferno acontecendo.

"Legal. Vocês duas se entendendo." Ele diz com um aceno de cabeça. Ele olha para mim. "Scarlett me contou sobre todo o papel de salvadora que está fazendo, não é? Entendo, mas não acho que Manson é alguém que precisa defender, Beth."

Primeiro de tudo, seu falso sotaque britânico é estúpido e chato, *sim*? Não sei por que todas as garotas do último ano acham que é sexy. Não é.

Em segundo lugar, papel de salvadora? Ok, Scarlett *realmente* tentou me enquadrar como uma espécie de coração mole que odeia a injustiça e defende os desfavorecidos. Por um lado, agradeço por ela tentar ajudar. Por outro, não entendo por que está dando desculpas para mim.

Talvez queira que eu e Jeff fiquemos bem para que seu relacionamento com ele seja mais tranquilo? Mas não tenho nada a ver com eles como casal, se forem um casal. Jeff não parece nada interessado nela.

“Acho que a melhor coisa para todos é você ficar longe desse idiota.” Jeff me informa. “Eu sei que concorda.”

Concordo?

Estou prestes a responder quando Scarlett me dá um olhar suplicante.

Argh. Isso é besteira. Jeff está sendo um idiota condescendente agora.

Mas há algum ponto em discutir com ele? Provavelmente não. Então engulo a resposta e fecho meu armário.

“Scarlett vai dar uma festa esta noite.” Jeff fala. “Ela contou a você?”

Arqueio uma sobrancelha para ela. Ele é seu porta-voz agora?

“Estava prestes a mencionar isso.” Ela diz rapidamente. “Meus pais têm um jantar para ir e não estarão em casa até tarde. Você pode vir, certo, Beth?”

“Não.” Digo com tristeza. Embora, honestamente, não fico tão chateada com isso. Não quero sair com Jeff. “Estou de castigo novamente.”

Os olhos de Jeff brilham em desaprovação. “Foi a coisa da delegacia, não foi? É claro que Dave e Marnie não ficaram felizes com isso, Lizzie.”

Não chame meus pais pelo primeiro nome, digo interiormente. Deus. Jeff sempre foi tão arrogante ou ficou assim em Londres?

“Se fosse minha filha, eu puniria você também.” Ele fala, com seu tom arrogante.

“Ainda bem que não sou sua filha.” Respondo.

A boca de Scarlett aperta. “Beth.”

Escondo meu aborrecimento. Sério? Ele pode fazer comentários de merda, mas não posso responder?

“De qualquer forma.” Falo rigidamente, “Eles me informaram esta manhã que não tenho permissão para ver nenhum amigo a menos que vocês venham até a minha casa. E perdi meu carro de novo, mas não o celular.”

“Então vamos para a sua casa hoje à noite.” Jeff anuncia.

Scarlett e eu nos voltamos para encará-lo. Desculpe? Ele está convidando a si mesmo e outras pessoas para a minha casa agora?

Scar também não gosta dessa ideia, a julgar por sua profunda carranca. “Prefiro manter o plano original.” Ela diz ao Jeff.

Ele dá a ela um olhar rápido. “Por quê? Beth tem o quintal maior e será uma ótima noite. Podemos fazer uma fogueira. Vamos todos sentar em volta e assar alguns marshmallows. Vai ser bom.”

A infelicidade de Scarlett está escrita em seu rosto. Eu a conheço a tempo suficiente para poder ler seus pensamentos. Se todo mundo vier para a minha casa e se instalar no quintal, ela e Jeff, obviamente, não serão capazes de se esgueirar para o quarto dela para se beijar.

“Não.” Ela diz com firmeza. “Prefiro minha casa esta noite.”

A expressão de Jeff se enche de aborrecimento. Espero que ele esqueça e não seja um babaca sobre isso, mas depois de um longo momento, ele relaxa e sorri para ela.

“Ok. Beth irá perder essa. Nós vamos relaxar em sua casa outra hora.”

“Puxa, obrigada por me incluir em planos envolvendo minha própria casa.” Digo sarcasticamente.

Ele ignora e se inclina mais perto de Scarlett tocando em seu cabelo. “*Ficou* ótimo, a propósito.” Ele diz, com seu olhar de aprovação para o cabelo liso dela. “Realmente elegante.”

Os olhos dela ficam mais brilhantes do que as luzes fluorescentes sobre nossas cabeças. Agora entendi. Jeff gosta de cabelos lisos. Scarlett endireita o cabelo. Ai, que saco.

“Vejo vocês no almoço.” Ele acrescenta antes de sair.

Scarlett está corando enquanto o observa ir embora. Eu não a vejo olhar assim para alguém desde que Matty Wesser se mudou e isso traz tanto uma pontada de alegria quanto uma onda de pânico.

Uma parte de mim entende por que ela é tão atraída por Jeff. Vi seu lado encantador, sei o que aquele sorriso torto e descontraído pode fazer para uma garota. Mas também tenho visto o seu lado mau. Ouvi ele me repreender do lado de fora de uma festa e, em seguida, assisti Jeff ir embora, me deixando sozinha em uma rua escura e desconhecida.

Gostaria de saber qual Jeff é o verdadeiro. Eu me pergunto se Rachel conhecia. Ela nunca disse uma palavra ruim sobre ele. Nunca. Mas ela também não falava muito sobre o relacionamento deles.

“Você realmente gosta dele.” Digo devagar, tentando não suspirar.

“Eu de verdade gosto.” Scarlett fala, suas bochechas ficando ainda mais vermelhas.

“Vocês são um casal agora?”

“Não sei. Espero que sim.”

Merda. Está na ponta da minha língua para dizer a ela as minhas dúvidas, compartilhar meu desconforto com Jeff, mas não tenho coragem de arruinar seu bom humor.

“Vamos, vamos para a aula de Cálculo.” Finalmente digo.

Chegamos à sala de aula quando o sinal toca e estou decepcionada porque esperava ter a chance de conversar com Chase no corredor antes de entrarmos. Mas ele já está em sua mesa quando Scar e eu entramos. A cabeça loira está abaixada, mas sobe ligeiramente com minha aproximação.

Olhos azuis escuros encontram os meus, apenas brevemente. Juro que vejo um sorriso antes dele abaixar a cabeça. É a maneira dele de dizer *olá* ou *bom dia*, e eu quero tanto dizer de volta em voz alta para ele. Não posso, no entanto. Não depois do que aconteceu ontem. Defender Chase resultou em todos os meus colegas se virando contra mim. Meus amigos ficando com raiva de mim. E meus pais fiscalizando meu quarto e me colocando de castigo por toda a vida.

Uma demonstração pública de carinho com o Chase agora provavelmente me mandaria para o exílio.

Então ofereço um esboço de sorriso em troca e depois nós dois abaixamos a cabeça e fingimos que não nos conhecemos.

Mas quando a Sra. Russell está no quadro branco e todos estão debruçados sobre seus cadernos tentando resolver o problema que ela deu, aproveito e entrego um bilhete a Chase.

Meu coração bate descontroladamente quando o pequeno papel quadrado dobrado em cima de sua mesa cai. Prendo a respiração, mas ninguém percebe o que fiz. Ninguém além de Chase, cujos longos dedos se esticam para pegar o bilhete.

Mordo o lábio ansiosamente enquanto espero ele ler as quatro palavras que escrevi naquele papel.

Venha hoje à noite.

Ele não olha para mim para saber de onde veio o bilhete ou dar uma resposta. Mas enfia o papel no bolso e essa é toda a resposta que preciso.

25

"Eu não deveria estar aqui." Chase diz pela centésima vez.

"Se disser isso de novo, vou chutar você para fora." É uma ameaça vazia, embora. Ainda não consigo acreditar que ele veio. A última coisa que quero que faça é *ir embora*.

Ele olha atentamente para a luz azul da televisão que está piscando na janela da minha sala de estar. Minha mãe e meu pai estão assistindo às reprises de *Gold Rush*. Pai gosta de ficar falando para a televisão como o time está estragando tudo, enquanto mamãe faz um monte de sons desapontados no fundo de sua garganta junto com as ocasionais exclamações 'Eles têm que xingar tanto?'.

Satisfeito porque eles não estão saindo, Chase descansa os cotovelos no cobertor xadrez que coloquei atrás da árvore mais cedo. A três metros de distância, o balanço de Rachel permanece imóvel, envolto em escuridão. Durante o noticiário das dez horas, o meteorologista falou que seria uma noite fria, mas deve ter se enganado, porque estou quente por dentro e por fora.

"Você não pode me expulsar. Nem entramos." Ele gesticula em direção ao céu noturno.

Um cachorro late à distância. Outro responde. A luz da varanda dos fundos dos Rennicks se acende.

"Bem. Vou chamar o Morgan e ele vai te perseguir." Sugiro.

"Não, os cachorros me amam."

A Sra. Rennick pede que seu vira-lata pare de latir e entra.

"Isso é verdade." Pelo que vi, os cachorros da clínica adoram o Chase. "Eu me sinto traída."

“Não. Sempre que você sai, eles choramingam. Sentem sua falta.”

Eu o observo por baixo dos meus cílios. Se fosse no meio do dia, seus ombros largos bloqueariam o sol. Em vez disso, o luar ilumina seu corpo, fazendo-o parecer de outro mundo. “Ahh. Ok. Você pode ficar.”

“Que gentil. Estava planejando isso de qualquer maneira.”

Estou feliz que esteja escuro e ele não possa ver o sorriso estúpido no meu rosto. Para ser seguro, coloco minhas pernas mais perto do peito e descanso o queixo nos meus joelhos. Assim, posso esconder meu rosto e olhar para ele ao mesmo tempo.

“Eu sei como eles se sentem.” Ele enfia uma folha de grama no canto da boca. Observo com muito interesse sua boca e a mandíbula se moverem. “Porque é muito mais divertido quando você está por perto.”

“Vou ter que aumentar minhas horas.”

“Trabalho segunda, quarta e domingo.” Ele diz. Mostrando aquele sorrisinho mortal.

“Bom. Vou pedir para trabalhar terça, quinta e sábado.”

Eu não o vejo chegando. Ele se move rápido e de repente estou de costas com ele em cima de mim. Grito e, em seguida, coloco a mão sobre a boca. A cabeça de Chase se sacode e olha para a porta dos fundos. Todo o corpo dele está tenso, como se estivesse pronto para fugir na noite a qualquer momento.

Mas nenhum som surge. Nem da minha mãe ou do meu pai. Nem mesmo um latido de um cachorro da vizinhança. Chase paira sobre mim em uma vaga reencenação de como ficamos na nossa primeira noite. Ele em cima de mim. Exceto que naquela hora não tinha muito espaço. E eu tinha meus braços em volta do seu pescoço. E havia muito menos roupa entre nós.

Seguro a respiração. Acho que ele também. Quero que me beije. Quero que ele afaste os pedaços de grama e as substitua pela mão, braço ou peito. Quero sentir o calor dele contra mim.

“O que seus pais pensam que você está fazendo?” Ele pergunta finalmente.

“Que estou pensando em Rachel.” Digo sem tato. “Esse é o balanço dela.”

Imediatamente, ele me faz deitar no chão, colocando distância entre nós.

Engulo um suspiro de decepção e me amaldiçoo por mencioná-la. Ele já tem dificuldade em controlar sua culpa. Na cabeça dele, tudo bem se for meu amigo. Não é certo ser meu namorado. Não é certo em querer segurar minha mão ou me beijar.

Gesticulo para o assento de madeira pendurado. “Papai construiu o balanço para Rachel e quando eu tinha idade suficiente nós brigamos sobre quem iria usá-lo. Nós corríamos aqui e ela sempre chegava primeiro. Eu tinha que empurrá-la até que meus braços fossem macarrões de espaguete e depois ela saia e dizia, com uma voz super cansada, ‘vou te empurrar até que eu tenha que sair para treinar’, que, naquela época era cerca de cinco minutos.”

“Quanto você daria para discutir com ela de novo?”

“Muito.” Chase me faz falar sobre Rachel mais do que qualquer outra pessoa. Até minha mãe não gosta de falar sobre ela, porque significa que ela morreu.

“Sobre o que mais vocês discutiam?” Ele rola de lado e apoia a cabeça em um braço dobrado.

“O que não discutíamos? Ela ficava brava quando eu pegava suas coisas emprestadas sem perguntar. Tinha uma linda jaqueta azul da Forever 21. Eu a tirei do armário e a usei em um jogo de futebol da Darling.”

“E ela não descobriu?”

“Ah não. Ela descobriu. Eu era idiota o bastante para pensar que poderia evitá-la o tempo todo, mas acabei esbarrando nela na lanchonete do estádio antes que o primeiro tempo tivesse acabado. Ela me deixou continuar usando a jaqueta, mas me avisou que, se eu deixasse uma gota de chuva cair na jaqueta, me bateria até amanhã.”

“E?”

“Escapei da punição. A jaqueta Forever 21 foi devolvida e ela acabou derramando uma bebida vermelha nela na primavera. Mamãe não conseguiu tirar a mancha, então Rachel jogou-a em cima de mim e disse que agora era minha.”

Ele sorri. “Você ainda a tem?”

“Não. Fiquei brava e joguei fora. Eu queria ter guardado. Também tive problemas por usar o batom como delineador. Eles se parecem muito, se estiver se perguntando.”

“Eu não seria capaz de me concentrar na escola amanhã se você não tivesse me contado.” Ele confirma solenemente.

Eu sorrio. Ele não faz nenhuma observação sobre como todas as memórias que mencionei têm a ver com brigas com a minha irmã. É só que aqueles momentos, quando ela era imperfeita, parecem os mais reais para mim.

“Eu realmente a amava.” Sussurro.

“Eu sei.”

“Sinto falta dela todos os dias.”

“Sinto muito, Beth.” Ele volta a deitar de costas. Um braço é jogado sobre os olhos, como se não pudesse olhar para mim ou como se sentisse que não merece. De qualquer maneira, é uma merda.

Engulo o nó na garganta. “Sei que você sente.”

Ficamos em silêncio novamente. Estou presa entre o passado e o presente. Olhando para o balanço, quase posso ver Rachel ali, balançando as pernas furiosamente e subindo e subindo cada vez mais alto até ficar quase uma mancha no céu ao lado do sol ofuscante. No entanto, há Chase ao meu lado. Um verdadeiro ser humano que me escuta, me repreende e me faz rir.

Escolho Chase, digo para a sombra. Rachel acena e continua balançando.

"Ela era surpreendente no vôlei." Digo baixinho. "Mesmo quando jovem, na sexta série, sabia como bloquear uma bola. Seus saques eram planadores, como se pudessem surpreender a todos e derrubar a rede, mas uma vez que a bola estivesse do outro lado, acabava indo parar bem no canto. E era muito boa em jogar nesse lugar ao longo da linha."

"Por que você não joga mais?"

"Não é nada divertido. Sem ela, não é divertido." Eu não tinha percebido o quanto admirava Rachel até ela morrer. "Nós brigávamos muito, então não percebi que sentiria tanto a falta dela." Paro de falar porque minha garganta está muito apertada. Dói olhar para a lua, por isso fecho os olhos. Líquido quente escoa pelos cantos.

Uma grande mão quente cobre a minha e depois ouço uma maldição abafada. Chase desliza um braço sob minha cabeça e empurra meu rosto contra o seu peito coberto de moletom.

"Sinto muito." Ele murmura repetidamente.

Quero parar de chorar, porque sei que é doloroso para ele, mas não consigo controlar as lágrimas. Memórias que empurrei para uma bolha profunda retornam à superfície. Rachel me mostrando como depilar minhas pernas. Rachel trançando meu cabelo. Rachel me dando uma de suas camisetas favoritas quando tentei entrar para o time A no clube. Rachel me abraçando quando meu nome não estava na lista final.

“Sinto falta dela.” Soluço, enrolando nos braços de Chase. “Tenho tanta saudade dela.”

Debaixo da árvore, com a sombra das pernas de Rachel voando para cima, deixo a ferida enterrada sair de seu lugar oculto. A dor estica seus tentáculos, percorrendo minhas veias até que cada parte do meu corpo dói e estremece sob seu fardo.

É por isso que aguentei por tanto tempo, porque é muito para lidar. Bolhas de meleca no meu nariz. Lágrimas saem dos meus olhos como um rio furioso. Sons roucos e feios deixam minha garganta.

Quando Rachel morreu, fiquei com medo de que amanhã a minha vida pudesse ser extinta também, então lutei com meus pais. Lutei contra todas as restrições, todas as proibições, como se fosse uma armadilha.

“Ela era minha irmã mais velha.” Sussurro contra o pescoço de Chase. “Ela deveria me proteger para sempre.”

“Eu sei. Eu sei. Sinto muito.” Ele enterra a cabeça ao lado da minha.

Uma mão encosta minha cabeça em seu peito, abafando meus soluços enquanto a outra se move para cima e para baixo nas minhas costas. Eu me inclino para ele, captando sua força, porque agora que a tampa foi aberta, não posso colocar nada disso de volta dentro da garrafa.

Continuo chorando. Não tenho certeza de quanto tempo passa. Mas ele nunca diz para eu me calar. Não se afasta. Sua mão reconfortante nunca perde o ritmo. Debaixo da minha orelha, percebo as batidas constantes do seu coração.

Ele está vivo. Eu estou viva.

Rachel se foi.

E tenho que deixar meu coração partido se curar em vez de fingir que estou bem.

“Shhh.” Chase sussurra no meu ouvido. “Eu entendo você.”

A respiração quente atinge o exterior do meu lóbulo da orelha, percorre minha espinha, se espalha como um vírus, rápido e aquecendo todo o meu corpo. Levanto o rosto e vejo a umidade em seus olhos.

Não sou a única que precisa de conforto. Desenrolo meus dedos do moletom e passo o polegar pela bochecha úmida. Meus dedos percorrem ao longo da mandíbula para pousar em volta do pescoço dele.

Puxo Chase um pouco, apenas um pouquinho, afundando o rosto dele no meu.

“Chase.” Suspiro.

Suas pálpebras se fecham. Depois fecho as minhas. E espero. Espero. Espero.

Quando percebo, estou de costas e Chase está a um metro e meio de distância, passando uma mão agitada pelo cabelo dele.

“Chase?”

“Preciso ir” Ele fala. E enfia a mão nos bolsos. Seus ombros desmoronam quando se afasta de mim.

“Mas...” Estou perdida. Ele ia me beijar. Sei que ia.

“Não posso.” Ele olha para a casa enquanto diz isso. “Não posso.”

Ele não pode o quê? Me beijar? Abraçar por mais tempo? “O quê? Você não pode o quê?”

“Tudo isso.” Ele diz em voz baixa, desta vez mudando o olhar para o chão.

Eu me sento de joelhos e estendo a mão. “Volte. Fale comigo. Por favor.”

Seus olhos finalmente encontram os meus e estou quase caindo para trás com a angústia neles. “Sua irmã nunca deixou você, Beth. Eu a tirei de você. Não mereço estar te abraçando, muito menos estar em pé neste jardim. Seu pai está certo. Preciso ficar longe.”

“Não. Por favor.” Balanço a cabeça. Não posso formar frases coerentes agora. Não tenho pensamentos racionais neste momento. Sou apenas emoção e sentimento.

“Preciso ir. Desculpe-me, Beth. Por tudo.” Ele se vira e sai para as sombras.

Atordoada, permaneço paralisada no chão. A terra gelada torna minha legging úmida e fria. Seu adeus soou tão perfeito, como se ele nunca mais fosse me encontrar, nem mesmo reconhecer a conexão que temos. E nós temos uma, caramba.

Levanto e corro atrás dele. “Chase. Chase.” Grito, não me importando se estou acordando o bairro. Atropelo uma pilha de folhas no gramado dos Rennicks e, em seguida, quase derrubo o celeiro dos Palmers.

“Caramba, Beth, você está fazendo mais barulho do que Godzilla em uma floresta.” Chase aparece na minha frente, balançando a cabeça em irritação.

“Então pare de fugir.” Falo.

“Você está louca?” Ele parece surpreso. O garoto idiota.

“Sim, sou louca. Acabei de abrir meu coração para você e, em resposta, você foge.”

Ele suspira. “Não estou fugindo. Simplesmente não pertenço a você.”

“A quem pertenço?” Empurro seu peito. “E não diga aos meus pais, porque eles não contam.”

“Como eles não podem contar?”

"Ninguém conta, Chase. Ninguém além de você e eu. Se você me disser que não se importa comigo, vou chorar, mas vou superar. É sua escolha. Mas se está me afastando porque tem uma namorada e não quer deixá-la, isso é mentira. Se você se sente tão mal por ter sido libertado da prisão, volte para lá. Viole sua liberdade condicional e seja enviado de volta."

Sua expressão fica sombria. "É difícil viver comigo mesmo, então, sim, tolero a escola porque parece o certo. Porque não quero voltar para a prisão, mas me sinto culpado por isso também. Talvez a punição devesse ser infinita."

"E isso vai trazê-la de volta?"

"Nada irá trazê-la de volta. Esse é o ponto." Ele insiste, mas desta vez não se afasta.

Cutuco-o no peito novamente. "Vai me deixar perdoar você?"

"Eu..."

Tento um argumento diferente. "Se você está tão desesperado para fazer o certo pela Rachel, não acha que ela gostaria que eu fosse feliz?"

Ele estreita os olhos. "Você está tentando me manipular."

"Estou tentando fazer você entender que o que aconteceu com Rachel foi um acidente. Eu te perdoei. Sua resposta é se afastar e me deixar." Meu dedo o apunhala no peito pela terceira vez.

Ele pega meu dedo, provavelmente tentando me impedir de fazer um buraco no moletom. "Há uma dúzia de outros caras em Darling que seriam melhores para você do que eu."

"Diga um."

Ele abre a boca. Depois fecha. Em seguida, abre novamente. Depois fecha.

“Há.” Exclamo. Aproximo-me dele e coloco os braços ao redor de sua cintura. “Não há ninguém lá fora que me ouça como você.”

Ele relaxa um pouco e envolve seus braços em mim. “Você tem baixos padrões, boneca.”

“Na verdade, não. Você foi o meu primeiro e sou uma aluna veterana, então diria que tenho padrões elevados. Você que tem uma opinião ruim sobre si mesmo.”

“É aqui que você me diz para descer da cruz?”

“Preciso?”

Ele exala pesadamente. “Não.”

Ficamos lá por um longo tempo ao lado do celeiro dos Palmers. Finalmente, o deixo ir. “Preciso entrar.” Digo com relutância.

“Sim”. Ele não faz nenhum movimento para ir embora.

Ando para trás, com medo de que ele mergulhe em sua culpa se eu tirar meus olhos dele.

“Qual é a sua pequena coisa para hoje?” Pergunto enquanto atravesso o gramado dos vizinhos para a minha casa.

“Você.”

26

Numa manhã de sexta-feira, encontro uma flor silvestre no meu armário. Um sorriso de orelha a orelha se espalha no meu rosto, mas mantenho as costas viradas para que ninguém que esteja andando pelo corredor possa ver como estou feliz.

“De quem é isso?” Scarlett exige, olhando por cima do meu ombro.

Giro a única haste entre os dedos. “Peguei no ponto de ônibus.” Minto, porque o que está acontecendo entre mim e Chase tem que permanecer em segredo para sobreviver.

Scar faz uma expressão simpática. “Isso é uma droga, ainda não conseguiu seu carro de volta. Você parece bem com isso, no entanto. Como se estivesse mais feliz atualmente.”

Passo a flor contra a minha bochecha. “Estou tentando focar no bem em vez do mal.”

Este conceito de pequenas coisas de Chase não é ruim. Já faz duas semanas desde o incidente do alarme de incêndio. Meu carro não foi devolvido, mas minha porta sim. Não tenho certeza do porquê, mas foi colocada de volta no dia depois que desabei no quintal com Chase. Os alarmes ainda estão nas portas e janelas, mas tenho esperanças de que, se me mantiver na linha, eles vão embora logo.

Quanto a ficar de castigo, não importa muito, já que Chase entra no meu quintal quase todas as noites. Não tenho vontade de sair. Scarlett está sempre ocupada com Jeff, eles estão oficialmente juntos agora, e Chase é a única pessoa que quero ver de qualquer maneira. Ele é aquele com quem eu desejo me aconchegar no escuro em um cobertor e conversar.

Infelizmente, falar é tudo o que fazemos. Estou morrendo por mais, mas Chase é teimoso. Ele ainda insiste que somos apenas 'amigos'.

Porque amigos deixam *flores* nos armários um do outro.

Ha.

"Top bonito." Digo, redirecionando a conversa. Scarlett está vestindo um top cor-de-rosa sobre uma camisa. Dois pontos de strass na ponta do colarinho excessivamente grande. Ela está combinando a peça com uma saia cinza lisa e sapatilhas cinza.

Scar suspira. "É Chanel." Ela grita.

"Não acredito. Sério?"

"Sim." Ela levanta o canto da camisa para que eu possa ver a pequena etiqueta dourada com os Cs entrelaçados. "Comprei em um leilão online. Fiquei tão preocupada que alguém acabasse comprando antes que eu tivesse o dinheiro suficiente e depois fiquei preocupada que não servisse. Comprei no Sat..."

"Onde você esteve?" Jeff interrompe.

Assustada, Scar solta a camisa e se vira para encarar o namorado raivoso. "Hum, conversando com a Beth."

"Eu te disse para esperar por mim na porta da frente." Sua mão está na nuca dela, no pescoço. O tecido delicado de sua camisa se enruga nas bordas da palma da mão.

"Eu... eu... acabei vindo dizer oi para Beth." Ela gagueja.

Olho da mão dele para o rosto dela, pálido e infeliz. A dinâmica aqui é estranha. Scar está agindo de forma culpada, como se falar comigo fosse algo inapropriado.

"Não." Ele responde categoricamente. "Se eu disser para você ficar em algum lugar, esteja lá. Esperei lá fora por dez minutos, parecendo um idiota. Se não quer ficar comigo, seja honesta em vez de me deixar amarrado. Isso é rude."

"Vamos, Jeff. Nós estávamos apenas conversando." Olho para a mão dele. Não fica bem no pescoço dela e não é só porque o xadrez verde e preto de sua camisa contrasta com o rosa da camisa dela. É que a mão dele parece punir em vez de brincar.

"Vocês podem conversar em seu próprio tempo. Antes das aulas, você é minha."

O rosto de Scarlett agora está sem emoção, enquanto Jeff está corado com algo que não entendo completamente.

"Jeff, solte-a." Ordeno com uma carranca. "Você está deixando uma marca vermelha na pele dela, pelo amor de Deus."

Ele me ignora. "Eu deveria soltar você, Scar? É isso que quer? Terminar comigo?"

"Eu não disse para se separar dela. Disse para soltá-la." Aponto para a mão dele no pescoço de Scar.

"Scarlett?" Ele questiona.

Nós dois olhamos para ela. Ela está olhando para as suas sapatilhas cinza.

"Não. Não quero terminar com você e não quero que me solte." Ela responde sombriamente.

"Muito bem, Lizzie. Scar gosta da minha mão bem onde está."

Ele aperta a nuca dela e juro que a vejo estremecer. Ou talvez imagine isso. Talvez porque *eu* estremeceria se Jeff estivesse me tocando assim.

"Pronta para ir para a aula de Cálculo?" Pergunto para a minha amiga.

Jeff responde por ela. "Ela estará lá em breve. Você vai na frente." Ele me dá um sorriso que não é nada amigável. Isso me faz dar um passo para trás.

“Scar?” Pergunto incerta.

“Estou bem.”

Ela não parece bem. Parece como uma versão muda de si mesma. Hesito, não tenho certeza do que fazer. Estudantes começam a sair do corredor. A aula de Cálculo estará começando em menos de cinco minutos. Por fim, enfio a flor silvestre no caderno e falo: “Vejo você na aula.”

Ando um metro e meio, depois me inclino para amarrar o cadarço desamarrado inexistente.

Atrás de mim, ouço Jeff perguntar “O que você está vestindo?”

“É Chanel.” Scarlett responde. “Comprei...”

“Isso é de puta, querida. Pensei que tivéssemos conversado sobre o seu guarda-roupa. Você está tão insegura que precisa causar tesão em todos os rapazes? É assim que se sente bem consigo mesma? A esta altura, por que se incomoda em vestir uma camisa? Todos as que tem são fodidamente transparentes.”

Espero ela gritar com ele. Dizê-lo para pegar suas repugnantes opiniões e enfiá-las onde o sol não brilha.

“Desculope. Vou me trocar.” Ela diz.

Minha boca se abre.

“Quando?” Ele exige.

“Depois da aula.”

“É melhor.” Há um *se não* implícito.

Não gosto do tom que Jeff está usando com ela. Ela é a namorada dele, não sua marionete. Endireito os ombros, levanto e o enfrento. “Deixe Scar sozinha.”

Mas não é Jeff quem responde. É Scarlett e de um jeito que eu não esperava.

“Por que está se intrometendo na nossa vida?” Ela fala. “Sei que sua vida em casa é uma droga, mas talvez devesse parar de sair com traficantes de drogas e assassinos. Eu não faço isso. Jeff também não. Mas acho que é por isso que temos portas nos nossos quartos e você não.”

Olho com espanto com a forma como ela acabou de gritar meu segredo para todo mundo ouvir. Alguns dos nossos colegas começam a sussurrar. Um casal sorri.

Aperto a mandíbula. “Tanto faz, Scar.”

Não posso acreditar que ela apenas falou algo que contei em confiança. Estava defendendo a garota! Vou para a aula, fumaça saindo dos meus ouvidos. Coloco os livros na mesa e arrasto a cadeira contra o piso. Com força.

Chase, já em seu assento, arqueia uma sobrancelha. Quero desabafar com ele, mas não posso. Nós não podemos ter uma amizade. Eu deveria odiá-lo.

Isto me deixa ainda mais irritada. Vou dizer a Scarlett quando aparecer na aula. Melhores amigos não dizem coisas assim na frente de outras pessoas. Bons amigos não... Meus pensamentos param em minha garganta enquanto Scar entra usando uma camisa polo verde grande demais. Seu lindo top está longe de ser visto.

Jeff está atrás dela. Sua camisa xadrez não está mais aberta. Ele a obrigou a vestir aquilo. Que idiota.

Outro alarme me atinge quando Scar caminha pela mesa vazia ao meu lado e para na frente da mesa de Chris Levin.

“Scar vai se sentar aqui.” Jeff anuncia.

“O quê?” As sobrancelhas perfeitas de Chris se juntam em confusão. “Esta é a minha mesa.”

“A Sra. Russell atribuiu assentos quando o semestre começou?”

Chris continua parecendo confuso. “Não.”

“Então, mexa-se.” Jeff diz com um sorriso, o mesmo hostil que usou comigo.

Suspiro. “Scarlett, apenas se sente.”

“Não se meta, Beth.” Jeff aponta para Chris. “Mexa-se.”

“Por favor.” Scar acrescenta, juntando as mãos em oração. “Só por hoje.”

“Entendo, eu não gostaria de sentar perto de Manson também.” Troy diz maliciosamente. “A visão dele está me deixando doente há semanas.”

“É por isso que você jogou tão mal na sexta-feira passada.” Eu intervenho. Troy e sua defesa receberam cinco touchdowns em seu último jogo.

“Vá se foder, Jones.”

“Nem se você me pagasse um milhão de dólares.”

“Claro, porque você só fode garotos que matam sua irmã.”

Quase caio da cadeira. Dentro de mim, o contraste de raiva gelada com a queimação do constrangimento.

Alguém tosse.

Cadeiras se movimentam e me vejo levantando para ficar ao lado de Chase.

“Isso é o suficiente.” Seu tom é baixo, áspero e perigoso.

Troy se inclina e cruza os braços defensivamente em frente do peito. “Ou o quê?”

“Não vai querer saber.”

Todo o rosto de Jeff se transforma em uma nuvem de tempestade quando ele se vira para mim. “Você está fodendo com Manson?” Ele sussurra.

O brilho mortal em seus olhos envia um arrepio pela minha espinha. Enquanto isso, Scar parece horrorizada e todos os outros estão prestando atenção em cada palavra com interesse ganancioso.

Meu olhar encontra o de Chase, brevemente e ele faz um movimento imperceptível da cabeça, que só eu vejo. Sei o que está me dizendo para fazer. E por mais que eu não queira, essa bomba de Jeff precisa ser desativada, o mais rápido possível.

“Claro que não.” Falo categoricamente. “Troy está só falando com a bunda, como de costume.”

Jeff relaxa. Um pouco.

Troy sorri para mim. “Desculpe, esqueci, você fode traficantes de drogas, não assassinos.”

Franzo a testa, o que diabos está acontecendo com essa coisa de traficante de drogas? Scar me acusou da mesma coisa no corredor. Não conheço nenhum traficante, a não ser aquele irmão de Jay, que nunca conheci.

Mas a observação de Troy tira a ira de Chase e faz com que Jeff relaxe, portanto me forço a não discutir.

Na frente da sala, a Sra. Russell bate a caneta contra a mesa.

“Todo mundo em seus lugares.”

“Sra. Russell, o criminoso da classe está no meu espaço.” Troy diz, de repente tomando coragem novamente.

“Eu ouvi. Sr. Kendall, pode respeitar seus colegas ou sair. Sr. Donnelly, sente-se, ou terá outra anotação em seu registro. Senhorita Holmes, pode discutir sobre mesas com a Sra. Levin depois da aula. Quanto a você, Senhorita Jones, pode parar de interromper minha aula?”

Todos nós sentamos em nossos lugares. Jeff franze a testa. Scar olha para a mesa dela. Chris espalha suas coisas para

todos os cantos, como se estivesse apostando nos limites de sua reivindicação. Troy está rindo atrás de mim sobre alguma merda sobre Manson de novo. Com o canto do meu olho, vejo Chase balançar a cabeça em aviso novamente. Ele provavelmente está chateado por eu ter desafiado Troy.

Uma pequena coisa, digo a mim mesma. *Concentre-se em uma pequena e boa coisa.*

Faço um T com meus dedos e depois de um momento, Chase me dá um breve aceno de cabeça. Ele vai me encontrar hoje à noite no balanço.

Uma pequena coisa.

* * *

"Você acha que a Sra. Dvorák é pior que a Sra. Russell? E não diga que elas não são ruins e que estão apenas fazendo o trabalho delas, porque vou bater em você."

"Não sou fã da Sra. Dvorák. Principalmente porque não toca música pop suficiente. Acho que a playlist dela está presa nos anos sessenta. Não que 'Mashed Potato Time' não seja uma música legal."

As risadas voam antes que eu possa pará-las. Coloco a mão na boca e nós dois lançamos olhares preocupados para a casa.

"Desculpe." Sussurro para Chase.

Ele me dá um dos seus meio sorrisos e se inclina contra a árvore. Nós estamos usando jeans e capuz hoje à noite e quase desejei ter usado uma jaqueta também. É outubro, o clima está ficando mais frio. Logo estará muito frio para nos encontrarmos aqui, então já estou pensando em maneiras de esgueirar Chase para o meu quarto. Eu iria para a casa dele se eu pudesse, mas meus pais receberiam um alerta toda vez que uma porta ou janela fosse aberta. Idiotas.

"O que você fará quando estiver fora da escola?" Pergunto.

"Não sei. Não pensei muito nisso. Preciso deixar meu registro limpo, mas não posso fazer isso até que minha condicional termine."

"Termina quando?"

"Próximo mês de maio."

"A formatura será um bom momento para você, então."

"Sim."

"Está pensando em faculdade?"

"Faculdade comunitária, talvez." Ele joga uma pinha em direção aos pés. Há uma pilha de cerca de seis delas.

"O prefeito se recusa a ajudar?"

"Não tirarei dinheiro dele."

Esse rapaz é muito orgulhoso para o seu próprio bem. "E o seu pai?"

Chase bufa baixinho. "Meu pai? Eu te disse, não nos falamos."

Descanso a mão em seu antebraço e brinco com a borda desgastada de sua manga. "Você já pensou em ir até ele?"

"De jeito nenhum." É a resposta imediata.

Levanto as sobrancelhas. "Você não é a pessoa que está sempre me dizendo para fazer as pazes com meus pais?"

"Sim, porque seus pais são boas pessoas." Ele diz ironicamente. "Meu pai não é. Ele foi verbalmente abusivo com minha mãe. Ele me intimidou a fazer basquete toda a minha vida. E depois que fui preso, me tirou de sua vida. Seu próprio *filho*. Não quero alguém como ele na minha vida, Beth. E não há razão para estar. Por quê? Para que ele possa pagar minha faculdade? Mesmo se o fizesse, o dinheiro viria com restrições. Não estou interessado em sua influência."

Aceno devagar. “Entendi.”

“De qualquer forma, estava pensando em aprender uma profissão. Ouvi dizer que soldagem é muito boa.”

“Não é perigoso?” Penso em imagens de maçaricos e máscaras.

“Acho que não.”

“Talvez você devesse procurar escolas perto de Ames, Iowa. Aposto que há boas escolas lá.” Digo isso de ânimo leve, mas minhas intenções são tão óbvias que eu provavelmente deveria apenas fazer uma placa que diz, *Vá para a faculdade comigo*.

“Não acho que seja uma boa ideia.” Ele fala, jogando outra pinha.

Quero pegar a pinha e jogar em sua cabeça. “Por que não?”

“Porque seus pais podem parar de pagar suas mensalidades, e então você vai ter que arranjar um bom emprego e me sustentar?” Ele puxa de brincadeira meu rabo de cavalo.

Se as pessoas brilhassem, eu seria tão brilhante quanto a lua em uma noite sem nuvens agora.

“Certo, tudo bem. Mas terá que me visitar.”

“Quando eu tiver um carro.”

“Bom ponto.”

Chase não tem carro e, mesmo que tivesse, não pode dirigir, é uma das cláusulas de seu termo de liberdade condicional, o que acho completamente injusto. Como ele deveria ter um emprego sem carro?

‘O sistema não está preparado para reabilitar uma galinha, quanto mais uma pessoa’ ele me disse uma vez durante os encontros na árvore. ‘E tenho mais facilidade comparando com muitos outros caras, porque eles acabam no reformatório e quando

saem, não há ninguém para ajudá-los. Pelo menos tenho minha mãe e Brian.'

Mas por causa disso, Chase pedala até aqui. É uma jornada de oito quilômetros que faz pelo menos três vezes por semana.

"É melhor eu ir." Ele diz com tristeza.

Nós mantemos o nosso tempo juntos bem curto. Chase diz que é para ter certeza de que podemos continuar nos encontrando. Se meus pais descobrirem que minhas caminhadas noturnas até o balanço são realmente para vê-lo, ficarei trancada no meu quarto. Mas também acho que quanto mais ele fica, mais tentados somos a parar de nos comunicar com palavras. Eu ficaria bem com isso, mas ele não. É cômico que ele esteja dizendo não, mas quero respeitar seus desejos, assim como respeitaria o meu.

"Vou te ver no abrigo amanhã."

Quero um beijo de despedida, mas me contento com um abraço. Isso é progresso. Uma semana atrás, eu recebia um aperto de mão. Talvez até o Natal, Chase beije minha bochecha.

27

No abrigo, no sábado, o pitbull Rocco está resistindo a um banho. Rindo, vou até Sandy e arregaço as mangas. “Quer que eu faça isso?” Ofereço.

Ela limpa um antebraço no rosto. “Ficaria muito feliz. Ele está muito rabugento hoje. Bom, desde que você vai se molhar de qualquer maneira, poderia dar banho no restante dessas criaturas? Peça ao Chase para ajudá-la.”

“Ok.” Fico feliz em fazer qualquer coisa que envolva o Chase. Acho que Sandy sabe disso e aproveita, mas não me importo.

Encontro Chase lá fora, recolhendo cocô. “Ei, garoto bonito, venha fazer um concurso de camiseta molhada para mim.” Grito.

“Pensei que concordamos que você não iria me tratar como objeto.” Ele gira a ponta do saco de lixo com força e, em seguida, rapidamente dá um nó.

“Não só não me lembro de discutirmos isso, mas se fizemos, eu nunca teria concordado com esse tipo de coisa.”

Ele joga o saco de cocô em um recipiente de lixo e balança a cabeça tristemente. “As provações que tenho que sofrer aqui.”

“Leve o show de piedade para dentro antes que Rocco convença todos os outros cachorros de que os banhos são terríveis.”

Chegamos muito atrasados. Os cães estão mal-humorados, já que Rocco disse a todos que estamos lá para torturá-los. A água está fria. Os cachorros estão escorregadios. Há sabão em toda parte. Não me lembro da última vez em que me diverti tanto.

“Você é muito boa com os animais.” Chase me diz depois de encurralar o último cão de volta para o canil. “Será uma boa veterinária.”

“Obrigada. Como você disse antes, eles não são críticos.” Jogo a mangueira na direção de Chase e pego a banheira que está virada. Rocco chutou quando estava pulando ao sair, espirrando água em todos os nossos tênis. Sandy volta enquanto Boots está latindo e sai quase que imediatamente, não querendo ficar encharcada de água suja e pelo molhado.

“Não sei. Rocco parece chateado.”

“Acho que posso ter deixado cair sabão nos olhos dele.”

“Não. Ele só está louco porque *eu* o estava esfregando e não você.” Ele pisca e desliga a água. O movimento faz com que sua camiseta se estique em seu abdômen, seu muito belo e firme abdômen.

“Oiiiiiiii! Onde você está, Beth? Sou eu.” Grita uma voz alegre da sala externa.

É a Scarlett.

Chase olha em pânico. Ele deixa cair a mangueira antes que possa girar a válvula para fechar e me molha, com a mangueira girando como uma cobra furiosa. Grito e tento sair do caminho da água, mas não sou rápida o suficiente.

“Merda. Desculpe.” Chase consegue segurar a mangueira e depois a empurra em minhas mãos, virando as costas assim que a porta externa se abre. Ele anda, quase corre pelo corredor.

“Ei... oh meu Deus, o que aconteceu com você?” Scarlett ri quando me vê.

Olho para a minha camisa encharcada da Darling High. “Eu estava lavando os cachorros.”

Atrás dela está Jeff. Ele me dá uma breve olhada antes de olhar por cima do meu ombro. Inquieta, olho para trás a tempo de ver a cabeça de Chase desaparecer em um canto.

Quando Jeff dá um passo à frente, eu 'acidentalmente' perco o equilíbrio e o borrifo. Jeff amaldiçoa em voz alta.

"Desculpe." Levanto uma mão ensaboada. "Está escorregadio."

Seus olhos se estreitam em suspeita. "Era Manson?" Ele pergunta.

"Quem?" Faço-me de burra.

"Ele quer dizer Charlie Donnelly." Scarlett revira os olhos. Ela parece tão cansada do estúpido apelido quanto eu.

Decido não responder a ela. Em vez disso, jogo um pouco de água perto de seus pés. "Cuidado. Está sujo aqui." Aviso.

Jeff encontra meus olhos. Ele sabe que era o Chase e que o estou protegendo. Levanto o queixo. Chase precisa de alguém ao seu lado. Jeff tem toda a escola. Inferno, tem toda a cidade. Chase não tem ninguém.

"Nós devemos ir." Jeff fala. "Acabo de me lembrar que preciso fazer algo para o meu pai."

"Mas acabamos de chegar aqui." Scar protesta. "Eu queria ficar com Beth e fazer carinho nos cachorrinhos."

"Vá andando para casa, então, se está sendo rude." Com isso, ele se vira.

Scar olha para mim em pânico. "Está tudo bem." Digo com um encolher de ombros. "Vai."

Isso é tudo que ela precisa para correr atrás dele. "Sinto muito, Jeff. Eu estava animada com os cachorros."

"Você sempre tem uma escolha, Scar. Se não quer ficar comigo, é só dizer."

Ela fica em silêncio. Estou dividida entre querer proteger Chase e querer correr atrás de Scarlett e perguntar o que diabos está fazendo com Jeff. Toda vez que eu os vejo, ele está maltratando-a por não fazer exatamente o que ele quer.

Ele era assim com Rachel? Ou desenvolveu essa atitude ruim na Inglaterra? É melhor que ele não tenha tratado Rachel assim.

Corro, desligo a água e vou para a janela para vê-los indo embora. Quando o Audi de Jeff sai do estacionamento, chamo Chase. "Pode sair."

Seus sapatos batem no chão. Ele se junta a mim na janela, apoiando um braço ao lado da minha cabeça.

"Estou preocupada com Scarlett." Digo a ele.

Chase oferece um olhar conhecedor. "Porque Jeff exige mais obediência dela do que nós do Rocco?"

"Algo parecido."

Ele se inclina mais perto, espiando pela janela. "Ele é um valentão. Há muitos como ele no reformatório, apenas sem as roupas e carros elegantes, mas por baixo é igual. Tudo o que quer fazer é controlar as pessoas. Ele se excita com o poder."

"Você acha que ele era assim com Rachel?" Mordo o lábio.

"Não sei. Já faz três anos. As pessoas podem mudar muito em três anos. Olhe para mim." Viro a cabeça para ver a sua a alguns centímetros da minha. Ele me dá um sorriso autodepreciativo. "Eu era um idiota egoísta e egocêntrico que pensava que roubar o carro de seu treinador era o auge da frieza. Não faria isso agora nem se me pagasse um milhão de dólares."

"Jeff foi para a Inglaterra, não para a prisão." Lembro a ele.

"Eu sei, mas pode ter parecido com uma prisão."

Respiro. Esse foi o mesmo sentimento que eu impensadamente tive com o Chase antes.

"Ei." Seu dedo inclina meu queixo para cima. "Eu não quis dizer isso assim. Você não é nada como Jeff."

"Está dizendo que há esperança para mim?" Esfrego a mandíbula contra seu dedo. Minha casa me faz sentir como uma prisão e quando conheci Chase, minha resposta foi perder o controle. A resposta de Jeff aparentemente é exercer controle sobre todos ao seu redor.

"Sim. Há esperança." Sua voz está rouca.

Pensamentos sobre Jeff saem da minha cabeça. É difícil me concentrar em nada além do garoto na minha frente quando está tão perto. Meu olhar cai para a camisa dele, que ainda está molhada. Existem uns vincos no centro, como se tivesse puxado, torcido e alisado de volta. Perto de sua gola tem um pequeno pedaço seco.

"Deixei passar uma parte aqui." Percorro o dedo sobre o algodão, sentindo sua clavícula por baixo.

Ele prende a respiração. Acaricio o caminho ao longo do osso, caindo na base de sua garganta. Espero que ele me pare, como sempre faz. Mas continua parado. Meu dedo continua sua exploração, seguindo um caminho para baixo. Na superfície, Chase é forte, todos os músculos, tendões e ossos duros. Mas por baixo, tem um coração mole. Que sente por nós. O que ele quer e o que eu quero estão em desacordo com o que deveríamos estar desejando.

"Você não deveria fazer isso." As palavras saem roucas, como se ele tivesse dificuldade em dizê-las.

"Sim, eu deveria."

28

Estou cansada de ser paciente. Estou cansada de fazer coisas que outras pessoas acham que eu *deveria* fazer. Não tem nada de errado com o *nós*.

Não vou nos deixar errar.

Levanto na ponta dos pés e pressiono os lábios contra os dele. Ele congela, mas depois seus lábios suavizam. Sua mão no meu queixo me aproxima. Ele emite um som que faz meus dedos dos pés se enrolarem. Um que eu quero gravar com o meu telefone e repetir todas as noites até adormecer.

Eu me inclino para ele, tirando aquela força que construiu por dentro. Ele coloca os braços ao meu redor e o beijo continua e continua...

Au! Au! Au!

Um nariz molhado empurra entre nós. Olho para baixo e encontro Rocco agressivamente empurrando Chase e eu. Sua cauda grossa sacode furiosamente.

Chase solta um meio gemido, meio risada e depois se inclina e dá umas esfregadas firmes atrás das orelhas do cão. “Você também quer um pouco de amor, Rocco?”

Uso o tempo para me recompor. Nós provavelmente não deveríamos estar nos beijando no trabalho. Sandy pode desaprovar isso e não quero arriscar o tempo que Chase e eu temos aqui juntos. Esses momentos fazem parte das pequenas coisas que me deixam encarar o restante do dia.

Dou algumas respirações profundas e me afasto da parede.

Chase ativamente evita olhar em minha direção pelo resto do turno, mas não consigo tirar os olhos dele. E não consigo parar de tocar meus lábios.

Ele me beijou de volta. O Natal chegou mais cedo.

Sorrio e meu sorriso não sai do rosto, mesmo quando chego em casa e encontro dois pais de rostos tristes. Dou a ambos um aceno. Papai provavelmente teve um dia ruim na loja de ferragens e minha mãe sempre reclama sobre como os agentes são terríveis com seus relatórios de despesas. Subo as escadas. Vou para o chuveiro e canto enquanto troco de roupa.

No meu celular, encontro a lista de músicas que mais fala sobre o amor no Spotify, deito na cama e descubro que há bandas antigas com nomes como REO Speedwagon e The Bangles. Quem diria?

Depois de uma hora ouvindo música, escuto minha mãe gritando nas escadas que o jantar está pronto.

“Algum grande plano para o Halloween?” Ela pergunta quando estamos todos sentados à mesa. A temporada de abóbora laranja chegou.

“Scar pode dar uma festa.” Lembrar de Scarlett estraga um pouco do meu bom humor. Apoio o garfo no lado do prato.

Devo falar sobre Jeff? Não, eu decido. Se Jeff fosse um idiota há três anos, meus pais ainda não estariam apaixonados por ele até hoje. Papai, em particular, acha que Jeff é o melhor rapaz de todos os tempos. Além disso, não quero irritá-los com a informação de que Jeff está namorando Scar. É melhor que não saibam.

Pego o garfo e volto a comer.

“Isso é bom. Acho que vamos precisar de uma fantasia para você.”

"*Se* dermos permissão para ir." Papai diz com firmeza. Ele está estampando uma expressão sombria desde que nos sentamos. Ele realmente deve ter tido um dia ruim no trabalho.

Mamãe suspira. "Dave, nós discutimos isso. Beth está em seu melhor comportamento desde que..." Ela para, mas posso preencher os espaços em branco.

Desde que ela foi para a delegacia em defesa do assassino da nossa filha. Desde que foi para a casa dele depois que revistamos o quarto dela e Deus sabe o que com aquele menino.

"Seu melhor comportamento." Papai repete e sinto um calafrio, porque soa mais como uma pergunta do que afirmação.

"E a clínica? Como foi?" Mamãe lança um olhar preocupado na direção de papai antes de se virar para mim. "Você tomou banho quando chegou em casa. Aconteceu alguma coisa?"

"Nós lavamos os cães e eu fedia como um cachorro molhado."

"Nós?" Papai fala, estreitando os olhos para mim.

O menor alarme soa na parte de trás da minha cabeça. "O pessoal." Digo baixando meu olhar.

"Você e Sandy?"

É o tom da voz dele que me faz levantar os olhos do prato. O tom que diz, *eu sei que você está escondendo alguma coisa*. Olho rapidamente para mamãe primeiro e depois para papai. Eles sabem. Ou *ele* sabe, pelo menos. O alarme é alto desta vez. *Aperte o cinto, docinho*, eu me aconselho. *Isso não vai ser bonito.*

"Não, eu e Chase." Respondo. É a verdade, mas espero que meus pais não perguntem quem é Chase.

"Quem é Chase?" Minha mãe pergunta.

Era pedir muito.

"Ele trabalha na clínica. Cara legal. Ele é..."

O som do punho do meu pai batendo contra a mesa é quase ensurdecedor. Todos os talheres balançam ruidosamente. Um pão recém-assado cai do prato e rola em direção ao meu prato. Eu o pego antes que caia da mesa.

"É Charles Donnelly." Papai rosna para mamãe.

Seus olhos se arregalam. "O quê?"

Ele se levanta arranhando a cadeira contra o chão em uma onda de raiva. "O que nossa filha *bem-comportada* esqueceu-se de nos dizer é que tem trabalhado com esse... esse... *criminoso* nas últimas duas semanas."

Mamãe suspira. "Beth, isso é verdade?"

Aperto o garfo na mão. "Sim, e não há muito que eu possa fazer sobre o assunto, então é por isso que não contei." Eu minto. "Ele tem sido muito respeitoso comigo, no entanto."

O rosto da minha mãe empalidece. "Ele trabalha com você." Ela diz, parecendo atordoada.

"Não tenho controle sobre quem os proprietários contratam. Mas você não precisa se preocupar em trabalharmos juntos..."

"Não estamos preocupados." É o meu pai que responde. "Porque ele não vai mais trabalhar com você depois de hoje."

Solto o garfo. Ele faz barulho no meu prato. "O que você fez?"

"Liguei para a clínica e disse a eles que se continuassem a empregar um assassino, faria tudo para ver a empresa deles fechar."

Meu queixo cai. *O quê?* "Não." Digo, me levantando. "Ele precisa desse trabalho! É uma condição de sua liberdade condicional, ele precisa ter um emprego de meio período."

“É uma pena.” Papai não se arrepende de jeito nenhum. Ele espera que Chase seja mandado de volta para a prisão.

Respiro profundamente, tentando controlar minha raiva crescente. Não posso acreditar nisso. Como meu pai descobriu?

“Jeff contou a você, não foi?” Exijo depois que isso me ocorre. E aqui estava eu, momentos atrás tentando proteger o imbecil.

“Sim, ele me contou.” Papai diz.

“Ele está namorando Scar, você sabe.” Digo maliciosamente. “Foi assim que descobriu. Porque ele e Scar foram na clínica hoje.”

“Eu sei que ele está namorando sua amiga. Por que não deveria? Ao contrário de algumas pessoas nesta casa, Jeff nunca agiu pelas nossas costas.”

“Isto está errado. Você está errado.” Digo ao meu pai, mas seu rosto está como pedra. Então me viro para a minha mãe. “Por favor, mamãe. Sabe que isso não está certo. Chase cumpriu sua pena.”

Inexplicavelmente, sua resposta é: “Por que você o chama de Chase?”

Franzo a testa. “Esse é o apelido dele. Ele não se chama mais de Charlie...”

Um som estrondoso me faz pular. Meu pai bateu com o punho na mesa uma segunda vez. “Você não diz o nome dele na nossa mesa. Nunca fale isso na nossa mesa.” Ele aponta com o braço na direção das escadas. “Vá para o seu quarto, agora, antes de fazer algo que lamentarei.”

Não precisa dizer duas vezes. Não quero estar aqui com eles.

Corro para o andar de cima e pego o telefone. Disco o número de Jeff e no minuto em que ele diz alô, eu descarrego nele. “Por que

você contou ao meu pai que Chas — Charlie trabalha na clínica? Por que se importa tanto?"

"Porque é nojento como ele está apenas andando livre por aí!" Jeff responde. "Ele precisa estar atrás das grades."

"Ele ficou atrás delas por três anos." Fervo de raiva.

"Ele matou sua irmã, Beth. Matou nossa Rachel."

Odeio que Jeff esteja jogando isso na minha cara. Como se não soubesse que minha irmã está morta. Como se não soubesse que Chase dirigiu o carro que a atingiu. Como se nunca chorasse por ela.

"Punir Chase infinitamente não a trará de volta." Finalmente digo, tentando manter o tom calmo quando tudo o que quero fazer é gritar com ele por ser um idiota intrometido.

"Parece que você está feliz que ela está morta." Ele retruca.

"Foda-se, Jeff. Vá se foder."

Estou tão feliz que não estamos cara-a-cara para que ele não veja as lágrimas de raiva caindo. Desligo e digito o número do Chase, mas toca e toca e ninguém atende. Digito um texto.

Eu sinto muito.

Olho para a tela, querendo que ele envie uma mensagem respondendo ou me ligue. Uma ligação chega um momento depois, mas não é Chase. É Scarlett.

"O quê?" Respondo.

"O que há de errado com você?" Ela grita.

"O que há de errado *comigo*?"

"Está trabalhando com Charlie? Ele matou sua irmã!"

"Por que todo mundo continua dizendo isso? Eu sei, ok? Eu sei disso!" Minhas bochechas estão encharcadas de lágrimas, a raiva fervendo dentro de mim fazendo a mão tremer ao telefone.

"Você não age assim. Jeff disse que acha que vocês dois estão se vendo. Isso é horrível, Beth."

"Por quê? Por que é horrível?" Não dou a ela uma chance para discutir. "Sabe o que é horrível? Jeff é! Ele me deixou na festa em Lincoln. Apenas foi embora em seu carro sem sequer olhar para trás. Ele me deixou lá."

"Não foi o que ouvi." Ela fala e seu tom de presunção me faz querer atravessar o telefone e bater nela. "Ouvi dizer que ele te procurou por horas, mas não conseguiu encontrá-la porque estava na casa de algum traficante de drogas."

"Primeiro de tudo, ele não era um traficante de drogas. E segundo, eu não estaria na casa de ninguém se Jeff não tivesse me deixado na rua." Limpo as lágrimas estúpidas. "Poxa, ele está sempre lhe dizendo o que fazer. Como arrumar o seu cabelo. Que roupa deve usar. Ele faz você se sentar em um lugar diferente nas aulas de Cálculo."

"Então está com ciúmes, é o que você está dizendo. Ter o assassino como seu namorado não é o suficiente. Também quer Jeff." Sua respiração áspera está alta no meu ouvido. "Ele me *disse* que você provavelmente começaria a falar merda sobre ele porque te deu um fora. Você é assustadora, Beth! Primeiro quer pegar o namorado da sua irmã morta e, quando ele não te quer, você se volta para o cara que a matou? Se alguém é doente, mal e horrível, não é Jeff. É *você*!"

Ela desliga.

Sou deixada lá olhando para o meu celular. Atordoada. Não posso acreditar que ela disse todas aquelas coisas horríveis para mim. Scar e eu temos um temperamento ruim, mas nunca cruzamos a linha uma com a outra.

Chamar-me de assustadora, doente e horrível? Isso é imperdoável.

Arrasto a manga sobre meus olhos molhados e saio da cama. Que se dane isso. Foda-se Scarlett. Foda-se Jeff. Fodam-se meus pais. Não mereço ser constantemente atacada de todas as direções.

Já que não posso ir para o quintal sem ser pega, procuro na parte de trás do meu armário um par de tênis, meus pensamentos correndo um quilômetro por minuto.

O que realmente fiz de errado nestes últimos três anos? Segui as regras. Tirei boas notas. Tenho sido uma boa amiga para Scar. Tive um emprego de meio período *e* fui voluntária. Sim, eu me esgueirei para algumas festas neste verão, mas como isso é um crime? Tenho dezessete anos. Tenho permissão para fazer coisas idiotas de vez em quando.

E vou fazer uma agora.

Chase não mandou uma mensagem de volta. Desta vez, ligo para ele em vez de mensagens de texto. Eu meio que espero que não atenda e caia no correio de voz, portanto fico surpresa quando sua voz profunda enche meu ouvido.

“Oi.” Ele diz rudemente. “Agora não é um bom momento.”

“Por quê? Onde você está?”

“Lexington Heights. Estou pegando meu pagamento pelo trabalho que fiz no mês passado com Jack.”

“Eu fiz...” Engulo. “Sandy ou alguém do abrigo ligou para você?”

“Sim.” Seu tom é ríspido.

“Podemos conversar sobre isso?”

"Não. Como eu disse, não é um bom momento. Não vejo Jack há algumas semanas e ele quer que eu fique e relaxe um pouco."

"Bom. Fique aí. Estou a caminho."

Ele é rápido em se opor. "Beth..."

"Eu quero isso, Chase. Nós precisamos conversar. Estou a caminho." Desligo antes que ele possa expressar outro protesto. E quando meu telefone toca de novo, pressiono recusar.

Jack... esse é o rapaz que deu a festa onde conheci o Chase.

Isto é perfeito. Meus pais podem ir à casa do prefeito para procurar por mim e por Chase, mas nenhum de nós estará lá. Nós estaremos no Jack.

Não me lembro do número da sua casa, mas lembro do nome da rua e é tudo o que preciso dar ao taxista enquanto sussurro meu pedido pelo telefone. Depois apago o histórico de chamadas, porque sei que essa é a primeira coisa que meus pais vão ver.

Deixo o celular na cama. Não posso me arriscar a levá-lo comigo, graças a esse estúpido programa de GPS que meus pais colocaram nele. Também decido tirá-los do caminho, escrevendo um bilhete rápido, dizendo a eles que vou para casa da Scarlett. Deixo na cama também.

A janela vai apitar quando eu abrir, mas não me importo. Significa só que terei que ser muito, muito rápida.

E sou. Em um piscar de olhos, tenho a janela do meu quarto aberta e estou descendo a treliça ao lado da casa. Sei que é forte o suficiente para suportar meu peso porque Rachel uma vez usou a treliça pela janela para sair escondida para encontrar Jeff. Eu me pergunto se ele a intimidou a fazer isso. Parece ser a coisa dele. Intimidar meninas inocentes.

Idiota.

Estou respirando com dificuldade quando meus tênis pousam na grama na base da treliça, mas não deixo isso me atrasar. Continuo correndo, ousando apenas uma vez olhar por cima do ombro para minha casa. A porta da frente não está aberta como eu esperava. Ainda assim, não significa que meus pais não virão atrás de mim. Apenas significa que eles provavelmente ainda não verificaram suas notificações no telefone.

Não dou a mínima se irão surtar ou irão às festas atrás de mim. *Tenho* que falar com o Chase. Eu o conheço. Meu pai fazendo ele ser demitido da clínica será só mais um sinal para Chase que ele deveria estar longe, longe de mim.

Bem, uma pena, porque não ficarei longe *dele*.

29

Como pedi, o taxista me pega a cinco quadras da minha casa. Não demora muito para chegar até Lex e meu coração dispara quando chegamos à entrada da familiar casa em ruínas. Chase está me esperando na varanda da frente.

“Você não deveria estar aqui.” É a primeira coisa que diz quando me aproximo. Seu tom é monótono, sua expressão é séria.

“Eu precisava ver você.” Respondo, passando por ele em direção à porta da frente. Não quero ficar à vista ao ar livre, só por precaução.

Chase me segue para dentro e segura meu braço. “Seus pais sabem onde você está?”

Reviro os olhos. “O que você acha?”

Ele amaldiçoa suavemente. “Vá para casa, querida. Você aqui, é uma péssima ideia.”

Apesar de suas palavras duras, meu corpo se aquece com o fato de que ele me chamou de *querida*. “Não vou embora até conversarmos, Chase. Então pode muito bem parar de discutir comigo. Você não vai ganhar.”

Ele xinga.

“Ei espere.” Uma voz com tom divertido diz. “Isso não é maneira de falar na frente de uma garota.” Um cara alto sai da cozinha e entra no corredor. Mesmo que não tenhamos nos falado ou sido devidamente apresentados na última vez que estive aqui, eu o reconheço como Jack.

“Sim, Chase.” Zombo, o repreendendo. “Onde aprendeu suas boas maneiras?”

"Cadeia." Ele resmunga. "Eu as aprendi na cadeia."

Jack e eu rimos.

"Não foi uma piada." Chase diz irritado. Ele se vira para Jack. "Esta é Beth, a garota que eu estava falando com você."

Meu coração se agita. Ele estava conversando com seu amigo sobre mim?

"Claro, aquela que não aceita um não como resposta sobre não atrapalhar a nossa noite de mano." Jack responde com um sorriso.

Suspiro. Não parece que Chase estava conversando coisas *boas* sobre mim com o seu amigo. "Sinto muito por aparecer assim." Digo sem graça. "É importante."

Jack encolhe os ombros. "Quer uma bebida?"

"Não, obrigada."

"Tudo bem. Se mudar de ideia, a geladeira está abastecida."

Sorrio em agradecimento. Ele parece ser um cara realmente decente. Não tenho ideia do porque os garotos do Lex têm tanta má reputação. Todos que conheci são superlegais.

"Se importa se nós subirmos?" Chase pergunta. "Aparentemente, precisamos conversar."

"Nós precisamos." Digo com firmeza.

Chase olha para mim, mas Jack apenas sorri. "Claro. Vocês podem dormir aqui também, se quiser." Ele se inclina mais perto e bate em Chase no ombro. "Já faz um tempo desde que nos encontramos. Senti sua falta, cara."

"Não acho que vamos ficar, mas obrigado pela oferta." Chase fala, acenando para o seu amigo.

Meu coração dispara com a troca entre eles. É tão incrível ver alguém querer passar tempo com o Chase. Ele merece isso. Muito.

Chase pega meu braço novamente. “Vamos lá.”

No andar de cima, acabamos no mesmo quarto onde nós...

Minhas bochechas queimam.

Chase percebe e passa a língua sobre o lábio inferior. Não de uma maneira indecente, no entanto. Parece mais um gesto nervoso.

“Eu não trouxe você até aqui para... sabe...” Ele acena com a mão em direção à cama.

“Eu sei.” Digo, corando ainda mais.

“Bom.” Ele cruza os braços. “Agora, diga o que precisa e depois é hora de ir.”

Olho para ele. “Por favor, não aja como um idiota. Estou arriscando ganhar um castigo permanente por estar aqui agora.”

“Não pedi para você arriscar nada.” Ele resmunga. “Isso é com você.”

“Poxa, estou *tão* arrependida, eu queria ter certeza de *que você* estava bem.” Sarcasmo escorre em meu tom. “*Perdoe-me* por *me* importar com você. Como *me atrevo*!”

Seus lábios se contraem. “Você se importa?”

“Não.” Coloco mais sarcasmo em minha voz e digo. “*Descaramento* meu!” Então sorrio docemente. “Pronto. Agora terminei.”

Com um suspiro, ele me leva até a cama e nos sentamos na beira dela. “Você não precisa se preocupar comigo.” Ele me garante. “Estou bem.”

Eu lamento infeliz. “Não, você não está. Foi demitido.”

"Sim. Estou bem. Vou encontrar outra coisa."

Gemo novamente.

"Sério, Beth. Está tudo bem." Ele acena para a porta. "Jack já disse que posso me juntar a ele no trabalho nos próximos meses. Há muitas limpezas no quintal para fazer e depois o período de remoção de neve está chegando."

Isso me faz sentir melhor. Jack já havia contratado Chase com um emprego em sua empresa de paisagismo, mas foi apenas para o verão. "Então você terá um emprego?"

"Vou ter um emprego."

O alívio vibra através de mim, mas se transforma em raiva rapidamente. "Não posso acreditar que meu pai ligou para a clínica e fez com que demitissem você. Ele é *tão* idiota."

"Não, é apenas protetor." O rosto de Chase está sombrio. "Eu já tomei uma filha dele."

"Não de propósito. Foi um acidente."

"Acidente ou não, ainda estou errado. Estava dirigindo rápido demais." Sua voz falha um pouco. "Quando ela correu para a estrada, não havia como eu ter parado."

"Eu me pergunto por que." Digo de repente.

Isso faz com que os lábios dele se franzem. "Porque o quê?"

"Por que ela estava correndo." Uma dor se forma no meu peito enquanto imagino Rachel correndo para o meio da rua escura, sem saber que estava prestes a morrer. Ela e Jeff estavam em uma festa na casa de sua amiga Aimee naquela noite. Tanto quanto sei, Rachel não bebia ou usava drogas.

"Você acha que ela estava chateada? Não estava prestando atenção?" Pergunto. Um pensamento incompleto flutua no fundo da minha mente, mas não consigo entender.

"Não importa se estava." Chase diz gentilmente. "Se eu não estivesse acelerando, poderia ter parado a tempo. Mas eu tinha dezesseis anos, era idiota e atropelei uma garota com um carro que roubei." Ele balança a cabeça, para si mesmo, acho. "Claro que seu pai me odeia, Beth. Ele sempre me odiará. Ele *deve*."

Cada palavra dói no meu peito, como se alguém estivesse raspando meu coração com uma navalha. Odeio o quão resignado ele soa. Ainda pior, como se achasse que *merece* ser odiado.

"Eu não te odeio." Sussurro.

"Sei que você não odeia." Ele se aproxima e descansa sua bochecha no meu ombro. Seu cabelo macio faz cócegas embaixo do meu queixo. "Mas você também deveria."

"Nunca." Digo ferozmente.

Suspirando, ele levanta a cabeça para olhar para mim. "Você é a pessoa mais teimosa que já conheci."

"E daí?"

Um sorriso surge em seus lábios. "E daí? Essa é sua resposta?"

"O que mais você quer que eu diga? Não, eu não sou? Nós dois sabemos que sou teimosa pra caralho."

Ele sorri e me puxa para mais perto, me surpreendendo com um rápido beijo nos lábios.

Meu coração salta para a minha garganta e imediatamente coloco meus braços em volta do seu pescoço para que não possa fugir. "Esse é a segunda vez em um dia." Provoco.

"A segunda do quê?"

"A segunda vez que nos beijamos." Esclareço. Sorrindo, eu o beijo de novo e recuo. "Terceira."

Ele se inclina e pressiona a boca na minha. Quando nossas línguas se encontram, eu choramingo.

“Quarta.” Ele diz contra meus lábios.

Depois disso, paramos de contar. Nenhum de nós para por este motivo, mas não podemos lutar contra isso. Talvez seja esta casa, o quarto, este bairro fora dos limites. Seja o que for, não consigo tirar minhas mãos dele. E ele não pode manter as mãos longe de mim. Em algum ponto, precisaremos parar.

Mas agora não. Não por muito tempo.

Infelizmente, sou a única a pensar dessa forma. Chase se afasta, me deixando longe do seu corpo grande e quente. “Eu acho que...” Ele se distancia.

Eu me inclino. “Você acha o quê?”

Ele levanta. “Acho que tem que ser a última vez.”

“A última vez para o quê?” Pergunto, esperando que não possa ouvir o pânico na minha voz.

“A última vez que nos vemos.”

O pânico surge com força total. “Absolutamente *não*.”

“Beth...”

“Não.” Interrompo. “Nós não vamos parar de nos ver. Vamos nos encontrar todos os dias pelo resto do an e depois nos mudaremos para Iowa juntos. Vou ser uma veterinária e você será um soldador e seremos muito felizes. Fim da história.”

“Seu pai vai continuar contra mim. E se você continuar fugindo para me ver, ele vai te punir sempre.”

“Não me importo. Ele não pode me castigar mais do que já tem feito.”

“Ele me odeia.” Chase diz categoricamente. “Todo mundo em Darling me odeia, Beth.”

"Então todos em Darling precisam aprender a perdoar." Digo de volta. "O acidente está no passado. Você deveria poder andar por aí com a cabeça erguida, Chase. Pagou pelos seus erros. Não deixe que julguem você."

Para minha surpresa, ele sorri. Uma risada sombria e sem humor.

Franzo a testa profundamente para ele. "O que é tão engraçado?"

"Nada. Nada é engraçado." Ele tira os fios de cabelo da testa. "Mas é meio irônico que você esteja me dizendo para não deixar as pessoas me julgarem quando isso é exatamente o que *você* faz."

Meu queixo cai. "Isso não é verdade."

"Claro que é. Você diz que me perdoa, mas não vejo contando a alguém que estamos nos vendo. Seus amigos não sabem. Seus pais não sabem, embora agora provavelmente tenham uma ideia." Ele oferece um encolher de ombros. "Na escola, age como se fôssemos estranhos."

A frustração passa por mim. "Porque é assim que você quer!" Eu argumento. "Você está constantemente me dando sinais, ou me dizendo abertamente, para ficar longe de você na escola."

"Não estou te culpando por isso. De jeito nenhum." Ele diz gentilmente. "Mas não fale comigo sobre o passado estar no passado e eu andar com a cabeça erguida, quando você está com tanto medo de ser julgada quanto eu. Se você não tivesse, não estaria mantendo nosso relacionamento em segredo."

Estou surpresa. Porcaria. Ele tem razão. Eu *tenho* medo do que as pessoas vão dizer.

É por isso que tenho encontrado o Chase em segredo pelas últimas semanas. É por isso que não falo com ele em nenhuma das aulas que temos juntos. Digo a mim mesma que é porque ele quer

ficar na escola. E sempre que me dá uma sacudida na cabeça ou um olhar que mostra, *Não me defenda*, eu agarro essas oportunidades como se fossem salva-vidas e estou me afogando no mar. A única vez que o defendi, depois do incidente de alarme de incêndio, todos me olharam como se eu fosse psicótica, até mesmo meus amigos mais íntimos e imediatamente voltei a fingir que éramos estranhos.

Chase me dá a saída mais fácil na escola e eu aceito. Cada maldita vez.

"Eu não culpo você por isso." Ele repete, porque, obviamente, a minha vergonha está escorrendo de todos os meus poros. "Entendo porque não pode ser vista comigo em público. Por que não pode contar às pessoas sobre nós? Mas..."

Meu coração aperta enquanto espero que ele termine. Sei que não vou gostar do que tem a dizer. Sei que vai me machucar muito, muito mesmo.

Não estou errada.

"Mas..." Seus olhos azuis buscam os meus na escuridão. "É por isso que nunca vai dar certo com a gente."

30

O resto do fim de semana é pura e completa miséria.

Quando chego em casa, três horas depois de fugir pela janela do meu quarto, meus pais estão lá para me atacar. Não me lembro muito do que disseram ou me ameaçaram. Não estava ouvindo porque minha cabeça ainda estava na casa de Jack. De volta com Chase, que me disse que não iremos mais nos encontrar.

Ele não terminou comigo. Perguntei especificamente se era o caso. Não é.

Ele simplesmente não vê futuro para nós.

"É impossível", foram as palavras de despedida que recebi antes de ele me colocar em um Uber que pagou. E essas duas palavras passam pela minha cabeça como um disco quebrado enquanto sentei na sala de estar e recebi o sermão de todos os sermões dos meus pais.

Eles sabem que eu não estava na Scarlett ou com qualquer um dos meus outros amigos. Felizmente, também sabem que eu não estava com o Chase. *Infelizmente*, eles sabem disso porque meu pai foi na casa dele, exigindo saber onde sua filha estava. Aparentemente, a mãe de Chase ficou aterrorizada pela explosão do meu pai. O prefeito ameaçou prendê-lo e mamãe teve que arrastar meu pai até o carro.

Eu, claro, sou culpada por tudo isso, é uma grande merda. Só porque fugi não significa que papai tem que aparecer na casa do prefeito e gritar como um louco.

No domingo, não tenho permissão para sair de casa, nem mesmo para ir à clínica. Papai liga e avisa que estou doente, o que me dá um pouco de esperança, porque pelo menos não pediu

minha demissão novamente. Isso significa que há uma chance de eu poder voltar no próximo final de semana.

Quando a manhã de segunda-feira chega, nunca estive mais animada para ir à escola. Meus pais confiscaram meu telefone novamente, então se Chase me mandou uma mensagem durante o resto do fim de semana, não tenho ideia. Mas pretendo encontrar com ele em seu armário antes da aula de Cálculo e exigir saber o que planeja fazer em relação ao nosso relacionamento.

Não tenho a chance. Quando estou perto dos armários dos veteranos, Macy corre até mim antes que eu possa procurar por Chase.

"Todo mundo está dizendo que você saiu com Charlie neste fim de semana!" É sua declaração inicial. Seus olhos estão turvos, mas não sei dizer se está com ciúmes ou desapontada. "É verdade?"

"Claro que não." minto e depois me arrepio quando me lembro da gentil acusação de Chase de manter nosso relacionamento em segredo de todos.

"Então, por que as pessoas estão falando isso?" Macy diz, com as mãos nos quadris.

"Porque as pessoas são estúpidas." Murmuro.

"Scar e Yvonne não são estúpidas e são elas que estão falando isso." O tom dela se torna cada vez mais arrogante. "Scar disse que seus pais ligaram para a casa dela neste fim de semana procurando por você, porque você falou que estava indo para lá, mas na verdade estava secretamente se encontrando com Charlie. Ela está chateada com você."

Não estou surpresa que Scarlett esteja brava por eu ter mentido para meus pais sobre ir na casa dela, mas por que tenho a sensação de que Jeff é quem plantou a ideia de *Beth-foi-se-encontrar-com-o-Charlie* em sua cabeça?

"Bem, então *deve* ser verdade se Scar e Yvonne estão dizendo isso." Estou sendo sarcástica, mas não me importo. O que lhe dá o direito de me interrogar? Com quem me encontro ou não, não é da conta dela.

"Macy." Uma voz aguda sussurra.

Viro para ver Scarlett olhando para a nossa amiga. Ela não olha para mim.

Macy olha de mim para Scar. Depois encolhe os ombros e perambula para o lado de Scarlett, literal *e* figurativamente. É óbvio em qual cavalo ela está apostando nesta corrida.

"Oi, Scar." Digo friamente.

Ela me ignora, puxa o braço de Macy e as duas se afastam, deixando uma onda de hostilidade em seu rastro.

A mágoa, a raiva e a indignação entopem minha garganta. Danem-se elas. Se podem me excluir de ser sua amiga baseada em um monte de mentiras de Jeff e alguns rumores sobre mim e Chase, então o problema é delas.

Não são rumores, uma vozinha diz na minha cabeça. *Você* estava *com o Chase.*

Estou? Ele tentou me dispensar neste fim de semana. Então, não, nem sei mais o que somos. E não posso perguntar a ele, porque o primeiro sinal toca e sou forçada a entrar na aula de Cálculo.

Ele já está em sua mesa quando entro. De cabeça baixa, como sempre. Não olha para mim. Nem Scarlett. Ou Jeff. Ou Macy. Ou qualquer um dos meus outros colegas de turma.

Estou vendo como funciona. Sou a inimiga pública número um, aparentemente. Mas não dou a mínima que todo mundo esteja me ignorando.

Somente a opinião de uma pessoa importa e antes deste dia acabar, *vou* conversar com Chase.

Ele gostando ou não.

* * *

Chase faz um bom trabalho de fugir de mim pelo resto das nossas aulas da manhã. Ele fica para trás na aula de Física e fica até tarde para falar com Dvorák depois da aula de História Musical. Covarde.

O plano é falar com ele no almoço, mas a Sra. T põe dificuldades nisso ao me parar no corredor e dizer que precisa me ver em seu escritório. Ela não me dá uma escolha no assunto.

"Sua mãe ligou hoje de manhã." Ela fala quando estamos sentadas.

Meus ombros instantaneamente se encolhem. Com os dentes cerrados, pergunto. "Por quê?"

A conselheira de orientação coloca as mãos na mesa. "Ela queria que a escola soubesse que você teve um fim de semana difícil."

Fico de queixo caído. "Sim eu tive. Por causa *deles*! Ela contou como transformaram nossa casa em uma prisão? Há literalmente alarmes em todas as portas e janelas."

Sra. Tannenhauf estuda minha expressão. Acho que ela vê mais do que indignação lá, porque o olhar dela suaviza. "Ela também me contou sobre suas suspeitas de que você esteja em um relacionamento com Charlie Donnelly."

Engulo em seco. Droga. Sabia que meus pais suspeitavam, mas ter isso confirmado me deixa desconfortável. Além disso, os professores estão autorizados a conversar com você sobre sua vida amorosa? Sinto que isso é inapropriado.

E essa é a minha saída. “Não me sinto à vontade para discutir minha vida pessoal.” Digo, animada. Eu arqueio uma sobrancelha. “Há mais alguma coisa, ou posso ir almoçar agora?”

Sua expressão fica dolorida. “Você pode ir.” Ela finalmente diz.

Eu me levanto. “Obrigada. Bom papo.”

“Beth.” Ela chama antes que eu possa abrir a porta. “Por favor, venha falar comigo se mudar de ideia. Você sabe que estou sempre aqui para te ouvir.”

Eu aceno e saio do escritório. Vou até a biblioteca uma procurada rápida no caso de Chase estar escondido lá. Ele não está. O encontro inútil com Tannenhauf me custou um tempo valioso e quando volto para os armários, Chase também não está lá. Sei que ele não come na lanchonete nem visita a Starbucks. Então, onde diabos está?

Gasto todo o período de almoço vasculhando a escola, mas Chase não está em lugar nenhum. Ele não pode se esconder de mim para sempre, minha última aula do dia é espanhol e ele também estará lá. Com certeza, estará lá. Ele não pode se dar ao luxo de pular nenhuma aula e arriscar outra falta em seu histórico.

Infelizmente, Scarlett também está nessa aula.

Ela e Jeff são as primeiras pessoas que vejo quando me aproximo da sala de aula. Através da porta aberta, faço uma busca pela sala. Chase não chegou ainda.

Paro e me inclino contra a parede a poucos metros da porta. Scar e Jeff lançam olhares hostis em minha direção, depois sussurram algo um para o outro. Alguns olhares mais aguçados me seguem. Outros sussurram. Um casal zomba. Mais sussurros.

Até que finalmente reviro os olhos e me dirijo ao casal em voz alta. “Se você tem algo a dizer para mim, diga.”

“Oh, olha, Scar! Lizzie lembra que tem amigos.”

Eu sorrio incrédula. “Claro. *Eu é que sou* a única que se esqueceu o que é amizade.”

“Sim, você.” Jeff diz friamente. “Sem mencionar que esqueceu o que é a *família*. Você que está andando com o assassino da sua irmã.”

Cerro os dentes. “Não estou andando com ele. Estava apenas trabalhando na mesma clínica de animais que ele. Dificilmente é algo que posso controlar.” Me sinto mal quando percebo que estou fazendo isso de novo, me distanciando de Chase mentindo sobre o quão próximos realmente somos.

Os olhos de Jeff brilham. “Besteira. *Fui* capaz de controlar a situação em cinco minutos, Lizzie. Liguei para o seu pai e nós fizemos o assassino ser demitido. Você não fez nada além de mostrar uma camiseta molhada na frente do rosto dele como a vagabunda que é.”

O rosto de Scarlett empalidece. Reparo que ela se encolhe quando Jeff diz a palavra *vagabunda*.

Ignorando o calor que queima minhas bochechas, eu me concentro na minha ex melhor amiga em vez do Jeff. “É isso que você também pensa, Scar?” Pergunto baixinho. “Que sou uma vagabunda?”

“Eu...” Ela morde o lábio.

“Isso é exatamente o que ela pensa.” Jeff diz, com seu tom presunçoso. “Assim como todo mundo.”

“Cale a boca.” Digo para ele. “Estou falando com Scar.” Encaro ela. “Você acha que sou uma vagabunda?”

Jeff coloca uma mão na parte de trás do pescoço dela, naquele aperto possessivo que gosta tanto. “Sim.” Ele diz com firmeza. “Ela acha.”

Continuo focada em Scar. Ela está claramente nervosa.

Mas não vai contra ele.

Decepção me invade. Conheço essa garota desde o jardim da infância. Ao longo dos anos, nós rimos juntas, choramos juntas e sempre defendemos uma à outra. Ou então foi o que pensei. É óbvio que Scar prefere ficar nas boas graças de Jeff do que me defender. Ela prefere ouvi-lo me insultar sobre eu ser uma vagabunda do que me defender.

Pensando sobre isso, ninguém está me defendendo. Graças ao Jeff, todos os meus colegas acreditam que abandonei *ele* na festa em Lincoln para que eu pudesse sair com um traficante de drogas. Macy, Yvonne ou Troy me procuraram para saber o meu lado da história? Alguém? Não.

E enquanto isso, aqui estou, dando tanto valor para as opiniões desses idiotas. O que me importa com o que pensam de mim? Essas pessoas não são minhas amigas. Pensei que fossem, mas não são. Meu único amigo verdadeiro é o Chase. Ele é o único que me escuta, me apoia, age como se realmente se importasse comigo.

“Olha, chegou o parceiro de foda da Lizzie agora.” Jeff diz com um sorriso de deboche.

Meu batimento cardíaco acelera com a visão de Chase. Ele está todo vestido de preto e não acho que se barbeou todo o final de semana porque seu rosto está coberto de pelos loiros. Ele está incrível. E conformado, parece totalmente resignado enquanto seus olhos azuis alternam entre mim e Jeff.

Os dois se encaram. Por vários segundos, o tempo para.

Chase enfia as mãos nos bolsos e abaixa a cabeça.

Jeff visivelmente se vangloria por ganhar a disputa e fazer com que Chase recue.

A indignação surge dentro de mim. De jeito nenhum. De jeito nenhum. Jeff não pode ganhar *nada* do Chase. Jeff é um idiota

controlador que adora aterrorizar garotas e garotos que não revidam.

Chase é um milhão de vezes melhor que Jeff Corsen. Ele é gentil e solidário e já pagou por seus erros. Tem sido bom para mim. E *não* merece ser tratado como eu o trato. Isso me deixa doente do estômago que acha que tenho vergonha de ser vista com ele.

Inspiro uma respiração longa e instável e me recubro com a coragem que está dentro de mim. Quando encontro seus olhos com meu olhar, dou um passo à frente e falo com uma voz clara e uniforme.

"Não, ele não é a porra do meu amigo." Informo ao Jeff, Scarlett e qualquer outra pessoa que esteja nos ouvindo. "Ele é meu namorado."

Há um suspiro escandalizado.

Alguns sussurros.

Os olhos azuis de Chase se arregalam com a minha declaração, mas não lhe dou tempo para se recuperar do choque. Aproximo-me dele, agarro o colarinho da sua camisa e puxo sua cabeça para baixo.

Depois eu o beijo no meio do corredor, na frente de todos os nossos colegas, afirmando minha reivindicação.

Para o inferno com o que eles pensam.

Chase é o único que importa.

31

O beijo já é conhecimento de todos quando as aulas terminam. Chase e eu sofremos com os olhares e sussurros nas aulas de espanhol. Nós suportamos os xingamentos murmurados e enojados quando saímos da escola. Ignoramos os olhares bravos que recebemos no estacionamento.

Meu ônibus não está aqui ainda, mas Chase não pode esperar comigo e não está feliz com isso. Desde que o último sinal tocou, está resmungando sobre como fui idiota em beijá-lo diante de todos. Como sou louca por declarar que é meu namorado.

E ainda assim não soltou minha mão.

“Eu realmente gostaria de poder esperar para ter certeza de que você vai ficar bem até entrar no ônibus.” Ele fala severamente. “Mas Jack irá me buscar no Starbucks em cinco minutos. Temos duas limpezas de quintal para fazer hoje, antes que anoiteça.”

“Está tudo bem.” Asseguro a ele. “Também, sou a única veterana que anda de ônibus de qualquer maneira.” Malditos sejam meus pais por pegarem meu carro de novo. “Aqueles calouros e novatos estão com muito medo para olhar na minha cara.”

Isso parece acalmá-lo. Ele balança a cabeça rapidamente e diz: “Estou pedalando para casa do trabalho em algumas horas e então iremos para sua casa hoje à noite.” Meu coração salta feliz, depois se entristece quando Chase acrescenta “Nós temos muito para conversar.”

Sim, nós temos. Mas *não* iremos conversar sobre o que acho que ele quer falar. Não vamos nos separar. Não pararemos de nos ver. Hoje fiz a minha parte. Escolhi Chase Donnelly sobre todos os outros na minha vida, e não pode ser em vão.

Eu me levanto na ponta dos pés e beijo sua bochecha. É tão surreal fazer isso com o sol de outono brilhando sobre nós e à vista de todos. Acho que isso o assusta um pouco também, porque no momento em que meus lábios tocam sua bochecha, seu olhar cauteloso instantaneamente faz uma varredura da área.

“Iowa.” Sussurro para ele.

“Iowa?”

“Sempre que você estiver em pânico com as pessoas em Darling, lembre-se que em setembro estaremos em Iowa e ninguém se importará se nos beijarmos em público.”

Ele suspira. “Ainda não concordei em ir para Iowa com você.”

“Claro que concordou. Você obviamente esqueceu.” Dou outro beijo em sua bochecha. “Até logo.”

Ele me dá aquele meio sorriso reservado dele, sobe em sua bicicleta e sai pedalando.

Coloco a mochila em um ombro e espero o ônibus amarelo aparecer. É só o ônibus entrar no estacionamento que Jeff se aproxima de mim. A barra da sua camisa para fora com botões brancos abertos, andando impaciente e quase derruba três garotas calouras quando se aproxima de mim.

“Deixe-me em paz.” Digo friamente.

“Não. Precisamos conversar.” Jeff segura minha mão com força suficiente para deixar uma contusão. Quando grito, ele rapidamente solta. “Desculpe.” Ele murmura.

Ele não está arrependido. Está só dizendo isso para o benefício dos espectadores cuja atenção está sobre nós. Jeff não quer que nossos colegas pensem que é abusivo. É bom em esconder isso também.

Mas hoje eu vejo quem ele é. Posso enxergá-lo. “Não temos nada para conversar, porque não tenho absolutamente nada para lhe dizer.”

“Bem, tenho muito a dizer para você, sim?”

Novamente com aquele sotaque britânico falso. “Bem, eu não, *sim*?” Zombo e dou vários passos em direção à fila de estudantes esperando para entrar no ônibus.

Seus olhos escuros brilham com aborrecimento. Ele pressiona as mãos para os lados como se estivesse tentando se segurar para não me agarrar novamente. Então, respira várias vezes devagar e constante. “Eu quero falar sobre Rachel.”

Finjo estar imperturbável, mas o som de seu nome deixando seus lábios me afeta. Deixa-me doente que minha irmã tenha saído com esse cara por quase um ano.

“Você me ouviu?” Ele exige quando permaneço em silêncio.

Friamente encontro seus olhos irritados. “Sim, ouvi você.”

Sua testa franze. “Eu disse que quero falar sobre Rachel.”

“Não me importo.” Respondo com um grande sorriso falso.

Agitando meus dedos de forma igualmente falsa e alegre, me afasto dele e entro no ônibus.

* * *

Papai está me esperando quando chego em casa. Não é uma surpresa, já que me informou ontem à noite que, a partir de agora, deixará a loja de ferragens às três da tarde todos os dias, portanto estará em casa quando eu voltar da escola. Seus funcionários de meio período devem ter ficado empolgados com as horas extras livres. Eu? Não tão empolgada.

“Você pode fazer sua lição de casa na sala de jantar.” Ele me diz depois que tiro os sapatos e coloco no armário. O lado de Rachel, como sempre, está intocado.

"Meu laptop está no meu quarto." Murmuro.

"Não, eu já trouxe para você. Estou começando o jantar mais cedo, então gostaria que estudasse na sala de jantar."

Ele diz isso graciosamente, como se realmente estivesse me dando a opção. "Para que assim você possa ficar de olho em mim da cozinha e ter certeza de que eu não escape?"

"Sim." Ele diz categoricamente.

Fico boquiaberta quando ele desaparece na cozinha. Uau. Não posso acreditar que é o meu pai. O que *aconteceu* com ele?

"Isso é ridículo." Grito atrás dele. "Vou cair fora em menos de um ano!"

Vou deixar esta casa e esta cidade e todas as pessoas detestáveis, mesmo que signifique não ir para a faculdade. Não posso aguentar mais quatro anos disso.

Arrasto minha bunda infeliz para a mesa da sala de jantar. Os números e letras na página somem na minha frente. Não consigo me concentrar. A televisão está ligada na cozinha. As panelas do papai estão tilintando contra o fogão. Morgan está latindo. Olho para cima e vejo um flash preto enquanto atravessa o quintal.

Uh-oh. Ele deve ter se soltado. Jogo o lápis no caderno e me levanto.

Papai aparece na entrada, um pano de prato jogado por cima do ombro. "Aonde você vai?"

"Ali fora." A cauda de Morgan bate contra o balanço de Rachel, movimentando o assento de madeira.

Papai segue meu olhar. "Aquele cachorro idiota." Ele pega a toalha do ombro e a aperta entre as mãos grandes, provavelmente imaginando que o tecido é o pescoço de Morgan.

“Espere!” Estendo uma mão de forma restritiva. “A Sra. Rennick vai pegá-lo.”

“Eles não deveriam ter esse maldito cachorro em primeiro lugar. Ele não está por perto e ela não tem controle sobre esse animal.” Ele alcança o trinco.

Eu me jogo contra a porta. “Morgan é um cachorro doce. Não está fazendo nada de errado.”

“Ele vai derrubar o balanço de Rachel.”

“Então você pode consertar depois. O que importa?” Eu firmo meus calcanhares. Não vou deixar meu pai sair desta casa se irá machucar Morgan. Nós realmente saímos do controle sobre a morte de Rachel se um cachorro batendo no balanço dela é motivo de tanto trauma.

Não sou páreo para o meu pai, no entanto. Ele me empurra para fora do caminho com um movimento de sua mão e se dirige para a garagem. Estou dividida entre correr atrás dele e ajudar a Sra. Rennick a pegar Morgan. Escolho Morgan e a Sra. R.

“Este cachorro!” A Sra. Rennick grita enquanto corro em direção a ela. O grande vira-lata corre ao redor da árvore, enviando o balanço em uma direção e depois outra.

Estremeço quando a cadeira de madeira bate no tronco da árvore. “Você vai por esse caminho e eu vou por esse.” Digo à Sra. R, apontando para a direção oposta.

“Ok.”

Nós nos separamos e tentamos encurralar Morgan entre nós. Ele, claro, acha que estamos brincando em um jogo maravilhoso e dispara para fora do alcance.

Um apito penetrante enche o ar. Isso assusta Morgan que fica quieto momentaneamente e pulo em cima dele. A Sra. Rennick me joga a coleira. Rapidamente coloco no pescoço de Morgan e entrego o danado para sua proprietária exausta.

“Desculpe, Dave.” Nossa vizinha se desculpa quando papai avança, com uma chave de fenda saindo do bolso da frente e uma escada içada por cima do ombro. Morgan faz força sob o aperto da Sra. Rennick. “Morgan fugiu outra vez.”

Ele dá a ela um aceno conciso com a declaração óbvia, mas não para de andar até chegar ao balanço de Rachel.

“Eu, ah, melhor ir para casa. Desculpe de novo.”

Meu pai ainda não responde, concentrando-se em montar a escada.

“Tudo bem.” Falo, tentando encobrir a grosseria do meu pai. Como proprietário de uma pequena empresa local, ele geralmente é bem gentil com todos. “Tchauzinho, Morgan.” Aceno para o cachorro. Ele abana o rabo feliz, alheio à tensão no ar.

“Ligue para mim se houver algum problema.” A Sra. Rennick diz, embora eu não tenha certeza se está falando isso para mim ou para meu pai.

Respondo novamente “Claro, Sra. R.”

Ela me dá um aceno de dedo antes de tirar Morgan dali. Papai desce da escada apenas alguns segundos depois, com o assento de madeira em suas mãos, a corda por cima do ombro.

“Eu deveria ter feito isso anos atrás. É um milagre que não haja mais danos.” Ele inspeciona as tábuas que estão gastas com os anos de exposição ao clima do meio-oeste.

“É só um balanço, pai.” Rachel não está aqui. Ela só oscila em nossas memórias.

“Não é só um balanço, Lizzie. É o balanço dela.”

Eu cedo. Por longa experiência, sei que discutir com papai sobre qualquer coisa é em vão. Em vez disso, ofereço uma mão. “Eu posso carregar isso. Onde quer que eu coloque? Na garagem?”

Ele balança a cabeça e coloca o assento debaixo do braço e ainda consegue fechar a escada. “Vou colocá-lo no escritório.”

Isso é saudável.

Recuo, frustrada e mais do que um pouco magoada que eu não seja boa o bastante para lidar com o balanço. De volta a casa, papai desaparece por um segundo para colocar o santo balanço em seu escritório. Meus pais são como dragões, acumulando as coisas de Rachel como se fossem tesouros raros.

Eles precisam de terapia, isso está se tornando cada vez mais óbvio para mim. Parei de sugerir há muito tempo, mas depois de tudo o que aconteceu ultimamente, acho que preciso abordar o assunto novamente. Talvez a Sra. Tannenhauf possa me ajudar a fazer uma intervenção. Ou posso ver se meu antigo Conselheiro pode passar aqui em casa para uma sessão de terapia surpresa.

De qualquer forma, meus pais precisam de ajuda. Eles não podem continuar fazendo isso para nós.

Minhas coisas na mesa da sala de jantar zombam de mim. Não há lugar para eu ir neste momento.

“Quando terei minha porta de volta?” Pergunto enquanto papai reaparece na cozinha.

“Quando você se mostrar confiável.”

“Não estou fazendo nada de mau. Não estou bebendo. Eu não estou usando drogas. Não fico dormindo por aí. Só estou tentando aproveitar meu último ano na escola.”

“Você estava indo em festas. Estava com traficantes de drogas. Você repetidamente nos desobedeceu.” Ele pega a faca e retoma seus preparativos para o jantar.

“Porque suas regras são ridículas!” Tenho o desejo de bater meus pés como fazia quando tinha cinco anos.

"Eu sei que acha que sou malvado com você, mas estou tentando protegê-la." Ele insiste. "Eu gostaria que você entendesse. As medidas de segurança são uma maneira de me certificar de que não tenha contato com sujeira, assim como o rastreamento. Tudo é para o seu próprio bem. Que tipo de pai eu seria se não protegesse minha filhinha?"

"Mas, pai, isso não está me protegendo. Está me sufocando. O que aconteceu com Rachel foi um acidente. Poderia acontecer com qualquer um, não importa onde estivesse. Não pode impedir que coisas ruins aconteçam."

"Eu posso fazer o meu melhor." Ele diz severamente. "Eu não seria capaz de me olhar no espelho se algo acontecesse com você também. Isso não é sobre Rachel. É sobre *você* e o quanto queremos que esteja segura. Agora vá terminar sua lição de casa."

Com isso, ele continua cortando. Negação. Está em total negação.

Rangendo os dentes, volto para a sala de jantar e tento me concentrar no dever de casa. Pelos próximos minutos, o único som da cozinha é o *toque* da faca de papai batendo na tábua de cortar, até que finalmente é interrompido pelo toque de seu telefone.

"Alô?" Vem a resposta rápida do meu pai.

Eu me esforço para ouvir o que está dizendo, mas só consigo escutar o baixo murmúrio de sua voz.

Um momento depois, ele anda pela sala de jantar, enfiando o telefone no bolso. "Vamos dar uma volta." Ele sugere.

Uma volta? "Sério? Eu apenas tento ter uma conversa real com você e você me dispensa. Agora quer dar uma volta?"

"Podemos ter essa conversa no carro, então." Ele faz uma pausa. "Nós vamos falar sobre a porta."

Sei que está me manipulando. Sei disso, mas deixo acontecer de qualquer maneira.

“Onde vamos?” Eu pergunto enquanto me afundo no banco do passageiro.

“Preciso pegar sua mãe no escritório. O carro dela estará na oficina até amanhã de manhã.”

“Este não é o caminho para o escritório da mamãe.” Eu indico.

“Estamos fazendo um pequeno desvio.”

“Onde?”

“Você verá.”

A resposta enigmática é uma piada, porque não demora muito para descobrir. Quando a estrada fica mais larga e as casas maiores, eu imediatamente sei quem ligou.

“Jeff e eu não estamos bem.” Informo ao meu pai.

Ele acena com a cabeça facilmente, como se já tivesse ouvido isso antes. “Ele disse que vocês dois tiveram um desentendimento.”

“Então, por que está me levando para a casa dele?”

“Porque ele tem uma caixa de coisas de Rachel e perguntou se você estaria disposta a vir e dar uma olhada em tudo com ele.”

“Ele perguntou para *você*, não a mim. Não acha que eu deveria opinar sobre o assunto?” Pergunto de um modo quase malcriado.

“Não, porque concordo com o Jeff. Compartilhar as memórias de Rachel ajudará você a compreender as coisas.”

Jeff é tão fodidamente nojento. Usando minha irmã morta para ganhar a simpatia e apoio de meu pai? Vou dar um soco nele quando o vir. A caixa é provavelmente tão real quanto a história que contou ao meu pai sobre a construção de um caramanchão no quintal.

“Por que você gosta tanto dele? Ele é um idiota.”

"Ele é um bom menino." Papai discorda. "Amava sua irmã com todo o seu coração."

"Ele amava? Porque Jeff trata Scarlett como se fosse um pedaço de lixo." Sei que o papai não vai virar o carro, então é melhor aproveitar a oportunidade para deixar Jeff saber que não pode continuar maltratando minha amiga assim.

Mas meu pai desconsidera a acusação. "Ele me disse que você está infeliz com a forma como tentou protegê-la daquele garoto Donnelly."

"Ah, tenho certeza. Ele também lhe disse que foi ele que acionou o alarme de incêndio na escola e tentou incriminar o Chase? Ou como está constantemente incomodando Scarlett sobre o que usa e como age?"

"Tenho certeza que você está exagerando. Ele cuidou de você desde que voltou. Defendeu suas ações para nós." Papai diz com um suspiro, como se isso fizesse de Jeff um idiota e um santo.

Ele estaciona na frente da enorme casa de Jeff.

Estou tentada a descer e ir até a casa do prefeito Stanton. Fica apenas alguns quarteirões de distância, nós passamos por ela, mas tenho certeza de que Jeff me denunciaria. Ele provavelmente está em sua sala de estar, espiando atrás de uma cortina. Eu nem entendo porque ele quer falar comigo.

"Vá em frente. Volto em uma hora."

Com um último olhar revoltado na direção de meu pai, eu me forço a sair do carro. Arrasto-me até a porta e toco a campainha.

A mãe de Jeff responde.

"Lizzie!" Ela me aperta contra o peito em um abraço caloroso.

Desajeitadamente, a abraço de volta. Nunca disse mais do que duas palavras para a mãe de Jeff. Inferno, nem sei seu primeiro nome.

Ela recua, tocando meus ombros. “Você está cada vez mais parecida com sua irmã.”

Há uma leve semelhança entre Rachel e eu. Temos o mesmo cabelo loiro escuro e olhos castanhos, mas Rachel era mais alta e mais magra. Nós certamente não parecemos o bastante para que a mãe de Jeff aja como se eu fosse uma filha há muito tempo perdida chegando em casa depois de trinta dias no mar.

“Oi, senhora Corsen. Pelo visto, Jeff tem uma caixa de coisas para me dar?”

“Ele está lá embaixo na sala de jogos.” Ela aperta as mãos alegremente. “Estou tão feliz que vocês dois estejam juntos. Eu sei que algumas pessoas vão pensar que é estranho, mas sinto que sua dor trouxe você mais perto. Não está certo?”

“Juntos?” Minhas sobrancelhas se contraem em confusão. O que diabos Jeff está dizendo aos seus pais?

“Jeffrey ficou tão perdido depois que Rachel morreu.” Ela fala, com seu tom finalmente perdendo um pouco da alegria. “Ele só perdeu o controle. É por isso que teve que ir para a Inglaterra, sabe?”

Isso é algo que não sabia. Algo que sinto que é importante e é por isso que ajo como se soubesse do que ela está falando. “Sim, ele disse que se encontrou.” Minto.

“Espero que sim. Deus, espero que sim. Após o incidente com o filho de Debbie, fiquei tão preocupada, mas ele não entrou em nenhuma briga desde que voltou. E todo mundo tem sido tão bom para ele desde que retornou.”

"Não. Sem brigas." Isso é pelo menos verdade, mas nunca ouvi falar do incidente com o filho de Debbie. Debbie é a empregada deles.

"Eu deveria estar prestando mais atenção após o acidente de Rachel, mas sabe o quão ocupados estamos." O pai de Jeff é um grande executivo de seguros e passa a maior parte do tempo em Chicago, mas sua mãe não tem emprego, tanto quanto eu sei. Talvez esteja ocupada com coisas de caridade ou o que as mulheres realmente ricas fazem com seu tempo.

"Adolescentes podem ser sorrateiros." Digo, imaginando qual conversa estamos tendo.

Ela acredita. "As pílulas eram nossa menor preocupação." Ela admite. "A raiva que foi bem desafiadora. Desculpas só vão até certo ponto."

"É verdade." Concordo, mas internamente fico me perguntando. O que diabos Jeff fez? Que questões de raiva foram tão sérias que ele teve que ser enviado para um país completamente diferente? Quando abro a boca para perguntar, a cabeça de Jeff aparece no topo das escadas.

"Lizzie." Ele chama.

"Beth." Eu o lembro friamente.

"Vamos. Eu tenho algo para você." Ele pega minha mão e me puxa para baixo das escadas.

Não acredito nele. Ou, pelo menos, não quero acreditar, mas meus pés o seguem. Se ele tem algo de Rachel, não quero deixar aqui. Lembro-me de como ela estava infeliz nos dias que antecederam a sua morte, como se afastou de todos nós.

Esse pensamento que eu tinha antes se transforma em uma preocupação enorme. *Jeff* foi o motivo de sua infelicidade. Ele era a razão pela qual ela parou de sorrir, parou de falar com a gente. Ele não merece ter nenhuma das coisas dela.

“Por que você não me contou sobre isso antes? Já se passou um mês inteiro.”

“Eu acabei de encontrar. Esqueci que tinha.”

Ele me leva descendo as escadas. Seu porão é tão grande quanto a minha casa. Há um bar completo e uma sala cheia de centenas de garrafas de vinho. Vejo uma mesa de bilhar e uma parede de janelas que levam para a piscina de Jeff, que está coberta pelo inverno.

Passamos por uma grande área de estar e entramos em uma sala decorada com painéis com dois grandes sofás de couro de frente um para o outro. Em uma extremidade está uma mesa de feltro verde. Nas paredes há fotos desses cães bobos jogando cartas.

“Sente-se.” Ele anda até um armário e puxa a porta. “Quer uma bebida?” Ele segura uma garrafa de vodca.

“Onde está a caixa?”

“Você quer tomar uma bebida?” Ele sacode a garrafa levemente.

“Não. Eu quero a caixa.”

“Só uma bebida.”

“São quatro da tarde. Não quero uma bebida.” Olho meu relógio. Apenas dez minutos se passaram. Restam cinquenta minutos para ir embora. Eu me sento no sofá. “Vou tomar um refrigerante.”

“Bem. Quando você ficou tão tensa?” Ele resmunga, mas pega uma Sprite para mim.

Ele põe no meu colo e senta muito perto. Afasto-me e verifico meu relógio de novo. O tempo está se movendo mais devagar que uma tartaruga.

“Tem algum lugar para ir? Seu namorado criminoso está esperando?” Ele levanta a garrafa de bebida em seus lábios.

“Meu pai disse que voltaria logo, então você deve me dar o que tem para eu levar.”

“Você ainda não tem o seu carro de volta?” Ele estala a língua. “Seja legal e posso levá-la para onde você quiser ir.”

“Ok. Leve-me para a casa do meu namorado criminoso.”

Jeff levanta a garrafa e, por um instante, acho que vai me bater. Mas ele a inclina para a boca novamente. Eu devo ter imaginado coisas.

“Você é uma vadia, sabia disso?” Ele diz, passando a mão pela boca.

“Era para ser um insulto?”

“O que há com vocês ultimamente? Você é uma vadia e Scarlett é uma vagabunda. Vocês duas costumavam ser tão boas.” Ele fala a última palavra como um insulto.

Gesticulo uma mão na frente do meu rosto para me livrar do seu bafo de bebida. “Talvez não tenhamos sido nós que mudamos.”

“Não. São vocês. São sempre vocês cadelas que mudam. Você, sua irmã, Scarlett. Causam mais problemas do que valem.” Ele murmura. “Vocês todas precisam de alguma educação.”

Tenho que conferir novamente, verifico o relógio de novo, quarenta minutos ouvindo Jeff reclamar sobre como as mulheres são terríveis? Prefiro despejar água sanitária em meus ouvidos. “Obrigada pela sua contribuição, mas onde está a caixa?”

“Toda essa merda de ‘primeiro as mulheres’. Isso é o que há de errado com este mundo. Vocês se transformaram no que os homens odeiam.”

Esse idiota. Não há, obviamente, nenhuma caixa de lembranças de Rachel neste porão ou nesta casa. E mesmo se houvesse, o que ele tem de Rachel não é importante. Assim como o balanço não é importante ou a preservação de seu espaço no armário não é importante. Rachel não está em nenhuma dessas *coisas*. Ela mora nos corações das pessoas que a amavam.

E Jeff não é uma dessas pessoas.

Não sei qual é o jogo que Jeff está jogando, mas me recuso a participar.

"Tanto faz. Estou indo embora. Vou para casa."

Antes que possa chegar à porta, Jeff aparece na minha frente. A vodca derrama na mão dele.

"Maldição." Ele amaldiçoa. "Veja o que você me fez fazer."

Empurro seu braço para fora do caminho. "Não fiz você fazer nada." Meus pensamentos já estão em outro lugar. Preciso falar com a Scarlett. Mesmo que ela fique com raiva de mim, temos que falar sobre o Jeff. Ele não está a tratando direito e toda a merda que sua mãe me disse no andar de cima formou um nó de preocupação na minha barriga.

"Rachel sempre disse que você era mais teimosa que uma mula."

Eu paro, com a mão na maçaneta da porta.

"Ela disse que você seria melhor no vôlei, se não fosse tão rápida para tirar conclusões precipitadas também." Ele continua e escuto seus passos se afastando de mim.

Viro para encará-lo. Rachel dizia isso sobre o meu jogo, que eu era muito rápida para adivinhar onde a bola iria pousar. "Por que você está falando isso agora?"

"Eu te disse. Acabei de encontrar." Jeff coloca uma caixa de papelão de tamanho médio sobre a mesa de café entre os dois sofás. Então ele *tem* uma caixa.

Tiro a mão da maçaneta da porta e vou em direção a ele, mas paro no meio do caminho. "Por que você foi enviado para a Inglaterra?" Pergunto com cautela.

"Porque bati no filho da governanta." Ele responde sem rodeios. "Eles me fizeram ir para um programa de merda sobre controle de raiva. Mais o programa de reabilitação para as pílulas."

Estou surpresa com a honestidade dele. "Que pílulas?"

"Apenas um pouco de oxi. Não é nada demais."

"Obviamente, era o suficiente para você ser enviado para a reabilitação." Faço uma careta para ele. "Por que bateu naquele pobre garoto? O que ele fez com você?"

"Ele me encheu o saco por causa da Rachel, sobre como eu era parcialmente responsável por sua morte."

Meu pulso acelera. "Como assim?"

"Estávamos discutindo, mas acho que você suspeita disso." Jeff vasculha a caixa e pega uma escova de cabelo. É marrom claro, com fios loiros. Escova de cabelo de Rachel.

Ele a guardou por todos esses anos? Eu me pergunto o que mais tem na caixa. Eu me aproximo. "O que vocês estavam discutindo?"

Ele bate a escova contra a mão dele. "Eu não me lembro de verdade. Já faz muito tempo. Além disso, lembrar é doloroso."

Ele joga a escova de lado e tira uma camisa. Posso dizer pela cor que é uma camisa da Darling High. É da Rachel também? Eu me aproximo ainda mais, até que estou apenas a um ou dois passos da mesa.

“Guardei tudo isso porque não queria pensar nela, mas acho que está errado. Nós devemos pensar nela. Tipo, Rachel gostaria que você saísse com o cara que a matou? Acho que não.” Sua mão se movimenta tão rápido que não vejo nada.

Ele agarra meu pulso e torce dolorosamente. Grito e depois caio de joelhos. Ele está em cima de mim no minuto seguinte, me empurrando de costas.

“Sai de cima de mim!” Eu grito.

“O que tem no Donnelly que você gosta tanto? O que está errado? Você está doente da cabeça?” Jeff me bate na testa. Seus olhos estão selvagens e ardentes, sua mandíbula muito apertada.

Eu me esforço para sair de baixo dele. “Deixe-me ir, idiota.”

“Garotas como você precisam começar a ouvir caras como eu ou vão se machucar. Sei que você não quer se machucar.” Ele agarra meus dois pulsos em uma mão e estica meus braços acima da minha cabeça.

Viro meu rosto e tento morder seu braço, mas ele se move para fora do caminho. Nunca me senti tão indefesa. Jeff é quinze centímetros mais alto e deve ter uns vinte quilos a mais que eu. Está usando cada grama para me subjugar.

Meu coração bate violentamente contra o meu peito. “O que você está fazendo?” Eu gaguejo. “Me solte!”

“Não até você me ouvir.” Ele abaixa o rosto para o meu, como se fosse para me beijar.

Viro a cabeça para o lado e desta vez não estou gaguejando. “Saia de mim, seu filho da puta!”

Ele bate a mão sobre a minha boca. Mordo. Ele amaldiçoa, mas não a remove.

“Ouça.” Ele insiste. “Acalme-se e me escute.”

Não consigo respirar. Seu corpo está pesando, esmagando o ar dos meus pulmões. Uma mistura de pensamentos corre pela minha cabeça. Este é o Jeff. O namorado da minha irmã. A mãe dele está lá em cima. Ele está namorando minha melhor amiga.

Ele está me machucando. Está me *machucando*.

Eu me levanto de novo.

"É isso que o garoto Donnelly vai fazer com você, *Beth*, se não parar de ficar perto dele."

Sua mão fica entre nós, lutando para abrir o cós da minha calça. Viro o suficiente para fazê-lo tirar a mão, mas ele põe de volta.

"Você é o único que está me machucando, Jeff." Ofego. "Pare com isso." Tento argumentar com ele. "Não é o que Rachel iria querer."

Ele ri. "Como você sabe? Como sabe o que ela queria? Você a ouvia? Não. Fui eu quem a ouviu. Segurei a mão dela e enxuguei as lágrimas. Fui eu que a ajudei a estudar, levei-a aos treinos, escolhi suas roupas, li seus textos, ouvi seus telefonemas. E para quê? Para ela me dizer que eu estava sendo possessivo? E horrível? Oh não." Ele rasga minha camisa. "Não gastei todo aquele tempo com ela para terminar comigo! Você está me ouvindo?" Ele está gritando agora. Salivando pela boca.

Empurro minhas mãos para cima, conseguindo me soltar. Arranho o rosto dele e tento me libertar. Quando ele pega minhas mãos novamente, giro, enfiando os braços debaixo do meu corpo. Ele sorri denovo. É um som terrível.

"Você quer isto assim? Quer como um cachorro?" Sua mão pousa na minha bunda.

Porra, isso foi um erro. Tento girar de novo, mas ele está deitado em cima de mim.

E então a porta se abre.

Nós dois congelamos e olhamos para cima para ver a Sra. Corsen na porta. Ela tem uma bandeja cheia de bebidas em suas mãos. De alguma forma, não cai no chão. Mas o queixo dela cai.

"Sra. Corsen!" Eu choro. "Ajude-me. Seu filho está me machucando."

"O... o quê?" Ela gagueja em choque.

"Não é verdade!" Jeff exclama ao mesmo tempo.

Seu momento de pânico é tudo que preciso para me livrar dele e começar a correr. Passo pela Sra. Corsen. Subo as escadas. Saio pela porta. Vou para a estrada. Tropeço em alguma coisa. Meu sapato cai.

Está escuro e mal posso ver a estrada por causa das minhas lágrimas.

Continuo correndo.

Foi assim que Rachel se sentiu. Eu sei. Naquela noite, ela estava tentando escapar de Jeff. Ela poderia estar chorando. Passo a mão pelo rosto e cambaleio para frente, as lágrimas ainda obstruindo minha visão.

Escuto o guincho dos freios.

Buzina!

Olho para cima para ver dois faróis direto para mim.

32

Antes que eu possa reagir, um grande objeto me agarra de lado, me empurrando para fora da estrada. Caio duro na calçada, o movimento completamente me nocauteando.

“Ai!” Eu choro.

“Você está bem?” Pergunta uma voz urgente.

Ao mesmo tempo, outro grito: *“Afaste-se dela.”*

Pego um breve vislumbre do rosto de Chase antes que seja substituído pela minha mãe.

“Meu bebê. Oh meu bebê.”

Mamãe se joga na calçada e me pega em seus braços. Ela está chorando enquanto me agarra contra o peito. Logo atrás dela, vejo meu pai se aproximando, uma mão no quadril e a outra segurando um telefone no ouvido. Tento olhar ao redor da mamãe para o Chase. Eu juro que o vejo.

“Emergência. Sim, aqui é Dave Jones. Estou denunciando um ataque de Charlie...”

“Não!” Empurro minha mãe para o lado e vou para o meu pai, pegando o telefone de suas mãos. “Não há necessidade de nenhum serviço de emergência.” Suspiro no telefone. “Ninguém está ferido.” Desligo clicando no botão e, em seguida, jogo o telefone o mais longe que posso.

“Maldição, Elizabeth. O que está fazendo? Dê-me seu telefone, Marnie.”

Mamãe olha para ele incerta.

"Não. Não. Não." Balanço a cabeça. "Você entendeu tudo errado. Eu não estava fugindo do Chase. Estava correndo de Jeff."

Aponto para a casa de Jeff, apenas para vê-lo no final da entrada, piscando para nós como um cervo ofuscado por faróis.

"Seu filho da puta." Chase reclama, aparecendo por trás do corpo rígido do meu pai.

A ameaça acende um fogo sob os calcanhares de Jeff. Ele se vira e começa a correr para a casa. Corro atrás dele, mas Chase me ultrapassa, jogando Jeff ao chão. Chase ataca o ex de Rachel, pegando a camiseta de Jeff e a torcendo em volta de sua garganta.

"O que você fez?" Chase troveja.

"Ela estava pedindo por isso." Jeff diz. "Está me provocando desde que voltei para a escola, me dizendo o quanto me queria. Ela sempre teve ciúmes de Rachel. Ela sempre..."

Do nada, minha mãe avança para frente e dá um tapa no rosto de Jeff. "Não fale sobre as minhas garotas assim!" Ela cospe. Respirando com dificuldade, se vira para mim e pergunta "O que aconteceu, baby? O que ele fez com você?"

"Jeff me atacou. Ele ia me estuprar." Levanto um canto da minha camisa para que possam ver que está rasgada.

Atrás de mim, meu pai geme em desespero.

"Ele enganou meu pai para me levar até a casa dele dizendo que tinha uma caixa com as coisas de Rachel. Mas de verdade, só queria me pegar sozinha." Digo trêmula. "Ele estava bravo por eu estar ignorando-o. Ele disse que Rachel era assim, sempre achando que sabia o que era melhor em vez de ouvi-lo. Jeff ia me dizer..."

"Eu vou matá-lo." Olhando mortalmente para Jeff, que ainda está deitado embaixo dele, Chase puxa o braço para trás.

Eu me jogo nas costas de Chase e agarro seu braço. “A última coisa que preciso é que sua liberdade condicional seja revogada. Não. Ele não vale a pena.”

“*Eu* vou matá-lo.” Papai empurra nós dois para fora do caminho. “Seu pequeno filho da puta. Você machucou minhas garotas.” Ele levanta Jeff e balança como um verme no chão.

“Sr. Jones.” Jeff ofega, agarrando o aperto de meu pai. “Eu não posso respirar.”

“E minha garotinha está morta.” Papai dá um soco nele e isso é tudo que faz Jeff desmaiar. Com um ruído angustiado no fundo da garganta, meu pai sacode o corpo mole do garoto e o joga no chão em desgosto.

Ele se afasta, como se não suportasse olhar para nenhum de nós e encara o céu escuro. O sol se pôs, mas ainda há luz suficiente para eu distinguir o perfil de pesar do meu pai.

“Acho que eles estavam discutindo.” Digo ao Chase. “A noite em que você roubou o carro do seu treinador. Rachel saiu correndo na estrada porque Jeff estava correndo atrás dela. Acho que foi o que aconteceu. Ele disse que eu era como ela e que ia me ensinar a lição que Rachel nunca aprendeu. Ela fugiu dele, como eu fiz. Foi um acidente.” Imploro a ele com os olhos. “Um acidente.” Repito.

“Sim, eu sei.”

“Se você sabe, então por que continua dizendo que é sua culpa?” Eu choro.

“Porque eu sou o culpado, Beth.” Ele esfrega as mãos pelos meus braços para cobrir meus ombros. “Não importa se Rachel estava chateada ou se estava chorando ou se estava fugindo. Eu era o único atrás do volante. Tirei a vida dela.” Ele gentilmente me coloca de lado e se aproxima da minha mãe. “Eu sinto muito. Você nunca saberá como sinto muito.”

Mãe pega a sua mão entre as dela. “Sim. Eu sei disso, Charlie. Eu sei que você sente muito.”

“Pai?” Pergunto.

Ele se recusa a se virar. Meu estômago fica em nós, porque eu sei que ele nunca perdoará Chase.

“Foi um acidente.” Minha mãe diz. Sua voz treme. “Não foi, Dave?”

Papai suspira, claramente detestando falar as palavras. “Sim, foi um acidente.”

“Nós quase batemos em você, Beth.” Ela diz fracamente com emoção.

Coloco um braço em volta dela e ela imediatamente se inclina para mim. Estou surpresa com o quão frágil parece.

“Nós estávamos discutindo sobre como estávamos tratando você. Seu pai não estava olhando para a estrada.” Ela se afasta de mim e agarra a mão de Chase novamente. “Obrigada por salvar nossa menina.”

Ele acena fracamente. “Ainda bem que eu estava voltando para casa do trabalho naquele exato momento. Eu vi Beth correndo e saí da minha bicicleta para pegá-la.” Ele aponta para a bicicleta a um metro e meio de distância.

“Obrigada.” Mamãe repete. Ela levanta a voz. “Somos muito gratos, não somos, Dave?”

Há uma pausa e depois “Obrigado.” Ele se vira e vai para o carro. É o máximo que aguenta por hoje.

“Vou te dar um momento.” Minha mãe diz.

“Um momento?” Eu começo a discutir.

“Obrigado.” Chase diz a ela.

“Mas...”

Chase me arrasta de lado. “Um passo de cada vez, Beth.”

“Eles deveriam te perdoar.” Sussurro. “Você nunca deveria ter passado um dia na cadeia.”

Ele sacode a cabeça. “Estou feliz por ter ido para a prisão. Estou feliz por ter sido punido. Quero dizer, sim, odiei enquanto estava lá. Senti-me doente e às vezes senti que perderia a cabeça, mas ser castigado me ajudou a viver comigo mesmo. Roubei um carro. Matei sua irmã, Beth. Eu não poderia viver comigo mesmo se não tivesse sido punido. Tem que haver equilíbrio neste mundo. Não sei se três anos é suficiente para compensar o que fiz.”

Eu vejo a seriedade em seus olhos e ouço a sinceridade em sua voz. Por trás de tudo isso, porém, está a culpa que o deprime. Chase tem seus próprios demônios para lutar. Eu nunca vou realmente entender o ponto de vista dele. Mas posso tentar simpatizar.

Acho que é isso que ele está pedindo aqui, para entender. Esta batalha dentro dele não é sobre mim. É coisa dele. Minha briga é com meus pais. Tenho que reparar o relacionamento desgastado e Chase precisa lidar com sua culpa.

E nós não podemos ficar juntos até que ambas as coisas aconteçam.

“Tudo bem.” Digo fracamente. “Então faça isso por mim.”

“O quê?”

“Primeiro, saia do porão. Você detesta lá embaixo e é estúpido continuar se punindo assim.”

Ele dá um aceno lento. “Posso fazer isso.”

“Bom. Segundo, se transfira de escola.” Ele começa a se opor, mas o paro com uma mão. “Me escute. Você fala sobre equilíbrio e como precisa ser punido por suas ações, mas minha pergunta é, quando é que a punição termina? Porque o tribunal

deu a sua sentença e você a cumpriu. Que bem faz para você ir a Darling além de causar mais dor a si mesmo? Você sofrendo não vai trazer Rachel de volta. Meus pais fingindo que ela está em uma viagem escolar prolongada não a trará de volta."

Ouço um barulho suave e ferido atrás de nós e sei que minha mãe deve ter ouvido a última observação. Não, a acusação.

Abaixo a voz e continuo falando. "Eu agindo como se não me importasse que ela morreu não a fará menos morta. O melhor que podemos fazer é viver a vida que nos resta da melhor maneira possível." Engulo em seco. "Para mim, isso começa reconhecendo que não sou a única que sente dor. Para você, isso significa não se punir mais. Você precisa de um novo começo. Uma nova escola, onde não estará sofrendo todos os dias."

Ele passa a mão pelo cabelo. "Onde eu não vejo você todos os dias."

"Nós ainda temos a árvore." Digo a ele, tentando sorrir, mas falhando. "O balanço não está mais lá, no entanto."

Não está lá. Porque Rachel se foi. Mas ela mora no meu coração. No dos meus pais.

E até no de Chase.

Ele respira fundo e quando encontra meu olhar, seus olhos estão cheios de dor. "Acho que é melhor não usarmos a árvore. É muito difícil para mim." Sua voz soa rouca. "Você deveria gastar seu tempo reconstruindo o relacionamento com seus pais. E eu... preciso me curar. Da próxima vez que eu te encontrar, quero estar com você sem culpa. Não quero que minha culpa ou Rachel estejam entre nós."

"É o que eu quero também."

"Acho que isso nos deixa com..." Sua voz cai para um sussurro. "...Iowa."

Fico assustada por um momento e depois dou um sorriso triste. “Iowa.” Sussurro de volta.

Nossos olhares se fixam enquanto cada um de nós deixa tudo entrar. Sei que isso está certo, mas parece terrível. Como se ele estivesse dilacerando meu coração em dois.

Eu o beijo. Na frente dos meus pais. Na frente de Jeff. Na frente de quem pode estar passando. Estou beijando Chase porque esta vai ser a última vez por muito tempo.

“Vou esperar por você.” Murmuro. “Estarei lá quando você estiver pronto. Quando ambos estivermos prontos.”

“Eu sei.” Ele visivelmente engole fundo e depois me dá aquele meio sorriso lindo e raro que amo tanto. “Você estar esperando por mim é a única pequena coisa que me vai me manter seguindo em frente.”

33

O estado de Iowa fica a seis horas de carro do trecho mais monótono conhecido pela humanidade. Minha mãe e meu pai queriam ir comigo. Eu queria fazer a viagem sozinha. Meus pais vêem um terapeuta duas vezes por semana agora, mas, embora nosso relacionamento esteja melhor, os eventos do outono passado deixaram um buraco que não pode ser esquecido, não importa quão bem eles se sintam.

A morte de Rachel é assim. É um buraco no meu coração que está curado, mas coisas estranhas sempre me lembram dela e às vezes essas lembranças me deixam triste e às vezes me fazem feliz.

Chego ao dormitório no meio da tarde. Há pais em todos os lugares. Um arrependimento momentâneo me faz lamentar estar sozinha, mas é assim que eu queria. Eu queria começar diferente e do zero, tanto quanto pudesse.

Em Darling, eu sempre fui a garota cuja irmã morreu e minhas ações e reações sempre seriam medidas por aquele momento decisivo. É por isso que precisava me afastar de Darling. Assim como o Chase.

Nós dois precisávamos de um novo começo.

Ele se transferiu de escola uma semana depois que me salvou de ser atropelada pelo carro dos meus pais.

Ouvi dizer que foi para Lincoln e fiquei feliz por ele. Os adolescentes de Lincoln deram uma festa de boas-vindas; os adolescentes de Darling lhe deram um apelido cruel. Aquela linda garota, Maria, parecia legal. Assim como seus outros amigos.

Pelo resto do nosso último ano, Chase não ligou nem mandou mensagens. Ele não trabalhou na clínica. Suponho que tenha trabalhado com Jack. Tivemos muita neve naquele inverno, então todo mundo esteve ocupado.

Outra garota teria pensado que Chase a havia esquecido. Outro cara poderia ter se afastado. Mas nós éramos uma coisa pequena um do outro e isso nunca mudará.

Certa noite, no começo de dezembro, dirigi em frente à casa dele. Não parecia que alguém estava em casa, mas depois a Sra. Stanton veio para fora para tirar as latas de lixo do meio-fio e guardar na garagem. Ela notou meu carro e deu um olhar estranho. Eu me inclinei e tentei me tornar invisível. Não sei se ela me viu.

Nos feriados, meus pais e eu fomos ao Colorado para esquiar e ver a irmã do meu pai.

Para as férias de março, eu me juntei à família de Scarlett em Daytona Beach para uma semana de sol e diversão. Estamos bem agora, Scarlett e eu. Ela largou Jeff no dia seguinte, quando ele quase me estuprou; ela foi a primeira pessoa que liguei quando cheguei em casa naquela noite e, para minha surpresa, ela realmente atendeu o telefone. Ela me conhece há tempo suficiente para saber quando estou chateada com alguma coisa e fiquei histérica naquela noite. Ela dirigiu até minha casa sem hesitar um segundo.

Scarlett disse que ouvir sobre as ações de Jeff serviu como o alerta que precisava, fez com que percebesse que a maneira como ele a estava tratando era errado. Na manhã seguinte, ela estava lá segurando minha mão na delegacia enquanto meus pais preenchiam uma ordem de restrição, depois de tudo, contra o Jeff.

Última vez que ouvi dele, estava em outro programa de controle da raiva. Papai queria que eu prestasse queixa contra ele, mas não queria passar por um julgamento confuso, especialmente porque teria sido um caso de *ele disse, ela disse*. Porque apesar de

ter pegado seu filho em flagrante, a Sra. Corsen de repente 'esqueceu' tudo o que tinha visto naquela noite. Os ricos protegem seus jovens malvados, eu acho. Mas os policiais em Darling agora estão de olho em Jeff e, com uma ordem de restrição contra ele, espero que aprenda a controlar sua raiva. Eu também espero nunca, nunca mais ver seu rosto novamente.

Estou feliz de ver meus amigos, no entanto. Desde que Scar se livrou de Jeff, está de volta a si mesma, e não deixa mais nenhum garoto mandar nela. Ela admitiu que deixou o fato de Jeff ser mais velho e querer fazer dela 'Sofisticada' — palavra dela, não minha — a cegou para suas muitas e muitas falhas. Um erro que jurou nunca mais cometer.

Macy ainda é ela mesma, incapaz de tomar uma decisão sobre qual faculdade frequentar. Yvonne entrou em Harvard. Ela está na lua. Todas nós ficamos muito felizes, como se tivéssemos chegado coletivamente à escola da Ivy League.

Meus amigos não me perguntam sobre Chase e eu não falo sobre ele.

Houve dias em que internamente me atormentava por ele não entrar em contato comigo.

Seu covarde. Você me ama e fugiu. Eu te odeio.

Mas não o odeio. Eu o amo e sinto falta dele, mas nós dois tomamos a decisão de nos separar. Ele precisava aprender a perdoar a si mesmo, e eu precisava provar aos meus pais que não sou uma criança egoísta e imprudente que precisa de sua proteção. Queria que eles se sentissem confortáveis em me deixar ir para a faculdade.

E agora aqui estou eu, no estado de Iowa. Tenho um carro e um telefone e suponho que meu dormitório terá uma porta. Estou um passo mais perto de ser uma veterinária. Um pequeno passo, mas eu me concentro nas coisas pequenas e possíveis de serem controladas nos dias de hoje, não nas grandes e fora de alcance,

lembra? Tento me concentrar no que posso controlar e no que tenho que viver.

Porque tem sempre algo para viver. Algo para agradecer. Algo para olhar para frente.

Essa é a maior lição que aprendi com o Chase.

Levanto o porta-malas e pego a minha primeira mala.

“Precisa de uma mão?”

O sorriso que se estende pelo meu rosto é quase grande demais para ser contido. Não escuto sua voz há meses.

É o som mais bonito do mundo.

“Você está aqui.” Digo com imensa satisfação. Eu nunca tive dúvidas de que ele estaria aqui.

“Onde mais eu estaria?” Sorrindo de volta, Chase se aproxima e prende uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Ele não está vestindo todo de preto, mas jeans desbotado e uma camiseta azul celeste, alguns tons mais claros que os seus olhos hipnotizantes.

Meu coração quase explode no peito. E então, como sugestão, as lágrimas começam a cair.

“Ah, por favor, não chore.” Ele diz roucamente.

“Não posso evitar.” Falo entre fungadas. “Nós já discutimos isso, tenho um problema de choro.”

Ele ri e aproveito,, *esse é* o som mais bonito do mundo. Chase está rindo. Chase está aqui. Ele está realmente *aqui*.

Eu odiava não vê-lo. Odiava não falar com ele. Esperar tanto tempo por este momento, para a promessa de ‘Iowa’ finalmente se tornar realidade. Mas ser adulto é doloroso, aprendi. Acho que só tenho que viver com isso.

Estou vivendo. Rachel, não. Tenho que continuar, porque ela nunca teve a chance. Tenho que viver por *ela*. Tenho que ser grata pelo que tenho. Uma pequena coisa todos os dias, assim como Chase me ensinou.

Então, ontem, a coisa pequena que eu me agarrei foi o lindo pôr-do-sol que Scar e eu observamos enquanto comíamos sorvete no capô do carro dela. Nosso último encontro antes de ela vir me visitar no próximo mês.

No dia anterior, foi minha mãe apagando o nome de Rachel do quadro-negro acima do armário da entrada. Na semana anterior, foi o meu pai pendurando o balanço de Rachel.

E hoje?

É *ele*.

* * * * *

